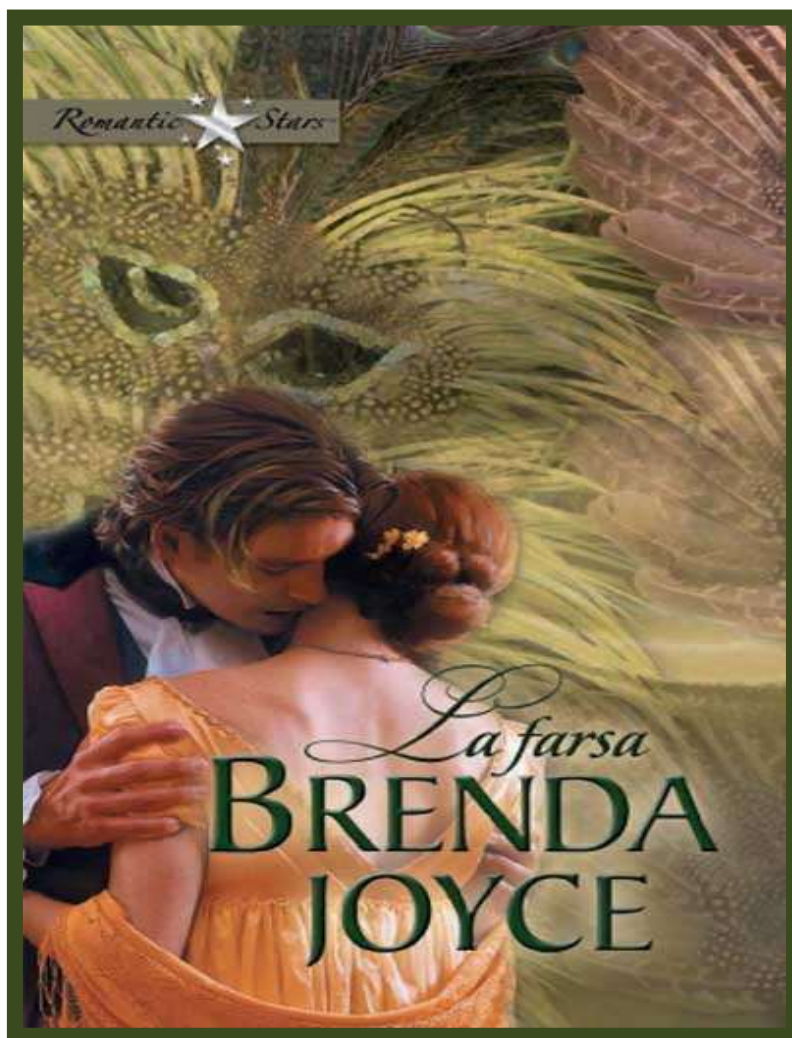


GRH

BRENDA JOYCE

A Farsa

WARENNE 5



Tradução e Pesquisa: GRH
Revisão Inicial : Tania Candida
Revisão Final: Ana Julia
Leitura Final: Cleria Janice
Formatação: Ana Paula G.



Resumo

A tímida Elizabeth Anne Fitzgerald fica atônita quando, em seu primeiro baile de máscaras, Tyrell de Warrenne lhe propõe um encontro no jardim a meia-noite.

Há anos, Lizzie adora, em segredo, aquele lorde inalcançável. Infelizmente, o destino dá uma reviravolta surpreendente que a impede de ir ao encontro de Tyrell, mas o que Lizzie não pode prever então é que essa noite será só o começo...

Tyrell de Warrenne fica atônito quando, dois anos depois, Lizzie bate à sua porta com um menino que afirma ser filho dele.

Tyrell a recorda bem... e sabe que não pode ser o pai da criança. Que tipo de jogo está fazendo aquela jovem... e com que propósito? Será Elizabeth Anne Fitzgerald uma mulher de mundo ou a terna ingênua que parece ser?

Apesar de tudo, nem o escândalo, nem o engano, nem o orgulho, poderão acabar com um amor tão ardente...



Comentário da Revisora Tânia Candida

Achei o livro lindo, apesar que no início achei a mocinha muito boba por agir como agiu, sem se preocupar com a vida e reputação dela mesma.

Mas depois foi me conquistando ver o grande amor dela pelo mocinho, um amor que só pensava no outros, que sofreu muito mas que no fim sai ganhando. O mocinho também, só pensando em cumprir com o dever familiar, mas que no fim se rende, disposto a abandonar tudo pelo amor. Uma ótima leitura.

Comentário de Leitura Final Cleria Janice:

Gostei de fazer a leitura final deste livro, mas tenho que admitir que boa parte do livro fiquei com raiva da mocinha. Depois me fraguei que a época era outra e que possivelmente as mulheres fossem tão abnegas quando apaixonadas. Recomendo que leiam, pois é uma bonita história de amor, lealdade e amor...

PRÓLOGO

PRÍNCIPE E HERÓI

De pé atrás dela, sua mãe falava em voz alta, de modo que a menina pequena podia, por desgraça, ouvir cada uma de suas palavras. A menina escondeu o rosto em seu livro e procurou concentrar-se nas palavras ali escritas. Era impossível: eles a olhavam fixamente. As bochechas de Lizzie se ruborizaram.

— Bom, sim, se isola, mas só porque é a mais tímida. Não tem má intenção, certamente. E só tem dez anos! Estou certa de que com o tempo será tão encantadora como minha querida Anna. Claro que Anna é uma autêntica beleza, não é verdade? E Georgina Mai, Meu Deus, é a perfeita filha mais velha, ajuda-me constantemente. É muito sensata — declarou sua mãe — E sempre cumpre com seu dever.

— Não entendo, Lydia, como você dá conta de tudo com três filhas pequenas e com tão pouco tempo — afirmou a senhora que conversava com sua mãe. Era a irmã do pastor e tinha vindo desde Cork para lhe fazer uma breve visita. — Mas tem sorte. Anna se casará bem quando tiver idade suficiente. Com tal beleza, não terá que preocupar-se por ela. E Georgina Mai tem muito boa aparência. Acredito que poderia converter-se em uma mulher muito bonita.

— Oh, estou certa disso! — exclamou sua mãe como se, por desejar com suficiente força, pudesse conseguir que seus desejos se fizessem realidade. — E a Lizzie também se sairá bem, não me cabe nenhuma dúvida. Quando crescer emagrecerá, não concorda?

Houve um breve silêncio.

— Bom, certamente emagrecerá se deixar de ser tão gulosa. Mas, se converterá em uma sabichonda, custará a encontrar um bom marido. — disse em tom reprovador a irmã do pastor. — Eu a vigiaria cuidadosamente. Não é muito jovem para estar lendo?

Lizzie abandonou seus intentos de ler e abraçou contra o peito o precioso livro, com a esperança que sua mãe não se aproximasse dela para tirá-lo. A vergonha fazia suas bochechas queimarem, e desejou que as duas mulheres falassem de outra coisa ou outra pessoa. Mas sua mãe e a irmã do pastor retornaram para junto dos outros adultos e ela pôde respirar aliviada.

Talvez uma festa campestre junto ao lago não fosse o melhor momento para ler. Era uma reunião concorrida que incluía a sua família e a de seu vizinho mais próximo, e ao pastor e os seus. Estavam presentes sete adultos e seis crianças, contando com ela. Suas irmãs e os amigos destas estavam brincando de piratas. Gritos e risadas salpicavam a ociosa tarde do verão. Lizzie contemplou a cena e observou Anna por um instante, que no papel de donzela em perigo, fingia chorar seu infortúnio. O filho mais velho do pastor tentava consolá-la, enquanto o pequeno e o filho do vizinho, no papel de piratas, aproximavam-se deles às escondidas, armados com paus. Georgie estava no chão, vítima de uma terrível desgraça.

Não tinham convidado Lizzie para brincar. Ela não desejava brincar com eles, de todos os modos. A leitura a tinha fascinado desde o momento em que tinha conseguido identificar as primeiras palavras e, há seis meses, de repente, como por milagre, era capaz de olhar uma frase e compreender quase todas as palavras. Assim rapidamente, a leitura se converteu na paixão de sua vida. Não se importava na verdade sobre o que ler, embora preferisse os contos com heróis deslumbrantes e heroínas choronas. Nesse momento estava lendo um relato de sir Walter Scott, apesar de ser escrito para adultos e que custasse uma hora ou mais para ler uma só página. Deu outra olhada para trás e se deu conta que a tinham deixado sozinha. Os mais velhos se sentaram sobre grandes mantas e

estavam abrindo as cestas do almoço. Suas irmãs continuavam brincando com os meninos. Lizzie sentiu um comichão de emoção e voltou a abrir o livro.

Mas, antes de que pudesse reler o parágrafo onde parou, um grupo de cavaleiros se aproximou a galope da beira do lago, a uns poucos metros de onde estava sentada. Tinham vozes de homem, jovens e estrondosas, e Lizzie levantou a vista no momento que desciam dos cavalos.

Fascinada imediatamente, deu-se conta de que eram cinco meninos, todos eles em idade adolescente. Seu interesse e sua curiosidade aumentaram. Tinham cavalos belos e impetuosos, e vestiam roupas de corte impecável. Tinham que ser aristocratas. Enquanto gritavam e riam, tiraram as jaquetas e as camisas e deixaram descoberto seus corpos atléticos, morenos e suados. Estava na cara que pensavam dar um mergulho.

Eram de Adare?, Perguntou-se Lizzie. O conde de Adare, o único nobre dos arredores, tinha três filhos homens e dois enteados. Lizzie apertou o livro contra o peito e observou um moço alto e loiro mergulhar na água, seguido por um jovem de cabelo escuro, mais baixo e magro. Soaram vivas e mais dois meninos pularam na água, provocando mais gritos e mais risadas, e o início de uma batalha de água. Lizzie sorriu.

Não sabia nadar, mas aquilo parecia divertido.

Olhou então para o rapaz que ficou de pé na beirada. Era muito alto, tinha a pele tão escura como a de um espanhol e o cabelo negro como a meia-noite. Era forte da cabeça aos pés... e a olhava com curiosidade.

Lizzie escondeu o rosto no livro com a esperança de que ele não pensasse também que era gorda.

— Ei, gordinha, me dê isso!

Lizzie levantou a vista ao mesmo tempo que o filho menor do pastor arrancava o livro de suas mãos.

— Willie Ou'Day! — Gritou, levantando-se de um salto. — Me dê meu livro, bruto!

Ele riu baixo. Era malvado e Lizzie o desprezava.

— Se quer o livro de volta, então venha buscar. — Disse Willie com ironia.

Era três anos mais velho que ela e um palmo mais alto. Lizzie tentou pular e pegar o livro, mas ele o levantou por cima de sua cabeça, fora de seu alcance e ria dela.

— Rato de biblioteca. — Bufou com desdém.

Lizzie tinha passado dias lendo as primeiras dez páginas e a aterrorizava pensar que não devolvesse o livro.

— Por favor! Por favor, me devolva.

Ele manteve o livro fora de seu alcance... e, quando ela tentou agarrá-lo, se virou e o jogou no lago.

Lizzie deixou escapar um gemido de horror e viu como seu livro flutuava na água, junto à beirada. Seus olhos se encheram de lágrimas e Willie voltou a rir.

— Se o quiser, vá buscá-lo, gordinha. — Disse enquanto se afastava.

Lizzie não parou para pensar. Correu os poucos passos que a separavam da beira do lago e tentou alcançar o livro.

E, para sua surpresa, perdeu o equilíbrio e caiu.

A água se fechou a seu redor, por cima dela. Sua boca se encheu dela e tossiu, mas engoliu mais água e começou a afogar-se. Enquanto afundava sob a superfície, incapaz de respirar, sentiu pânico e de repente estava aterrorizada.

Umas mãos fortes a agarraram enquanto se debatia com desespero, e repentinamente estava por cima da água, nos braços de um menino. Se segurou a ele, o rosto apertado contra seu duro peito, e começou a tossir e a soluçar ao mesmo tempo. Ele começou a sair do lago e Lizzie por fim conseguiu respirar. O medo e a angústia a atingiram imediatamente. Agarrada ainda aos ombros escorregadios e fortes daquele moço, levantou o olhar.

E viu os olhos azuis escuros mais belos que já havia visto na vida.

— Está bem? — Perguntou seu salvador, olhando-a com atenção.

Lizzie abriu a boca para falar, mas as palavras não saiam. Seus olhares se encontraram e ela se limitou a observá-lo fixamente e, enquanto o observava, apaixonou-se. Apaixonou-se fulminantemente, sem remédio, sem esperança.

Seu coração bateu forte, descontrolado e inflamou.

— Lizzie! Lizzie! Ai, senhor, Lizzie! — Sua mãe gritava da beirada.

— É um príncipe? — murmurou ela.

Ele sorriu. O coração de Lizzie se encolheu e começou a executar uma dança enlouquecida e feliz.

— Não, pequena, não sou um príncipe.

Mas sim, era, pensou Lizzie, incapaz de afastar o olhar de seu belo rosto. Era seu príncipe.

— Lizzie! Está bem? Está bem minha preciosa garotinha? — Sua mãe estava histérica.

Seu príncipe a depositou sobre uma manta.

— Acredito que sim. Um pouco molhada, mas hoje faz um dia quente e se secará logo.

— Lizzie! — Seu pai se ajoelhou a seu lado, pálido por causa do susto. Querida menina, no que estava pensando, para se aproximar tanto do lago?

Lizzie sorriu, não a seu pai, mas a seu príncipe, timidamente.

— Estou bem, papai.

O sorriso de seu príncipe se desvaneceu.

— Como podemos lhe agradecer o suficiente, lorde Tyrell? — Exclamou sua mãe, que o tinha segurado pelas mãos.

— Não é necessário, senhora Fitzgerald. Está a salvo. Com isso é suficiente — Repôs ele.

E Lizzie compreendeu então quem era: o próximo conde de Adare, o filho mais velho do Conde, Tyrell de Warrenne. Abraçou os joelhos contra o peito sem deixar de olhá-lo, pasmada. Claro que acaso não sabia que era um príncipe... ou algo equivalente? Porque, no sul da Irlanda, o conde de Adare era quase como um rei.

Os irmãos e meio-irmãos de Tyrell se reuniram a seu redor, curiosos e preocupados. Tyrell deu a volta e imediatamente se abriram para deixá-lo passar. Lizzie quis gritar que voltasse até que se deu conta do que ia fazer. Aturdida pela emoção, viu-o mergulhar no lago e recuperar seu livro já meio afundado. Um momento depois voltou com ele e sorriu.

— Parece que precisa de um exemplar novo, pequena.

Lizzie mordeu o lábio, muito diminuída para lhe dizer obrigado.

— Lorde Tyrell, estamos em dívida com você — disse seu pai, muito sério.

Tyrell fez um gesto com a mão para tirar a importância do assunto. Olhou a seus redor e seus olhos se endureceram. Lizzie seguiu a direção de seu olhar e o viu observar friamente Willie Ou'Day.

Willie deu meia volta para pôr-se a correr.

Mas Tyrell o alcançou de uma só pernada e o agarrou pela orelha. Ignorando seus uivos de dor e seus protestos, arrastou-o até Lizzie.

— Ponha-se de joelhos e se desculpe ante a senhorita — disse — ou te darei uma boa sova.

E, pela primeira vez em sua vida, Willie fez o que lhe diziam e, chorando, suplicou a Lizzie que o perdoasse.

PRIMEIRA PARTE

OUTUBRO DE 1812 - JULHO DE 1813

UM ENCONTRO FATÍDICO

Elizabeth Anne Fitzgerald olhava o romance que tinha entre as mãos, mas nenhuma só de suas palavras tinha sentido para ela. As letras impressas na página se misturavam tão confusamente como se não estivesse usando seus óculos de leitura. Possivelmente fosse o melhor; sua mãe odiava que lesse na mesa, e Lizzie se sentou para tomar o café da manhã com seu romance de aventuras há um bom momento, esquecida da comida que tinha frente a si. Suspirou e fechou o livro. Estava tão emocionada pelo que aconteceria no dia seguinte que não poderia concentrar-se.

Emocionada e assustada.

Seu pai estava sentado à cabeceira da mesa, com um exemplar do dia anterior do *Dublin Teme*. Passou a página enquanto segurava sua taça de chá, envolvido em algum artigo sobre a guerra. Acima, a casa se achava em estado de frenesi. Lizzie ouvia suas duas irmãs maiores e a sua mãe correndo pelos quartos, acima e abaixo, daqui para lá, em um sapateio furioso, e ouvia as choramingações da Anna e a voz enérgica e sensata de Georgie. Sua mãe distribuía ordens, como um soldado. Seu pai nem parecia notar, mas semelhante caos era bastante comum no lar dos Fitzgerald.

Lizzie o olhou fixamente, com a esperança de que levantasse a vista. Queria falar, mas não estava certa de poder confiar em ninguém.

— Está me olhando fixamente — disse ele sem levantar a vista. — O que acontece, Lizzie?

Ela titubeou.

— É normal estar tão nervosa?

Seu pai a olhou por cima do jornal. Seu sorriso era terno.

— Só é um baile — disse — Pode que seja o primeiro, mas não será o último — Ele era um homem baixo, com o cabelo prematuramente cinza, costeletas cinzas e uma expressão sempre amável. Como Lizzie, usava óculos de metal, mas não só para ler. Se havia algo que Lizzie se lamentasse era de ter herdado a vista ruim de um pai tão maravilhoso.

Lizzie sentiu que ruborizava. Evitou rapidamente o olhar bondoso de seu pai. Não queria que ele adivinhasse o quanto estava assustada. Ao fim de contas, já tinha dezesseis anos, era uma mulher adulta, ou virtualmente. Não queria que ninguém de sua família suspeitasse que ainda abrigava as mais infantis fantasias... embora, na escuridão da noite, não fossem absolutamente infantis.

O ardor de suas bochechas aumentou.

Sob a mesa, um gato, que tinha sido resgatado e adotado no ano anterior, esfregou-se ronronando contra seus tornozelos.

Seu pai, que a conhecia bem, deixou o jornal e a observou atentamente.

— Lizzie, é só um baile. E você esteve outras vezes na casa — se referia ao lar do conde de Adare — Sabe, querida? Todos nós notamos o seu comportamento há uns dias. Mas, se até perdeu o apetite e todos sabemos o quanto você gosta de comer. O que é que a preocupa, querida?

Lizzie queria sorrir, mas o sorriso não se formava em seu semblante. O que podia dizer? Seu amor por um jovem que nem sequer sabia que ela existia era divertido quando tinha dez anos. Tinha sido a causa de certa preocupação quando era uma adolescente de treze anos em flor. O ano seguinte, ao vê-lo na cidade com uma bela senhorita, Lizzie tinha se dado conta do absurdo que era seu amor. Tal teimosia já não era aceitável e Lizzie sabia, sobre tudo agora que ia ser apresentada a sociedade junto com as suas irmãs mais velhas.

Mas ele estaria ali, no baile de máscaras, porque estava ali sempre a noite de Todos os Santos, e era o herdeiro do conde. Segundo suas irmãs maiores, era amável e encantador

com todos os convidados de sua família... e objeto de grandes atenção por parte das mulheres. Todas as mães da alta sociedade, com filhas casadeiras, abrigavam a absurda esperança de ganhá-lo para suas filhas, apesar de que todo mundo sabia que se casaria por dever, cumprindo os desejos de sua família. Lizzie só tinha que fechar os olhos e a nobre imagem de Tyrell de Warrenne, seu olhar intenso e penetrante, enchiam sua imaginação.

A idéia de vê-lo no baile no dia seguinte quase lhe impedia de respirar. Seu coração se acelerou absurdamente. Imaginou Tyrell lhe fazendo uma reverência e tomando a sua mão... e de repente se achou montada em seu corcel branco, galopando juntos em meio da noite.

Lizzie começou a sorrir, deu-se conta de que estava sonhando acordada e se deu um beliscão. Embora fosse ao baile vestida de lady Marian (Robin Hood era um de seus livros preferidos), Tyrell nem repararia nela. Mas Lizzie não queria na realidade chamar a atenção. Não queria que a olhasse com uma perfeita falta de interesse, como pareciam fazer os pretendentes de sua irmã Anna. ficaria junto à parede, junto às menos agraciadas, e o observaria discretamente dançar e paquerar. Logo, quando tivesse retornado para casa e estivesse na cama, sonharia com cada um de seus olhares e seus gestos, com cada uma de suas palavras e até de suas carícias.

Ele detinha o corcel bruscamente, estreitava-a entre seus braços, seu fôlego roçava como uma pluma sua bochecha...

O pulso de Lizzie se acelerou e seu corpo começou a palpitar com aquela terrível insistência, com um estranho desejo que tinha chegado a aceitar mas que não entendia.

— Lizzie? —seu pai a tirou de suas reflexões.

Ela mordeu o lábio, abriu os olhos e conseguiu lhe sorrir.

— Oxalá... — disse impulsivamente, e se deteve.

— Oxalá o que, filha?

Estava muito mais unida a seu pai que a sua mãe, possivelmente porque, como ela, ele era um ávido leitor e em certo modo um sonhador. Muitos dias de chuva, podia se

encontrar Lizzie e a seu pai no salão, acomodados em grandes poltronas enfrente a lareira, envolvidos em seus livros.

— Oxalá fosse bonita, como Anna — Se ouviu confessar em um sussurro. — Só por uma vez... só amanhã a noite.

Os olhos de seu pai se arregalaram.

— Mas você é preciosa! — exclamou. — Tem uns olhos cinzas maravilhosos.

Lizzie lhe sorriu tenuemente consciente de que não podia lhe oferecer um completo. Logo ouviu sua mãe descer a toda pressa as escadas, chamando-a.

— Lizzie!

Lizzie e seu pai se olharam. Ambos reconheciam aquele tom estridente. Algo ia mal e sua mãe queria que Lizzie arrumasse. Lizzie odiava toda classe de conflitos e freqüentemente atuava como a pacificadora da família. levantou-se, convencida de saber o que ocorria.

Sua mãe entrou no salão quase correndo. Tinha as bochechas coradas e usava um avental sobre seu vestido de listras. Igual a Lizzie, tinha o cabelo loiro avermelhado, mas o tinha cortado na moda e encaracolado ao estilo conhecido como a moda, enquanto que o de Lizzie, comprido e crespo, estava recolhido de qualquer modo em um coque para cima. Mãe e filha eram de estatura média, e Lizzie lamentava que, de longe, suas figuras rechonchudas se parecessem tanto que era muito fácil confundir as duas. Lydia Jane Fitzgerald posou os olhos em sua filha de dezesseis anos e se deteve tão bruscamente que esteve a ponto de cair.

— Lizzie! Tem que falar com sua irmã, eu não posso com ela. É a moça mais teimosa e ingrata que possa imaginar. Georgina decidiu que não irá ao baile! Ai, Meu Deus! Que escândalo! Que desgraça! A condessa, bendita seja, nunca nos perdoará por isso. E Georgina é a mais velha, pelo amor de Deus. Como vai encontrar pretendente se negar ir ao baile do ano? Acaso quer casar-se com um açougueiro ou com um ferreiro?

Lizzie sufocou um suspiro quando Georgina desceu as escadas mais devagar, com expressão decidida e a cor do rosto alterado. Georgie tinha o cabelo loiro escuro e era muito alta e esbelta. Lançou a Lizzie um olhar que parecia dizer que não aceitaria mudar de idéia. Lizzie voltou a suspirar.

— Falarei com Georgie, mamãe.

— Terá que fazer algo mais que falar com ela — gritou sua mãe como se Georgie não estivesse presente. — O conde só convida para sua casa exatamente duas vezes ao ano! Seria um insulto imperdoável que não aparecêssemos todos!

Aquela primeira afirmação era certa. O conde e a condessa de Adare abriam as portas de seu lar duas vezes ao ano, o dia de Todos os Santos, quando celebravam um baile de máscaras, e o dia de São Patrício, para uma festa no jardim. Sua mãe vivia para aqueles dois acontecimentos, pois eram oportunidades para que suas filhas se acotovelassem com a flor e nata da sociedade Irlandesa, e todos sabiam que rezava por que uma só de suas filhas se casasse com um rico nobre Irlandês, possivelmente inclusive com um dos filhos da família De Warene. Lizzie sabia, entretanto, que sua mãe vivia também em um sonho. Embora afirmava que sua família descendia de uma linhagem real celta, Os de Warene estavam tão por cima dos Fitzgerald que entre eles estava a mesma distância que existia entre um camponês e um rei. E ninguém se importaria se Georgie não fosse ao baile.

Lizzie sabia que sua mãe tinha boa intenção, não obstante, sabia que adorava a suas filhas. Sabia que tinha medo de que não se casassem bem... e que lhe dava pânico que não se casassem nunca. E sabia o quanto tinha que se esforçar para vestir e alimentar a suas filhas com a reduzida pensão de seu pai, e quanto lhe custava as apresentar à sociedade como se não pertencessem à baixa e empobrecida nobreza rural. E Georgie também sabia.

Sua irmã falou com firmeza, como estava acostumada a fazer.

— Ninguém notará minha ausência, mamãe. Pensar outra coisa é enganar-se. E tendo em conta a pensão de papai e que certamente Anna se casará primeiro e levará todos os

recursos disponíveis para uma dote, duvido que eu me case com alguém melhor que um açougueiro ou um ferreiro.

Lizzie deixou escapar um gemido de perplexidade ao ouvi-la e rapidamente dissimulou um sorriso. Sua mãe estava sem fala e aquele era um momento certamente muito estranho.

Seu pai tossiu por detrás da mão e procurou ocultar seu regozijo.

Sua mãe rompeu a chorar.

— Dediquei minha vida inteira para encontrar um marido à suas irmãs e a você. E agora você se nega a ir a casa dos Adare. E fala de se casar com um... — estremeceu-se... com a classe mais baixa de homem! Georgina Mai! — saiu chorando da sala do café da manhã.

Fez-se silêncio.

Georgie parecia sentir um pouco culpada.

Seu pai lançou a ela um olhar de recriminação.

— Dêem um jeito de arrumem as coisas — disse a suas filhas, e acrescentou dirigindo-se a Georgie — Sei que fará o que for certo — Saiu do quarto.

Georgie suspirou e olhou Lizzie com expressão resignada e amarga.

— Já sabe quanto odeio estas festas de sociedade. Achei que ao menos podia tentar economizar esta.

Lizzie se aproximou de sua querida irmã mais velha.

— Querida, não me disse outro dia que o casamento cumpre uma função social muito concreta? — Ninguém como sua irmã podia racionalizar um assunto até chegar a uma conclusão válida. Georgie fechou os olhos. — Acredito que também disse que beneficia a ambas as partes — acrescentou Lizzie, consciente de que estava repetindo as palavras exatas de sua irmã.

Georgie a olhou.

— Lizzie, estávamos falando do compromisso de Helen Ou'DELL com esse almofadinho, velho e estúpido, de sir Lunden.

— Mamãe está entregue em corpo e alma a seu dever para conosco — disse Lizzie brandamente. — Sei que às vezes é um pouco atordoada e ridícula, mas suas intenções são boas.

Georgie se aproximou da mesa e se sentou, aflita.

— Já me sinto bastante mal, não me esfregue mais isso.

Lizzie se sentou a seu lado e tomou sua mão.

— Parece ser tão estóica! O que se passa de verdade?

Georgie a olhou, muito séria.

— Só resolvi evitar esta festa. Pensei em passar a noite lendo o jornal de papai. Nada mais.

Lizzie sabia que isso não era tudo. Mas, a atitude de sua irmã não podia ser que queria evitar as destrezas de casamenteira de sua mãe, porque em duas outras ocasiões tinha levado para casa a dois possíveis pretendentes para ela, e Georgie se mostrou obedientemente cortês, quando qualquer outra mulher teria se envergonhado.

Georgie suspirou.

— Nunca conhecerei ninguém na casa dos Adare. Mamãe está louca. Se alguém pode encontrar um marido ali é Anna, que é quem atrai toda a atenção, de todas formas.

Isso era verdade. Anna era bela e despreocupada, além de muito coquete.

— Não está com ciúmes? — perguntou Lizzie, surpreendida, de repente tinha a impressão de que era isso.

Georgie cruzou os braços sobre o peito.

— Claro que não. Adoro Anna, todo mundo adora. Mas é verdade. Anna será quem terá pretendentes de nobre berço amanhã, não você, nem eu. Assim, que sentido tem que eu vá?

— Se de verdade quer ficar em casa, deveria ter alegado uma enxaqueca, ou algo pior, uma indigestão severa — disse Lizzie.

Georgie a olhou e sorriu por fim.

— Nunca sofro enxaquecas e tenho a constituição de um boi.

Lizzie lhe tocou o braço.

— Acredito que está enganada. Sim, Anna é uma coquete, mas você é tão inteligente e tão orgulhosa... É muito bonita, Georgie, e algum dia encontrará o verdadeiro amor, estou certa disso. — sorriu — E até poderia ser em Adare!

Sua irmã sacudiu a cabeça, mas seguiu sorrindo.

— Tem lido muitas novelas. É tão romântica...! O verdadeiro amor não existe. De todos os modos, sou mais alta que a maioria dos homens que conheço, e isso é uma ofensa muito séria, Lizzie.

Lizzie teve que tornar a rir.

— Sim, suponho que sim... mas, só até que conheça o cavalheiro adequado. Pode até ser que seja uma cabeça mais alta e mesmo assim, me acredite, não terá importância sua altura.

Georgie se recostou em sua cadeira.

— Não seria maravilhoso que Anna se casasse muito, muito bem?

Lizzie a olhou e seus olhares se encontraram. Podia ler o pensamento de sua irmã.

— Refere-se a que se case com alguém terrivelmente rico?

Georgie mordeu o lábio e assentiu.

— Mamãe seria feliz e nossas preocupações econômicas acabariam. Não me importaria muito ficar solteira. E você?

— Sei que algum dia encontrará um pretendente! — exclamou Lizzie com veemência. — Eu sou gorda e sem graça, e não tenho mais remédio que ficar solteira. Mas não me importo! — acrescentou rapidamente. — Alguém terá que cuidar de nossos pais quando ficarem mais velhos — sorriu de novo, mas a imagem de Tyrell de Warrenne lhe veio à cabeça. — Não faço ilusões a respeito do meu destino... e estou convencida de qual será o seu.

Georgie se apressou a protestar.

— Não é gorda, só um pouquinho cheia, rechonchuda... e é muito bonita! Mas se nega a pensar na moda. Nisso nos parecemos muito.

Mas Lizzie estava pensando em Tyrell de Warrenne e no destino de seu amado. Ele merecia encontrar o verdadeiro amor e sem dúvida o faria, algum dia. Ela queria com toda sua alma que fosse feliz.

Seus pensamentos mudaram bruscamente. Haviam-lhe dito que, no ano anterior, Tyrell tinha assistido ao baile vestido de príncipe árabe. perguntava-se que fantasia usaria na noite seguinte.

— Enfim, a verdade é que não acreditava que pudesse escapar do baile — estava dizendo Georgie.

Lizzie a olhou.

— Você gosta da minha fantasia?

Sua irmã piscou. Logo sorriu sagazmente.

— Sabe? Muitas mulheres matariam para ter seu corpo, Lizzie.

— O que quer dizer? —perguntou Lizzie com certa veemência, consciente de que sua esbelta irmã se referia a sua voluptuosa silhueta.

— Pode que ser que mamãe sofra uma apoplexia quando te vir com essa toga —Georgie riu baixo com certa alegria e tomou a mão de Lizzie. — Está linda com ela.

Lizzie acreditava que estava sendo sincera. Lembrou-se que Tyrell não a olharia nenhuma vez. Mas, se o fizesse, não queria que a visse como uma vaca. Rezava para que não a olhasse e acreditasse ser ela um despropósito.

— Bem, vai me dizer por que ficou vermelha como um pimentão? — perguntou Georgie, rindo.

— Tenho calor — respondeu Lizzie bruscamente, e ficou em pé. — Não me ruborizei.

Georgie se levantou de um salto.

— Se acredita que me engana, está muito equivocada. Sei que está ansiosa porque vai assistir a seu primeiro baile na casa dos Adare — sorria.

— Já não estou apaixonada —insistiu Lizzie.

— Claro que não. O último dia de são Patrício não passou horas sem fim olhando embevecida Tyrell de Warrenne. OH, não. Nem se ruboriza e se põem as orelhas vermelhas a cada vez que seu nome é mencionado, nem olha pela janela da carruagem quando passamos por Adare como se estivesse grudada a ela. Esse amor de colegial se acabou, certamente!

Lizzie a abraçou, admitindo tacitamente a verdade das palavras de sua irmã.

Georgie a rodeou em um braço.

— Se for afirmar que já não está apaixonada por Tyrell de Warrenne, pense antes duas vezes. Pode ser que papai e mamãe acreditem que esse amor infantil já passou, mas Anna e eu sabemos que não é assim. Somos suas irmãs, querida.

Lizzie levantou o olhar.

— Estou tão nervosa! ... —retorceu-se as mãos—. O que devo fazer? Pareço uma louca com esse vestido? Há alguma possibilidade que preste atenção em mim? E, se me vir, o que pensará? —perguntou.

— Lizzie, não tenho nem idéia se prestará atenção em você entre centenas de convidados, mas, se o fizer, pensará que é a debutante de dezesseis anos mais bonita do baile —respondeu Georgie com firmeza e um sorriso.

Lizzie não acreditou, mas sua mãe escolheu esse momento para entrar no quarto. Olhou-as a ambas com irritação.

— E bem? Sua irmã fez você criar juízo, Georgina Mai ?

Georgie parecia contrita.

— Sinto muito, mamãe. Claro que irei ao baile.

Sua mãe deixou escapar um grito alegre.

— Sabia que podia contar com você Lizzie! — sorriu a Lizzie de orelha e orelha e se aproximou para abraçar Georgie. — É a mais leal e a melhor das filhas, Georgina. Agora

quero falar um momento com você de sua fantasia. E de todos os modos Lizzie tem que preparar-se para ir à cidade.

Lizzie proferiu um gemido de surpresa ao dar-se conta de que o tempo tinha passado voando e de que eram quase dez horas. Dedicava cinco ou seis horas por semana às irmãs do orfanato do Saint Mary, apesar de os Fitzgerald não serem católicos desde duas gerações passadas. Trabalhava com os órfãos do convento e, como adorava os meninos, queria ir.

— Tenho que ir — exclamou, e saiu correndo do quarto.

— Diga a papai para te levar! — gritou sua mãe atrás dela. — Economizará a caminhada!

Lizzie voltava para casa. Tinha chovido vários dias seguidos e as ruas estavam cobertas de barro e ela até o tornozelo. Não se importava nada com sua aparência, mas havia um trecho de cinco milhas até sua casa, e o trajeto lhe faria o dobro da distancia. Sua família só podia se permitir ter um cavalo e não dispunha nada mais do que um cabriolé de duas rodas. Embora seu pai a tenha levado a cidade, não podia ir buscá-la, pois Anna tinha que fazer algumas visitas essa tarde. Em lugar de protestar ou gastar um precioso xelim em um carro de aluguel, Lizzie preferia voltar para casa a pé.

O céu cinza estava se limpando e Lizzie estava certa de que no dia seguinte faria bom tempo... um tempo perfeito para um baile de máscaras. Estava a ponto de pisar no barro para cruzar a rua quando sentiu um puxão na barra do vestido.

Compreendeu que era um mendigo antes de descer o olhar para a anciã que, molhada, tremia de frio.

— Senhorita, poderia me dar um penique? — suplicou a mulher.

Lizzie sentiu o coração se romper.

— Tome — esvaziou sua bolsa e lhe deu todas as moedas que tinha, embora sua mãe sofresse um ataque quando soubesse. — Que Deus a abençoe — murmurou.

A mulher ficou boquiaberta.

— Que Deus a abençoe , senhorita! — exclamou, apertando as moedas contra seu peito.
— Que Deus a abençoe! Você é um anjo de caridade!

Lizzie sorriu.

— As boas irmãs de Saint Mary lhe darão comida e cama quente, se chamar à sua porta
— disse — Por que não vai até lá?

— Sim, irei — assentiu a mulher. — Obrigado, senhorita, obrigado.

Confiando que a mulher a ouviria e não fosse ao botequim mais próximo para tomar uma caneca de cerveja, Lizzie pisou na rua. Assim que o fez, uma carruagem virou a esquina a galope. Lizzie ouviu primeiro e logo olhou para ela.

Dois cavalos negros corriam a toda velocidade puxando uma elegante carruagem. Na parte de trás, aberta, iam três cavalheiros que os fustigavam. Todos riam, gritavam e agitavam uma garrafa de vinho. O carro ia direito para ela. Lizzie ficou paralisada de assombro.

— Cuidado! — gritou um homem.

Mas o condutor tocou aos cavalos como se não tivesse ouvido o grito, nem a visse. As bestas apertaram o passo.

Lizzie se deu conta do que estava acontecendo. Assustada, saltou para trás, para a calçada, para tentar sair do meio do caminho.

— Vire! — gritou de repente um dos cavalheiros. — Vire, Ormond!

Mas a carruagem continuava avançando. Aterrorizada, Lizzie viu o branco dos olhos dos cavalos, o rosa de suas fossas nasais inchadas. Voltou-se para pôr-se a correr... e escorregou.

Caiu de bruços na rua cheia de barro.

As rodas chiavam com aspereza e os cascos dos cavalos retumbavam. O barro e as pedras salpicavam suas costas. Tombada ainda, Lizzie olhou e viu os cascos ferrados dos cavalos e os eixos de ferro das rodas perigosamente perto. Seu peito estalou de medo e compreendeu que ia morrer enquanto tentava desesperadamente se afastar da carruagem. de repente, duas mãos fortes a agarraram.

Lizzie foi levada nos braços até a calçada no preciso instante em que passava a seu lado a carruagem.

Não podia mover-se. Seu coração batia com tanta força e velocidade que parecia que os pulmões iam estourar. Fechou um momento os olhos, aturdida pela susto.

Um as mãos duras e poderosas continuavam segurando-a por debaixo dos braços. Lizzie piscou. Estava na calçada, sua bochecha roçava os paralelepípedos de pedra, seu rosto estava ao nível dos joelhos de um homem que se achava ajoelhado na calçada, junto a ela. de repente compreendeu o que tinha acontecido. Acabava de escapar de uma morte certa. Aquele desconhecido a tinha salvo!

— Não se mova.

Lizzie mal ouvia a voz do homem que tinha salvo sua vida. Ainda custava respirar; seu coração negava a se acalmar. Sentia dor, notava os braços como desconjuntados. Pelo resto, acreditava estar bem. Logo, um braço rodeou seus ombros.

— Senhorita, pode falar?

A mente de Lizzie começou a funcionar. Não podia ser! A voz daquele cavalheiro era extremamente familiar; tinha um tom profundo e grave e, entretanto, extranhamente suave e reconfortante. Ela tinha escutado às escondidas a voz de Tyrell de Warrenne em cada festa campestre do dia de são Patrício, tinha o ouvido dirigir-se aos vizinhos da cidade em diversos acontecimentos políticos. Tinha uma voz que nunca esqueceria.

Tremula e incrédula, começou a sentar-se. Ele se apressou a ajudá-la e ela levantou a vista.

Uns olhos azuis, tão escuros que eram quase negros, posaram nos seus. Seu coração deu um salto, cheio de incredulidade, e logo começou a pulsar violentamente.

Tyrell de Warenne estava ajoelhado na rua, junto a ela. Tyrell de Warenne havia voltado a salvar sua vida!

Ele tinha os olhos dilatados pela surpresa e uma expressão severa.

— Está ferida? —perguntou sem afastar o braço dela.

Lizzie perdeu a fala enquanto olhava seus olhos. Como podia estar acontecendo aquilo? Tinha sonhado conhecê-lo algum dia, mas, em seus sonhos, ela era tão bela como Anna e estava vestida com um deslumbrante traje de noite, em um baile, não sentada em uma rua, coberta de lama e sem fala, como se fosse muda.

— Está ferida? Pode falar?

Lizzie fechou os olhos com força. Começou a tremer, mas não de medo. Ele rodeava os seus ombros com o braço. Ela se apertava contra seu flanco.

Umas emoções inteiramente novas começaram a apoderar-se dela, cálidas e maravilhosas, ilícitas e vergonhosas; o tipo de emoções que a embargavam na intimidade de seu quarto durante as horas de luz de lua da noite. O contato de Tyrell a fazia arder.

Sabia que tinha que conversar com ele de algum modo. Notou o tato da fina camurça de suas meias, que rodeavam suas pernas fortes, e o fogo se estendeu. atreveu-se a olhar sua delicada sobrecasaca de lã, que era do mesmo azul escuro que seus olhos. Tinha-a aberta, e baixo dela luzia um colete de brocado cinza e uma camisa branca. Lizzie afastou bruscamente o olhar e, com a mesma brutalidade, olhou para ele.

— S-fui. Posso... falar.

Seus olhares se encontraram. Ele estava tão perto que Lizzie podia ver todos e cada um dos esplêndidos traços de seu rosto, que tinha memorizado há muito tempo. A Tyrell de Warenne só podia considerar um homem extremamente arrumado. Seus olhos eram de um tom profundo de azul, suas pestanas, tão longas para agradar a qualquer cortesã. As maçãs do rosto eram altas e seu nariz reto como uma flecha. Tinha uma boca forte, normalmente

carnuda, e nesse momento firmemente apertada, pode ser por aborrecimento, ou por desgosto. Possuía a aura de um rei.

— Está aturdida pela susto. Pode levantar-se? Está ferida?

Ela tinha que refazer-se. Tragou saliva, incapaz de afastar os olhos.

— Acredito que não —titubeou — Não estou certa.

Ele olhava seu corpo, deslizou os olhos por seus seios, por seus quadris e suas saias.

— Se tivesse algo quebrado, notaria-o — seu olhar voltou a cravar-se na dela e seu semblante pareceu ainda mais sombrio — Deixe que a ajude a levantar-se.

Lizzie não podia mover-se. Notava como ardiam as bochechas. Tinham estado a ponto de atropelá-la, mas seu coração pulsava enloquecidamente, repleto de emoções que nenhuma senhorita de bem devia albergar. De repente, via Tyrell em um lugar completamente distinto, em uma situação totalmente diferente: via brilhos de seu corcel branco e um vale escuro e cheio de árvores onde no qual dois amantes entrelaçavam apaixonadamente seus corpos. viu-se nos braços de Tyrelle e inalou com força.

— O que está sentido? —perguntou ele com brutalidade.

Lizzie umedeceu os lábios e procurou ignorar aquele desvanecimento em que se via em seus braços, sendo beijada com veemência.

— Na-nada.

Ele esquadrinhou seus olhos. Lizzie teve a inquietante sensação de que percebia a impudica atração que sentia por ele e, o que era ainda pior, de que adivinhava seus ousados pensamentos. Tyrell a rodeou com os braços para levantá-la e ela acreditou desfalecer de desejo. Não sabia o que fazer. Já não podia respirar, embora quisesse.

Cheirava a pinheiros, a terra, o aroma almiscarado de Tyrell. A boca dele a beijava brandamente, suas mãos fortes se apoiavam com delicadeza em sua cintura. Seus corpos se tocavam em qualquer parte, suas coxas se entrelaçavam, as nádegas dela se apoiavam contra o flanco de Tyrell...

— Senhorita? —murmurou ele — Possivelmente deveria me soltar.

Lizzie voltou em si bruscamente e se deu conta de que ele a tinha posto em pé. Estavam de pé na calçada... e ela se aferrava a ele.

— Milord... — exclamou, horrorizada. separou-se de um salto e, pela extremidade do olho, viu-o sorrir.

As bochechas lhe arderam ainda mais. Acabava de jogar-se nos braços de Tyrell de Warrenne? Como podia ter feito tal coisa? Nesse momento, sentou-se nos bosques, com ele, não na rua Maior da cidade, e havia sentido de verdade sua boca sobre a dela! E agora... agora ele ria dela.

Lizzie se esforçou por recuperar a compostura. Estava tão angustiada que não podia pensar com clareza. Sabia Tyrell que estava loucamente apaixonada por ele? Lizzie afastou os olhos e sentiu tanta vergonha que desejou morrer.

— Eu gostaria de apanhar a esses bestas e lhes esfregar o rosto pelo barro — disse Tyrell repentinamente. Meteu a mão no bolso e tirou um lenço surpreendentemente branco que lhe ofereceu.

— Os... conhece?

Ele a olhou de frente.

— Sim, tenho a desgraça de conhecê-los todos. São lorde Perry e lorde Ou'Donnell, sir Redmond, Paul Kerry e Jack Ormond. Uma orda de descarados de primeira ordem.

— Não faz falta que os persiga por mim — conseguiu dizer ela de algum modo. A mudança de tema a aliviava. — Estou certa de que foi um acidente — por fim cobrou consciência do aspecto que apresentava. Tinha barro por toda parte: na saia, no busto, nas mãos enluvadas, no rosto. Seu desânimo aumentou.

— Acaso vai defendê-los? estiveram a ponto de matá-la!

Ela levantou o olhar, mortificada por seu aspecto.

— Pode repreendê-los por conduzirem a tal velocidade pela cidade, certamente, mas foi um acidente — de repente sentia vontade de chorar. Por que tinha que passar por aquilo?

Por quê não podia havê-lo conhecido no dia seguinte, no baile, com seu formoso vestido de lady Marian?

— Você é muito generosa — repôs ele. — Me temo que tenha que fazer que eles compreendam o erro de sua conduta. Mas o que mais me preocupa agora é levá-la para casa — sorriu ligeiramente. — Me permite acompanhá-la?

Suas palavras fizeram com que Lizzie desmoronasse. Se houvesse dito isso em outras circunstâncias, teria pensado que ele a estava cortejando. Sua mente corria a toda pressa. Em parte não desejava outra coisa que prolongar aquele encontro, mas outra parte dela desejava desesperadamente fugir. Uma vez só, sonharia com aquele encontro, embelezaria-o a seu gosto. Mas nesse instante devia pensar com clareza. Se Tyrell a acompanhava a Raven Hall, sua mãe sairia e armaria um escândalo e a envergonharia imensamente. Certamente insistiria em que Tyrell entrasse para tomar o chá e, como um cavalheiro que era, ele não poderia negar-se. Seria tudo violento e humilhante, sobre tudo quando sua mãe comesse a fazer insinuações a respeito de suas três filhas casadeiras.

Aquilo não era um conto de fadas. Ela não estava em um baile, como a bela Anna, nem dançava a valsa com ousadia. Era gordinha, estava desarrumada e coberta de barro, de pé na rua com um homem tão superior a ela que podiam ter sido uma criada e um príncipe.

— Peço-lhe desculpas — disse ele rapidamente. Ao parecer, tinha interpretado mal seu silêncio. Fez uma reverência. — Lorde de Warenne, a seu serviço, mademoiselle — acrescentou, extremamente sério.

— Milord, posso voltar sozinha a casa, obrigado. Obrigado por tudo. Você é tão galante e amável... — sabia que não devia continuar, pois ele tinha levantado as sobrancelhas com certa perplexidade, mas não pôde deter-se. — Mas sua reputação lhe precede, certamente. Todo mundo sabe quão nobre é. Salvou-me a vida. Estou-lhe profundamente agradecida. eu adoraria saldar minha dívida com você, mas como poderia? MUITÍSSIMO obrigada!

Ele parecia divertido.

— Não há nenhuma dívida que saldar, mademoiselle. E a acompanharei a seu destino sã e salva — disse com tanta firmeza que não ficou dúvida alguma de que era um aristocrata da mais alta classe e estava acostumado a que lhe obedecesse imediatamente.

Ela umedeceu os lábios e desejou poder lhe permitir que a acompanhasse a casa.

— Ia a caminho de Saint Mary — mentiu. — Está nesta mesma rua.

— Entendo. Acompanharei-a até a porta, de todos os modos, e não há mais o que falar.

Ela vacilou, mas seu semblante a convenceu de que não tinha escolha, assim aceitou seu braço. Começou a sentir imediatamente uma emoção nova que lutava por abrir-se passo entre seus medos e suas incertanças. Sabia que devia manter os olhos baixos, mas não conseguia separar de seu rosto um olhar extasiado. Era tão bonito... Lizzie nunca tinha visto um homem mais arrumado, mais atraente... Estava a ponto de dizer-lhe Isso e muito mais.

Ele falou com muita suavidade, quase sedutoramente.

— Está me olhando fixamente.

Ela afastou os olhos bruscamente enquanto caminhavam para o convento.

— Sinto muito. É só que você é tão gua... tão amável... — ouviu-se sussurrar.

Ele pareceu surpreso.

— A amabilidade tem pouco a ver com resgatando a uma dama em apuros. Qualquer cavalheiro teria feito o mesmo.

— Eu não acredito — repôs ela, e se atreveu a olhá-lo de novo. — Poucos cavalheiros se incomodariam em saltar ao barro e a pôr em perigo sua própria vida para resgatar a uma desconhecida em plena rua.

— Você não tem em alta estima aos homens, certo? Embora não possa te reprovar depois do que aconteceu.

Ela estava de repente entusiasmada por poder conversar com ele.

— Nenhum homem nunca tinha me tratado tão bem, senhor — Lizzie titubeou e decidiu ser sincera. — Francamente, a maioria dos homens nem sequer reparam em minha presença. Duvido que alguém tivesse me resgatado se você não estivesse aqui.

Ele a olhava com excessiva atenção.

— Lamento profundamente que a tenham tratado tão mal no passado. Parece-me inexplicável, asseguro.

Não podia dizer sinceramente que ele teria reparado em sua presença! Só pretendia comportar-se como um cavalheiro.

— Você é tão galante como amável e heróico... e bonito — e ouviu exclamar ela com ansiedade. E então se deu conta do que havia dito e o desânimo se apoderou dela.

Tyrell pôs-se a rir.

Lizzie notou que lhe acendiam as bochechas e fixou os olhos no chão.

Seguiram caminhando em silencio para a porta principal do convento. Lizzie sentia vontades de esbofetear-se por se comportar como uma menina apaixonada.

Ele rompeu o silêncio, tão galante como sempre.

— E você é uma mulher muito valente. A maioria das damas teriam ficado histéricas e se romperiam em lágrimas depois de uma aventura semelhante — disse, fingindo amavelmente que não tinha ouvido suas adulações.

— Chorar não parecia a reação mais conveniente — Lizzie tragou saliva. Nesse momento não teria importado chorar. Mas tinham se detido ante a porta e notava como ele a olhava fixamente. Levantou lentamente os olhos.

— Chegamos — disse Tyrell tranqüilamente, sem afastar o olhar dela.

— Sim — respondeu Lizzie. De repente sentia o desejo desesperado de prolongar o encontro. Umedeceu os lábios e disse quase sem fôlego. — Obrigado por tão galante resgate, milord. Salvou minha vida. Oxalá algum dia possa fazer o mesmo por você.

O sorriso de Tyrell se desvaneceu.

— Não é necessária reparação. Era meu dever... e foi um prazer — disse com excessiva suavidade.

O fogo, contido mas não extinto, estalou de novo avidamente. Tyrell se achava frente a ela, a uns poucos centímetros. Os edifícios de estuque e madeira que bordeaban a rua por ambos os lados se desvaneceram. Lizzie fechou os olhos; as mãos de Tyrell agarraram seus braços e a atraiu para si, estreitando-a em seus braços. Ela aguardou, contida a respiração, enquanto ele se inclinava para apoderar-se de seus lábios com um beijo.

Por cima de suas cabeças, o sino da capela começou a soar. Lizzie voltou a si bruscamente ao ouvir seu som vibrante. deu-se conta de que estava de pé na calçada, com o Tyrell em atitude irreprovável, e que de novo ele a olhava atentamente, como se adivinhasse seus pensamentos furtivos.

Lizzie rezava por que não se fosse assim.

— Tenho que ir. Obrigado! —exclamou e, dando meia volta, abriu o portão do pátio.

— Senhorita! Um momento! —começou a dizer ele.

Mas Lizzie já tinha fugido para se refugiar no convento, mortificada, embora não de tudo, por aquele encontro.

O BAILE DE MÁSCARAS

Anna já estava vestida para o baile quando Lizzie entrou no quarto que compartilhavam. Lizzie se achava em estado de extrema ansiedade. Não tinha se recuperado de seu encontro da véspera com Tyrell de Warrenne, e mal podia acreditar no ocorrido. Depois de reviver mil vezes essa tarde em sua memória, estava convencida de haver-se comportado como uma louca apaixonada e uma menina atordoada, e de que ele sabia quanto o amava. Não sabia se atreveria a ir ao baile. Entretanto, não podia desiludir a sua mãe.

No dia anterior, ao chegar em casa, tinha alegado uma dor de cabeça para retirar-se a seu quarto sem falar com ninguém de seu encontro. Agora se deteve um momento na porta com intenção de pedir um conselho a Anna. Mas sua irmã estava tão assombrosamente bela que Lizzie esqueceu por um momento suas penas.

De pé frente ao espelho, Anna se olhava criticamente, embelezada com um vestido de veludo vermelho, de amplo decote ao estilo isabelino, luvas brancas e um colar de granada ao redor do pescoço. Nunca tinha estado tão bela. Tinha sido duro ter uma irmã tão formosa durante a infância. Inclusive de menina, todo mundo elogiava sem cessar a Anna, e Lizzie sempre se viu ignorada, ou tinha recebido unicamente algum tapinha na cabeça. Sua mãe estava, naturalmente, tão orgulhosa de ter uma filha tão bonita que adulava a Anna ante qualquer um que estivesse disposto a escutá-la. Lizzie não sentia ciúmes (amava a sua irmã e estava orgulhosa dela), mas sempre tinha se sentido sem graça e, o que era ainda mais grave, deslocada.

Do mesmo modo era difícil ser irmã de Anna agora que eram jovens, porque, quando passeavam pela cidade, acontecia o mesmo: os soldados britânicos percontinuavam a sua irmã, ansiosos por saber seu nome, e Lizzie era sempre invisível para eles... a não ser que algum pedisse que intercedesse por ele a Anna. Lizzie se fez de casamenteira para sua irmã mais vezes do que podia contar ou recordar.

O irônico do assunto era que se parecia um pouco a sua irmã mais velha, embora em seu semblante os traços perfeitos de Anna pareciam apagar-se. Anna tinha o cabelo loiro como o mel e ondulado de maneira natural, enquanto que o de Lizzie era acobreado e crespo; seus olhos eram de um azul muito belo, quando os de Lizzie eram de um cinza estranho; seus maçãs do rosto eram mais altos, seu nariz mais reto e mais clássico; seus lábios, mais carnudos. E tinha uma figura perfeita, esbelta e entretanto voluptuosa. A Anna os homens voltavam para olhá-la uma segunda ou uma terceira vez; nenhum libertino, nenhum grosseirão tinha olhado a Lizzie nem uma só vez; claro que ela parecia ter a assombrosa habilidade de desaparecer entre a multidão.

Agora, com a elevada gola branca emoldurando seu rosto e seu talhe estreito, Anna estava assustadora. estava ajustando o sutiã quando Lizzie entrou no quarto.

Algumas mulheres de sua idade acusavam Anna de vaidosa. Lizzie sabia que não era verdade, mas Anna podia dar essa impressão, sobre tudo se outras jovens tinham ciúmes das atenções que recebia. Algumas amigas de sua mãe inclusive murmuravam à suas costas e a chamavam «a selvagem». Mas elas também tinham ciúmes, porque Anna podia atrair a qualquer pretendente que desejasse muito, e suas filhas não. E isso se devia a que era alegre e despreocupada, não selvagem, nem impudica.

Anna tinha o cenho franzido. Saltava à vista que algo em sua fantasia a desagradava. Lizzie não conseguia imaginar que defeito podia haver encontrado.

— É perfeito, Anna — disse.

— Seriamente acha? — Anna se voltou e imediatamente se esqueceu de seu vestido—. Lizzie! Ainda não começou a te pentear! OH, vamos chegar atrasadíssimas! — exclamou, desalentada. Logo titubeou. — Está preocupada?

Lizzie mordeu o lábio e conseguiu sorrir. Quando aparecesse no baile, Tyrell prestaria atenção nela. No final das contas, já se conheciam. Voltaria a rir dela? O que pensaria?

— Não, estou bem — respirou, trememente. — Esse máscara é perfeita e está preciosa com ela, Anna. Pode ser que esta noite mamãe se saia com a sua e encontre noivo para você —

mas, embora desejasse que sua irmã se casasse por amor, e não só por questão de classe ou privilégios, mas mal podia pensar nisso agora.

Anna se voltou para o espelho.

— Esta cor não me faz parecer amarelada? É tão escuro...!

— Absolutamente —disse Lizzie—. Nunca esteve mais bonita.

Anna se olhou um momento mais; logo se voltou de novo para Lizzie.

— Espero que tenha razão. Mas Lizzie... está muito pálida.

Sua irmã suspirou profundamente.

— Não sei se posso ir ao baile. Não me encontro muito bem.

Anna a olhou com incredulidade.

— Não vai? E perder seu primeiro baile? Mas Lizzie! vou procurar Georgie — perplexa, saiu correndo do quarto.

Anna era só um ano e meio mais velha que Lizzie e as duas irmãs eram muito unidas, mas não só por suas idades. Lizzie admirava a sua irmã porque era tudo que ela não era. Não conseguia imaginar o que se sentia ao ser tão bela e desfrutar da admiração de todos. E, das três irmãs, Anna era a única que já tinha sido beijada, não uma vez, a não ser várias. ficaram acordadas muitas noites, falando das ousadas e assombrosas experiências de sua irmã; Anna, extasiada, Georgie com ar de recriminação, e Lizzie perguntando-se se alguma vez seria beijada, embora fosse só uma vez, antes que se convertesse em uma solteirona.

Lizzie olhou o vestido verde esmeralda que havia sobre sua cama e que era a sua fantasia. Era um vestido bonito, mas simples, com longas mangas em forma de sino e um decote quadrado e modesto. Mesmo assim, revelava provocantemente a sua figura. Lizzie se sentou junto a ele. Tirou do sutiã um lenço de linho recém lavado e olhou fixamente as iniciais bordadas nele. TDW. Com o lenço na mão, fechou os olhos e desejou ser capaz de refazer o encontro da véspera. Mas por mais que desejasse não poderia mudar nada, pensou com desânimo. Tinha tido uma só oportunidade de impressionar ao Tyrell de Warenne e não precisava experiência alguma para saber que não tinha conseguido.

Anna retornou com Georgie. Vestida como uma dama normanda, Georgie vestia uma túnica longa de cor púrpura com cinto dourado e estava com o cabelo recolhido em uma trança. Olhou a Lizzie inquisitivamente.

— Anna diz que está estranha. Claro que esteve se comportando de maneira muito estranha desde que ontem quando voltou de Saint Mary. O que aconteceu? Não acredito que esteja doente!

Lizzie voltou a guardar o lenço no sutiã.

— Ontem me ajudou em frente a Saint Mary —murmurou.

— Quem te ajudou? —perguntou Georgie—, E como?

Anna se sentou junto a ela enquanto Lizzie respondia.

— Estive a ponto de ser atropelada por uma carruagem. Tyrell de Warrenne me salvou — disse.

Suas irmãs ficaram boquiabertas.

— E só agora nos conta isso? —exclamou Georgie.

Anna estava perplexa.

— Tyrell de Warrenne te salvou assim?

Lizzie assentiu com a cabeça.

— Sim... e foi tão amável... Jurou perseguir a esses vagabundos e dar a eles seu castigo. Queria me acompanhar até em casa —Lizzie olhou a suas incrédulas irmãs. — Fiquei como uma criança. E disse que era amável, heróico e bonito.

Georgie parecia assombrada e Anna mal dava crédito. Georgie por fim disse com cuidado:

— Então, o que é que se passa exatamente? Não leva toda a vida esperando se encontrar com ele?

— Não ouviu o que disse? —Soluçou Lizzie. — Já deve saber o que sinto!

— Bom, podia ter sido mais discreta —repôs Georgie sensatamente.

Anna se levantou com uma risada.

— Os homens adoram que digam que são fortes, valentes e bonitos. Não posso acreditar que te salvou. Lizzie, tem que nos contar tudo!

— Você pode dizer a um cavalheiro que o céu está caindo e jurará que tem razão — respondeu Lizzie—. Pode dizer a um homem que suas marcas de varíola são adoráveis e estou certa de que se porá de joelhos. Mas sei que não adulei Tyrell de Warrenne com sofisticação. De fato, vi que começava a rir de mim. Comportei-me como uma criança.

— Riu de você? —perguntou Anna. — Deve ter se dado conta de que só tem dezesseis anos!

Georgie saiu em seu auxílio. sentou-se junto a Lizzie e a rodeou com o braço.

— Estou certa de que está exagerando, Lizzie. Com certeza não se importou que lhe dissesse que era bonito. E, como diz Anna, os homens adoram que os admirem. Veja só! Te resgatou. Vá! É como em um romance desses que lê.

Lizzie deixou escapar um gemido.

— Ainda não contei o pior. Estava cheia de barro, Georgie. Tinha o vestido e até o cabelo sujos de barro —não acrescentou a pior parte: que tinha pensado estar em seus braços e que suspeitava que ele tinha adivinhado. — É um cavalheiro e se comportou como tal, mas estou certa de que não tem muito boa opinião de mim.

— Nenhum cavalheiro reprovava a uma dama a sua aparência em tais circunstâncias, Lizzie —disse Georgie com calma.

Lizzie a olhou.

— Fui tão tola como mamãe, tagarelando sem parar. Devo ser uma louca e depois de tudo, sou sua filha.

—Liz! Você não se parece nada com mamãe —disse Georgie com certo pavor.

Lizzie enxugou os olhos.

— Sinto ser tão boba. Mas foi tão heróico... Salvou-me a vida. O que vou fazer quando o vir esta noite? Se tivesse coragem para dizer a mamãe que não vou... Mas não posso lhe dar esse desgosto.

— Nos contou tudo? —perguntou Anna.

— Claro que sim! —Lizzie se abraçou. Não pensava admitir para suas irmãs seus vergonhosos pensamentos.

— Te beijou? —perguntou Anna como se intuísse que ocultava algo.

Lizzie a olhou com incredulidade.

— É um cavalheiro!

Anna a observou atentamente.

— Não entendo por que está tão aflita —disse por fim.

Georgie falou com energia.

— Lizzie, entendo que isto tenha sido terrível para você, mas, como diz o refrão, o que não tem remédio, remediado está. Disse o que disse, não há como de retirar. Estou certa de que ele não levará em conta suas palavras.

— Espero que tenha razão —resmungou Lizzie.

Anna se levantou.

— Devemos ajudar a Lizzie a se arrumar. Georgie, não é muito escuro este vestido para minha pele?

— Não, está bem —respondeu Georgie. — Lizzie, por mais emocionante que foi seu resgate, ele é um De Warrenne e você só uma Fitzgerald —seu tom era suave.

Anna cruzou os braços.

— E tem dezesseis anos —acrescentou. Logo lançou um sorriso. — Não queremos ser más, Lizzie, mas se um homem como esse está pensando em alguém, será em alguma bela cortesã que queira seduzir. E vamos chegar tarde!

Lizzie se enrijeceu. As palavras de Anna foram como um balde de água fria. De repente compreendeu que todas suas ansiedades tinham sido em vão. Suas irmãs tinham razão. Tyrell era um De Warrenne e ela não era mais que uma senhorita irlandesa empobrecida... além de que tinha dezesseis anos e ele vinte e quatro. Sem dúvida tinha esquecido seu encontro assim que a deixou em Saint Mary. Se voltasse a vê-la, era improvável que a

reconhecesse. Estaria perseguindo a alguma dama terrivelmente bela... ou a alguma cortesã sedutora. Curiosamente, sentia-se muito mais desanimada que antes.

— Está bem? —perguntou Georgie, notando seu desalento.

— Claro —disse Lizzie com os olhos baixos. — Sou duplamente tola por pensar que ele pensaria em mim embora mesmo que fosse só por um momento —aquela idéia lhe doía muito, mas conseguiu repor-se, levantou-se e esboçou um sorriso.

— Sinto. Por minha culpa terão que me esperar e chegaremos tarde.

Georgie também ficou em pé.

— Não se desculpe —disse— Sempre quis Tyrell de Warrenne desde pequena. Como não ia te perturbar ter um encontro como esse? Além disso, se te ajudarmos a se vestir não chegaremos tarde.

Anna tinha se aproximado da cômoda.

— Vou arrumar o seu cabelo —disse— o melhor que posso. Deixa que esquite as pinças.

Lizzie conseguiu esboçar outro sorriso e deu as costas a Georgie para que sua irmã a ajudasse a tirar o vestido. Não se encontrava bem, entretanto. Estava apanhada em um torvelinho de emoções que a elevava para o alto e logo a deixava cair até o mais baixo. Mas não era melhor assim? Era preferível que ele não voltasse a pensar nela. Era preferível que seguisse sendo, em sonhos, seu amante secreto.

Depois, deu-se por vencida. Dando-a volta, agarrou as mãos da Anna e compreendeu que devia estar louca.

— Faça com que eu fique bela —soluçou. Anna a olhou com evidente surpresa—. Faça algo especial no cabelo. Quero pôr carmim nos lábios... e pintar os olhos!

— Posso tentar —respondeu Anna, hesitante, olhando Georgie, que estava igualmente surpreendida— Lizzie... no que está pensando?

Lizzie tragou saliva e começou a rezar.

— Estou pensando que hoje tenho uma segunda oportunidade e que devo tentar ganhar sua admiração, embora seja só por uma noite.

Enquanto subiam a longa escada, de pedra calcária, da casa, uma mansão do tamanho dos maiores solares do sul da Irlanda, sua mãe não parava de tagarelar. Vestida de dama georgiana de umas décadas atrás, exclamou:

— Nunca estive mais contente! Lizzie, assim vestida está à altura de suas irmãs. Quantas esperanças me deu! Me surpreenderia que não encontrasse marido esta noite.

Seguiram ao interior da casa a vários convidados, todos eles vestidos com trajes de seda e veludo. Lizzie não podia responder, nem sorrir. Estava sem fôlego e quase aturdida: ainda não entendia como tinha passado por tudo aquilo. O vestido de veludo era o objeto mais delicioso que já havia tocado em seu corpo... e também o mais sensual. Suas irmãs tinham insistido em que se olhasse no espelho depois de pôr o vestido. O veludo verde escuro realçava sua tez clara e a cor de seu cabelo e de seus olhos, que nunca tinha sido mais formoso. O carmim fez destacar seus lábios, que pareciam desacostumadamente carnudos. Não usava, em troca, ruge. Suas irmãs tinham insistido que não precisava mais cor, pois estava sufocada pela emoção. Inclusive sua figura tinha melhorado em certo modo. O decote do vestido ficava mais baixo do que esperava e atraía o olhar para o colo, seu comprido pescoço e seu rosto. Anna tinha passado quase uma hora frisando o seu cabelo. Lizzie esperava usá-lo recolhido para cima, mas o usava solto até a cintura. Exuberantes ondas de cor vermelha emolduravam seu rosto que, pela primeira vez em sua vida, se achava bonita. E, o que era mais importante, sentia-se inclusive atraente, como se de algum modo se transformasse na amada de Robin Hood.

Seu pai apertou sua mão.

— Minha pequena se converteu em uma mulher preciosa — disse com orgulho. Mas tinha os olhos avermelhados e chorosos.

Lizzie decidiu não o contradizer essa noite, enquanto subiam a escada dos Adare.

— Mamãe, acredito que o fato de que Lizzie esteja usando a moda é um passo na direção adequada —disse Georgie. — Mas só tem dezesseis anos. Não deveria ter ilusões quanto ao dia de sua apresentação em sociedade.

Lizzie lhe deu razão por dentro.

Mas sua mãe prosseguiu, entusiasmada:

— Já disse que todos os filhos do conde estão em casa incluído um de seus enteados, o mais jovem, Sejam Ou'Neill, embora não tenho nem idéia de onde estará seu irmão, o capitão Ou'Neill —sorriu astutamente. — É muito jovem, Lizzie... não muito mais velho que você.

— Acredito que já disse isso várias vezes —disse seu pai. —E Georgie tem razão, mamãe. Deixe em paz a Lizzie antes de que sofra um ataque — acrescentou com firmeza, e segurou sob seu braço a mão de sua esposa. Logo lhe sorriu ao entrar no enorme vestíbulo, com seu chão de pedra e seu teto alto. Lizzie sabia que aquela parte da mansão datava de séculos, e que o piso era o original. — Te disse quanto bonita está essa noite? —perguntou seu pai em voz mais baixa.

Sua mãe lhe sorriu.

— E você, senhor, é um acompanhante invejável. Devo confessar que eu gosto de sua peruca — seu pai ia vestido de cavalheiro dos princípios do período georgiano, com sobrecasaca, meias e uma peruca longa e frisada.

Lizzie se deu conta de que havia parado junto à porta. Sua família ia cruzando o vestíbulo, para a sala de recepção, que era do tamanho de sua casa inteira. Lizzie tocou a máscara branca que usava e que cobria seus olhos mas deixava descoberto a parte inferior de seu rosto. Estava tão nervosa que se sentia enjoada.

Viu que Anna entrava na sala de recepção com tal graça que quase parecia flutuar. Naturalmente, dois soldados britânicos se apressaram a olhá-la. Eram oficiais e em seguida

se acharam a seu lado, fazendo reverências. Lizzie compreendeu que Anna estaria ruborizando enquanto lhes dizia pudorosamente seu nome.

Georgie a olhou. Afastou a máscara que segurava junto a seu rosto e levantou as sobrancelhas enquanto retrocedia para ela.

— Vamos, Lizzie — logo sorriu e acrescentou. — Prometo que tudo sairá bem.

Lizzie vacilou, afligida de repente. Tinha a impressão de ter esperado toda sua vida por aquela noite, mas acaso não estava se comportando como uma tola? Tyrell, como herdeiro do condado, sempre estava rodeado de mulheres formosas que o percontinuavam, e essa noite estaria ocupado. Como havia dito Anna, sem dúvida estaria cortejando alguma dama. O que a fazia sonhar, embora fosse só por um momento, que se fixaria nela?

Dois cavalheiros passaram a seu lado, um vestido de mosqueteiro; o outro, com um vistoso traje de dândi. Os dois a olharam ao passar, mas foram reunir-se com o grupo que rodeava Anna. Lizzie sentiu que sua tensão crescia e que se tornava quase insuportável. por que fazia aquilo? Era uma idiota sem remédio se acreditava que podia competir pelos cuidados de Tyrell. Esforçou-se para vê-lo, mas não o encontrou em nenhuma parte do vestíbulo.

— Lizzie — disse Georgie com carinho. — não olhe para trás agora.

Era como se sua irmã tivesse lido seu pensamento, pois quase estava disposta a dar um passo atrás. Entretanto, seu desejo venceu. Queria ver Tyrell de Warenne, e queria ter a chance de consertar seu anterior encontro. Rezava para ter coragem enquanto lhe fraquejavam os joelhos.

Georgie tomou sua mão com decisão e a puxou. Atravessaram às pressas o vestíbulo, deixando para trás o grupo dos pretendentes da Anna. O dândi pareceu voltar-se para vê-las passar. Na sala de recepção, enormes colunas seguravam o teto elevado, de que penduravam numerosos abajures de magnifico cristal. O piso era de mármore e uma centena de convidados se misturavam enquanto entravam no salão de baile.

Sua mãe apareceu junto a Georgie e ela.

— Esse cavalheiro vestido de dândi tentou falar com você e o deixou plantado, Lizzie!

Lizzie piscou. Seramente tinha ocorrido aquilo?

Georgie lhe apertou a mão.

— Olhe, Anna já está rodeada de admiradores. Não é fantástico, mamãe?

Sua mãe deu a volta e de repente separou do rosto a máscara, com os olhos como pratos.

— Ui! Não é Cliff de Warrenne?

Lizzie se voltou. Quatro homens, incluindo os dois oficiais, rodeavam Anna. Todos tentavam falar com ela ao mesmo tempo. Mas junto a eles, afastado do grupo, havia um homem que não ia mascarado e que parecia em parte aborrecido e em parte divertido, o que não era coisa fácil. Com seu cabelo leonino e selvagem e seus chamativos olhos azuis, era, certamente, o filho menor do conde. Corria o rumor de que era um libertino impenitente, mas Lizzie resistia a formar uma opinião apoiando-se só em falatórios. Cliff de Warrenne era também um aventureiro. Lizzie sabia que tinha estado nas Índias Orientais no ano anterior. Como todos os de Warrenne, era bonito em extremo. De repente deu as costas ao grupo e se afastou tranqüilamente. Lizzie chegou à conclusão de que, em efeito, aborrecia-se.

— Nunca vi um comportamento tão grosseiro e imperdoável! —exclamou sua mãe, escandalizada.

— Mamãe, Cliff de Warrenne não é para nossa Anna —disse Lizzie com calma enquanto esquadrinhava rapidamente o salão.

Sua mãe a olhou com indignação.

— E por que não, senhorita?

Lizzie suspirou.

— Porque não pertencemos a seu círculo —disse brandamente.

— É o mais novo. Não se casará com uma dama de alta linhagem!

— É um De Warrenne. Herdará uma fortuna e se casará, acredito, com quem lhe deseje muito —repôs Lizzie.

Sua mãe soltou um bufo.

— Ouvi que é um libertino, e não quero que minha Anna tenha nada há ver com um homem assim — afirmou seu pai.

— Se for nos visitar, e estou certa de que o fará; porque vi como olhava a nossa Anna, estará mais que satisfeito de que tenha algo a ver com ele —declarou sua mãe.

Georgie e Lizzie se olharam e se afastaram discretamente de seus pais, que pareciam dispostos a começar uma discussão.

— É bonito —reconheceu Lizzie com um sorriso.

— Mas não é para nós —repôs Georgie, também sorrindo. Logo seu sorriso se esfumou— Às vezes mamãe me preocupa, Lizzie. Está muito angustiada, com três filhas em idade de casar e sem dinheiro. Se Anna se casasse, acredito que em parte se tranquilizaria imediatamente.

— Mamãe se aborreceria se não tivesse que nos apresentar à sociedade —respondeu Lizzie, muito séria. — O que faria, então?

Georgie franziu o cenho.

— O outro dia estava na cozinha, sentada em uma cadeira, muito pálida, e se abanava como se não pudesse respirar.

Lizzie se parou em seco.

— Crê que está doente?

— Disse que tinha sentido falta de ar um momento e que estava um pouco aturdida. Mas, estou preocupada. Oxalá descansasse um pouco mais.

Lizzie se alarmou.

— Faremos que descanse —decidiu.

Georgie a agarrou subitamente a mão e disse em tom zombador:

— Não é esse Sean Ou'Neill, o enteado do conde o que mamãe quer que conheça?

Lizzie seguiu seu olhar e reconheceu imediatamente aquele jovem alto e de cabelo escuro. Estava vestido de cavalheiro medieval e conversava muito seriamente com outro senhor.

— Certamente não vou me apresentar.

— Por que não? Eu diria que é muito bom partido... e mais a nosso alcance, porque não tem título.

Lizzie franziu o cenho e se perguntou por que a provocava Georgie.

— Pergunto-me onde estará Tyrell —esquadrinhou a multidão pela segunda vez, convencida de que ele não estava presente. Inclusive pronunciar seu nome fazia com que acelerasse o coração com uma mescla de emoção e ansiedade. — Vamos ao salão de baile —disse.

Mas Georgie segurou bruscamente sua mão, obrigando-a a parar.

— Também estou preocupada com você.

Lizzie ficou quieta.

— Georgie... —começou a dizer.

— Não. É divertido vestir-se de dama de branco esta noite com a esperança de o impressionar depois do que aconteceu na cidade, mas a verdade é que esse amor já dura muito. Como vai dar uma oportunidade a outro homem se continuar sentir assim?

Lizzie cruzou os braços.

— Não posso evitar me sentir assim. Além disso, o que disse o outro dia era sério: estou destinada a ficar solteira.

— Duvido! Não será talvez que creia estar apaixonada por ele para não ter que enfrentar um pretendente de carne e osso?

Lizzie deixou escapar um gemido de surpresa.

— Não —disse. — O amo de verdade, Georgie. Sempre amei e sempre amarei. Não me interessa encontrar ninguém mais.

— Mas ele não é para você.

— Por isso envelhecerei sozinha e me dedicarei a cuidar de papai e mamãe. Vamos ao salão de baile —não queria continuar falando daquilo.

Mas sua irmã estava decidida.

— Temo que se esconda atrás de seu amor por ele, como se esconde em suas novelas. Mas há um mundo real aí fora, Lizzie, e eu gostaria que fizesse parte dele.

— Faço parte dele —repôs Lizzie, alterada. — Tanto quanto você.

— Eu não leio uma dúzia de livros de aventuras por mês. Não afirmo estar apaixonada por um homem que nunca poderei ter.

— Não, você se inunda em ensaios e artigos políticos. Foi você quem quase se negou a vir ao baile —a acusou Lizzie.

— Só me neguei porque sabia que aqui não há ninguém para mim —replicou Georgie, tão sufocada como sua irmã. — Sei que algum dia terei que aceitar a alguns dos pretendentes da mamãe, porque não tenho meios para me manter sozinha. Às vezes, finjo que não é assim, mas as duas sabemos que é. E também algum dia você terá que se casar, e não será com Tyrell de Warrenne.

— Não posso acreditar que fale assim —exclamou Lizzie. Sofria em parte por sua irmã e temia por ela, mas também se sentia desmoralizada e até zangada.

Georgie tinha se acalmado.

— Se mamãe estiver doente pela carga que se supõe de nos cuidar, pode ser que aceite ao senhor Harold. Parece o mais interessado em mim, e não acredito que suas exigências sejam muito duras de agüentar.

Lizzie sentiu que empalidecia.

— Mas é velho... e gordo... e calvo... e cheira a vinho!

— Não espero me casar com um cavalheiro deslumbrante como Cliff de Warrenne — respondeu Georgie com um sorriso melancólico.

— OH, por favor! Não pense sequer em se casar com esse... sapo! —Lizzie sentia vontade de chorar— Vamos tentar encontrar um pretendente melhor... agora mesmo! Aqui há muitos jovens arrumados.

Georgie pôs os olhos em branco.

— E nenhum deles vai prestar atenção em mim.

— Equivoca-se —repôs Lizzie — Esta noite está muito elegante.

Sua irmã encolheu os ombros. O salão de baile se comunicava com a sala de recepção e a ele se entrava diretamente através de várias portas duplas. Estava cheio de gente e Georgie e Lizzie tropeçaram com o jovem disfarçado de dândi e seu amigo, o mosqueteiro. Ambos fizeram uma reverência.

— Milady —disse o dândi, e Lizzie acreditou que se dirigia a Georgie — concederia-me a honra desta dança?

Lizzie compreendeu que estava falando com ela no instante em que sua irmã lhe dava uma cotovelada nas costelas. Desanimada de repente, deu-se conta de que não queria dançar, e menos ainda com um dândi que, evidentemente, não conseguia afastar os olhos de seu decote.

— Sinto muito, mas tenho reservado este baile —respondeu educadamente.

Ele compreendeu e se afastou com profusas desculpas.

— Lizzie! —sua irmã parecia zangada.

— Não vou dançar —disse Lizzie teimosamente.

— Não é que seja tímida —repôs Georgie, zangada— é tola! — e se afastou.

Lizzie ficou sozinha. Imediatamente lamentou ter rechaçado a aquele jovem, mas só pela reação de sua irmã. Deixou escapar um suspiro e se voltou para observar aos que dançavam. Assim que se assegurou que Tyrell de Warrenne não estava entre eles, começou a observar a multidão que a rodeava. Se não estava no salão de baile, talvez estivesse fora, nos jardins, pois fazia uma noite muito agradável.

Sentiu então uns olhos cravados nela.

Enrijeceu-se como se tivesse recebido um disparo. voltou-se imediatamente.

Tyrell de Warenne estava a curta distância dali, vestido de pirata, com botas até as coxas, meias rodeadas e negras, camisa negra, um tapa-olho negro e um lenço na cabeça. Algumas tranças finas rodeavam seu rosto. Tinha a mão apoiada no quadril, onde usava uma espada de verdade, e parecia olhá-la fixamente.

Lizzie ficou sem respiração. Tyrell não podia estar olhando-a assim, tão intensamente, como se fosse um leão a ponto de saltar sobre sua presa. Virou-se para ver se havia uma bela dama atrás dela, mas não viu nenhuma. Estava sozinha.

Cheia de incredulidade, voltou a olhá-lo. Santo céu, ia para ela!

Lizzie entrou o pânico. No que estava pensando? Tyrell de Warenne era o herdeiro de um condado, era tão rico como ela pobre, e oito anos mais velho que ela. Lizzie não conseguia imaginar o que queria. O coração disparou no peito... e compreendeu que de novo se comportaria como uma idiota.

De repente deu meia volta e fugiu do salão de baile, aterrorizada. Ela não era uma sedutora, nenhuma cortesã. Era Elizabeth Anne Fitzgerald, uma moça de dezesseis anos dada a sonhar acordada, e era absurdo tentar seduzir Tyrell de Warenne. Se deparou em um salão de jogos cheio de cavalheiros e damas sentados ao redor de mesas de naipes e jogo de dados. Ali se deteve, junto à parede, ofegante e sem saber o que fazer. Seramente tinha tentado ele se aproximar dela? E, se assim fosse, com que fim?

De repente, Tyrell entrou na sala.

Sua presença era como a saída do sol em um amanhecer frio e cinza. Imediatamente cravou seus olhos em Lizzie e se deteve diante dela, deixando-a paralisada, de costas à parede.

Lizzie só podia olhá-lo fixamente. Seu coração pulsava vertiginosamente.

— Seramente acredita que pode fugir de mim? —murmurou ele. E sorriu.

Ela estava dura. Não podia mover-se, mas começou a respirar atropeladamente. Tentou negar com a cabeça e fracassou. O que queria Tyrell? Tinha-a confundido com outra?

Ele estava ainda mais perto que na véspera, em Limerick. Lizzie sabia que devia responder algo. Mas o que podia dizer? Nunca o tinha visto vestido assim. As botas altas atraíam seu olhar como um ímã a uma moeda, e, do alto das botas, seus olhos se deslizaram até a entreperna dele. Ali se via claramente um volume que sugiram sua muito virilidade. Lizzie subiu bruscamente o olhar para sua camisa desabotoada e viu que uma cruz de ouro e rubis jazia no meio do pêlo escuro de seu peito. Sua boca se encheu de saliva, e outras partes de seu corpo também se umedeceram. Começou a sentir uma palpitação insistente, aquele desejo que passava dias e noites tentando ignorar.

— Não é preciso que fuja de mim —disse ele com tom insuportavelmente suave—. Nem todos os piratas são iguais.

Estava paquerando com ela? Santo Deus, aquela era sua segunda oportunidade! Estava certa de que não poderia falar, mas tinha que responder. Devia fazer algum comentário engenhoso sobre os piratas.

— Pensei que todos os piratas tivessem fama de sanguinários, milord —murmurou. — Por isso, como é lógico, pensei em fugir.

Ele sorriu e executou uma elaborada reverência de que nenhum pirata teria sido capaz. Suas tranças, adornadas com miçangas de coral e ouro, penduravam ao redor de seu rosto e sobre seus lábios carnudos, que ela olhava sem poder remediá-lo. Que suaves deviam ser! Tyrell se incorporou bruscamente e fixou nela seu único olho.

— E se dou minha palavra de que não sou como outros piratas? E jurar que não pretendo te fazer dano?

Ela tragou saliva.

— Então reconsideraria minha postura, milord —conseguiu dizer.

Uma covinha dançou na bochecha dele.

— Alegra-me ouvir isso —afirmou— Acredito que nos conhecemos, não é assim, milady?

Ela ficou olhando-o um momento, fascinada por seu encanto.

— Milady? Conhecemo-nos? —insistiu ele.

Lizzie não queria confessar que era a moça tola e coberta de barro que tinha resgatado na rua Maior.

— Só se você compartilhar as atividades com meu senhor Robin Hood, milord.

Ele a observou, ainda sorrindo.

— A verdade é que conheço muito bem o bosque de Sherwood, milady, embora ainda não conheça o foragido que me fala.

E ela se encontrou sorrindo por fim.

—Talvez surja a ocasião em que possa apresentá-lo se de verdade o busca —Lizzie se deu conta de que estava flertando com ele.

O olho de Tyrell brilhou estranhamente.

— Só há uma pessoa que desejo conhecer —disse com muita intenção.

Nenhum homem tinha olhado a Lizzie daquele modo. Era impossível confundir o sentido daquele olhar.

— Lady Marian —murmurou com voz rouca—. Sou simplesmente lady Marian.

Ele vacilou e ela notou que queria que dissesse seu verdadeiro nome, mas então Tyrell voltou a fazer uma curta reverência.

— E eu sou Jack Brody o Negro, a suas ordens, sejam quais forem.

Estavam na cobertura de seu navio, açoitados pelo vento e balançado pelo mar. As tranças de Tyrell oscilavam junto a sua mandíbula; inclinou-se sobre ela e suas mãos enlaçaram a cintura de Lizzie. Ela fechou os olhos e esperou a que a beijasse...

— Milady? Sem dúvida quer me dar alguma... ordem.

Sua voz interrompeu bruscamente o sonho de Lizzie, que voltou a si bruscamente e se achou de novo cara a cara com o príncipe de seus sonhos. Tyrell a olhava como se soubesse exatamente o que estava pensando... e o que desejava.

— Duvido que você obedecesse todas as minhas ordens —sussurrou, tremendo.

A expressão de Tyrell parecia perigosa.

— Nunca saberá, a não ser que me peça isso, não acredita?

Ela o olhou pasmada. Seriamente queria dizer o que ela suspeitava? Ou era assim como paqueravam homens e mulheres, sem nenhum recato, sem que lhes importasse o sentido literal de que diziam?

Ele apoiou uma mão na parede, encurralando-a, e se inclinou para ela.

— Assim ordene, milady, o que deseja seu coração, e veremos se este pirata cumpre sua palavra.

Lizzie tinha na ponta da língua lhe dizer que a beijasse. Morria por um beijo.

Ele esboçou um sorriso lento e sensual.

— O que acontece? — sussurrou brandamente. Ela tragou saliva. — Não sabe por onde começar? — a covinha voltou a aparecer, igual a aquele brilho em seu olho destampado.

Não estavam no bosque do Sherwood, conseguiu pensar Lizzie. Estavam em um salão cheio de gente e ela não podia atrever-se a fazer o que estava a ponto de fazer. Ou sim?

— Pode ser que a senhora necessite ajuda — sussurrou ele — Pode ser que baste uma sugestão do pirata.

A Lizzie sentiu que se aproximava ainda mais, já que seus lábios quase se tocavam. Enquanto seu corpo tremia e palpitava, uma sensação de embriaguez se apoderou dela, e notou que pesavam as pálpebras, tanto, que começaram a fechar-se. A boca de Tyrell roçou sua mandíbula. O sexo de Lizzie se esticou. E, enquanto ele falava, seus lábios acariciavam a pele e suas coxas duras se apertavam contra o corpo suave de Lizzie.

— A meia-noite. Nos jardins oeste. Ali todos seus desejos serão ordens para mim — disse ele com voz baixa e gutural.

Por um instante, seus lábios se apertaram contra a bochecha de Lizzie. E, o que era ainda pior, ela notou seu torso forte e duro pego a seu peito. Depois, ele desapareceu.

Lizzie permaneceu paralisada e trêmula. Quando se atreveu a abrir os olhos, temia que toda a sala estivesse olhando-a. Procurou dominar o fogo abrasador que consumia seu corpo e ficou colada à parede, lutando por recuperar a compostura e por afugentar seu próprio desejo desatado.

O que tinha ocorrido?

Começou a respirar com mais calma e se ergueu, abraçando-se. Acabava de pedir que ela se encontrasse com ele nos jardins a meia-noite?

Era uma brincadeira? Ou seriamente pensava atraí-la para uma entrevista amorosa?

Lizzie não tinha modos de saber.

Saiu lentamente do salão de jogos. sentia-se como se tivesse bebido muito vinho. Mas Tyrell tinha pedido que se encontrasse com ele nos jardins e havia tocado sua pele com os lábios. Atreveria-se ela a ir?

Estava certa de que ele sabia que ela era a moça a que tinha ajudado em Limerick no dia anterior, mas isso não parecia ter o contrariado, nem desanimado. Lizzie não sabia o que fazer.

Queria ir a seu encontro, mas tinha medo. Se fosse, o que aconteceria? A beijaria? Aquela idéia bastava para fazê-la correr aos jardins imediatamente, embora fossem só dez horas. Mas pensar sequer que aquilo pudesse acontecer soava terrivelmente impróprio, tendo em conta que as intenções de Tyrell não podiam ser honoráveis. Ele, naturalmente, não tinha intenção de cortejá-la e pedir sua mão. Só desejava um beijo. E Lizzie não se preocuparia se ele ultrapassasse. Tyrell de Warrenne não era desses. Lizzie tocou a máscara. Se a tirasse, ele veria seu rosto e ficaria decepcionado. Estava quase certa. Sim, estava muito bonita com a máscara, mas isso não mudava nada. Ela era insípida, tão insípida como a casca de um bolo, e assim que lhe tirasse a máscara Tyrell se daria conta disso. E, se não o visse na escuridão da noite, veria-o a luz do dia em qualquer outro momento.

Mas essa noite era mágica. Essa noite, Tyrell a achava preciosa. Essa noite, via-a como uma mulher. Lizzie sabia.

E, santo Deus, essa noite ela queria estar em seus braços. Só por uma noite. Tinha sonhado mil vezes com Tyrell de Warrenne, mas nunca tinha imaginado uma noite como aquela.

Se alguém descobrisse alguma vez (se sua mãe se inteirasse), estaria perdida. Mas ninguém tinha por que sabê-lo. A final de contas, Anna já tinha sido beijada mais de uma vez e só Georgie e ela sabiam.

De repente, Lizzie se decidiu. Estava quase toda sua vida apaixonada por ele, e, por indecoroso que fosse um beijo, aquela lembrança duraria sempre. deixou-se cair em um banco, tremendo. Faltavam duas horas para a meia-noite. Duas horas que pareciam uma eternidade.

— Lizzie!

Lizzie se sobressaltou ao ouvir o soluço angustiado de Anna. levantou-se do banco e viu que sua irmã corria para ela, chorando. Em seguida se alarmou.

— Querida, o que aconteceu? —perguntou.

— Menos mal que te encontrei! Um bruto derramou ponche por todo o meu vestido — disse Anna enquanto tentava conter as lágrimas—. Cheiro como um bêbado e mamãe insiste em que vá para casa — enxugou as lágrimas — Mas tive uma idéia, uma grande ideia. Você sempre odiou estas festas. Eu quero ficar, estou gostando tanto... Há uns oficiais tão interessantes... Sei que você quer ir para casa —Lizzie ficou boquiaberta. Estava consternada. Anna a agarrou pela mão—. Sei que não está se divertindo. Não é verdade que não quer ficar, que quer ir embora ?Além disso, só tem dezesseis anos, Lizzie. Deveria ser eu quem ficasse —acrescentou sua irmã com mais firmeza.

E Lizzie sentiu que a magia daquela noite se esfumava. Anna, naturalmente, devia ficar: Anna precisava um marido e ela, Lizzie, não. Além disso, quando tinha negado algo a sua irmã?

Mordeu o lábio, fechou os olhos e lutou contra seu coração. Uma parte de seu ser gritava indignada, rebelava-se. Lizzie se recordou que uma entrevista às escondidas era só isso, que Tyrell era unicamente o amante de seus sonhos, e que no dia seguinte a dor se apoderaria dela se, se atrevesse a seguir adiante essa noite.

— Lizzie? Tenho que ficar! De verdade! Gostei muito de um soldado e ele vai amanhã para Cork! —soluçou Anna.

A noite tinha sido mágica, em efeito, mas tinha acabado.

— Claro que quero ir. Aqui não sou mais que uma parva. Nada mudou —disse Lizzie energicamente—.Já sabe que odeio as festas e os bailes.

Anna sorriu e a abraçou.

— Obrigado, Lizzie, obrigado! Não se arrependerá!

Mas, curiosamente, Lizzie já se arrependia. Não precisava uma bola de cristal para saber que tinha tido uma oportunidade única, dessas que só acontecem uma vez na vida. Tinha vontade de chorar. Mas ela não era uma beleza como lady Marian e nunca o seria. Tyrell de Warrenne teria dado conta ao desmascará-la.

E, como Georgie havia dito pouco antes, Os de Warrenne não pertenciam a sua classe.

Que Tyrell a lembrasse assim, daquela noite singular e prodigiosa, se voltasse a pensar nela.

E, por alguma razão, Lizzie acreditava que talvez o fizesse.

UMA CRISE DE GRANDES PROPORÇÕES

Lizzie estava na cama, incapaz de levantar-se. Através da janela entreaberta, via o brilho do sol, que anunciava outro formoso dia. Mas, depois da noite extraordinária que acabava de passar, o dia não podia ser mais que ordinário e decepcionante. Lizzie ficou olhando o teto e recordou seu assombroso encontro da véspera com Tyrell. A seu lado, Anna dormia profundamente.

À luz do novo dia, Lizzie se sentia cheia de confusão e remorsos. Possivelmente deveria ter ficado no baile de máscaras e haver-se encontrado em segredo com Tyrell. Mas como ia desiludir Anna? Enquanto continuava deitada ali, continuava recordando o modo em que ele se apoiou contra a parede, quase cravando-a nela, tão perigosamente sedutor com sua máscara de pirata. Seu corpo vibrava, cheio de vida, e, nesse momento, tinha a impressão de que nada poderia aliviar o desejo febril que a afligia.

Anna suspirou em sonhos.

Lizzie também suspirou, com o olhar fixo ainda no teto caiado que em realidade não via. Não tinha fechado o olho toda a noite; tinha pensado nele sem cessar, em seu corpo e em como teriam sido seus beijos. Anna tinha retornado com o resto da família várias horas depois da meia-noite, e Lizzie a tinha ouvido mover-se pelo quarto que compartilhavam. Por fim tinha perguntado como tinha ido o baile.

— Mm, foi maravilhoso — havia dito Anna em tom estranho.

Lizzie se tinha sentado.

— Anna, encontra-se bem?

Anna tinha preferido não acender o abajur de azeite. Só usava na mão uma vela. Não se voltou. Estava de frente ao espelho de cima do penteadeira.

— Claro que sim. Por que pergunta? — deixou a vela e começou a despir-se.

Lizzie não se deitou. As três irmãs estavam muito unidas. Lizzie sabia que passava algo estranho. Notava uma espécie de tensão.

— Se divertiu esta noite?

— Sim, tive uma noite maravilhosa —respondeu Anna— por que pergunta?

Lizzie ficou surpreendida. Pediu desculpas e aquilo pôs fim à conversa.

Agora, em troca, não pensava em sua irmã, a não ser no estranho interesse que tinha mostrado Tyrell por ela. Recordou-se que, se tivesse ido encontrar-se com ele, Tyrell teria pedido que tirasse a máscara e imediatamente teria perdido o interesse por ela. Quantas vezes, ano após ano, o tinha visto na festa campestre do dia de São Patrício, rodeado de formosas mulheres? Sua reputação era conhecida de todos: Tyrell de Warenne não era um libertino extravagante, mas a Lizzie parecia evidente que preferia a beleza ao intelecto, como quase todos os homens. E embora não tivesse uma decepção depois de lhe tirar a máscara, nada teria saído de sua entrevista clandestina. Tyrell jamais a cortejaria. Um homem como ele nunca se casaria tão abaixo de suas possibilidades... e Lizzie não se acreditava capaz de manter uma aventura ilícita. Mesmo assim, podia imaginar como seria. E de repente Tyrell estava com ela na cama e deslizava as mãos por suas pernas, por sua cintura, por seus seios... E Lizzie se voltava para ele para beijá-lo...

Mas ele não estava ali e os lábios de Lizzie roçaram o travesseiro. Deitou-se de costas, tremendo. Não ia manter com ele uma aventura, nem que fosse o bastante amoral para desejá-lo. Tyrell era muito cavalheiro para brincar com uma senhorita tão jovem e bem educada como ela. Tudo mais que Lizzie podia esperar eram uns beijos ardentes no baile de máscaras.

Anna choramingou de repente em sonhos.

Lizzie se sentou, preocupada.

— Anna? Está sonhando?

Sua irmã se remecheu e murmurou algo. Quase parecia estar falando com outra pessoa. Era costume em casa dos Fitzgerald dormir até tarde depois do baile dos De Warrenne. Mesmo assim, Lizzie lhe tocou o braço.

— Anna? Está tendo um pesadelo —disse.

Anna abriu os olhos de repente e por um instante pareceu não ver sua irmã. Apesar de que estava desalinhada pelo sonho e usava o cabelo recolhido em uma trança, estava muito belo.

— Anna? Não foi mais que um sonho —disse Lizzie com voz tranquilizadora.

Anna piscou e por fim viu sua irmã e procurou esboçar um leve sorriso.

— Ai, querida. Obrigado, Lizzie. Estava tendo um pesadelo.

Lizzie decidiu levantar-se.

— O que estava sonhando? —aproximou-se do penteadeira e começou a desfazer trança.

— Não me lembro —Anna se tampou com as mantas até o queixo— Passei a noite dançando. Estou esgotada —disse e fechou os olhos para pôr fim à conversa.

Lizzie se deu por vencida e saiu do quarto sem fazer ruído. Depois de usar o banheiro, tropeçou com Georgie no corredor. Sua irmã estava completamente vestida e usava o cabelo recolhido para trás em um coque severo.

— Bom dia —Lizzie sorriu.

Georgie lhe devolveu o sorriso. pôs um vestido azul claro, muito singelo e sem nenhum adorno, nem sequer um alfinete.

— Veio embora antes que pudessemos conversar na festa —disse.

De repente, Lizzie sentiu o impulso de contatado.

— Deixe que me vista. Se reúna comigo embaixo!

Nunca tinha se vestido com tanta rapidez. Enquanto descia correndo as escadas, com o cabelo ainda solto, tentou imaginar a reação de Georgie pelos acontecimentos da noite

anterior. Sua irmã já estava sentada à mesa, bebendo uma taça de chá e comendo uma torrada, quando Lizzie entrou na cozinha quase sem fôlego.

— Não vai acreditar nisso e eu temo ter perdido uma oportunidade das que só se tem uma vez na vida!

Georgie levantou seus elegantes retrocede.

— Conheceu alguém?

Lizzie vacilou ao sentar-se, quando a donzela, que também fazia as vezes de cozinheira e lavadeira, serviu-lhe um prato com uma torrada, agradeceu, mas deixou o prato de lado e disse:

— Você teve sorte? Encontrou um novo pretendente?

Georgie sorriu com certa brincadeira dirigida para si mesmo.

— A quem vou enganar, Lizzie? Não é só minha estatura. Interessa-me a política mais do que me convém. Nenhum homem quer uma esposa que possa debater sobre a questão católica ou sobre os assuntos relacionados com as leis do trigo, o dízimo ou a união. Não, não tive sorte.

Lizzie titubeou. Logo tomou a mão de sua irmã.

— É a pessoa mais leal e sincera que conheço. Quero que seja feliz, Georgie. Por favor, não se case com um sapo como Peter Harold.

Sua irmã fez uma careta.

— Já veremos —disse, e Lizzie teve de repente um mal pressentimento. — Mas você parece ter grandes notícias.

Lizzie não pôde conter seu sorriso e contou quase com todos os detalhes seu encontro com Tyrell de Warrenne.

— E insistiu em que me encontrasse com ele nos jardins a meia-noite —concluiu quase sem fôlego.

Georgie a olhou com a boca aberta pelo assombro. Demorou um momento em responder.

— Acredito que gostou muito de você!

Lizzie moveu a cabeça de um lado a outro.

— Gostou muito de lady Marian, de uma moça atrevida que flertou impudicamente com ele.

— Mas foi você —disse Georgie, que tentava visivelmente conservar a calma.

— Não sei quem era —repôs Lizzie com franqueza. — Nunca antes tinha me comportado assim com um homem. Estava aturdida. Era quase como se estivesse fora de mim, escutando minhas próprias palavras.

Georgie a olhou com preocupação.

— Mas não foi. Partiu da casa e deixou seu traje com Anna.

Lizzie se mordeu o lábio.

— Tinha pavor que se tirasse a máscara tivesse uma desilusão. Mesmo assim, sim teria ido, teria me beijado, e desejo tanto que me beije, Georgie...

— Fez o que era certo —respondeu sua irmã com sua habitual energia— De uma relação assim não pode sair nada... a não ser que esteja disposta a manter uma aventura ilícita.

Lizzie ia insistir em que jamais faria tal coisa, mas recordou seus sonhos secretos e ficou sem palavras.

— Fez o que devia —repetiu Georgie. Começou a sorrir enquanto Lizzie se perguntava se tinha razão. — Mas triunfou, Lizzie. Impressionou-o e, se antes te achava uma tola, agora te admira, não há dúvida.

— Sim, parecia me admirar —disse Lizzie brandamente.

Mas, curiosamente, seus remorsos empanavam o prazer daquele triunfo.

— Onde está Anna? —perguntou sua mãe com severidade.

Lizzie acabava de entrar depois de um longo passeio matutino por um caminho próximo. Tinha tentado se distrair de suas fantasias, muito vívidas. Antes, Tyrell tinha sido para ela

uma fantasia prazeroso que evocava à sua vontade. Agora, aparecia a cada passo. Pôs de lado sua imagem e olhou a sua mãe.

— Aconteceu algo, mamãe? —perguntou com cautela.

— Sim, aconteceu algo —sua mãe se aproximou com decisão ao pé das escadas. — Anna! Por favor, desce imediatamente! Quero falar com Lizzie e com você.

Lizzie teve a clara impressão de que iam receber uma forte reprimenda.

Anna desceu as escadas com sua camisola branca, seu gorro de dormir e sua bata.

— Mamãe? —olhou a Lizzie com preocupação.—As duas no salão, se não se importarem —e entrou diante delas no quarto.

As irmãs voltaram a olhar-se e a seguiram docilmente. Sua mãe as esperava junto à porta, que fechou com energia. Depois, cruzou os braços.

— É verdade, Lizzie, que esteve flertando com um pirata? —perguntou com as bochechas tintas.

Lizzie piscou. Pela extremidade do olho, viu que Anna ruborizava. Naturalmente, não podia mentir.

— Sim.

Os olhos de sua mãe aumentaram.

— A senhora Holiday te viu no salão de jogos. Diz que paqueravam a olhos vistos.

— Acreditava que queria que paquerasse —disse Lizzie com supremo cuidado.

— Mas é claro! —exclamou sua mãe e, correndo para ela, agarrou-a pelas mãos. — Estou tão contente com você! Mas você —acrescentou, voltando-se para Anna. — Você tinha que haver ido depois do comportamento desavergonhado que presenciei. Se transformou em uma coquete incorrigível, senhorita, e isso eu não gosto. Eu não gosto! Vi essa valsa! meu Deus, mesmo em Almack nem sequer consentem as valsas. E depois me desobedeceu, a mim, sua mãe! Em vez de ir embora do baile, confabulou com sua irmã e arruinou o que poderia ser sua única oportunidade de casamento — Focou sua atenção em Lizzie, que estava perplexa e, ao mesmo tempo, um pouco preocupada com o estado de

agitação de sua mãe. — Quem era? —perguntou sua mãe. — Havia ao menos meia dúzia de piratas no baile. Quem era, Lizzie?

Lizzie engoliu a saliva. Sua mente funcionava a toda pressa. Se dizia a verdade a sua mãe, como se sentia obrigada a fazer, nem sequer conseguia imaginar o que faria ela. Talvez tentasse estupidamente casá-la, e Lizzie imaginava quão humilhante seria aquilo. Mas como ia mentir? voltou-se para olhar a sua irmã em busca de ajuda, mas Anna olhou para outro lado.

— Usava máscara, mamãe —disse com nervosismo — Não sei quem era.

— Não sabe? —exclamou sua mãe, atônita. — Por fim conhece um homem que se interessa por você, e a senhora Holiday diz que nunca presenciou tal grau de interesse, e não sabe quem é?

Lizzie fez uma careta.

— Não, não sei, mamãe.

— Anna! —exclamou sua mãe, furiosa. — Você tem montões de pretendentes cada vez que sai de casa! Como pôde? Era a vez de Lizzie.

Anna mordeu o lábio.

— Sinto muito —disse, e olhou a sua irmã. — Mamãe tem razão. Devia ter vindo embora e você deveria ter ficado.

— Achei que partir era o melhor —respondeu Lizzie com um sorriso, enquanto tocava o braço de Anna. — Não queria ficar, seriamente, e me alegro que você tenha ficado e que gostou.

Sua mãe levantou as mãos ao ar.

— Estes assuntos de tanta importância sou eu quem decide —declarou. — Lizzie tinha uma oportunidade de ouro. Como vai descobrir agora quem era seu pretendente?

Lizzie respirou fundo.

— Mamãe, não era um pretendente.

— Se estava tão impressionado com você, era um pretendente, claro que era. Terei que chegar ao fundo deste assunto. OH, espero que seja um soldado britânico de uma família rica e de bom nome! irei visitar a senhora Holiday esta tarde para lhe perguntar cada detalhe, até o último! E me acredite, descobrirei a identidade desse homem misterioso.

— Não é boa idéia, mamãe! —exclamou Lizzie.

— E por que não, senhorita? —perguntou sua mãe.

Mas a Lizzie não lhe aconteceu uma resposta acreditável.

Sua mãe era como um cão com um osso. Por mais que Lizzie protestasse, foi visitar a senhora Holiday, decidida a descobrir a identidade do presumido pretendente de sua filha menor.

Lizzie a viu afastar-se na carruagem, não sem temor. Georgie estava a seu lado.— O que farei se descobrir que estava flertando com Tyrell de Warene? —perguntou Lizzie em voz baixa.

Georgie respondeu com energia.

— Por que não enfrentamos a esse problema quando chegar? Pode ser que algum dos outros piratas da festa também vestissem negro — disse a Lizzie para reconfortá-la.

— Estou perdida —murmurou Lizzie. Assim que sua mãe descobrisse a verdade, ela seria conduzida a Adare, e não disfarçada de lady Marian. Mas Georgie interrompeu suas reflexões.

— Lizzie, não acha que Anna está se comportando de uma maneira um tanto estranha?

Lizzie se virou enquanto sua irmã ia sentar-se. Estavam no salão e Georgie estava remendando as meias três-quartos de seu pai, pois não podiam comprar uns novos quando ninguém veria os velhos. Lizzie queria poder ler, ou pelo menos tentar. Mas, com a súbita partida de sua mãe, só podia andar de um lado para outro, presa de uma agitação imprópria dela.

— Pode ser que esteja cansada por causa do baile. Nunca dorme a sesta, mas hoje exagerou.

— Passou quase toda a noite dançando, é verdade —comentou Georgie. — Mas tenho a impressão de que esta família é uma jaula de loucos.

Lizzie não podia estar mais de acordo. Embora não era muito dada a desanimar, voltou para junto da janela, como se ficar ali de pé pudesse fazer com que sua mãe voltasse logo.

— Tente não se preocupar —disse Georgie enquanto pegava agulha e linha.

Lizzie não respondeu, mas se sentou no sofá e tentou ler.

Três horas depois, sufocada de tão contente, sua mãe entrou em casa com um sorriso radiante.

— Lizzie! —gritou no meio do vestibule. — Georgina! Anna! Papai! Venham todos em seguida! Tenho notícias! Tenho notícias surpreendentes!

Lizzie sentiu que a alma caía aos pés. Rezava para que as notícias de sua mãe não tivessem nada a ver com ela. Seu pai saiu da biblioteca ao mesmo tempo que Georgie e ela deixavam a cozinha. Tinham passado a hora anterior cortando ervilhas, já que só tinham uma criada e Betty não podia fazer tudo sozinha. Anna desceu lentamente as escadas.

— Está bem? —perguntou Lizzie em voz baixa a Anna quando se reuniram com sua mãe, no vestíbulo.

— Sim, estou bem —disse Anna com um sorriso luminoso. — Só estava cansada, Lizzie. Sua mãe bateu palmas.

— Me escutem todos! Descobri a identidade do pirata de Lizzie! — exclamou. Lizzie ficou rígida. — Lizzie! Era sua excelência em pessoa! Santo Deus, estamos com sorte. Era Tyrell de Warenne!

Lizzie se sentiu desfalecer.

— Não —murmurou.

— OH, sim! —exclamou sua mãe enquanto batia palmas muito eufórica. — Tyrell de Warenne gostou muito de você!

Incapaz de falar, Lizzie lançou a Georgie um olhar suplicante.

Sua irmã deu um passo adiante.

— Mamãe, deve haver um engano. Todos sabemos que lorde Tyrell é muito aficionado à extrema beleza. Havia muitos piratas no baile. Não acredito que devamos tirar conclusões precipitadas do que diz a senhora Holiday.

— Tolices! —disse sua mãe. — Amanhã ao meio-dia iremos a Adare fazer uma visita à condessa —Lizzie deixou escapar um grito. —E não quero ouvir nenhum só protesto — acrescentou sua mãe com um olhar de advertência. — De ninguém. E digo muito sério.

— Não posso —murmurou Lizzie, sufocada pelo temor. Nenhum pesadelo seria pior que aquilo! Sua mãe pretendia conduzir a suas filhas a Adare e envergonhar toda a família. Lizzie já sentia tanta vergonha que desejava morrer. E o que era pior, Tyrell apareceria e Lizzie sabia que nem sequer a reconheceria. Não, olharia sua roliça figura e seus óculos e não sentiria nenhum interesse, nenhum absolutamente.

E sua mãe faria algo terrivelmente humilhante, sempre fazia. Arrumaria um modo ou outro para apresentar Lizzie e insinuaria a possibilidade de um casamento. Lizzie sentia desejos de deitar-se e morrer.

— Amanhã ao meio-dia —ordenou sua mãe. — Não penso mudar de opinião.

— Não posso fazer isso, mamãe —disse Lizzie em tom suplicante.

— Claro que pode! —sua mãe se aproximou dela e lhe deu umas palmadas nos ombros, como se aquele gesto pudesse a reconfortar. — Devemos agradecer à condessa por sua hospitalidade, não é certo?

Lizzie deixou escapar um gemido e se voltou para olhar Georgie em busca de ajuda. Sua irmã voltou a intervir.

— Mamãe —disse com calma e sensatez, — nunca fomos visitar a condessa. Sempre mandamos uma nota de agradecimento. Acredito que deveríamos continuar com o mesmo costume.

— Vou estabelecer um novo costume —repôs sua mãe.

— Mamãe, Georgie tem razão. E pode ser que a condessa esteja indisposta —disse Lizzie em tom de súplica. Mas sabia que nenhum rogo convenceria sua mãe.

— Se estiver indisposta, voltaremos depois de amanhã —sua mãe sorriu.

Georgie sacudiu a cabeça.

— Mamãe, sei o que deseja. Crê que Lizzie consiga agarrar Tyrell de Warrenne. Mas isso é impossível. Os Adare estão muito acima de nós. Embora Tyrell mostrasse interesse por ela, não sabia quem era. E um De Warrenne não se casaria com uma Fitzgerald.

— Perdoam-me? —perguntou Anna de repente.

— Não está contente por sua irmã? —perguntou sua mãe.

Amia assentiu com a cabeça.

— Sim, estou muito contente por Lizzie, mas estou doente, mamãe. Estou mal e não posso ir — e, com essas palavras, deu meia volta e subiu as escadas sem esperar permissão para sair.

Surpreendida por seu comportamento, sua mãe ficou, surpreendentemente por uma vez sem fala.

Lizzie estava tão aflita que não prestou atenção em Anna.

— Mamãe, por favor, não faça isto. Houve um terrível engano. Tyrell de Warrenne não me perseguiu. Eu saberia! Por favor, não me faça ir em sua casa.

— Vou me arrumar para o jantar —disse sua mãe tranquilamente, como se não a tivesse ouvido. Quando estava a ponto de subir as escadas, deteve-se—, Ah, Lizzie, ponha o vestido de ramalhetes verdes com o casaco de seda verde. O verde é uma das cores que melhor lhe assentam —sorriu. — E, francamente, melhor que Anna esteja mal, não acham? Não é necessário que venha conosco quando formos ver a condessa.

Aturdida, Lizzie a viu desaparecer escada acima. Georgie se aproximou dela e a rodeou com o braço.

— Ai, querida —murmurou. — Não acredito que haja um jeito de sair desta.

— O que vou fazer? Mamãe nos porá em ridículo, a todos, e se aparecer Tyrell... —Lizzie sentiu que suas bochechas ardiam. Não pôde continuar.

— Talvez possa ficar doente.

— Mamãe não deixará que escape, nem sequer embora esteja doente de verdade — soluçou Lizzie.

— Precisamos um milagre —decidiu Georgie.

Lizzie deixou escapar um gemido. Não acreditava em milagres, OH, não.

Mas o dia seguinte mudou por completo suas crenças, pois não só a condessa não estava em casa, mas também toda a família tinha abandonado o imóvel na tarde anterior. Foram para Londres e não tinham feito planos para data de volta.

Assombrada por sua boa sorte, Lizzie só confiava em que outros interesses atraíssem a atenção de sua mãe antes do retorno dos De Warrenne.

Era um dia frio e chuvoso de novembro. Lizzie se dispunha a limpar o salão quando chegou o livro que tinha pedido em uma livraria em Dublin. Com a escova ainda na mão, rasgou o pacote e sorriu ao ver o título: Razão e sensibilidade. Esquecida de suas tarefas, sentou-se e começou a ler imediatamente.

Ignorava por quanto tempo estava ali, envolvida na leitura quando ouviu chegar uma carruagem puxada por um cavalo. O ruído a fez voltar a si com um sobressalto. Fechou o livro, aproximou-se da janela e franziu o cenho ao ver que a avultada figura do Peter Harold descia da carruagem.

Esse mês, Harold tinha ido visitar Georgie todas as semanas, para desânimo de Lizzie. Sua irmã parecia resignada, embora falava pouco na presença daquele cavalheiro e, com um firme sorriso no rosto, permitia-o manter intermináveis monólogos. Lizzie foi à cozinha.

— Georgie, o senhor Harold está aqui.

Georgie estava depenando um frango. ficou parada e levantou lentamente a vista.

A Lizzie doía vê-la tão resignada.

— Me Deixe dizer que vá embora—suplicou. — Direi que está apaixonada por um jovem radical de Dublin!

Georgie se aproximou da pia e tirou o avental.

— É meu único pretendente, Lizzie. E até você ouviu mamãe queixar-se do quanto lhe custa respirar.

— O doutor Ryan diz que está perfeitamente bem —objetou Lizzie. — Começo a me perguntar se seus ataques não são uma forma de nos obrigar a fazer o que deseja muito.

Georgie se separou da pia.

— Eu também me perguntei isso, mas importa em realidade? Todos acreditávamos que Anna já estaria comprometida a estas alturas, e não está. Somos cinco bocas para alimentar. Uma carga excessiva para nossos pais. Alguém tem que dar o primeiro passo, não acredita?

Lizzie franziu o cenho quando o senhor Harold bateu na porta.

— Anna se casará antes que chegue o verão. Só tem que decidir-se por um de seus pretendentes.

— Anna é muito volúvel —disse Georgie em voz mais baixa. Vacilou e acrescentou—: O senhor Harold me confessou outro dia que tem uma renda de quinhentas libras ao ano.

Lizzie piscou. Era uma soma muito respeitável, certamente.

— Mas cheira a vinho —disse—, e nem sequer é protestante, é um dissidente.

Georgie saiu da cozinha.

— Pode ser, mas ao menos suas opiniões políticas não me parecem ofensivas.

Lizzie a seguiu.

— Mas se nem tem opiniões políticas! —tinha presenciado os intentos de Georgie para levar a conversa com senhor Harold a assuntos políticos, e a única coisa que havia dito seu pretendente era que a luta beneficiava a seu negócio; não era um defensor da guerra, mas os preços do vinho nunca tinham estado tão altos.

Georgie não lhe fez caso e pôs um sorriso ao abrir a porta. Lizzie deu meia volta, aflita, embora não se resignasse ao destino de sua irmã.

Quando as geladas noites de inverno ocuparam o lugar dos frios dias de novembro, houve um giro assombroso do destino, pois no início de dezembro um belo e jovem soldado britânico se apresentou na casa dos Fitzgerald para visitar a Anna. O tenente Thomas Morely estava destinado a servir nos subúrbios de Cork, mas ao que parece tinha conhecido Anna no baile de Todos os Santos e tinha escrito sempre a ela, o que explicava o sorriso sonhador que Anna mostrava há algum tempo. O tenente, que tinha uma semana de licença, ficou em Limerick e foi visitá-la todos os dias. A senhora Fitzgerald se apressou a fazer averiguações e descobriu que Morely procedia de uma família antiga e de renome e que suas rendas subiam a oitocentas libras ao ano. Anna podia viver desafogadamente com essa soma. E não havia dúvida de que o jovem tenente a cortejava seriamente. Lizzie cruzou os dedos e esperou o melhor, consciente de que aquilo podia aliviar a pressão sobre Georgie. Quando Thomas retornou junto a seu regimento, Anna chorou e passou uma semana perambulando tristemente pela casa.

Depois, Thomas Morely voltou na véspera do Natal.

— Anna! —exclamou Lizzie, que estava junto à janela, ao ver desmontar ao oficial loiro e narigudo—. Se apresse, é o tenente Morely!

Estavam no salão. Anna, que estava costurando, ficou paralisada de repente e empalideceu, logo se levantou de um salto e se esqueceu de seu trabalho.

— Está certa, Lizzie? Tem certeza que é Thomas?

Lizzie assentiu, encantada por sua irmã.

Anna deixou escapar um grito de alegria e correu escada acima para mudar de vestido e se pentear. Essa noite, o tenente Morely se declarou.

No anúncio de seu compromisso à família, abriu uma garrafa de champanhe. Anna e Thomas seguraram as mãos, ambos ruborizados de alegria, e houve sorrisos em toda parte.

— Por uma união longa e venturosa —disse seu pai, levantando uma taça. — E pacífica —pisçou a Lizzie.

Lizzie correu para a Anna e a abraçou com força.

— Estou tão feliz por você... —disse, e se deu conta de que estava chorando de alegria— Mas vou sentir tanto sua falta quando se casar.

Anna também começou a chorar.

— Eu também sentirei sua falta, de Georgie. De todos! A casa do Thomas é em Derbyshire. Terão que ir me visitar todos os anos, insisto nisso —se virou para seu noivo. Não é mesmo que não se incomodará?

— Nunca me incomodará nada do que faça —respondeu Thomas galantemente. Lizzie sabia que estava apaixonado e que falava com sinceridade. Não podia afastar os olhos de sua noiva.

— Que dia tão maravilhoso! —exclamou sua mãe enquanto limpava os olhos com um lenço de linho. — Ai, Georgina Mai, rezo para que você seja a seguinte.

Georgie se enrijeceu. Lizzie a olhou. Essa manhã, o senhor Harold tinha deixado em casa um presente de Natal para ela, sinal seguro de suas intenções, pois tinha dado a ela uma formosa mantilha de botões. Georgie conseguiu sorrir de algum jeito, mas seu sorriso era triste.

O tenente Morely partiu no dia seguinte com a promessa de escrever todas as semanas. E pouco depois do Ano Novo, chegaram até eles os falatórios.

O conde de Adare estava em negociações para casar a seu filho mais velho com a herdeira de uma poderosa família inglesa, uma união extremamente vantajosa. Georgie levou Lizzie para ter uma conversa nessa tarde. Era um dia de vento, úmido e cinza de inverno.

— Está bem? —perguntou, preocupada.

Lizzie se sentia doente. Entretanto, não se enganava. Sabia que nunca voltaria a ter um encontro com Tyrell de Warenne como o que tinha acontecido no baile. Mesmo assim, sentia-se como se tivesse tomado um soco no peito.

— Estou bem —disse, abatida.

— Lizzie, deve se esquecer dele. Não é para você.

— Sei —disse Lizzie. Mas como podia esquecê-lo quando continuava sonhando com ele cada noite, quando Tyrell entrava em seus pensamentos inclusive a plena luz do dia e punha em chamas seu corpo?

— Quero que seja feliz —sussurrou, e era certo.

O casamento de Anna estava marcado para o início de setembro, e a senhora Fitzgerald se inundou nos preparativos com grande deleite. Decidiu finalmente que a cerimônia seria realizada em Derbyshire. Anna estava claramente apaixonada e nunca tinha parecido tão feliz. Mas uma noite, no fim de janeiro, Lizzie despertou confusa, pois sua irmã soluçava na cama do lado.

— Anna? —alargou o braço para ela. — O que aconteceu, querida? Teve um sonho ruim?

Anna saltou imediatamente da cama e correu à lareira, onde crepitava um pequeno fogo. Demorou um instante em responder e Lizzie ouviu seu fôlego entrecortado.

— Sim —disse Anna com um soluço. — Foi um sonho, um sonho terrível. Sinto ter te despertado, Lizzie.

Lizzie teve a estranha sensação de que estava mentindo, mas deixou passar o assunto até finais dessa semana. Uma manhã luminosa e terrivelmente fria de fevereiro, encontrou a Anna passeando pelo jardim, envolta em seu casaco, com a cabeça encurvada. Tinha uma postura estranha. Alarmada, Lizzie pôs rapidamente um xale sobre os ombros e correu fora, tremendo.

— Anna, o que está fazendo? Faz muito frio aqui fora —disse — vai pegar uma pneumonia!

Anna não respondeu e se afastou apertando o passo.

Lizzie correu atrás dela, preocupada, e a agarrou pelo braço.

— Não me ouviu? —perguntou, obrigando-a voltar-se. E deixou escapar um gemido de surpresa ao ver seu rosto molhado de lágrimas. — O que aconteceu? —abraçou imediatamente a sua irmã. Anna se deixou abraçar, mas parecia incapaz de articular palavra. — Anna... —Lizzie retrocedeu—. O que aconteceu? É por Thomas?

Anna negou com a cabeça.

— Não, Thomas está bem —sussurrou tristemente.

Lizzie ficou olhando-a. Se Thomas estava bem, o que era que acontecia? Anna estava apaixonada, planejava casar-se.

— Por favor, me diga o que aconteceu. Sei que ontem à noite estava chorando e não era por um pesadelo.

Anna tremia e Lizzie não acreditava que fosse pelo frio. As lágrimas voltaram a correr por seu rosto.

— Não sei o que fazer. Estou perdida —disse sua irmã em voz baixa. E logo começou a soluçar tapando a boca com a mão, como se seu coração estivesse destruído.

Lizzie a rodeou com o braço, cheia de preocupação.

— Vamos, querida, vamos para dentro. Podemos falar disto no salão ...

— Não! —soluçou Anna, com os olhos dilatados pelo medo. — Não há nada do que falar, Lizzie. Minha vida acabou! — dobrou-se pela cintura e seguiu soluçando desconsoladamente.

Lizzie nunca havia sentido tanto medo. Abraçou a sua irmã e de algum modo conseguiu levá-la a um banco no caramanchão que havia atrás da casa. Obrigou-a a sentar-se e se sentou a seu lado, segurando suas mãos.

— Está doente? —perguntou com suavidade enquanto tentava conservar a calma.

Anna levantou a vista.

— Estou grávida —disse.

Lizzie acreditou ter ouvido mal.

— Como disse?

— Estou grávida —repetiu Anna, e voltou a romper em soluços.

Lizzie nunca tinha se sentido tão perplexa. Enquanto Anna chorava, apertou-lhe a mão e tentou pensar.

— Sua vida não acabou. Ama a Thomas e estas coisas acontecem. Quando nascerá o menino? —mesmo assim, custava acreditar que sua irmã tivesse permitido a Thomas tais liberdades antes do casamento.

Anna respondeu sem levantar a vista:

— Em julho —o casamento estava marcado para cinco de setembro. — OH, o que vou fazer! —soluçou.

A gravidade da situação assaltou a Lizzie nesse instante. O bebê devia nascer pouco antes do casamento. Anna ficaria completamente arruinada, teria fechadas todas as portas. Lizzie tragou saliva, quase enjoada pela magnitude da crise que confrontavam. Logo aconteceu uma solução.

— Basta que antecipe o casamento, para maio, possivelmente. Naturalmente, terá que ir para longe para ter o bebê, e só Thomas, você e eu saberemos a verdade —sorriu, mas Anna a olhou com tal aflição que Lizzie sentiu que seu sorriso se desvanecia. O medo se apoderou dela. Disse lentamente. — Não disse a Thomas?

A expressão da Anna não mudou. Abriu a boca para falar e fracassou. Fechou os olhos e resmungou.

— O menino não é dele.

O coração de Lizzie deu um salto. Estava tão atônita que não podia falar.

Anna se voltou e sufocou um soluço.

— Minha vida acabou, Lizzie. Estou a ponto de perder tudo. Também a Thomas. Meu Deus!

Lizzie mal podia pensar. Mas, enquanto permanecia ali sentada, doente por sua irmã e cheia de temor, e as idéias se atropelavam desordenadamente em sua cabeça, perguntou-se como podia ter acontecido aquilo. Anna queria a Thomas. Como podia ter aceito outro homem em sua cama?

— Quem é o pai? —ouviu-se perguntar.

Anna sacudiu a cabeça sem olhá-la.

Lizzie tentou conservar a compostura. Todo mundo cometia erros. Talvez algum dia Anna lhe dissesse como tinha podido cometer aquele. Mas não importava quem fosse o pai. De fato, nem sequer era assunto dele. Mesmo assim, não podia evitar perguntar quem tinha desonrado a sua irmã o outono anterior. Não tinha nem a mais remota idéia. Anna tinha tantos admiradores...

O que importava era encontrar uma solução para aquela terrível crise. O que podiam fazer para impedir a desonra de Anna? Lizzie umedeceu os lábios.

— Necessito um momento para pensar.

— Lizzie, o que aconteceu foi um terrível erro —soluçou a Anna, voltando-se bruscamente para olhá-la—. Aconteceu antes de que Thomas e eu ficassemos noivos. Sei que não entende, porque nunca a beijaram. Mas um beijo levou a outro e a outro... Sinto tanto!

Lizzie assentiu com a cabeça. Mesmo assim, havia outra pergunta que devia formular.

— O pai da criança sabe disso?

Anna negou com a cabeça.

— Não, não tem nem idéia.

— Anna, apesar de seu compromisso, casaria-se com ele se pudesse?

— Ele jamais se rebaixaria a casar-se comigo! —respondeu sua irmã, e Lizzie se sentiu não pouco consternada. Evidentemente, o pai do menino era um nobre de alta classe—.

Lizzie, sei que duvidará de mim, mas quero Thomas seriamente. Sei que me tinha apaixonado outras vezes, mas nunca havia sentido isto antes.

Lizzie olhou com amargura a sua bela irmã.

— Como vou duvidar de você? Nunca tinha te visto tão feliz como ultimamente —disse sinceramente. Anna tinha todo o direito a desfrutar de uma vida maravilhosa com o homem que amava. Aquele terrível erro não devia arruiná-la. Lizzie respirou fundo e olhou a sua irmã. Ali mesmo se decidiu.

— O que acontece? —sussurrou Anna, com os olhos como pratos—. Nunca tinha te visto tão decidida.

Lizzie se levantou, endireitou os ombros e se sentiu como se estivesse a ponto de entrar em batalha.

— Vou encontrar uma solução para isto, Anna. Dou minha palavra! Não tema, se casará com Thomas e ninguém, ninguém, saberá nunca dessa criança.

UM CONTATO IMPORTANTE

A carta chegou na semana seguinte. Assim que sua mãe viu o carimbo, entrou em estado de êxtase e ordenou que se reunissem todos no salão para poder ler seu conteúdo.

— Fazia tanto tempo que não tínhamos notícias de sua querida tia Eleanor...! — exclamou, com as bochechas ruborizadas pela emoção. Eleanor de Barry não só era rica (se rumoreava que suas rendas subiam a cem mil libras anuais, e ainda não tinha nomeado herdeiros), mas sim também era notoriamente excêntrica, franca e freqüentemente desagradável. Mesmo assim, tanto por motivos sociais como econômicos, a senhora Fitzgerald cuidava como ouro em pano tão importante contato. — Espero que queira nos fazer uma visita... ou, melhor, que nos convide a Dublin ou a Glen Barry!

— Mamãe, deveria acalmar — disse Georgie com firmeza quando entraram no salão.

— Estou perfeitamente! Nunca estive melhor! Papai! — gritou sua mãe — Vêem o salão! Eleanor escreveu! OH, suspeito que nos faz um convite para visitá-la. Faz mais de um ano e meio que não a vemos! — sorriu a suas três filhas, todas a tinham seguido ao salão.

Lizzie só esboçou um sorriso e se sentou, cruzando cuidadosamente as mãos sobre o regaço enquanto procurava evitar o olhar da Anna. Sua irmã estava muito corada, indubitavelmente devido à má consciência.

A carta belamente escrita de Eleanor era falsificada.

Das irmãs, só Georgie não sabia. Georgie podia ser muito correta e severa, assim não haviam contado ainda sobre a Anna. Lizzie pensava fazê-lo em Dublin, no caso de Georgie não aprovar seu subterfúgio.

— Estou certa de que é um convite — disse Georgie, e Lizzie compreendeu que tentava fingir que aquilo não lhe interessava. Mas seu tom comedido contrastava com o brilho de seu olhar. — Faz muito tempo que não nos vemos — Georgie a olhou, e Lizzie esboçou um sorriso. Sabia o quanto sua irmã gostava de Dublin. A última vez que tinham ido visitar sua

tia, tinha sido porque Eleanor se apresentou inesperadamente em Raven Hall e ficou três semanas. Fazia anos que não recebiam um convite para visitar sua luxuosa casa em Merrion Square.

Sua mãe começou a abanar-se com a carta.

— Onde está papai? Ah, eu adoro Dublin! — declarou.

Anna sorriu ligeiramente a Lizzie, mas esta se apressou a afastar o olhar.

— A tia Eleanor está acostumada a nos convidar a Glen Barry, no Wicklow — disse com calma, embora seu coração pulsava desbocado.

— Sim, mas em julho ou agosto. Estou certa de que nos pede para irmos a Dublin, por isso estou tão emocionada. Sem dúvida haverá cavalheiros interessantes na cidade, embora os melhores estejam em Londres — sua mãe continuava abanando-se energicamente com a carta. — Papai!

Seu pai entrou nesse momento no salão apoiado em sua bengala. Essa semana, o joelho doía mais do que de costume.

— Mamãe, não estou surdo. Assim recebemos um convite de minha irmã?

— Isso espero — disse sua esposa, e começou a ler rapidamente. Lizzie resistia a olhar para Anna. — Está com data de cinco dias — exclamou sua mãe. — Oxalá tivéssemos um sistema de correios como o inglês!

— Mamãe, leia em voz alta — disse Georgie brandamente.

— «Meu queridos Gerald e Lydia — leu sua mãe — espero que a presente carta os encontre com boa saúde. decidi que é hora de voltar a nos ver. Não me encontro muito bem e desejaria que suas três filhas me atendam até que meu estado de saúde melhore. Segundo meus médicos, passarão vários meses até que isso ocorra. Espero a Georgina Mai, Annabelle Louise e Elizabeth Anna em Merrion Square a semana que vem. Com meus melhores desejos, Eleanor Fitzgerald de Barry».

As sobrancelhas de sua mãe tinham ido elevando-se por momentos devido à incredulidade. Lizzie tentou respirar, certa de que sua mãe ia dar-se conta de que o convite era uma fraude.

— Só convidou às meninas — disse sua mãe, desiludida.

— E não diz o que tem — comentou seu pai, pensativo.

Georgie se levantou.

— Deseja que a acompanhemos vários meses?

Lizzie também ficou em pé.

— Naturalmente, se estiver doente, devemos ir cuidar dela, mamãe. Georgie e eu faremos os preparativos imediatamente. Iremos em navio pelo Grande Canal. Estaremos ali dentro de um par de dias.

Seu pai se aproximou de sua mãe e lhe deu uns tapinhas no ombro.

— É uma grande ocasião para nossas filhas, mamãe —disse— Normalmente só nos convida um par de semanas. Se Eleanor não se encontra bem, as meninas poderiam ficar uma longa temporada.

Sua esposa o olhou. A cor tinha voltado para suas bochechas.

— Querido, tem razão! É um golpe de sorte! Em Dublin há muito mais oportunidades que aqui, no campo!

Anna começou a choramingar de repente. Lizzie fez uma careta enquanto sua irmã exclamava:

— Mas e Thomas? Dublin está tão longe que não poderá ir visitar-me — tinha as bochechas coradas.

Sua mãe titubeou.

Lizzie disse:

— Querida, todos sabemos que a distância entenece o coração.

— Sim, isso é certo —disse sua mãe, ficando em pé — E agora que você está comprometida, sem dúvida irá querer que suas irmãs também se estabeleçam. Na cidade haverá muitos mais bailes e festas que aqui.

Anna parecia abatida.

— Claro que quero que minhas irmãs encontrem um marido —murmurou com o olhar baixo e as bochechas ruborizadas. Estava mais arredondada, embora ninguém parecia ter reparado em seu aumento de peso.

— Mamãe, eu não posso ir —disse Georgie de repente— É muito tempo. Precisa de mim aqui.

Lizzie estava atônita. No que estava pensando sua irmã?

Sua mãe se voltou para ela com o cenho franzido.

— O senhor Harold não se declarou, embora haja dado todas as amostras possíveis de que essa é sua intenção. Tem razão. Não pode ir. Ao menos, até dentro de uns meses. Deve ficar aqui e apanhá-lo.

— Mas mamãe! Georgie pode encontrar um pretendente melhor em Dublin —exclamou Lizzie, perplexa. Estava decidida a afastar Georgie de Peter Harold quanto fora possível.

Sua mãe levantou as sobrancelhas.

— O senhor Harold é um partido excelente. Pode ser que não seja nobre, que seja comerciante de vinhos e um dissidente, mas está muito bem financeiramente e é o pretendente mais sério que sua irmã já teve. Não, quanto mais penso, mais me convenço de que Georgie deve ficar. Você irá a Dublin com Anna para acompanhar a sua tia. De fato, se for a única irmã casadeira que fica, isto aumentará muito suas possibilidades de se casar.

Georgie parecia resignada.

— Embora não vá, ajudarei a Lizzie a preparar a viagem.

Lizzie olhou a Anna com impotência. Sua irmã lhe devolveu o olhar e fixou logo a vista na carta falsificada.

— Vou escrever a Thomas para explicar o motivo de minha ausência —exclamou, ficando em pé— E, se formos imediatamente, temos que começar a fazer as malas, Lizzie —saiu apressadamente do quarto.

— Não esqueçam de pôr na mala sua melhor roupa —gritou sua mãe atrás dela.

Lizzie entrou no dormitório que compartilhava com Anna, consciente de que toda a família estava na planta baixa. Fechou a porta e falou em um sussurro.

— No momento, mamãe acredita de verdade que nos convidaram a Merrion Square.

Anna assentiu com a cabeça; tinha os olhos dilatados e estava sem fôlego.

— Ela acreditou em tudo. E Georgie também — mordeu o lábio—. Mas mamãe não deixará que venha conosco.

Lizzie assentiu com a cabeça. Odiava enganar aos outros, sobre tudo a Georgie, mas era muito arriscado lhe falar do estado de Anna até que não tivessem abandonado Raven Hall.

Anna ficou olhando-a.

— OH, Lizzie, não sei como te agradecer! —vacilou—, Mas o que faremos agora? Estou certa de que esse odioso Peter Harold pensa declarar-se e, se Georgie ficar, acabará casada com ele.

Lizzie também acreditava no iminente compromisso de sua irmã.

— Tentarei convencer a Georgie que rechace ao senhor Harold. Você estará casada em setembro. Não é necessário que Georgie se precipite a aceitar uma união tão desagradável.

Anna tinha se aproximado do armário e o estava abrindo.

— Sempre estarei em dívida com você por isso —disse.

— Não me deve nada —respondeu Lizzie enquanto pensava nos obstáculos que tinham pela frente.

Anna não disse nada e tirou um montão de roupa íntima do armário.

Lizzie se sentou na beirada da cama e retorceu as mãos. Ambas estavam aterrorizadas por sua chegada a Merrion Square. Sua tia era uma mulher fria, distante e enérgica, carente por completo de amabilidade. Lizzie não se enganava. Eleanor se zangaria ao vê-las se apresentar em sua casa, e era possível que as despedisse imediatamente.

De algum modo tinham que convencê-la para que as deixasse ficar.

Anna intuiu o que estava pensando.

— Se não nos despedir em seguida, fará quando souber do meu estado —de repente pôs-se a chorar.—Só uma bruxa sem coração faria tal coisa —respondeu Lizzie— vai jogar nos à rua, sós e sem um penique? Não, verá-se obrigada a nos dar abrigo, Anna. Se não estivesse certa, não iríamos a Dublin.

Anna inalou entrecortadamente.

— Nunca foi amável, nenhuma só vez que eu me lembre.

— Somos sua família — disse Lizzie, desesperada — Como diria Georgie, vamos passo a passo. Mamãe acreditou que a carta era autêntica, assim devemos fazer as malas. Nos preocuparemos em como vai nos receber tia Eleanor quando chegarmos a Merrion Square, e o que fará quando descobrir seu estado quando chegar o momento de lhe dizer a verdade.

— Pelo menos não vamos mal de tempo —disse Anna com voz rouca—. Chegaremos a Dublin antes de meados de março.

— Sim —disse Lizzie. As duas irmãs se olharam com pesar.

Os olhos da Anna se encheram de lágrimas.

Lizzie a rodeou com o braço.

— Terei quatro meses inteiros para encontrar uma boa família que adote o bebê — murmurou.

Anna assentiu com a cabeça enquanto se enxugava as lágrimas.

Lizzie vacilou.

— Não resta outra saída, a não ser que diga a Thomas a verdade e aceite o que tem feito.

— Não posso dizer. — sussurrou Anna — Nenhum homem aceitaria tal noiva.

Lizzie estava certa de que Thomas romperia seu compromisso com Anna se soubesse que estava esperando um filho de outro homem.

— Vamos fazer o correto. O único que podemos fazer —murmurou.

— Mas me prometa que encontraremos um bom lar para o bebê —disse Anna.

— Prometo-lhe isso.

Anna a olhou um momento; depois enxugou os olhos e voltou a aproximar-se do armário.

— Vou fazer sua mala, Lizzie.

— Não, nada disso. Já está fatigada e sem fôlego.

— Não me importa, e menos ainda depois de tudo o que tem feito por mim.

— Nego-me a aceitar —disse Lizzie.

De repente bateram na porta. Lizzie e Anna ficaram paralisadas. Depois, Lizzie respirou e disse alegremente:

— Entre.

Georgie entrou com o cenho franzido.

— Por quê a porta está fechada? Do que estavam murmurando?

Lizzie se fingiu surpreendida.

— Não estávamos murmurando.

Georgie cruzou os braços, carrancuda.

— Estão muito estranhas há uns dias. Está acontecendo alguma coisa, verdade? Algo que não me contaram.

— Não acontece nada —disse Lizzie com firmeza — Mas, Georgie, sei que quer vir conosco. Tem que se afastar desse velho sapo do Peter Harold antes que te peça em casamento. E adora Dublin!

Georgie franziu os lábios e seus olhos se escureceram.

— Preocupa-me a saúde de mamãe. Se for com vocês, não haverá ninguém que cuide dela , e que se assegure de que descansa e come bem. Não posso abandoná-la vários meses.

Lizzie compreendeu que, de novo, Georgie tinha tomado uma decisão. E não havia ninguém mais obstinado que sua irmã.

— Mas e se o senhor Harold se declarar?

Georgie cruzou os braços.

— Está a meses me visitando. Pode ser que ele também se dê conta de que nosso casamento não sejam um boa idéia.

— Isso não é uma resposta —insistiu Lizzie.

Georgie se ruborizou.

— O que quer que diga? Que vou recusá-lo? Se pedir minha mão, terei que pensar muito seriamente em meu futuro. Duvido que receba outra oferta de casamento. Tento com todas minhas forças ter simpatia com ele — Lizzie e Anna se olharam com desalento — Estarei bem — disse Georgie com calma — Além disso, mamãe tem razão, isto melhorará as oportunidades de Lizzie encontrar um bom marido —tentou compor um sorriso e fracassou. — Bom, vou ajudar vocês a fazer as malas.

Lizzie a agarrou por cotovelo.

— Mas eu não quero me casar com ninguém.

Georgie levantou as sobrancelhas.

— Isso é só porque ainda não se apaixonou.

Lizzie deu meia volta e se lembrou dos olhos abrasadores de Tyrell de Warrenne apoiado na parede, encurralando-a no baile de máscaras.

— Não estará sonhando outra vez com Tyrell de Warrenne? —perguntou Georgie.

Lizzie titubeou. Nunca tinha deixado de sonhar com Tyrell, nem um só dia nos quatro meses anteriores.

— Claro que não —disse.

— Lizzie, eu estava com mamãe quando sir James mencionou que Os de Warene foram a Wicklowe — disse Georgie. Wicklowe era a casa solar dos De Warene, que não terei que confundir com o Wicklow, o condado em que estava situada. Georgie titubeou — Tyrell conseguiu um posto importante no Tesouro, Lizzie, um posto muito importante.

Lizzie se sentiu desfalecer. Tyrell estaria em Dublin, ocupando um posto importante no governo? Céu santo! Não podia confrontar aquilo agora, quando a situação da Anna era uma carga tão imensa e temível.

— Não seja tola, Georgie — disse. — Não tornei a pensar nele desde outubro. Tenho coisas mais importantes na cabeça —pela extremidade do olho, viu que Anna empalidecia. Lizzie ignorava como ela podia aparentar tanta calma.

— Como quais? —perguntou Georgie, receosa.

Lizzie sorriu com firmeza.

— Como te salvar de um destino pior que a morte. Agora, por que não nos ajuda? Temos muito que fazer e muito pouco tempo.

O cais do Grande Canal de Dublin estavam a sul do rio Liffey e a umas poucas quadras de Merrion Square, o qual era uma coincidência muito conveniente. As irmãs tinham completado a viagem em uma barca em apenas quatro dias. achavam-se agora no cais, agarradas a suas bolsas de mão, enquanto um marinheiro ia empilhando seus baús e malas junto a elas. olharam-se com crescente apreensão. Anna estava muito pálida. Lizzie sabia que ela devia estar tão branca como sua irmã.

— Não nos aceitará em sua casa sem nos ter convidado e chegando sem avisar — resmungou Anna sem mal mover os lábios.

— Claro que sim. Somos sua família — insistiu Lizzie, mas o coração pulsava como se tivesse corrido a toda velocidade. A única coisa que tinha que fazer era parar um carro de

aluguel e em questão de minutos estariam frente a porta da Eleanor. Lizzie se deu conta de que estava tremendo.

— Nunca gostou de mim — choramingou Anna. — E sempre soube.

Lizzie a olhou com surpresa.

— Claro que gosta de você. Vamos, não deve pensar no pior. Ainda não — disse, e pegou sua mão.

— Pelo menos temos um par de libras, o suficiente para alugar um quarto, se for necessário — soluçou Anna.

— Não sera preciso — disse Lizzie energicamente, negando-se a pensar outra coisa. Eleanor se incomodaria em vê-las, mas, além disso, Lizzie não conseguia imaginar o que aconteceria... exceto que estava decidida a convencer a sua tia de que lhes permitisse ficar em sua casa—. Vejo um carro! Espera aqui — disse, e correu pelo embarcadouro.

O chofer aceitou encantado as levar e carregou alegremente seus baús. Uns instantes depois estavam em Merrion Square, praça que albergava as residências mais luxuosas de Dublin. deram-se as mãos quando o carro se deteve frente a casa de Eleanor, uma imensa mansão de pedra calcária no lado norte do parque. Colunas adornavam a espaçosa entrada, sobre a qual se usava um majestoso portico. A casa tinha quatro andares com vários terraços e balcões que davam à praça. O parque estava cheio de imaculadas campos de grama, canteiros floridos e atalhos de pedras, mas Lizzie não via nada daquilo. Olhava fixamente a casa, consumida pelo medo e a ansiedade.

— Senhoras? Desci suas malas — disse o chofer da calçada.

Lizzie se deu conta de que tinha aberto a porta do carro. Desceu com sua ajuda, seguida de Anna, e o pagou rapidamente a tarifa que tinham combinado. Enquanto o carro se afastava, Anna e ela se olharam com desalento.

Lizzie mordeu o lábio.

— Pois, já estamos aqui. Sorria, Anna, como se não passasse nada, como se devêssemos visitar a cidade e só passássemos para ver nossa querida tia.

Anna expressou o que pensava a Lizzie quando sussurrou com desespero:

— Mas e se nem sequer nos deixar entrar?

— Tem que deixar —respondeu Lizzie com firmeza—. Me nego a aceitar um não por resposta.

— Que valente se tornou —disse Anna, que parecia a ponto de chorar.

Lizzie tomou sua mão com a esperança de reconfortá-la, embora estivesse tão assustada como sua irmã.

— Parece uma francesa a caminho da guilhotina — disse — E isso não nos servirá de nada.

Anna assentiu, afligida.

Com os baús na rua, subiram a escada, passaram junto a um par de imponentes estatuas de leões de tamanho natural, cruzaram o pórtico e se aproximaram da porta principal, onde montava guarda um laçao com libré. O laçao inclinou a cabeça e abriu a porta de carvalho lavrado. Lizzie se deu conta de que continuava segurando a mão de Anna, sinal seguro de sua ansiedade, e a soltou quando entraram em um vestíbulo circular com chão de mármore branco e negro e um enorme candelabro de cristal e ouro. Frente a elas se achava uma escada curva. Apareceu um servente e Lizzie entregou seu cartão de visita.

— Bom dia, Leclerc —disse com um leve sorriso—. Por favor, diga a nossa tia que estamos aqui —e, enquanto falava, ouviu a voz estridente de sua tia procedente de um salão próximo, e a risada cálida de um cavalheiro.

— Certamente, mademoiselle —disse o mordomo, e partiu com uma reverência.

— A tia Eleanor tem visita —sussurrou Anna com nervosismo.

— Então terá que tomar cuidado com suas maneiras —respondeu Lizzie, embora sabia que Eleanor nunca cuidava de suas maneiras. Era tão rica que podia dizer e fazer o que desejasse. O fato de não ter nomeado nunca herdeiro tampouco a prejudicava. Semelhante opção divertia imensamente à alta sociedade.

A voz da Eleanor se elevou, irada e aguda, rompendo o silêncio.

— Digo que... O que? Que minhas sobrinhas estão aqui? Aqui? Que sobrinhas, Leclerc? —Lizzie e Anna se olharam com preocupação—. Eu não convidei nenhum parente —gritou Eleanor—. as Despeça! Diga que se vão imediatamente!

Lizzie ficou boquiaberta de incredulidade. Nem sequer ia vê-las? Entretanto, um momento depois ouviu o som dos sapatos de sua tia no chão e Eleanor apareceu por um dos arcos do vestíbulo, com uma expressão cheia de ira e perplexidade. Lizzie sentiu seu coração saltar, mas rapidamente recompôs o semblante com a esperança de parecer amável. Logo se deu conta de que um cavalheiro alto e loiro acompanhava a sua tia.

— Posso saber o que é isto? —perguntou asperamente Eleanor.

Lizzie se adiantou corajosamente e fez uma reverência, consciente de que estava tremendo.

— Bom dia, tia Eleanor. Viemos visitar a cidade para fazer uma viagem da primavera e mamãe nos pediu que passássemos para saudá-la. Confiamos que esteja bem.

— Bem? Uma viagem da primavera? Que bobagens são essas? —replicou Eleanor, sufocada pela ira mas visivelmente surpreendida. Era uma mulher muito baixa e magra, com cachos de cor cinza ferro e brilhantes olhos azuis. Vestia um delicioso vestido de veludo negro com um colar de diamantes igualmente delicioso. Nunca tinha tirado o luto por seu marido, lorde Barry, embora já tinha dez anos que tinha morrido.

Antes que Lizzie pudesse responder, o cavalheiro deu um passo a frente e deu firmemente o braço a Eleanor. Estava na casa dos vinte e era um homem muito bonito, com um brilho peculiar no olhar. Lizzie teria achado que era um libertino se não fosse porque usava roupas muito singelas: uma sobrecasaca azul escura e calças escuras.

— Minha querida Eleanor —disse, divertido—, Isso são modos de receber aos parentes que ousam vir te visitar?

Eleanor o olhou com irritação.

— Não pedi sua opinião, Rory, embora sabia que me diria isso.

Rory sorriu e uma covinha apareceu em sua bochecha.

— Parece que as damas vem de longe —olhou às irmãs e seu olhar se atrasou em Anna, que parecia a ponto de desmaiar ou chorar. Depois observou cuidadosamente a Lizzie com um olhar agudo, inclusive escrutinador. Mas seu tom seguiu sendo ligeiro—. Sei que dentro de você há um espírito generoso, tia —acrescentou com zombadora recriminação.

Lizzie ignorava quem era aquele cavalheiro. Mas Eleanor suspirou.

— Sim, vêm de longe, certamente. Minhas sobrinhas vem de Limerick —disse aquela palavra como se fosse ofensiva. Logo as olhou com fúria—. Vieram procurar fortuna, não é isso? Eu não as convidei!

Lizzie respondeu com firmeza:

— Estamos muito bem, obrigado, tia Eleanor, embora, como verá, Anna está um pouco cansada da viagem.

Eleanor soltou um bufo.

Rory olhou a Lizzie um instante e logo a Anna. Seus olhos tinham uma expressão insondável antes de que voltasse a olhar a sua tia. Murmurou brandamente:

— Não vai me apresentar a tais belezas?

Eleanor bufou e olhou Anna com aborrecimento.

— Belezas? Bom, esta antes era uma beleza, mas hoje em dia quem sabe. Rory, estas são as irmãs Fitzgerald, Elizabeth e Annabelle, as filhas de meu irmão Gerald —se voltou para suas sobrinhas—. Este trapaceiro é meu sobrinho. Sua difunta mãe era a irmã de lorde do Berry.

Rory fez uma reverência sem deixar de rir.

— Rory McBane, a seus pés —disse com extrema galanteria.

— Não façam conta, é um patife incorrigível —respondeu Eleanor. Mas Lizzie já tinha chegado à conclusão de que, apesar de sua modéstia no vestir, Rory McBane era um sedutor.

Anna deixou escapar de repente um gemido e procurou a mão de Lizzie. Desmaiou. Rory McBane deu um salto adiante e a tomou nos braços no instante em que caía.

— Vamos, Eleanor —disse sem sorrir—, sua sobrinha está indisposta —e entrou tranqüilamente na casa com Anna nos braços.

Lizzie correu atrás dele, assustada e seguida por Eleanor.

— Tem uma constituição muito delicada —disse Lizzie, atemorizada por sua irmã talvez ter adoecido. Sabia que a tensão de seu erro estava se tornando insuportável para ela—. A viagem foi difícil para alguém tão frágil como ela.

Rory as conduziu a um opulento salão de tamanho médio e colocou Anna em um sofá.

— Leclerc —ordenou—, me traga saís!

Lizzie se ajoelhou a seu lado e tomou a mão de Anna. Rory levantou o olhar para ela.

— Desmaia freqüentemente?

Lizzie titubeou enquanto o olhava nos olhos, tão verdes como um dia da primavera na Irlanda.

— Às vezes —disse, acrescentando outra mentira a sua lista crescente delas.

Lizzie, que o observava atentamente, notou que seu olhar se entreabria, cheio de suspeitas. Intuíu que era inteligente e ardiloso, e temia que desconfiasse delas.

— Não se encontra bem há uns dias —se apressou a acrescentar enquanto se dizia que aquele homem não podia suspeitar da verdade. Anna estava grávida de cinco meses e tinha engordado, mas seus vestidos de cintura alta ainda ocultavam seu ventre volumoso. Naturalmente, um mês ou dois depois seu estado seria evidente. Lizzie seguiu agarrando a mão de sua irmã com a esperança de que despertasse.

Rory a olhou inquisitivamente um momento e logo disse:

— Eleanor, deveria chamar seu médico.

— Não! —exclamou Lizzie, e se apressou a lhe sorrir—. Só é um ligeiro resfriado, seriamente — disse—. Anna ficará bem logo.

Rory parecia cético, e Lizzie guardou certo temor. Nesse momento entrou Leclerc e entregou os saís para Rory.

— Obrigado —disse este, e os aproximou do nariz de Anna.

Ela tossiu imediatamente e piscou. Rory voltou a mover as saís sob seu nariz. Enquanto Anna voltava a tossir, já de tudo acordada, ele se levantou lentamente. Lizzie correu a ocupar seu lugar e se sentou junto ao quadril de Anna. Sem lhe soltar a mão, olhou-a nos olhos.

— Só desmaiou —disse com suavidade.

— Sinto —conseguiu dizer Anna.

— Não é nada —Lizzie lhe acariciou o rosto. Finalmente, cobrou consciência da presença de sua tia.

Eleanor estava junto a Rory. Seu rosto era uma máscara de desagrado.

— E bem? —disse—. passou a crise?

Anna lutou para sentar-se.

— Sinto muito, tia Eleanor —sussurrou—. Por favor, me perdoe —a cor estava voltando para suas bochechas.

— Não é tua culpa —disse Lizzie com suavidade. Sentiu o olhar do Rory e notou que ele olhava a Anna com mais atenção. Lizzie esperava que estivesse admirando sua beleza e não tentando descobrir seus segredos.

Levantou-se devagar e se voltou para sua tia.

— Lamento havê-la incomodado deste modo —disse com grande dignidade. Custava muito mostrar-se valente, mas não tinha opção—. Nossa mãe insistiu em que viéssemos. Sabíamos que a desagradaria, mas não podemos desobedecer a nossa mãe. Agora, como verá, Anna não se encontra bem. Por favor, deixe que fiquemos... só um momento.

Os olhos de Eleanor pareciam negros. —Isso me parece! Uma viagem de primavera a Dublin! Que tolice! Agora ninguém visita a cidade! Isto não é mais que uma estratégia de sua mãe. Sabia!

Rory a segurou pelo braço com a mesma firmeza que antes.

— Tia, sua sobrinha precisa descanso. Salta à vista que não se encontra bem e sei que não a obrigará a partir.

— Lydia Fitzgerald se atreveu a me empurrar duas de suas filhas! —exclamou Eleanor, indignada.

— E é tão terrível? —perguntou Rory com suavidade, sorrindo com encanto—. Não é uma sorte ter em casa tanta beleza feminina?

— Pode ser que seja para você —bufou Eleanor—, Gostou muito de alguma? Elizabeth precisa um marido —acrescentou.

Lizzie deu um pulo e notou que se ruborizava. Anna tentou levantar-se e disse:

— Tia Eleanor...

Rory correu a seu lado para ajudá-la.

— Não se levante —disse.

Anna sorriu.

— Estou bem —disse. Pousou um olhar angustiado em Eleanor—. Talvez possamos ser de alguma ajuda. Eu toco piano e canto e Lizzie adora ler em voz alta e é uma excelente cozinheira. Ninguém faz melhores bolos. Não seremos uma carga, seriamente. Seremos uma ajuda. Talvez desfrute de nossa companhia. Por favor, deixe que fiquemos.

— É certo que faço uns bolos maravilhosos —disse Lizzie com um rápido sorriso—. Lhe faríamos companhia encantadas, se nos permitir isso.

— Já tenho a este caveira por companhia —repôs Eleanor asperamente—. Nunca me deixa em paz!

Rory disse com suavidade:

— Viria-te bem ter companhia feminina. Faz tempo que a precisa e eu não posso te atender tanto como quisesse. Já sabe que vou a Wicklowe dentro de uns dias.

Lizzie estava certa de que se referia ao condado de Wicklow, não à mansão do conde de Adare.

Eleanor o olhou.

—É você quem pensa beneficiar-se disto, sei, vagabundo. E essas aventuras suas acabarão por te levar para a torre do rei.

Rory levantou as sobrancelhas com zombadora exasperação.

— Não se preocupe por mim, tia —disse—. Devo se lembrar que terei que partir logo para Londres? Não voltarei até metade do verão. E então o que fará? Não quero que fique sozinha, tia —acrescentou. Logo sorriu—. E confesso que não me importaria ter tão agradável companhia quando vier te visitar —seu olhar se afastou de Eleanor. Lizzie se surpreendeu ao ver que lhe piscava.

— Você anda por aí a metade do tempo —resmungou Eleanor—. Farei o que faço sempre: irei paraa minha casa de Glen Barry, em Wicklow —mas estava na cara que estava caindo sob seu encanto.

Rory se separou de Anna e tomou uma das mãos de sua tia.

— Deixe que fiquem —murmurou.

Lizzie nunca tinha visto tal desdobramento de persuasão.

O semblante da Eleanor se suavizou.

— Veremos —olhou com olhar zangado a suas sobrinhas—. Podem ficar para passar a noite —com isso, deu meia volta e saiu energicamente do quarto.

Rory cruzou os braços sobre seu amplo peito e se voltou para olhar às irmãs. Não havia rastros de risada em seus olhos. Lizzie temia o que estivesse pensando.

— Obrigado, senhor —disse, crispada.

Ele desceu as pálpebras, ocultando as suspeitas que pudesse ter, e executou uma reverência.

— Espero que sua irmã se recupere logo —sem outro olhar, saiu do quarto.

A Lizzie fraquejaram os joelhos imediatamente. Cheia de alívio, deixou-se cair no sofá, junto à Anna, que estava enxugando as lágrimas.

— Meu deus —murmurou Anna—. É uma bruxa, uma bruxa espantosa. foi inclusive pior do que imaginava.

Lizzie a segurou pela mão.

— Foi uma sorte que desmaiasse —vacilou e acrescentou—: Enfim, temo que estamos em dívida com o senhor McBane.

Arma respirou fundo.

— Sim, isso parece.

UMA TERRÍVEL REVELAÇÃO

No dia seguinte, Lizzie estava sentada com Anna na sala de estar, com um livro sem abrir sobre o colo. Anna segurava um bastidor de bordado mas ainda não tinha dado um só ponto, do mesmo modo que Lizzie não tinha lido nenhuma palavra. A véspera tinham decidido sabiamente retirar-se a seus quartos (tinham-lhes dado quartos separados) e Eleanor não tinha pedido que descessem para jantar. Sabiam que sua tia não saía de seu quarto antes das onze, assim tinham passado a manhã preparando-se cuidadosamente para seu próximo encontro. E já eram onze horas.

Lizzie tinha enxaqueca. esfregou as têmporas, consciente do lindo dia de primavera, e desejou poder desfrutá-lo. Das janelas do salão via o céu azul e ouvia os pássaros que cantavam no parque. Mas como ia desfrutar de alguma coisa, e muito menos de um dia agradável, sem saber se sua irmã e ela seriam jogadas ou não daquela casa? A dor de suas têmporas aumentou.

De repente ouviu o repicar dos saltos de Eleanor. Sua tia se aproximava rapidamente. Lizzie olhou a sua irmã com preocupação. Anna começou a costurar e Lizzie fingiu estar envolvida na leitura, mas olhava a porta às escondidas. Leclerc, o mordomo francês, abriu a porta e apareceu sua tia. Usava um vestido de cetim brilhante e rígido, com punhos e mangas de detalhe negro, e um colar de diamantes diferente ao da véspera, com um enorme rubi pendente. Embora pequena e enxuta, Eleanor tinha o porte de uma rainha.

Lizzie se levantou bruscamente e, com suas pressas por fazer uma reverência, tropeçou. Anna também se levantou para inclinar ante sua tia.

— Bom dia.

— É bom? Ignoro-o, pois não esperava ter convidados —disse Eleanor enquanto entrava com passo firme na sala. foi direita a Anna—. Continua doente?

Anna voltou a fazer uma reverência.

— Estou resfriada —mentiu, e tossiu delicadamente atrás da mão—. Mas me encontro melhor e não sei como agradecer por sua amabilidade de ontem —sorriu brilhantemente.

Lizzie conteve o fôlego.

Eleanor olhou a sua sobrinha com frieza.

— Refere-se à amabilidade de Rory, não? Está apaixonada por ele? —perguntou.

Os olhos da Anna se aumentaram.

— Claro que não! Quero dizer que parece um cavalheiro excelente...

Eleanor a interrompeu.

— É mais encantador do que lhe convém no que diz respeito às damas. Será melhor que não o esqueça. Continua sendo uma beleza, embora esteja engordando. Pode ser que Rory prefira a política ao amor, mas mesmo assim tira tempo para perseguir beldades. Não quero aventuras nesta casa, entendido? Não permitirei.

Anna fez outra referência e desceu o olhar.

— Tia Eleanor, estou comprometida. Sem dúvida mamãe escreveu para dizer-lhe.

— Claro que sim, mas ainda não se casou —Eleanor se voltou para Lizzie—. E isso vale também para você —antes que Lizzie pudesse responder, sua tia se dirigiu a Anna—. por que está tão gorda? Para onde foi essa excelente figura que tinha?

Anna vacilou.

— Me apeguei muito ao chocolate.

— É uma pena —respondeu Eleanor com brutalidade—. Se ficar muito gorda, perderá sua extraordinária beleza.

Lizzie se atreveu a aproximar-se, tremendo por dentro.

— Tia Eleanor, faz um dia lindo. Gostaria de dar um passeio comigo pelos jardins?

Eleanor se voltou.

— Não tem por que me adular, menina. Quantos anos tem?

Lizzie conseguiu sorrir apesar de seu medo.

— Dezesseis, tia. Farei dezessete este verão. E nunca cometeria a idiotice de tentar te adular tia. Mas eu adoraria dar um passeio e me pensei que talvez gostaria de me acompanhar. Mas, se preferir ficar em casa com este dia tão lindo — encolheu os ombros— irei sozinha.

— Acreditei que iria fazer um bolo —repôs Eleanor maliciosamente.

A Lizzie sentiu que acelerou o coração.

— Fiz um bolo de maçã esta manhã. Se não tem outros planos, o comeremos na sobremesa do jantar.

Eleanor vacilou, mas se repôs rapidamente.

— Vá, então pensam ganhar seu sustento? Lembro ter comido uns bolos deliciosos em Raven Hall. Fez um desses?

Lizzie apenas se atrevia a respirar. Não sabia se o comentário de sua tia significava que ia deixar que ficassem.

— Sim. Pensei fazer um de limão para amanhã —disse—. Vi um cesto de limões espanhóis na despensa. Se não se importar, usarei-os para o bolo.

Os olhos da Eleanor brilharam e quase sorriu... até que se deu conta do que fazia. Então franziu o cenho.

— Eu gosto dos bolos, mas terá que perguntar ao cozinheiro se precisa dos limões.

— Já perguntei —Lizzie sorriu sinceramente—. Me pediu que o ensine meu segredo para fazer a massa.

Eleanor soltou um bufo e olhou a Anna.

— E você? Está muito doente para ler em voz alta?

— Claro que não —disse Anna, embora continuava parecendo atemorizada—. O que quer que leia? Ou prefere ir dar um passeio primeiro?

— Primeiro irei passear —disse Eleanor elegantemente—. Mas pode ler quando voltar, se quiser. Eu gosto de me inteirar do que se passa no castelo de Dublin. Rory escreve uma coluna sobre assuntos governamentais e também faz desenhos. Suas caricaturas são muito divertidas.

Lizzie se surpreendeu.

— É jornalista?

— É um reformista radical —respondeu sua tia com um bufo— e isso será sua perdição, ao menos socialmente. Mas sim, ganha a vida como um plebeu, informando sobre assuntos políticos para o Teme. Também o pagam alguma minúcia por suas caricaturas.

Estava claro que Eleanor não aprovava que seu sobrinho tivesse um emprego, pois os verdadeiros cavalheiros não sujavam suas mãos nem sua reputação ganhando o sustento.

— Não me pareceu muito radical —comentou Lizzie mais para si mesmo que para as demais—. Mas me dei conta de que tinha algo de sedutor.

Eleanor parecia de repente interessada nela.

— Suas opiniões políticas são radicais em excesso, Elizabeth. Há muitas portas que se fechariam por culpa de suas idéias extremista se não fosse por seu parentesco comigo.

Rory McBane era, pois, muito afortunado, pensou Lizzie, mas se limitou a sorrir.

— Radical ou não, é meu parente favorito —concluiu Eleanor, e logo as olhou como se lançasse uma advertência. Sua mensagem estava clara: se alguém tinha que herdar sua fortuna, seria seu adorador Rory.

— Acredita que gostará? —perguntou Anna com ansiedade enquanto revoavam ao redor da porta da cozinha. A longa mesa de madeira de cerejeira estava posta para quatro com talheres de prata, cristaleira, um candelabro dourado e três vasos de flores. Era uma mesa muito bonita.

Anna não tinha ido essa tarde com elas às lojas da rua Capel, pois o plano era que permanecesse em casa até que nascesse o bebê. Mesmo assim, tinha conseguido ir a um mercado próximo e havia voltado com um buquê de flores. Lizzie a tinha ajudado a fazer os acertos. Nenhuma mesa parecia melhor.

— Isso espero —disse Lizzie brandamente. Mas nada parecia agradar a sua tia. Eleanor ficava todo o dia de muito mau humor. Mesmo assim, Lizzie começava a se perguntar se não ladrava mais que mordia.

— Pode ser que, apesar do tanto que resmunga, tenha gostado de nossa saída de hoje. Ao final das contas, fomos a um montão de lojas e só compramos duas caixas de bombons —aquilo parecia significativo, depois da confissão de Anna.

Antes que sua irmã pudesse responder, Eleanor disse atrás delas:

— Assim resmungo muito, não é?

Lizzie ficou vermelha como um tomate. Ao dar a volta viu sua tia de pé na porta com uma expressão de repugnância e recriminação. Logo se deu conta de que Rory McBane estava atrás dela com um brilho de regozijo nos olhos. Seus olhares se encontraram enquanto Lizzie exclamava:

— Não disse a sério!

— OH, claro que disse a sério —disse Eleanor com o cenho franzido.

Entrou na sala de jantar de braço com Rory.

— Alguma vez havia visto uma mesa tão bem posta —disse ele, e piscou um olho a Lizzie— Não está de acordo, tia? —ela soltou um bufo, mas olhou a mesa com os olhos entreabertos—. E resmunga incesantemente, mas isso é que faz único seu caráter —acrescentou Rory. Sorriu a Anna encantadoramente—. Se encontra melhor hoje?

Devolveu o sorriso.

— Sim, obrigado. Tia Eleanor, gosta das flores? —perguntou com ansiedade—. Ao final decidi sair e me pareceu que possivelmente gostasse.

Eleanor não respondeu.

Lizzie continuava retorcendo as mãos.

— Tia Eleanor, sinto seriamente, não o dizia a sério. O que queria dizer era que...

— Dizia a sério. Desde quando diz o que pensa? —perguntou Eleanor com aspereza—. Sua irmã Georgina era a mais atrevida, a da língua mais afiada —disse—. Você era a tímida e aqui está, falando de mim como se fosse uma arpia. E não só isso: Passou toda a tarde falando pelos cotovelos.

Lizzie se ruborizou. Tinha tentado cercar sua tia com uma conversa ligeira e inocente, com a esperança de que Eleanor tivesse simpatia por elas. Disse com muito cuidado:

— Sei que não faz de propósito, mas quando nos fala com tanta aspereza pode ferir nossos sentimentos. Isso era o que queria dizer, que tende a pôr cara feia por tudo.

Pronto, tinha falado, tinha quebrado tudo, porque ninguém criticava à tia Eleanor e sobrevivia.

Eleanor ficou boquiaberta.

Rory sorriu, agradado.

— Não te disse que tinha que cuidar de suas maneiras? —perguntou, zombador—. Pelo visto a senhorita Fitzgerald está de acordo comigo.

Eleanor o olhou com irritação.

— É você que não tem maneiras. Vir aqui flertar com minhas sobrinhas! E não me diga que veio para me ver, porque te conheço muito bem, Rory. Sei exatamente para que veio.

Rory pôs-se a rir.

— Me enche de consternação que adivinhe tão facilmente minhas intenções —disse—, Mas confesso que vim ver suas encantadoras sobrinhas. De fato, vim me certificar que tenham um teto sob suas cabeças enquanto permaneçam em Dublin.

Eleanor enrugou o cenho.

— Você é muito amável —disse Anna, o tocando na manga—. Não sei como agradecer por persuadir à tia Eleanor a nos permitir ficar. Sinto-me em dívida com você, senhor.

— Somos primos —disse ele com uma reverência cortês—. assim, não me deve nada.

Eleanor os observava com a mesma atenção que Lizzie.

— Annabelle vai se casar em setembro, Rory.

Ele não pareceu alterar-se. Sorriu a Anna.

— Então, posso lhe expressar minhas mais sinceras felicitações?

— Obrigado —Anna sorriu.

Lizzie estava confusa. Sua bela irmã não tinha fascinado a Rory McBane?

— Thomas é de Derbyshire. É um Morely. Você conhece os Morely de Derbyshire, senhor McBane? —perguntou Anna com certa urgência.

O sorriso de Rory se desvaneceu.

— Não, temo que não. Então, é britânico?

Anna assentiu, cheia de orgulho.

— Sim, e militar.

Rory ficou olhando-a um momento.

— Então, vai casar-se com um casaca vermelha.

— É um cavalheiro excelente —se apressou a dizer Lizzie.

— Sim, e é inglês, que o converte em um animal muito superior a nós, os simples irlandeses.

— OH, deixe já de protestar —disse Eleanor energicamente—. É uma sorte que uma das irmãs vá casar-se, embora seja com um inglês. Meu pobre irmão Gerald mal pode as sustentar —olhou Anna com desaprovação—. Não faça caso ao Rory, querida. Ofusca-se com todo britânico. Estou muito contente por você.

— Obrigado —disse Anna, visivelmente desconcertada pelas opiniões de Rory.

— E eu sou um bruto —disse Rory, e voltou a fazer uma reverência—. Lhe peço desculpas, senhorita Fitzgerald, por me atrever a expressar idéias tão impopulares —de repente olhou a Lizzie—. E você? Também procurará a mão de um inglês?

Lizzie deu um passo atrás.

— Duvido muito que me case com alguém, senhor McBane.

Ele levantou as sobrancelhas, surpreso.

— Rory fica para jantar —anunciou Eleanor. de repente sorriu a Anna, que tinha tomado assento, fatigada—. Eu gosto das flores —acrescentou. Anna e Lizzie se olharam com surpresa— E agora que aceitei a idéia, sua irmã e você podem ficar uma semana ou duas —concluiu sua tia.

Lizzie estava atarefada na cozinha dando os últimos retoques a um bolo de ruibarbo. O cozinheiro, um escocês alto, de cabelo grisalho e proeminente barriga, estava a seu lado. Ela acabava de lhe explicar que o ingrediente secreto de seu bolo de ruibarbo era uma gota de licor de frutas. Ele a olhou sagazmente.

— Agora sei porque a senhora é tão aficionada a suas sobremesas. Põe vodca no bolo de limão, rum no bolo de maçã e uísque nos pasteizinhos de chocolate que servimos ontem à noite!

Lizzie queria sorrir, mas era impossível. Tinham passado quase duas semanas desde a tarde fatídica em que Eleanor decidiu que podiam ficar em Merrion Square uma temporada. Anna e Lizzie se acomodaram em sua nova rotina: passavam a manhã no salão pérola, lendo tranqüilamente, e pelas tardes Lizzie acompanhava a sua tia em suas visitas, ou ia com ela fazer compras ou passear. Anna continuava afligida por um resfriado que lhe exigia repousar e permanecer fechada em casa. Mas aquele engano, naturalmente, não podia durar indefinidamente. Enquanto isso tinham chegado duas cartas de casa, ambas de sua mãe, que Lizzie tinha interceptado para que Eleanor não descobrisse seu plano. Sua tia, entretanto, não tinha se pronunciado ainda respeito a seu futuro em Merrion Square.

A noite anterior, Lizzie e Anna tinham decidido que teriam que lhe dizer a verdade imediatamente, pois nenhuma das duas era capaz de suportar muito mais tempo a carga da ansiedade e o medo constante. Além disso, Anna continuava engordando e em pouco tempo seria evidente que esperava um filho.

Lizzie estava cheia de temores. Fez uma pausa, com ambas as mãos sobre a mesa coberta de farinha, e rezou para que Eleanor já não suspeitasse da verdade. Sua tia tinha começado a olhar a Anna de forma estranha, e já não insistia em que saísse com elas para dar um passeio pelo parque, nem fazer compras.

— Lizzie, está preparada?

Lizzie deu a volta e viu Anna na porta da cozinha, pálida como um cadáver. Atravessada por uma tensão insuportável, sorriu rapidamente ao cozinheiro, tirou o avental e se aproximou apressadamente a sua irmã.

— Resta outro remédio? — sussurrou quando saíram da cozinha.

Anna colocou as mãos no ventre volumoso de modo que seu vestido se pegasse a ele. Sua gravidez era tão óbvia que Lizzie deixou escapar um gemido e a fez afastar as mãos. Olharam-se com desânimo.

Anna sacudiu a cabeça e se virou para ficar de perfil.

— Não tem mais jeito de esconder meu estado, Lizzie. Tenho tanto medo...! E se nos joga na rua?

Lizzie se mordeu o lábio.

— Não nos jogará, estou certa — disse com a esperança de tranquilizar a sua irmã.

De braço dado, percorreram lentamente o corredor para a ala principal da casa. Lizzie sentia como tremia sua irmã quando entraram no salão. Quando se dispunha a dizer algo para lhe dar ânimo, ouviu que Eleanor se aproximava. Seus saltos repicavam nos chãos de mármore do corredor.

Sua tia entrou no quarto agitando uma carta.

— Exijo uma explicação!

Lizzie e Anna se olharam com preocupação. Lizzie perguntou com cautela:

— Aconteceu algo?

— Se aconteceu algo? — Eleanor estava sufocada—. Acredito que isso devem dizer vocês. Mas estou certa de que algo tem que acontecer para que se apresentem em minha

casa sem terem sido convidadas, para que Anna esteja doente noite e dia e para que sua mãe me escreva me agradecendo por um convite que não fiz e me perguntando por minha saúde, como se a doente fosse eu!

Era lógico que estivesse zangada, pensou Lizzie, embora com sua tia era difícil sabê-lo. Eleanor, em realidade, parecia mais preocupada que zangada.

— Por favor, sente-se, tia Eleanor. Há um assunto que queremos te falar —disse com calma.

Eleanor empalideceu de repente e se sentou, cruzando as mãos sobre o regaço.

Anna ficou diante dela e começou a retorcer as mãos.

— Sinto muito, tia Eleanor —disse com os olhos baixos—. Tudo isto é minha culpa —e começou a chorar.

—Precisamos sua ajuda, tia —acrescentou Lizzie com voz rouca—. E precisamos desesperadamente.

Eleanor as olhava fixamente sem mover um músculo do rosto, com expressão severa.

— Foi tão amável... —começou a dizer Lizzie com cautela enquanto Anna chorava.

Eleanor ficou em pé e a interrompeu.

— Eu não sou uma mulher amável. Anna, não fique histérica. Este não é momento para isso.

Arma obedeceu e levantou o olhar. Tinha o rosto congestionado e os olhos dilatados e cheios de angústia.

— Está grávida, verdade? —perguntou Eleanor—. Por isso está tão gorda. Por isso não quer sair de casa.

Arma assentiu com a cabeça e mordeu o lábio. Estava a ponto de chorar outra vez.

— Nunca quis que isto acontecesse!

Lizzie a tirou da mão.

—Também está comprometida com um excelente soldado britânico —disse atropeladamente—. vão casar se em setembro, mas isso já sabe. O bebê deve nascer em

julho. Tia Eleanor, por favor, deixe que fiquemos até depois do nascimento para que Anna possa voltar para casa e casar-se com o tenente Morely.

Eleanor não afastava os olhos da Anna.

— Que não é o pai? —perguntou com tom contido.

Anna começou a chorar.

— Não.

— E suponho que seus pais ignoram seu estado.

— Sim, assim é —respondeu Lizzie—. A absurda idéia de vir aqui e ter ao menino na reclusão de sua casa foi minha.

— E pensam que vou participar desse plano desprezível? —perguntou Eleanor com aspereza.

— Você é nossa única esperança! —exclamou Lizzie—. A única esperança da Anna! Não pode nos despedir agora, neste momento de necessidade. Ninguém pode ter tão pouco coração.

Eleanor a olhou nos olhos.

— Eu não disse que vou expulsá-las. me olhe, menina —disse a Anna. Anna levantou os olhos— O pai sabe? —Anna negou com a cabeça sem dizer nada. Eleanor olhou a Lizzie—. Quem é o pai?

Lizzie se enrijeceu.

— Isso não importa, tia Eleanor! Anna está apaixonada por Thomas. Encontraremos um bom lar para o bebê.

— Dá a casualidade de que não estou de acordo com você... sempre e quando, naturalmente, o pai seja um nobre —Eleanor levantou o queixo da Anna—. Ou se deitou com um camponês?

Ela voltou a negar com a cabeça sem deixar de chorar.

— Anna ama a Thomas! —exclamou Lizzie, alarmada—. O pai não tem por que saber! Quanto menos pessoas saibam, melhor. Terá que guardar um segredo absoluto...

— O pai deverá saber —disse Eleanor energicamente—. Pode ser que cuide do menino. Bem sabe Deus que não seria o primeiro nobre a criar um bastardo junto a seus filhos legítimos.

Anna começou a sacudir a cabeça.

— Não! Não pode saber!

— Anna ficaria desonrada —soluçou Lizzie—. Você sabe! Se o pai soubesse, correria-se a voz. Haveria falatórios, rumores e acusações.

Anna enxugou o rosto.

— Tia Eleanor, não podemos dizer-lhe nunca. Amo Thomas. Sem dúvida você quer que me case no outono. Por favor, não insista em que contemos ao pai. Por favor! Estragaria tudo!

Eleanor se virou lentamente para olhá-la. Anna tinha segurado suas mãos e a olhava com expressão desesperada e suplicante. Lizzie rezou para que acontecesse um milagre.

Eleanor disse lentamente:

— Não tenho nenhum desejo de arruinar sua vida, Anna. Todos cometemos erros. Por desgraça, às vezes o preço que alguém tem que pagar é terrível.

Anna soluçou:

— Mas eu já paguei! —cobriu o ventre com as mãos—. Já sofri o bastante!

— Tomei afeto por você, Anna, apesar de sua espantosa vaidade.

Anna se sobressaltou, surpreendida. Deixou de chorar e seu rosto adotou uma expressão esperançada.

— Aprendeu a lição? —perguntou Eleanor com severidade—. Ou se cansará de Thomas e continuará se comportando com a mesma falta de vergonha?

Anna ficou boquiaberta.

— Nunca me cansarei de Thomas, tia Eleanor! Sei que o que fiz está errado. Estou muito envergonhada e não posso explicá-lo. Estou tão cansada deste dilema...! Oxalá nunca

tivesse conhecido a esse homem. Oxalá não estivesse em meu estado. Oxalá já me tivesse casado e vivesse com Thomas em Derbyshire.

— Desejar impossíveis não vai reparar o que fez —respondeu Eleanor—. Francamente, temo por você.

Lizzie não gostou de como soava aquilo.

— Se você nos ajudar, podemos solucionar esta indiscrição, tia Eleanor. Com sua ajuda, Anna pode ter o bebê em segredo e partir daqui para casar-se com Thomas. Encontraremos um lar maravilhoso para o bebê. Mas precisamos que nos ajude.

Eleanor a olhou nos olhos.

— É uma irmã muito leal, Elizabeth... e muito valente.

Lizzie não se importava com as adulações nesse instante.

— Ajudará-nos? Estou certa de que não quer que cancele o casamento da Anna.

— Podem ficar —disse Eleanor—, e as ajudarei em tudo o que posso. Mas com uma condição.

— O que for —soluçou Lizzie, mal capaz de acreditar que seu terrível dilema fosse resolver por fim.

Eleanor tomou a mão da Anna.

— Insisto em saber quem é o pai, Anna. Essa é a condição para que sua irmã e você fiquem aqui até que dê a luz. Entretanto, não direi a ninguém quem é. Guardarei seu segredo.

Anna a olhava com os olhos dilatados. Lizzie começou a protestar. Anna a olhou. Logo tampou o rosto com as mãos. Suas bochechas se tornaram rubras. Suas palavras soaram como um sussurro, quase impossíveis de ouvir.

Lizzie se inclinou para ela.

— Tyrell de Warrenne —disse Anna.

UMA SOLUÇÃO INCONFESSÁVEL

— Anna?

A exclamação de surpresa da Eleanor encheu o quarto.

— Tyrell de Warrenne é o pai? —exclamou, atônita.

Anna levantou a cabeça com expressão suplicante e olhou a Lizzie.

— Sinto —disse, e se abraçou.

O chão pareceu mover-se sob seus pés. Lizzie cambaleou. Estava tão assombrada que não podia pensar.

— Elizabeth? Leclerc! Traga os sais! —ordenou Eleanor.

Lizzie se sentou bruscamente. E, nesse instante, sua mente começou a funcionar. Tyrell de Warrenne era o pai do filho de Anna? Não, não podia ser! Era um erro, porque era ela quem o amava. Sua irmã tinha montões de pretendentes. Aquilo tinha que ser um monstruoso equívoco.

Os contornos do quarto voltaram a perfilar-se com clareza. Lizzie viu que Anna estava de pé atrás de Eleanor e a olhava fixamente, muito pálida. umedeceu-se os lábios. Custava-lhe falar, como se tivesse perdido a voz.

— Anna? —aquilo tinha que ser um engano. Sua irmã não podia ter feito aquilo com ela.

Anna tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Sinto muitíssimo!

E então a verdade golpeou brutalmente a Lizzie. Anna tinha estado na cama de Tyrelle, ia ter um filho dele.

A dor que atravessava seu peito era indescritível; sentia um espantoso sofrimento, mas também o fio agudo da traição e o desengano. Todo esse tempo, enquanto ela sonhava nesciamente com Tyrell, Anna tinha sido sua amante.

Lizzie deixou escapar um soluço levando a mão ao coração e Anna afastou os olhos. A dor consumia todo seu ser. Fechou os olhos, mas imagens terríveis invadiram sua imaginação, imagens nas que via sua irmã e Tyrell compartilhando uma intimidade ardente.

Mas como podia ter acontecido aquilo? Tyrell de Warenne era um cavalheiro. Jamais seduziria a uma senhorita inocente.

— Vou chamar o médico! —exclamou Eleanor, alarmada—. Leclerc! Avise ao doutor FitzRobert em seguida!

Lizzie tentou lhe dizer que não seria necessário, porque nenhum médico poderia curar seu coração quebrado. Mas, em lugar de dizer aquilo, outras palavras escaparam atropeladamente de sua boca, cheias de recriminação.

— Como pôde? —soluçou com a vista fixa em sua irmã. De repente se sentia indignada— Tinha dúzias de admiradores! Por que ele?

Anna sacudiu a cabeça. Sua boca tremia e tinha cruzado os braços como se quisesse se defender.

— Você não entenderia. OH, Lizzie, quanto lamentei esse dia!

Eleanor se levantou lentamente e as olhou a ambas.

— Não me encontro bem —disse Anna—. Vou me deitar —disse isso e deu a volta para fugir do quarto.

Lizzie ficou em pé de um salto.

— Não! Como se atreve a fugir de mim agora? Olhe pra mim! Insisto em que me dê uma explicação!

Anna ficou paralisada de costas a Lizzie. Seus ombros tremiam pela tensão. Lizzie não se moveu. Estava trêmula de raiva. Todos os homens adoravam a Anna. Por que ia ser Tyrell uma exceção? Naturalmente, desejava-a. Mas sem dúvida se teria devotado a casar-se com ela... Não a teria desonrado daquele modo.

— O que está acontecendo aqui? —perguntou Eleanor com muita calma—, O que estou perdendo?

Crispada, tanto que seus lábios não se moveram, Lizzie disse:

— Queria falar com a Anna um momento... a sós.

Eleanor vacilou. Logo saiu e fechou a porta atrás dela e Leclerc. Anna deu a volta.

— Eu não queria que soubesse. Não lhe posso explicar isso Simplesmente, aconteceu.

Lizzie! Não me olhe assim!

Sua irmã sacudiu a cabeça.

—Todo este tempo estive apaixonada por ele, me comportando como uma tola, e vocês eram amantes?

— Não! —respondeu Anna—. Não foi assim! Só foi uma vez, Lizzie. Foi nessa noite, no baile de Todos os Santos.

E aquela noite voltou a desfilar a velocidade vertiginosa pela lembrança de Lizzie. O olhar ardente de Tyrell, a decisão com que a abordou, sua ousada proposta, seu desejo avassalador... «se encontre comigo nos jardins... a meia-noite».

Anna com seu vestido empapado de ponche, lhe suplicando que trocassem o traje para poder ficar e desfrutar do resto da noite. «Sei que não se importa, Lizzie. Sei que não quer ficar ».

Mas inclusive de noite, inclusive tendo mudado os trajes, Tyrell não poderia tê-las confundido. Lizzie estava certa disso. Anna era muito bela e sedutora para que a confundissem com outra.

— Importa, acaso? Não tinha nenhuma oportunidade com ele, Lizzie. Todo isso pertence ao passado, não é certo? Lizzie! —Anna começou a lhe suplicar de repente—. Agora sei que devia ir para casa quando mamãe me disse isso. Temia tanto este dia...! Não queria que soubesse. Poderá me perdoar, por favor? Já sofri o bastante! —deixou-se cair em uma poltrona, chorando.

A Lizzie não importavam nesse instante os sentimentos de sua irmã. Doíam-lhe tanto as têmperas que temia que lhe estalasse o crânio.

— O que aconteceu? — Anna titubeou. Lizzie fechou os punhos e tentou respirar, mas lhe parecia que não havia ar no quarto—. Anna, me deve dizer isso. Insisto em que me diga isso!

Anna evitou seus olhos. Suas bochechas continuavam acesas pela vergonha.

—Saí aos jardins para tomar um pouco o ar. Estava toda a noite dançando e estava acalorada. Ele estava ali. Em seguida soube quem era. E veio direito a mim! Senti-me tão adulada... Nem sequer falou. Tomou-me entre seus braços e começou a me beijar sem dizer uma só palavra — levantou os olhos frágeis—. Nunca me tinham beijado assim! Estava assombrada... e depois pensei que possivelmente me tivesse admirado secretamente. Convenci-me de que levava um tempo me admirando —de repente pareceu angustiada e olhou o regaço—. Mas então me perguntou onde estava a verdadeira lady Marian.

De algum modo, a ira de Lizzie se dissipou. Tyrell tinha saído ao jardim a esperá-la. Ao aparecer Anna vestida com seu traje, tinha-a abordado sem uma só palavra... e, sim tivesse ido ela, faria o mesmo.

Mas acaso não tinha sido ela consciente aquela noite de que o destino lhe tinha brindado uma ocasião única?

— Disse-lhe que a verdadeira lady Marian se tinha ido —murmurou Anna, sem atrever-se a olhá-la aos olhos—. Lizzie, estava tão afligida por seus cuidados que não podia pensar. Não pensei em ti. Acreditei que me admirava .

Lizzie conseguiu articular palavra.

— Devia te dar conta de que estava me esperando .

Anna sacudiu a cabeça.

— Pensei que me desejava —sussurrou.

E Lizzie compreendeu de repente. Sua irmã estava acostumada a que a admirassem e a perseguissem, assim por que ia pensar de outro modo? Anna se tinha deixado levar pelos beijos apaixonados de Tyrell.

— Saiu aos jardins para encontrar-se comigo, não com você —conseguiu dizer Lizzie. Seus olhos ardiam, cheios de lágrimas—. Mas fizeram amor — só o fato de pronunciar aquelas palavras lhe causou uma dor insuportável com cujo peso cambaleou. Notou que lhe fraquejavam os joelhos e se sentou.

Anna parecia dividida, como se quisesse correr para ela e reconfortá-la.

— Nunca me arrependi mais de meu estúpido comportamento. Nunca me tinha pesado tanto algo, Lizzie. Foi só uma noite, e faz muito tempo. Por favor, Lizzie, esqueçamos! —por fim se aproximou dela e estendeu a mão.

Lizzie se afastou bruscamente.

— Eu não posso esquecê-lo —de repente os via abraçados à luz da lua. Falou através das lágrimas que afogavam sua voz e evitou olhar a sua bela irmã—. Ninguém me olhou nunca como Tyrell. É o único homem que me viu como uma mulher —disse com amargura—. Mas, naturalmente, preferiu a você.

Anna fechou os olhos um instante.

— Não me desejava , Lizzie. Não como você acredita —sussurrou.

Lizzie se levantou.

— Não te entendo. Vai ter um filho dele.

Anna se olhou os sapatos.

— É o herdeiro do condado de Adare —disse—. É rico, poderoso, bonito. tive muitos pretendentes, mas nenhum como ele. Quando se deu conta de que não era você, zangou-se muito. Ainda não sei por que atuei como o fiz. Não sei por que não deixei que partisse. Queria que me beijasse outra vez. Queria que se apaixonasse por mim. Não pensei em você, Lizzie. Nenhuma só vez. Só pensava em que estava com Tyrell de Warene.

Lizzie a olhava fixamente. Ainda os via entrelaçados.

— Está dizendo que quis ir... e que conseguiu que ficasse?

Anna levantou de repente a cabeça. Seus olhos brilhavam, chorosos.

— Sim, isso é o que estou dizendo, Lizzie. Ia partir, mas me joguei em seus braços — Lizzie deixou escapar um gemido de assombro—. Eu não sou boa, não sou sensata nem honesta como Georgie e como você. Essa noite cometi o pior erro de minha vida. Passei noite atrás de noite lamentando o que fiz... e rezando para que nunca descobrisse a verdade. Mereço seu desprezo, Lizzie. Sei. Mas sou sua irmã. Isso nunca mudará. Poderá me perdoar alguma dia?

Lizzie fechou os olhos. Continuava amando a Anna, era sua irmã, e sempre iria amar, mas isso não aliviava a dor da sua traição. E nada mudaria o fato de que Tyrell era o pai do filho de sua irmã. Mas como podia ter se comportado assim? Lizzie se encheu de temor.

— O que sei é que ele é um cavalheiro... e não seduziria uma inocente.

Anna se deixou cair em uma poltrona e abraçou o ventre com expressão afligida. Afastou os olhos.

— Tem razão —resmungou.

Lizzie se enrijeceu. E de repente os desprezíveis falatórios das outras damas do condado assaltaram sua memória. «Aí está essa selvagem Anna Fitzgerald».

— O que quer dizer? —exclamou, incrédula.

As lágrimas começaram a afogar a Anna.

— Temo que meu caráter seja anormal —resmungou.

Lizzie sentia a cabeça girar.

—Anna!

Sua irmã mordeu o lábio e, depois de uma longa pausa, assentiu com a cabeça.

— Tyrell não foi meu primeiro amante, Lizzie.

Lizzie ficou de novo atônita. Não conseguia entender a sua irmã. Mas as lembranças de sua infância enchiam sua cabeça e em cada um deles aparecia Anna, tão bela e admirada, mimada e adorada por todos. Aos olhos de sua mãe, Anna não podia fazer nada errado e jamais era castigada. Seu pai, naturalmente, nunca intervinha. E de repente Lizzie se deu conta de como malcriada tinha sido durante toda sua vida, e de como se permitia agir sem

pensar no que estava bem ou mal. Era desconsiderada, mas não amoral; seu caráter deixava a desejar, mas não era anormal.

— Sempre me arrependo depois —disse Anna—. Mas, Lizzie, quando estou nos braços de um cavalheiro, parece que perco a capacidade de pensar —curiosamente, Lizzie sofria de repente por sua irmã—. Me odeia? —sussurrou Anna.

— Não, não te odeio —disse Lizzie sinceramente—. Nunca poderia te odiar, Anna. Como você disse, somos irmãs. Isso nunca mudará.

Anna se levantou com esforço e se aproximou dela.

— Amo você, Lizzie. Você me ajudou no pior momento de minha vida. Sei que cometi um erro terrível... mas Tyrell é só um sonho para você, um sonho que nunca se tornará realidade, assim por que tem que se importar tanto? Por favor, não podemos esquecer?

Lizzie desejava poder esquecer, mas como ia esquecer? Cada vez que olhasse a sua irmã, com seu ventre inchado, lembraria-se da noite de paixão que tinha compartilhado com Tyrell.

Mas Anna teria ao bebê e, fosse menino ou menina, seria entregue a uma boa família. Passados uns meses, Anna e ela retornariam a Raven Hall como se nada tivesse acontecido e Anna se casaria com Thomas no outono. Sem dúvida, com o passar do tempo, aquela ferida aberta curaria e Lizzie seria capaz de esquecer.

Anna tomou suas mãos.

— Por favor.

Anna era sua irmã. Lizzie a adoraria sempre. E acaso não tinha admirado cem vezes sua desenvoltura e tinha desejado parecer-se mais com ela? Os olhos se encheram de lágrimas. Tinha o coração quebrado, mas não podia abandonar a Anna.

— Tem razão, Anna —disse com firmeza—. Tyrell não era mais que um sonho absurdo. Sempre soube que não era para mim. O que aconteceu entre vocês no baile é água passada e não importa.

Os olhos da Anna se encheram de alívio.

— Obrigado, Lizzie. Obrigado.

Quase imediatamente depois que Eleanor soube da verdade sobre o estado de Anna, a família se retirou para sua casa de campo no coração de Pale. Em Glen Harry podiam isolar-se por completo, pois até ali chegavam poucas visitas e convites. Só havia um problema que era Rory, que foi visitá-las uma só vez, em maio, antes de partir para Londres. Disseram-lhe que Anna tinha voltado para casa e Eleanor deixou claro que já não precisava sua companhia pois tinha a de sua sobrinha. Rory ficou apenas um dia, visivelmente perplexo pelo aparente desinteresse de sua tia. Mesmo assim, Lizzie achou que não suspeitava de nada. Continuava sendo alegre e despreocupado e, ao partir, foi com um sorriso e prometeu retornar no final do verão.

O bebê nasceu em meados de julho. Anna ficou em trabalho de parto quase toda a noite e Lizzie se negava a afastar-se de seu lado. O sol se levantou e começava a penetrar no quarto pelas cortinas meio puxadas quando a parteira do povo ordenou a Anna que tentasse uma vez mais.

— Vamos, querida, não pode parar agora. A cabeça está fora...

— Empurra, Anna —disse Lizzie, afligida pelo que estava presenciando. Nunca antes tinha assistido a um parto. A cabeça do bebê se via e, para ela, aquilo era um milagre.

Anna, chorando, fez outro enorme esforço. Lizzie trocou a compressa fria da fronte.

— Não se dê por vencida. Logo acabará! Empurra mais forte, Anna!

— Não posso —soluçou sua irmã, mas um instante depois nascia o menino.

Lizzie ficou paralisada ao ver sair o bebê com ajuda da parteira.

— Conseguiu, Anna! —exclamou enquanto acariciava a cabeça—. Tem um menino lindo!
Um filho!

— Sim? OH, onde está? —gemeu Anna, mal conseguia manter os olhos abertos.

Lizzie sorriu enquanto a parteira anunciava:

— Milady, você tem um filho lindo. Parece em perfeito estado de saúde.

Anna riu fracamente e procurou a mão de Lizzie.

Lizzie se esticou instintivamente quando suas mãos se uniram. esforçou-se para esquecer a traição de sua irmã desde o dia em que ela confessou quem era o pai de seu filho. Mas ainda havia entre elas certa tensão; era impossível que sua relação não tivesse mudado. Lizzie nunca abandonaria a sua irmã, nem deixaria de amá-la, mas às vezes, em sonhos, via-se entre as sombras, procurando Anna sem poder encontrá-la. E nesses sonhos aparecia Tyrell, tão sedutor como sempre, e lhe estendia a mão.

Lizzie afugentou aqueles pensamentos, sorriu e apertou a mão de Anna. Sua irmã lhe devolveu o sorriso e logo fechou os olhos, esgotada. Lizzie se deu conta de que a parteira se voltava para a criada que esperava.

— Não —se ouviu exclamar, e se afastou correndo da cama para tomar nos braços a manta que segurava a criada. Tomou rapidamente nos braços o filho de Anna e o envolveu na manta. Uns olhos extremamente azuis se abriram e a olharam fixamente.

Lizzie sentiu que seu coração parava, enquanto olhava à criatura mais linda que jamais tinha visto. O filho de Tyrell. Ouviu vagamente que a parteira dizia que teria que limpar o menino com muito cuidado. Sentiu que algo florescia dentro de seu peito e se expandia até limites impossíveis. E então o bebê começou a sorrir.

Lizzie o abraçou e, alheia às demais pessoas que havia no quarto, devolveu o sorriso. Tinha em seus braços o filho de Tyrell, não havia dúvida disso. Embora os olhos de todos os recém-nascidos fossem azuis, o bebê os tinha claramente do azul brilhante dos De Warrenne, e possuía a pele morena e o cabelo escuro de seu pai. Estava abraçando ao filho de Tyrell.

E, enquanto o segurava em seus braços, Lizzie compreendeu que nunca tinha querido tanto a mais ninguém.

— Que lindo é, meu menino —sussurrou, ainda assombrada por aquela certeza—. Quando crescer vai ser igual a seu pai, não é mesmo?

A enfermeira limpou o rosto do menino enquanto Lizzie o segurava.

— É uma preciosidade —disse, sorrindo—. Olhe esses olhos! Como está atento!

— Sim —murmurou Lizzie, com o coração tão cheio de amor que quase lhe doía.

Aquele era o filho de Tyrell. E era também seu sobrinho, sangue de seu sangue.

Eleanor entrou no quarto.

—Vejo que já passou o que tinha que passar —comentou olhando a Anna, que parecia dormir. deteve-se junto a Lizzie e ambas olharam o recém-nascido.

— Veja como é bonito. Não é perfeito? —perguntou Lizzie. Um terrível instinto de posse nasceu dentro dela. Não conseguia afastar os olhos do filho de Anna.

— Se parece com o pai —comentou Eleanor com calma.

Lizzie sentiu que seu coração se contraía dolorosamente.

— Isso é só porque nós sabemos a verdade —mentiu, embora estava totalmente de acordo com sua tia.

Eleanor ficou calada. Lizzie se voltou para ela, embalando o menino contra seu peito. Que nome devia pôr?, perguntava-se sem deixar de sorrir a seu sobrinho. Seu sobrinho.

— Precisa de um nome —murmurou—. Anna? Querida? Temos que pôr nome em seu filho —disse.

Anna abriu os olhos piscando.

— Meu filho —murmurou.

— Não vamos pôr um nome, Elizabeth —disse Eleanor com firmeza—. As irmãs estarão aqui amanhã para levá-lo para seus novos pais. Certamente corresponderá a eles essa honra —Lizzie sentiu uma dor insuportável. Eleanor pôs uma mão em seu ombro—. Não se afeiçoe muito a ele, minha querida — disse com suavidade.

E Lizzie se sentiu de repente como se a tivessem jogado em uma banheira de água gelada. Sentiu-se apertar com mais força ao menino, porque este começou a chorar. Lizzie se separou das demais.

— Não chore —sussurrava ao pequeno—não chore.

Seus breves gemidos cessaram e voltou a olhá-la intensamente. «Não posso fazê-lo», pensou Lizzie freneticamente. «Não posso entregar este menino».

— Lizzie, dê o menino à parteira —ordenou Eleanor com energia—. Acredito que é o melhor.

Lizzie tomou ao bebê com mais força.

— Ainda não —disse, cada vez mais angustiada. Como ia fazer algo assim? Como ia entregar ao pequeno Ned? Porque esse era seu nome, Ned. Um nome muito bonito, diminutivo de Edward, em honra a seu avô, o conde.—Eu o levarei, senhorita —disse a donzela, estendendo os braços.

— Não! —Lizzie se afastou bruscamente. apressou-se a sorrir ao menino, que estava de novo a ponto de chorar. Ele pareceu lhe devolver o sorriso.

Anna murmurou fracamente:

— Posso... vê-lo?

Lizzie se enrijeceu e compreendeu que não queria que sua irmã tomasse nos braços ao menino. Fechou os olhos com força, consciente de que estava suando. O que lhe ocorria? Tinham um plano, uma saída para a terrível situação de Anna.

A imagem de Tyrell de Warrenne atravessou sua mente; seu olhar era intenso e perturbadora. Lizzie afugentou rapidamente aquela visão. Não podia pensar em seus direitos como pai. Porque no dia seguinte chegariam as monjas e levariam ao Ned...

— Lizzie... —murmurou Anna.

Lizzie sentiu a chegada das lágrimas, de umas lágrimas que não podia controlar. Eleanor lhe tocou o ombro.

— Deixa que veja seu filho, querida —disse com calma.

Lizzie assentiu com a cabeça e se aproximou da cama, guiada por sua tia.

— Não é lindo? —perguntou com brutalidade, mas não fez gesto de depositar ao Ned junto a sua mãe.

Os olhos da Anna se encheram de lágrimas e assentiu com a cabeça.

— Parece... —fez uma pausa e se umedeceu os lábios ressecados—. É igual a seu pai. OH, Deus. Vai ser seu vivo retrato, verdade? —Lizzie não podia falar. Sacudiu a cabeça sem saber que fazia. Anna se aferrou aos lençóis—. Me prometa que guardará meu segredo, Lizzie, aconteça o que acontecer —soluçou—. Ele nunca deve sabê-lo!

E, nesse momento, Lizzie compreendeu que aquele segredo era um erro. Tyrell tinha todo o direito de saber de seu filho, e ela sabia com todo seu coração que o adoraria. Mas não vacilou.

— Nunca saberá. Prometo-lhe isso.

Anna fechou os olhos, mas respirava rápida e entrecortadamente.

— Obrigado —murmurou.

Lizzie se separou dela.

— Elizabeth... —Eleanor lhe pôs uma mão sobre o ombro—. Quero que dê o menino à enfermeira. É hora de que se ocupem dele como é devido.

E Lizzie compreendeu que, se entregasse o menino, nunca mais voltaria a tê-lo em seus braços. Soube com a mesma certeza com que sabia que devia respirar para seguir vivendo. Nesse momento, enquanto olhava frente a frente o rosto de sua tia e segurava a cabeça do Ned contra seu peito, compreendeu também o que devia fazer.

— Envie um recado às irmãs. Não precisam vir —disse com aspereza.

Eleanor ficou olhando-a.

— O que que pretende? —perguntou, ao mesmo tempo contida e alarmada.

— Diga que o menino tem uma nova mãe.

— Lizzie! —exclamou Eleanor.

— Não. Eu sou agora a mãe do Menino.

SEGUNDA PARTE

JUNHO DE 1814 - AGOSTO DE 1814

UMA SITUAÇÃO INTOLERÁVEL

— MA...MA... mmma...

Lizzie cantarolava enquanto passava o rolo de macarrão na massa para o bolo. Era um lindo dia de junho, nem frio ou quente demais, sem uma nuvem no céu. Tinha decidido fazer um bolo de maçã para o jantar.

Assim que aquelas sílabas saíram da boca do pequeno Ned, ficou paralisada e seu coração deu um salto. Faltavam algumas semanas para que Ned completasse um ano. Já há algum tempo vinha emitindo sons, mas nunca antes tinha pronunciado uma palavra coerente. Lizzie se voltou para olhar ao menino, que estava sentado na cadeira da cozinha, preso a ela, e tinha o rosto manchado pelos **arándanos** que estava comendo.

— Neddie? — sussurrou, assombrada pelo milagre que estava presenciando. Por fim ia falar o pequeno?

— Mma! — chiou ele, e os arándanos caíram da mão e rodaram pelo chão, mas Lizzie não importou. Deixou escapar uma exclamação de alegria e abraçou a seu filho.

— Neddie! OH, volte a me chamar assim! Diga mamãe, Neddie!

— Mma! — disse o pequeno, e lhe sorriu.

Os olhos de Lizzie se encheram de lágrimas. Tinha o coração tão cheio de amor que quase parecia impossível que se dilatasse ainda mais.

— Meu querido menino — sussurrou — é tão esperto! Igual a seu pai! — e a imagem de Tyrell veio claramente à cabeça.

Lizzie era a mãe de seu filho, de um filho que sem dúvida era igual a ele na sua idade, e Tyrell nunca andava muito longe de seus pensamentos.

Ned deixou de sorrir. ficou muito sério, olhou-a fixamente e assinalou o chão.

— Mma —disse—. Mina! BA, BA!

Lizzie o olhou com pasmo um momento. Ned não conhecia seu pai, nem havia em sua vida outra figura masculina que Leclerc, de modo que Lizzie não entendia que tentasse dizer «papai». Logo ele chiou e assinalou de novo o chão, e ela compreendeu, aliviada. Não tentava dizer «papai». Tentava lhe dizer que queria descer da cadeira.

— Calma —disse Lizzie brandamente, e tirou o cinturão da cadeira para pô-lo no chão. Ele se ergueu imediatamente, deu uns poucos passos vacilantes e caiu. Gritou, zangado— Vamos, Ned, tente outra vez —disse Lizzie com ternura, e lhe deu a mão.

A birra do pequeno se desvaneceu tão rapidamente como tinha surgido. levantou-se com presteza, apoiando-se nela, e Lizzie o ajudou a dar uns passos. Ned riu, entusiasmado por sua façanha.

— Acredito que vai ser um homem muito arrogante —disse Eleanor da porta da cozinha.

— Acaba de me chamar mamãe —disse ela com ansiedade—. E acredito que andará muito em breve.

Ned a puxava pela mão. Queria aproximar-se de Eleanor. Lizzie o conduziu para ela. Eleanor o tomou nos braços imediatamente.

— Que menino tão esperto —disse com carinho.

Lizzie sorriu ao vê-lo. Desde que tinha decidido ficar com Ned, sua vida se tornou perfeita, ou quase.

Era o medo o que impedia que fosse de tudo perfeito. Vivia em um estado de sigiloso terror, esperando o dia em que o pai do menino apareceria para reclamar ao pequeno e, furioso com ela por seu erro, arrancaria Ned de seus braços.

Naturalmente, recordava-se que Tyrell não podia descobrir a verdade: Anna, Eleanor e ela tinham jurado guardar o segredo. Só um punhado de serventes tinham permanecido na casa durante a última parte da gravidez de Anna; Eleanor tinha demitido ao resto. Esses serventes, tal como Leclerc e Rosie, a babá, eram completamente de confiança. Eleanor e

Lizzie continuavam evitando receber visitas em Glen Barry. Inclusive Rory ignorava a existência do menino. Quando ia vê-las, o pequeno ficava em seu quarto, no terceiro andar.

Quanto a sua consciência, Lizzie tinha conseguido racionalizá-la. Sabia que era errado ocultar ao pai a existência de seu filho. Sabia que seria um pai maravilhoso. Mas nunca teria essa oportunidade, pelo menos enquanto Ned fosse um menino. Lizzie tinha jurado levar o segredo de Anna à tumba para que sua irmã não ficasse desonrada... e para poder ficar com o Menino.

Mas desde que fez aquela promessa, muitas coisas tinham mudado. Ned era um aristocrata por direito próprio. Lizzie só tinha que olhá-lo para saber que era um De Warene. Amava-o tanto que sabia que algum dia lhe diria a verdade a respeito de seu pai para que reclamasse seus direitos. Mas o casamento de Anna iria afundar se a existência de Ned e seu vínculo com Os de Warene chegassem a ser conhecido. Tyrell não acreditaria nunca que Lizzie era sua mãe e, para que aceitasse que Ned era filho dele, teria que lhe contar a verdade.

Onze meses atrás, aquela promessa tinha parecido muito fácil. Agora, era agudamente consciente de que, algum dia longínquo, reclamaria os direitos que correspondiam a Ned por nascimento. No final, teria que romper a promessa que tinha feito a Anna.

Mas ainda havia tempo.

A culpa a assaltava de todos os ângulos possíveis, mas se dizia que esperaria até que Ned fizesse dezoito anos para esclarecer as coisas. Sem dúvida alguma inclusive Anna iria querer que seu filho reclamasse seu lugar na dinastia dos De Warene.

Eleanor interrompeu suas reflexões.

— Temos que conversar, Elizabeth —disse com firmeza.

Lizzie ficou tensa. Sabia o que a esperava. Mas não estava pronta para ir para casa. Jamais estaria preparada para retornar a seu lar: Raven Hall estava muito perto de Adare.

— Estou fazendo um bolo —disse atropeladamente— Mas dentro de uma hora terei acabado.

— O bolo pode esperar —disse sua tia, muito séria—. Elizabeth, fui a seu quarto para te buscar e vi uma carta de sua mãe. Uma carta que ainda não abriu! O carimbo é de uma semana. Já vai sendo hora de pôr fim a este disparate, querida minha.

O coração de Lizzie disparou porque Eleanor tinha razão. Sentia falta de Georgie e de seus pais. Anna tinha abandonado há tempo Glen Barry e se casado com o tenente Morely em setembro, como estava previsto. Lizzie não tinha assistido ao casamento, decisão que tinha tomado conjuntamente com Anna. Sua irmã residia agora com seu marido em Derbyshire, na casa familiar dos Morely. Thomas tinha abandonado o exército e era agora um cavalheiro ocioso. As cartas de Anna indicavam que era muito feliz. Em Cottingham havia freqüentes visitantes; conforme dizia, ela era muito popular e Thomas desejava que tivessem filhos em seguida. O fato de que a vida dela parecesse perfeita afiançava a convicção de Lizzie de que tinham feito o correto, por mais que tivessem negado a Tyrell a oportunidade de criar a seu filho.

Mas Lizzie evitava as cartas de casa. Georgie insistia em sua volta. Comprometeu-se há pouco com Peter Harold e Lizzie sabia que era muito infeliz, pois era capaz de ler as entrelinhas das cartas de sua irmã. Sua mãe tinha começado a insinuar que sua estadia junto à Eleanor já se havia prolongado muito. Era evidente que sentia sua falta e que sua prolongada ausência lhe doía. Inclusive seu pai tinha escrito, lhe pedindo sem rodeios que voltasse para casa, embora tivesse que levar a adoentada Eleanor com ela. Na semana anterior, Lizzie tinha recebido uma carta de Georgie e de sua mãe. As duas cartas permaneciam sem abrir em seu escritório, pois estavam se esgotando as suas desculpas para permanecer com Eleanor.

— Lydia também me tem escrito . E sente sua falta terrivelmente, Elizabeth, e não o reprovo. Faz mais de um ano, minha menina. É hora de que volte para casa e resistas à tempestade... se está empenhada em continuar com esta farsa.

Lizzie se separou de sua tia, consciente de que o medo ia crescendo rapidamente em seu peito. A imagem de Tyrell se abatia ante ela. Ouviu que Eleanor deixava Ned no chão.

Olhou-o; o menino começou a brincar com os arándanos que havia pelo chão. Mais tranqüila, tocou o beirada da mesa coberta de farinha. Sua tia tinha razão. Mas não estava preparada para voltar para casa: era uma covarde, nada mais.

Eleanor lhe tocou o ombro.

— Não pode ficar aqui, escondida no campo comigo para sempre.

Lizzie se voltou e mordeu o lábio, desmoralizada.

— Por que não?

O rosto da Eleanor se suavizou.

— Minha querida menina, que classe de vida é esta para você? Vivemos completamente isoladas. Aqui não há festas, nem passeios, nem cultura, nada absolutamente. E ninguém mais vem nos ver, porque nunca os recebemos. Você sabe quanto carinho tenho ao menino e a você. Mas sinto falta da cidade, do teatro, da ópera, dos bailes... Sinto falta do Rory! E não sei quanto tempo mais vou poder mentir a ele.

Lizzie podia imaginar quão doloroso era para Eleanor enganar a seu parente preferido; ela também se sentia muito mal. Rory e ela se tornaram bons amigos durante o ano anterior e isso fazia com que mentir a ele se tornasse muito mais difícil.

— Minha vida se converteu em uma mentira —sussurrou.

— Sua vida é muito mais que uma mentira —respondeu Eleanor—. Elizabeth, não tem por que passar por isso, sabe?

Lizzie ficou atônita.

— Amo Ned. É meu filho de todas as formas possíveis, embora não desse a luz. Nunca poderei abandoná-lo, se for isso que sugere.

— Sei, querida. Só quero dizer é que diga que ele é um órfão que adotaste, em lugar de retornar para casa e apresentá-lo como seu filho ilegítimo. Desse modo ainda terá uma oportunidade de se casar, querida minha —o tom da Eleanor era surpreendentemente tenro.

Lizzie sacudiu a cabeça, quase frenética.

— Se voltar para casa dizendo que adotei ao Menino, minha mãe não aceitará. Insistirá em que me desfaça dele —não lhe cabia nenhuma dúvida. Sua mãe ficaria horrorizada e não haveria modo de raciocinar com ela.

— Suponho que existe esse risco, Elizabeth, mas possivelmente, por uma vez, Lydia se deixe persuadir.

— Não! Não posso me arriscar, tia Eleanor. Não quero me casar. Minha vida é Ned! — soluçou Lizzie.

Eleanor lhe apertou o ombro.

— E seriamente pensaste no escândalo?

— Sim —mentiu ela, pois se negava a pensar naquilo—. O escândalo não é nada comparado com a vida e o futuro de um menino tão lindo —como ia arriscar-se a ter que abandonar o filho de Tyrell? Suportaria de bom grado qualquer escândalo pelo bem do pequeno.

— É uma mãe maravilhosa. Vi com meus próprios olhos. Suponho que tenha razão. Não podemos nos arriscar a perder ao pequeno Ned.

Lizzie sorriu, aliviada.

— Pode ser que minha mãe sofra uma apoplexia, tia Eleanor, quando chegar com meu filho nos braços. E acredito que para meu pai será uma grande decepção.

— Não há modo fácil de dar a notícia, mas chegou o momento —disse Eleanor.

Lizzie sabia que tinha razão. Eleanor tinha sido muito generosa ao lhe permitir que ficasse tanto tempo em sua casa. Não era justo mantê-la encerrada no campo dessa maneira. Era Lizzie quem tinha decidido abandonar a vida social por seu filho, mas Eleanor estava pagando por isso o mesmo preço.

— Elizabeth, é essa a verdadeira razão pela qual não quer voltar para casa? —Lizzie se sobressaltou. O tom de sua tia era terrivelmente amável—. Anna me falou de seu interesse por Tyrell de Warrenne.

Lizzie deixou escapar um gemido de surpresa.

— Anna lhe disse isso? Como pôde fazer tal coisa! —sentia-se mortificada.

— Não há nada de mal em que uma jovem se apaixone por um arrumado aristocrata, embora seja mais velho que ela. Todas as garotas sonham com seu príncipe encantado. Mas é tão irônico que leve tanto tempo querendo-o de longe e que agora esteja criando a seu filho...

— Tenho um favor que te pedir —disse Lizzie bruscamente, olhando a sua tia—, embora já tenha feito tantas coisas por mim. Não tenho direito a te pedir nada mais.

Eleanor sorriu.

— Você sempre pode pedir algo mais, querida minha.

— Consideraria a possibilidade de vir comigo a Raven Hall? Estou muito assustada, tia Eleanor. Temo contar a meus pais —vacilou—E tem razão. Temo ver Tyrell de Warenne algum dia e que de algum modo saiba a verdade.

Dez dias depois, da janela da carruagem de Eleanor, Lizzie contemplava as frondosas colinas do condado de Limerick com o coração disparado. Tinham deixado para trás os subúrbios da cidade fazia meia hora e estavam apenas a uma milha de Raven Hall. Eleanor ia a seu lado e Ned no assento em frente, junto à Rosie, sua babá. O menino dormia profundamente, balançado pelo movimento da carruagem. A paisagem era terrivelmente familiar, e Lizzie reconhecia cada granja, cada pedra do caminho, cada roseira em flor. resistiu a sentir falta de seu lar durante no ano anterior e de repente era consciente de quanta nostalgia havia sentido. A volta lhe produzia alegria e temor.

Eleanor a tomou pela mão.

— Dentro de uns minutos cruzaremos a grade, querida. Está branca como um lençol. Levanta esse queixo. Desatará o caos certamente, mas acabarão querendo ao menino. É impossível não querê-lo.

Lizzie assentiu com a cabeça de algum modo, fechou os olhos e tentou respirar profundamente. O aroma da chuva matutina, da erva fresca, dos lilás e dos jacintos a assaltava. Sua mãe ia ficar histérica, pensou, afligida. Mas se recordou que já não era uma menina. foi-se de casa aos dezesseis anos, sendo ainda uma adolescente. Em maio, tinha feito dezoito anos. Já era uma mulher adulta, uma mulher e uma mãe.—Aí estão! — exclamou Eleanor—. saíram todos a te receber.

Lizzie abriu os olhos e viu seus pais e a Georgie diante da casa, sorrindo. Sua mãe começou a agitar os braços à medida que a carruagem se aproximava; sua agitação saltava à vista. Georgie também saudava. Seu pai permanecia apoiado em sua bengala, mas ele tampouco podia evitar sorrir.

— Senti falta deles —murmurou Lizzie. de repente tinha esquecido a notícia que levava e, cheia de alegria, inclinou-se para diante e começou a saudá-los com a mão.

Eleanor disse a Rosie:

— Espera um momento antes de despertar ao Ned e descer do carro.

Rosie, uma jovem roliça e sardenta, só uns anos mais velha que Lizzie, assentiu com a cabeça.

— Sim, senhora.

A carruagem se deteve. Lizzie não esperou a que o laçao abrisse as portas. Desceu de um salto e seus pais e sua irmã correram para ela.

— Mamãe! Papai! Georgie! —gritou.

Sua mãe foi primeira em abraçá-la.

— Lizzie! Como pode ficar fora tanto tempo? OH! Olhe pra você! Quanto cresceu. Cortou o cabelo? perdeu peso? E que vestido tão bonito! —sua mãe chorava ao falar.

— Sim, cortei o cabelo, e a tia Eleanor foi tão amável de me comprar alguns vestidos —disse Lizzie—. Senti tanta sua falta, mamãe.

— Todos sentimos sua falta! E nem sequer veio para casa para o casamento de Anna! —repreendeu sua mãe, com o brilho das lágrimas nos olhos.

Antes de que Lizzie pudesse responder, seu pai a abraçou com força.

— Que bonita está! —exclamou—. Mas onde está minha menina gordinha?

Lizzie não podia lhe explicar que correr detrás de um menino pequeno era exaustivo.

— Continuo gorda, papai.

— Deve ter perdido quinze quilos! —disse seu pai—. Bem-vinda a casa, filha.

Lizzie sorriu. Logo se voltou para Georgie. Sua irmã continuava sendo a mesma: alta e atraente, com o cabelo loiro escuro caindo em ondas por debaixo dos ombros. lançaram-se uma nos braços da outra e se abraçaram com força.

— Vejo que a vida em Wicklow te caiu bem! —disse Georgie com voz rouca.

— Você não mudou nada —respondeu Lizzie—. Continua sendo a mulher mais alta que conheço —brincou.

Sorriram.

— Ficou fora muito tempo, Lizzie. Começava a pensar que não voltaria nunca.

Lizzie não sabia o que dizer.

— Me alegro muito de ter voltado. Tem razão: passei fora muito tempo.

Georgie sorriu e olhou a Eleanor, que estava atrás de Lizzie.

— Não parece doente —comentou, e entreabriu o olhar com certo receio.

Lizzie ficou tensa. Sua mãe, que tinha ouvido, disse:

— Olá, Eleanor. Meu Deus, quanto tempo que teve para se recuperar. Está melhor que nunca! Ou é que se afeiçoou tanto com minha Lizzie que não queria ficar sem ela? — estava zangada e não se esforçava por dissimulá-lo. Seu tom era ácido.

— Tomei muito carinho a sua filha pequena, Lydia —respondeu Eleanor com calma—E me recuperei notavelmente, sim. Olá, Gerald.

— Eleanor, alegremo-nos muito de que tenha decidido vir com Lizzie —disse Gerald sinceramente.

Devia dizer-lhes já, disse-se Lizzie, abatida. Mas, se sua mãe desmaiasse, terei que levá-la para dentro de casa.

— O que aconteceu? Passa algo? —perguntou Georgie em voz baixa.

Em lugar de responder, Lizzie olhou a Eleanor, que lhe sorriu animosamente.

— Tenho notícias —disse com grande esforço—.vamos nos sentar no salão.

Eleanor alargou o braço e lhe apertou a mão. Sua mãe e Georgie viram aquele gesto.

— Que classe de notícias? —perguntou sua mãe, surpreendida.

— Boas notícias —disse Lizzie o mais alegremente que pôde.

— Conheceu a um homem? —exclamou sua mãe—. Está comprometida? OH, por favor! me diga que por isso esteve fora tanto tempo!

— Acredito que deveríamos entrar e nos sentar —respondeu Lizzie.

Eleanor tomou braço a sua mãe e a conduziu para a casa.

— Vêem, vamos ao salão tomar um xerez.

Sua mãe olhou a Lizzie enquanto entravam na casa.

— O que está acontecendo? Se não for que está comprometida, que notícias pode ter?

Lizzie ficou junto à porta enquanto Eleanor levava sua mãe ao sofá. Georgie se sentou em uma cadeira e seu pai ficou de pé junto à lareira, apoiado em sua bengala. Lizzie se sentia fraca e enjoada. perguntava-se se devia primeiro buscar Ned ou informá-los primeiro de sua existência. Todo mundo a olhava esperando.

Resolveu que não havia modo de evitar a comoção que ia causar sua notícia. Retrocedeu para o vestíbulo e fez um gesto a Rosie para que descesse da carruagem e entrasse. Logo se voltou para o salão. Tentou sorrir e fracassou.

— Há uma razão pela que fui a Dublin, a mesma razão pela que estive fora mais de um ano —disse com voz rouca. Tremia tanto que se aproximou do piano para apoiar-se nele.

Sua mãe parecia perplexa.

— Sabemos por que foi a Dublin —disse seu pai brandamente—. A tia Eleanor te chamou para que cuidasse dela.

Lizzie olhou um instante a Eleanor. O olhar de sua tia lhe dando ânimos.

— Não. Ela não me chamou. Eu falsifiquei essa carta. Eleanor não esperava por mim, nem a Anna. Sua mãe deixou escapar um gemido de horror. Lizzie teve que olhá-la. A senhora Fitzgerald estava pálida como um cadáver. Georgie tinha os olhos dilatados pelo assombro.

— O que tenta nos dizer, Lizzie? —perguntou sua irmã com aspereza. Lizzie sabia que já se sentia traída. Seu pai era o único que permanecia impassível, pois confiava nela completamente.

— Estou certo de que Lizzie tinha um bom motivo para agir assim —disse.

— E por que inventou esse convite? —exclamou sua mãe—. Está dizendo que Eleanor nunca esteve doente?

Lizzie ouviu que Rosie entrava na casa.

— A tia Eleanor desfrutou durante todo este tempo de boa saúde. Eu, entretanto, tinha que sair do condado. Mamãe, papai, sinto-o — umedeceu os lábios—. Fui porque não sabia que outra coisa fazer.

— Fale claro —disse Georgie, com os olhos cravados no rosto de Lizzie.

Lizzie se voltou para o vestíbulo. Rosie estava ali com Ned nos braços. O menino bocejava, sonolento. Lizzie o tomou nos braços e retornou ao salão. Seguiu um silêncio carregado de perplexidade.

— Este é Ned —disse em um sussurro—. Meu lindo filho.

Sua mãe ficou branca e os olhos pareceram sair-se das órbitas. Seu pai e Georgie tinham idêntica expressão de assombro. A família inteira parecia haver ficado sem fala.

Então sua mãe desmaiou, desabando sobre o braço do sofá verde folha. Eleanor começou a abaná-la, mas ninguém mais se moveu. Era como se seu pai e Georgie nem sequer se dessem conta de que sua mãe tenha desmaiado. Logo Georgie se levantou, incrédula, sem afastar o olhar de Lizzie.

— Meu Deus —disse.

Seu pai a olhava com a mesma incredulidade. Depois, pareceu cobrar vida. aproximou-se rápido do sofá, onde Eleanor estava dando saia a sua esposa. A senhora Fitzgerald tossiu e recuperou a consciência.

— Tive que ir para ter ao menino —murmurou Lizzie enquanto abraçava o menino com força.

O pequeno despertou por completo e empurrou seus ombros.

— BA! —disse—. BA!

— Cale —disse Lizzie ao olhá-lo. Sentiu que uma lágrima corria por sua bochecha.

Georgie tinha tampado a boca com a mão. Seus olhos ambarinos pareciam enormes.

— É seu filho? —perguntou como se não pudesse acreditar.

Lizzie assentiu com a cabeça.

— Por favor, o amem como o amo eu —conseguiu dizer de algum modo.

Os olhos de sua irmã se encheram de lágrimas. deixou-se cair na cadeira, sufocada.

— BA! —ordenou Ned—. Ned! BA!

Lizzie o deixou no chão. O menino agarrou suas pernas para ficar em pé. Sorriu para Georgie e duas covinhas apareceram em suas bochechas. Então sua irmã o olhou e, ao vê-lo seriamente, seus olhos aumentaram ainda mais. Nesse instante, Lizzie compreendeu que ela se deu conta de que Tyrell de Warenne era o pai do menino. Georgie a olhou, pasmada. Sua certeza continuava ali, impossível de confundir. Lizzie sentiu medo.

Seu pai voltou a si.

— Quem é, Lizzie? Exijo saber quem é o pai desse menino! —estava vermelho de fúria—. Quero saber quem te fez isto! Maldito seja! Pagará por isso!

Lizzie deu um pulo. Nunca tinha visto seu pai perder os nervos, nem tinha ouvido amaldiçoar. Seu pai era o homem mais comedido e amável que conhecia, mas, nesse momento, parecia disposto a cometer um assassinato. Lizzie sacudiu a cabeça. Esperava que seu pai se sentisse decepcionado, mas não que fosse às nuvens.

— Não me diga que não sabe quem é! —bramou seu pai, sacudindo o punho ante ela.

— Basta, por favor —soluçou Lizzie— Vai ter um ataque. Por favor, sente-se.

Mas ele não se moveu. Sua mãe deixou escapar um gemido. Lizzie mordeu o lábio e se voltou para Georgie, mas viu uma expressão de recriminação nos olhos de sua irmã. Doíam-lhe as têmporas. Aquilo era muito pior do que esperava, e precisava de Georgie como aliada.

— Lizzie! —soluçou sua mãe.

Lizzie correu para ela. Eleanor estava ajudando-a sentar-se.

— Sinto muito, mamãe —murmurou, e, caindo de joelhos, agarrou-a pela mão. Depois dela, ouviu Ned reclamar ao cair no chão. Olhou para trás e viu que Georgie o ajudava a levantar-se. Voltou a olhar para sua mãe—. Sinto tanto!

— Que sente muito?! Sentir não é suficiente! —gritou sua mãe—. Se desonrou! Está arruinada! —gemeu, chorando.

Lizzie tragou saliva.

— Mas olhe para Ned —disse—. Viu como é bonito? E é muito esperto, mamãe. É seu neto!

— Bonito? esperto? Está desonrada! Desonrou a todos! OH, Deus! Agora Harold não irá querer se casar com Georgie! Romperá o compromisso assim que saiba disto. Como pôde, Lizzie?

— Sinto —repetiu ela. Sentia como se seu coração tivesse parado. Sem dúvida sua mãe acabaria por amar ao Ned, seu próprio neto.

— Exijo saber o nome do pai desse menino imediatamente —disse seu pai, mal conseguindo dominar sua fúria.

Lizzie deu outro salto.

— Isso não importa —disse em vão.

— Que não importa? Claro que importa! —chiou sua mãe.

O menino estava sentado no chão e olhava com interesse à senhora Fitzgerald. Georgie estava de pé a seu lado e o observava com atenção.

— Isto é intolerável e esse homem terá que arrumar as coisas —declarou seu pai com os punhos fechados.

Lizzie compreendeu que devia atalhar aquele assunto imediatamente.

— Está casado —disse com brutalidade, apesar que detestava mentir outra vez.

— Está casado? —chorou sua mãe—. Ai, Meu deus! Agora sim que estamos desonrados! Ninguém voltará a nos abrir as portas de sua casa! Ai! Outro filho que criar. Outra boca que alimentar!

Lizzie se sentia doente. Voltou-se para trás e se sentou no chão. Ned engatinhou até ela e Lizzie o sentou sobre seu regaço.

— É seu neto —murmurou—. Não outra boca que alimentar.

Sua mãe tampou o rosto com as mãos e continuava chorando desconsoladamente. Lizzie olhou a seu pai, que estava sentado junto a sua esposa com o semblante mudado pela derrota. Lizzie tremeu e olhou a sua tia.

— Não deveria ter voltado para casa.

Eleanor sacudiu a cabeça e disse com suavidade:

— Não tinha mais remédio. Lhes dê tempo.

Sua mãe desceu as mãos e deixou de chorar.

— Como pôde nos fazer isto? —perguntou com aspereza.

Lizzie não sabia o que dizer. levantou-se lentamente.

— Cometi um erro.

— Sim, um erro que pagaremos todos. Este escândalo acabará conosco —replicou sua mãe amargamente.

Lizzie se perguntou se teria sequer um teto sobre sua cabeça.

— Já basta —disse seu pai cansativamente—. Já basta, mamãe. Lizzie não pretendia que as coisas fossem assim. Todos sofremos um forte impacto com a notícia. Acredito que deveríamos nos separar agora. Estou cansado. Quero me deitar um momento —procurou

sua bengala e ficou em pé. Parecia de repente vinte anos mais velho, e se aproximou da porta arrastando os pés.

Sua mãe também se levantou. Apoiada em Eleanor, lançou a Lizzie um olhar carregado de recriminação e saiu do salão de braço com sua cunhada.

— Vou a meu quarto e não quero que me incomode —disse, e começou a chorar de novo, quase inaudivelmente.

Lizzie fechou os olhos ao ficar só com Georgie e Ned. Sua irmã sacudiu a cabeça. Uma lágrima brotou por fim quando saiu do quarto.

Lizzie desejou não ter voltado.

UM PROPÓSITO ADMIRÁVEL

Lizzie estava sentada na cama do quarto que tinha compartilhado com Anna. Aquela continuava sendo seu quarto, mas as camas gêmeas não lhe proporcionavam nenhum consolo, nem o papel rosa e branco das paredes, nem a velha penteadeira onde sua irmã e ela se pentearam dia após dia. A casa familiar lhe parecia agora quase uma prisão, uma prisão que ela mesma tinha criado. abraçou os joelhos contra o peito enquanto o menino engatinhava pelo chão, explorando aquele novo entorno sob o olhar atento de sua mãe. Doía-lhe o peito.

O que devia fazer agora? Tinha a terrível sensação de que Ned e ela não eram bem-vindos em Raven Hall. A formosa imagem de Tyrell apareceu em sua mente e, com ela, a idéia inquietante de que a ajudaria se fosse a ele. mordeu o lábio com força e por fim derramou as lágrimas contidas. Sua família estava furiosa com ela, furiosa e decepcionada, e até o Georgie parecia haver ficado contra ela. E ela jamais recorreria a Tyrell.

Sempre restava Glen Barry; sempre restava a casa de Merrion Square, mas temia que sua tia se cansasse de tê-la a seu lado. Ela precisava de meios, não tinha nenhum dinheiro. Santo Deus, se não era bem-vinda em sua própria casa, possivelmente se visse na rua, como uma vagabunda.

Chamaram brandamente à porta. Lizzie se esticou.

— Quem é?

— Sou eu —disse Georgie ao mesmo tempo que abria a porta. Não fez menção de entrar. Tinha uma expressão angustiada, doída e em certo modo furiosa. Lizzie começou a chorar. Sua irmã parecia rígida como um soldado. Também seus olhos se encheram de lágrimas.

— Por que não me disse isso? —Lizzie sacudiu a cabeça, incapaz de falar, e enxugou os olhos—. Acreditava que éramos muito unidas. Mas não me falou do acontecimento mais importante de sua vida... e disse a Anna! —exclamou Georgie da soleira.

Lizzie se recompôs por fim.

— Ia te dizer isso em Dublin —era a verdade—. Mas se negou a ir, Georgie. E reconhecerá que não lhe podia contar isso por carta. E se mamãe descobrisse?

Georgie entrou no quarto e fechou a porta. Olhou Ned uma vez e parte da crispação de seu rosto se suavizou.

— Devia ter ido a casa da tia com Anna e com você. Teria ajudado. Amo você tanto...! Faria tudo por você! —soluçou.

Lizzie ficou em pé e correu a abraçar a sua irmã. Georgie tinha o corpo rígido.

— Nunca quis te machucar —murmurou Lizzie, e sua irmã começou a relaxar.

— Sei —murmurou Georgie quando se separaram— me Perdoe por pensar em mim mesma em um momento assim, Lizzie. Não posso nem imaginar pelo que terá passado.

—Estávamos aterrorizadas —disse Lizzie—. Nem sequer sabíamos se tia Eleanor nos deixaria entrar... e muito menos se nos deixaria ficar quando soubesse a verdade. Georgie, preciso de você agora mais que nunca. Tenho tanto medo... Mamãe nunca me perdoará e papai está tão furioso... Nunca o tinha visto assim. Acredito que não sou bem-vinda aqui. me perdoe por ter enganado você. Não era essa minha intenção. Por favor, nos ajude a meu filho e a mim.

Georgie lhe apertou a mão, boquiaberta.

— Lizzie, esta é sua casa. Ninguém vai te expulsar daqui — sustentaram o olhar antes de que Georgie olhasse ao menino. —E ele é um Fitzgerald. Papai e mamãe entrarão em razão. Mas precisam tempo. foi uma impacto tremendo para eles.

Lizzie assentiu com a cabeça. Confiava desesperadamente que sua irmã tivesse razão. Esgotada, deixou-se cair na cama.

— O que vou fazer agora?

— Deixar que passe a crise — disse Georgie. ajoelhou-se junto ao menino. — Olá. Sou a tia Georgie.

Ned a olhou com um sorriso radiante.

— Ned —disse, e começou a golpear no chão com um dos sapatos que Lizzie tirou. — Ned!

Georgie começou a sorrir.

— Sim, você é Ned e eu sou a tia Georgie.

O sorriso do Ned desapareceu e a olhou muito sério.

— Está tentando compreender —explicou Lizzie.

— Tem uns olhos azuis lindos —murmurou Georgie— A tia Georgie —repetiu.

— Gi! —disse ele com autoridade— Gi! —gritou, e começou a bater palmas.

— Que esperto é meu menino —sussurrou Lizzie, orgulhosa.

— É muito esperto, sim —disse Georgie, e ficou em pé. — Ainda não me recuperei da notícia —disse enquanto o olhava com grande atenção.

Lizzie teve a incômoda sensação de que se referia à notícia de saber quem era o pai do Ned. ficou em pé.

— Como você já disse, a crise passará.

Georgie a agarrou pelo braço.

— Liz, Tyrell de Warrenne é o pai?

Lizzie se sentiu enjoada de repente. Não esperava que ninguém adivinhasse a verdade assim que retornasse a casa com o Ned, mas isso era precisamente o que tinha feito sua irmã poucos minutos depois de conhecer Ned. Se Georgie reconhecia tão facilmente Tyrell em seu filho, acaso não aconteceria o mesmo com outros?

— Não me faça isto! —soluçou, tremendo.

— Não sou tola. Não se parece nada com você. E quantos irlandeses morenos conhecemos? Além disso, sempre estive apaixonada por Tyrell de Warrenne.

— É tão evidente?

— É evidente para mim, porque conheço sua história. É tão moreno... e seus olhos são do azul dos De Warrenne! —disse Georgie.

Lizzie voltou a sentar-se.

— Se descobrir a verdade, me tirará ele. Negarei sempre, Georgie. Ned é meu —mas Lizzie temia que sua mentira começasse já a desbaratar-se.

Georgie lhe pôs uma mão no ombro.

— Sei que Tyrell não se casará nunca com uma mulher de posição inferior. Há rumores de que vai se comprometer com uma herdeira inglesa muito rica, de uma poderosa família. Tem razão. Tomaria Ned — havia uma dúvida em seu olhar. Lizzie afastou os olhos. Georgie lhe tocou o braço. — Foi essa noite no baile de Todos os Santos? Disse que não se encontrou com ele.

Lizzie respirou fundo.

— Não posso, Georgie. Não posso falar deste assunto —titubeou. — É muito doloroso —não voltaria a mentir a sua irmã. Por sorte, às vezes podia ser tão decidida como Georgie.

Sua irmã a esquadrinhou.

— Então, seriamente pretende lhe ocultar o menino? Vai criar sozinha a Ned?

Lizzie umedeceu os lábios.

— Algum dia, quando Ned for maior, direi a verdade.

Georgie pareceu conformar-se com aquela resposta.

— Pode ser que Tyrell não tenha outros herdeiros varões —disse por fim— e que por isso seja muito mais fácil que aceite ao Ned.

— Sei que será outra crise, mas a confrontarei quando chegar o momento.

Georgie a rodeou com o braço.

— Claro que sim. E eu quero te ajudar.

— Obrigado —murmurou Lizzie, procurando não ceder à dor que sentia. — Então, Tyrell está a ponto de comprometer-se?

— Isso dizem. O rumor corre por toda a região de Limerick. A dama em questão poderia ser a filha do visconde de Harrington.

Lizzie fechou os olhos. Inclusive ela, que não estava a par da vida política, conhecia o poderoso lorde Harrington, que tinha formado parte do Conselho Privado durante algum tempo e continuava sendo presidente da Câmara dos Lordes. Era um inglês muito rico e proeminente. Se os rumores fossem certos, o casamento seria muito vantajoso para a família De Warene.

— Lizzie —disse Georgie— Sempre soube que não era para você...

— Sei! O melhor é que se case e tenha mais filhos, Georgie. Quero que seja feliz — conseguiu dizer.

Sua irmã sorriu tristemente.

—Claro que sim —disse por fim.

Vários dias depois, o lar dos Fitzgerald não havia se reposto ainda da crise. A mãe de Lizzie permanecia fechada em seu quarto, muito melancólica para descer. Seu pai se encerrava para refletir em seu estudio e mal falava durante as refeições. Era como se alguém tivesse morrido e a casa estivesse de luto, comentou Eleanor, comentário este que não aliviou a angústia de Lizzie. Georgie tentava mostrar-se alegre e se comportava de forma maravilhosa com Ned, mas isso não ajudava. Ninguém, nem sequer Eleanor, podia convencer a sua mãe de que descesse. E seu pai parecia não se importar.

Lizzie tinha os nervos à flor de pele. Durante o ano anterior tinha tentado não pensar no que aconteceria quando levasse Ned para casa. Havia tentando convencer-se de que as coisas se arrumariam de algum jeito. Agora tinha que assumir o profundamente que tinha ferido a seus pais... e aquilo era só o princípio. Se seus pais se achavam naquele estado de perplexidade, como reagiriam seus conhecidos? Lizzie temia que o escândalo fosse ainda pior do que tinha imaginado.

A primeira visita foi a de lady Ou'DELL. Lizzie estava no salão, com Eleanor, Georgie e Ned quando chegou a bela carruagem negra. Lady Ou'DELL era uma boa amiga de sua mãe e sempre tinha sido amável com Lizzie, embora nunca tenha mostrado simpatia por Anna. Era uma das senhoras que a chamavam «a selvagem» a suas costas. Lizzie olhou pela janela enquanto lady Ou'DELL desembarcava da carruagem. Ned estava dormido em seu berço e Eleanor estava sentada à mesa de jogos, onde tinha estado jogando com Georgie. Lizzie sentiu um nó no estômago ao ver aproximar-se a amiga de sua mãe. Georgie se reuniu com ela na janela.

— É lady Ou'Dell! O que quer fazer? —olhou rapidamente a Lizzie com o rosto crispado.

Lizzie não vacilou, apesar de que se sentia enjoada.

— Acredito que não tenho opção. Ao fim das contas, cedo ou tarde saberá que sou uma perdida. Talvez seja melhor acabar o quanto antes.

— OH, Lizzie, já sofreu o bastante! Oxalá pudéssemos evitar o escândalo.

Lizzie encolheu os ombros.

— Não há modo de evitar.

— Não, não há —Georgie sorriu por fim. — Pode ser que não seja para tanto. Lady Ou'DELL está muito contente porque sua filha Helen se casou o outono passado. Nunca esteve com melhor humor.

Lizzie afastou o olhar. Margaret Ou'Dell ia levar uma enorme impressão e depois se mostraria indignada. Quando partisse de Raven Hall essa tarde, ninguém voltaria a aceitar a Lizzie em sua casa. Lizzie se recordou que valia a pena suportar aquela censura por seu filho. O que importava era o bem-estar do Ned, não o seu.

Betty, a donzela, fez passar à roliça senhora ao salão. Lady Ou'Dell lhes sorriu.

— Elizabeth! Quanto tempo, minha querida menina! Que bonita está! E lady de Barry! Que alegria voltar a vê-la.

— Como vai, lady Ou'Dell? —Eleanor sorriu, ficando em pé. — Embora não deveria nem perguntá-lo. Está estupenda.

Lizzie olhou Georgie com o coração acelerado. Eleanor nunca se mostrava tão amável quando visitava Limerick, mas Lizzie sabia por que de repente parecia tão complacente.

— OH, obrigado. Fiquei sabendo que você esteve doente, mas parece completamente restabelecida —disse lady Ou'Dell. Então olhou o menino que dormia no berço e pareceu ligeiramente surpreendida, mas voltou a fixar sua atenção em Eleanor.

— Por favor, deve me chamar Eleanor. Quanto tempo faz que nos conhecemos? E meus parabéns, Margaret. Também soube que Helen fez um casamento muito vantajoso.

Margaret Ou'Dell sorriu, radiante.

— Ele tem uma renda anual de seiscentas libras! Sim, foi um casamento esplêndido — olhou de novo ao Ned. — Que bebê tão lindo! Ou deveria dizer bonito, porque suspeito que é um menino?

Lizzie passou junto a ela, consciente de que lhe tremiam as pernas.

— Sim, é um menino —não queria despertar Ned, assim que se inclinou para agasalhá-lo bem. Logo lhe acariciou uma só vez na bochecha. Ao levantar, viu que lady Ou'Dell a olhava com curiosidade.

— É um parente? —perguntou lady Ou'Dell.

Lizzie conseguiu olhá-la no rosto de algum modo.

— É meu filho.

Houve mais visitas, pois todos os vizinhos foram a Raven Hall para ver Lizzie e seu filho. Quando uma carruagem chegava à porta, a angústia de Lizzie crescia até o ponto de que se sentia desfalecer. Nunca tinha sido popular, mas sempre a tinham tratado com carinho e respeito. E, de repente, era o foco da atenção... da maneira mais humilhante. Havia constantes indiretas e insinuações. Lizzie sabia que toda a paróquia especulava a respeito de quem podia ser o pai de Ned. E quase todos comentavam que era simplesmente assombroso que tivesse sido a tímida Elizabeth Anne quem tivesse caído

assim. Cada vez que Lizzie ouvia alguém comentar que deveria ter sido Anna quem caísse em desgraça, encolhia-se por dentro.

Foi Georgie quem insistiu em que passassem uma tarde de compras na cidade.

— Não pode se esconder eternamente e o pior já passou —disse Georgie enquanto caminhavam pela rua central da cidade, embelezadas com vestidos e lenços bordados. Ned ia em um carrinho empurrado por Rosie.

— Me olham como se fosse uma rameira —disse Lizzie, segurando com força sua bolsa de mão. A tarde se cinzenta e com ventania, e o céu ameaçava chuva. Mas Lizzie não se importava. Sua vida virou do avesso e desejava desesperadamente que voltasse ao normal. Odiava ser o centro de tanta atenção, de um escândalo tão sórdido. — Quase me sinto como se fosse.

— Você não é nenhuma rameira! —exclamou Georgie.— Essas mulheres a conhecem de toda a vida e sabem como é boa. Ouvi dizer alguém que tiveram que te seduzir... que devia estar apaixonada. Acredito que os assombra que a pequena e tímida Lizzie se veja nessa situação —Georgie sorriu. — Mas passará. Nenhum escândalo dura sempre.

Lizzie duvidava de que o escândalo fosse esquecido, ou que suas antigas amigas voltassem a se relacionar com ela.

— Não sei se devo ficar aqui, Georgie —disse por fim. — Possivelmente seja melhor para papai e mamãe que vá embora—continuava temendo não ser bem recebida de volta na casa de sua tia se tivesse que abandonar Raven Hall.

— Tolices! Mamãe fez muito drama, como sempre. Papai está triste, mas se recuperará. Você sempre foi sua preferida. O tempo cura todas as feridas, Lizzie. Superaremos isto —disse sua irmã com firmeza, apertando a mão— Garanto isso.

— Ao menos papai fala comigo —disse Lizzie, abatida.

Georgie parou de repente.

Lizzie estava tão absorta em suas reflexões que não prestava atenção a quem passava. Vacilou e seguiu o olhar de sua irmã.

Tyrell de Warenne se aproximava.

Estava a meia quadra dali, mas sua figura alta de ombros largos era inconfundível. Lizzie o teria reconhecido em qualquer parte, inclusive depois de um ano e meio. Ia a pé e caminhava com passo decidido em companhia de outro cavalheiro. Ambos pareciam envolvidos em sua conversa e ainda não as tinham visto.

Lizzie se voltou, angustiada.

— Rosie! Leva Ned à padaria e não saia! —exclamou frenética. Seu medo não conhecia limites. Tinha tentado convencer-se de que era improvável que Tyrell e ela voltassem a se encontrar, pois ele passava a maior parte do tempo em Dublin. Mas ali estava, a uns poucos passos dela.

Rosie empalideceu. Sem dizer uma palavra, entrou com Ned na padaria. Lizzie não podia pensar. De costas para Tyrell, rezava por que cruzasse a rua ou entrasse no botequim que havia um pouco mais à frente. Mas, ao mesmo tempo, seu rosto moreno e belo, seus olhos abrasadores e seu corpo forte e poderoso enchia sua mente. Fechou os olhos, mas aquela imagem persistia. Fazia muito tempo que não o via em pessoa.

— Vêm para cá! Acredito que vão falar com a gente —disse Georgie, assombrada.

— Não pode ser —repôs Lizzie.

E, atrás dela, uma voz familiar exclamou:

— Lizzie? Lizzie, é você?

Era Rory McBane. Lizzie se virou, incrédula, e se encontrou com os olhos verdes e cordiais de Rory, mas não se atreveu a olhar a seu acompanhante.

—É você! —exclamou Rory, encantado. Seu olhar se deslizou um momento para Georgie e pareceu medi-la um instante, mas depois voltou a fixar-se em Lizzie. — Tinha esquecido que é daqui, de Limerick. Acreditava que estava com a tia Eleanor em Glen Barry.

Lizzie sabia que devia responder. Com as bochechas sufocadas, fez uma reverência. E por fim olhou de esguelha para Tyrell.

Ele a estava olhando com assombro... como se a reconhecesse. Mas, naturalmente, isso era simplesmente impossível... não era? Tyrell nunca tinha parecido tão masculino, tão viril. Usava uma jaqueta azul escura de corte impecável e finas meias de camurça com botas altas e bem polidas. Lizzie ficou sem fôlego. A confusão se apoderou dela.

— Lizzie? —disse Rory. Ela saiu de seu transe. voltou-se para olhá-lo, consciente do rubor que ardia em suas bochechas. Seu corpo parecia ter cobrado vida pela primeira vez desde o descobrimento da traição de Anna.

— O-olá —gaguejou. Era para Lizzie impossível pensar. — Quanto... quanto me alegro de ver você, Rory.

Ele pareceu preocupar-se ainda mais.

— Sente-se bem?

Ela conseguiu assentir com a cabeça e se atreveu a olhar de novo a Tyrell. A expressão dele se endureceu, como se estivesse lavrada em pedra, e seu olhar se tornou frio. De fato, parecia zangado.

— Que mal educado sou —disse Rory, surpreso. — Lizzie, este é lorde Tyrell de Warenne, um bom amigo meu. Ty, a senhorita Elizabeth Fitzgerald.

Lizzie rezou para não desmaiar. Rory e Tyrell eram amigos? Estava perdida.

— Minha irmã —conseguiu murmurar— a senhorita Georgina Mai Fitzgerald.

Notou vagamente que Georgie fazia uma reverência, embora ela também estava enrijecida pela tensão. Rory se inclinou galantemente e lhe sorriu com o encanto de um sedutor.

— É um prazer, senhorita Fitzgerald. Só posso dizer que lamento não havê-la conhecido no verão passado em Glen Barry. Desfrutei muito da companhia de suas irmãs. perdeu momentos muito divertidos.

Um ligeiro rubor que a fazia extremamente atraente cobriu as bochechas do Georgie. Era quase tão alta como ele e o olhava nos olhos ao falar:

— Temo que tenha passado o verão cuidando de nossos pais. Lizzie não... não me falou de você —seu rubor se intensificou ao dar-se conta de que, o que havia dito era muito pouco adulator.

— Sim que a terei impressionado! —murmurou Rory, e sorriu a Georgie—, É muito nobre cuidar de seus pais. Espero que não tenham nenhum problema grave.

Georgie afastou o olhar.

— Estão bem, obrigado, senhor.

Georgie parecia sobressaltada, o que era muito impróprio dela, mas Lizzie não podia pensar nisso. Tyrell não afastava o olhar dela. Lizzie tentou respirar de novo e descobriu que era ainda mais difícil.

Desde que soube da traição de sua irmã Anna, negou-se a pensar nele, exceto como o pai de Ned. Tentava não sonhar com ele de modo algum, e menos ainda como amante. E se negava a lembrar ou a levar em consideração qualquer sonho impudico que pudesse ter tido enquanto dormia. Agora, enquanto o olhava, estava tão aflita que só podia pensar em sua sedutora presença. Tyrell deu um passo para diante e se inclinou.

— Já nos conhecemos, não é certo, milady? —seu tom era perigosamente tenso.

A inquietação de Lizzie dobrou. Como podia tê-la reconhecido?

— Temo que está enganado, senhor —conseguiu dizer.

— Mas nunca me falha a memória, sobre tudo ante tal beleza —ronronou ele enquanto a olhava abertamente.

Lizzie ficou sem fala. Era possível que ainda a achasse atraente? Por fim pareceu recuperar a fala.

— Temo, senhor, que esta conversa não é apropriada. Tais adulações são mais adequadas para um salão de baile —Se ruborizou mais ainda ao se dar conta do que havia dito.

Ele riu sem vontade.

— Eu faço adulações onde me agrada —disse pronto e sinceramente.

Ela respirou fundo.

— Pois seus olhos o enganam, senhor.

Ele a olhou um instante em silêncio.

— Ouviu dizer alguma vez que a beleza está nos olhos de quem a vê?

Lizzie tragou saliva. A achava bela?

— Isso dizem. Mas de todo jeito isso não vem ao caso. Minha irmã e eu temos pressa — fez uma reverência, disposta a fugir. Mas Tyrell não lhe deu ocasião. Segurou-a pela mão.

— Por que finge que não nos conhecemos? —perguntou.

Seu contato a inflamou como nenhum outro em quase dois anos.

— Se tivéssemos sido apresentados alguma vez, me lembraria.

— Então, sou inesquecível? —ela se esticou. Tyrell sorriu—. Devo tomar seu silêncio por um sim. Você joga um jogo muito divertido, milady —disse. — E se lança a uma alegre partida de caça.

Estava paquerando com ela, como no baile de Todos os Santos, e a Lizzie aquilo era tão incompreensível como aquele dia. Não podia afastar o olhar, nem admitir que se conheciam.

— Está claro que me confunde com outra pessoa—disse por fim. — Eu não sou precisamente uma raposa a que possa perseguir pelo bosque.

— Lamento discordar —respondeu ele com suavidade. — E sei quando alguém está jogando.

— Então você que jogue sozinho, senhor —disse Lizzie com firmeza.

— E quem seria o ganhador ou o perdedor? —perguntou ele. — Eu nunca jogo sozinho.

O coração de Lizzie palpitava com violência. Aquela paquera ia depressa. E, o que era ainda pior, quase a estava divertindo.

— Peço que se desculpe, milord.

Mas ele se cansou de brincar.

— Conhecemo-nos, senhora. No bosque do Sherwood —Lizzie deu um passo atrás. O que podia fazer?— Não o negue.

Lizzie continuava aturdida, mas em parte se sentia eufórica. Tyrell sabia que ela era lady Marian. Tinha passado um ano e meio desde o baile de máscaras, e ele não só recordava seu apaixonado encontro, mas também a tinha reconhecido sem a máscara. Uma parte de seu espírito, livre por fim de repressões, abriu-se como a comporta de um dique e um milhão de fantasias sedutoras se derramaram em correntes. Imagens impudicas cintilavam em sua cabeça, e em todas elas aparecia nos braços de Tyrell de Warenne.

— Conheceram-se no bosque de Sherwood? —perguntou Rory, e Lizzie se lembrou que não estavam sozinhos. Seu amigo os olhava com interesse. — No bosque de Sherwood? — insistiu.

— Conhecemo-nos no baile de Todos os Santos. A senhorita Fitzgerald estava vestida de lady Marian.

Lizzie abriu a boca para negar e lhe faltaram as palavras. Convencido de sua identidade, Tyrell não acreditaria. Rory levantou as sobrancelhas enquanto os olhava.

— Ah, isso o explica tudo —disse ironicamente.

Lizzie respirou fundo, tremendo e consumida ainda pelo desejo de um homem que jamais seria dela. Ao ouvir o pranto de um menino na rua, lembrou-se de Ned. Tyrell era uma ameaça para ela: a maior ameaça que tinha enfrentado na vida. umedeceu os lábios. Aquilo devia acabar de uma vez por todas.

— Temo que me confunde com outra pessoa.

— E eu temo o quanto dissimulada é você, senhorita Fitzgerald. Não a confundi, OH, não. O que leva a uma só pergunta. por que?

Lizzie mordeu o lábio. O que devia fazer? Sabia instintivamente que dissimular com ele era como brincar com fogo. Georgie se aproximou dela e lhe deu o braço com firmeza.

— Milord, acredito que, em efeito, vocês se confundiu. Veja, Lizzie não foi ao baile de sua família vestida desse modo. Foi de viúva. Mas se parece um pouco com nossa irmã Anna. E Anna sim, foi vestida de lady Marian —disse.

Lizzie quase deixou escapar um gemido. Apertou a mão de Georgie para adverti-la, embora sua irmã não entenderia por que não devia dizer que Anna ia vestida daquele modo. Mas Tyrell ignorou Georgie. Sem deixar de olhar a Lizzie, disse:

— Então admito a derrota. Você ganhou, madame. Minhas mais sinceras desculpas, senhorita Fitzgerald.

Lizzie sabia que suas palavras eram de pura mofa. Tyrell sabia que tinha ido ao baile vestida de lady Marian e não ia deixar se convencer do contrário.

— É muito generoso —murmurou.

Ele lançou um olhar de advertência a Lizzie e se virou-se bruscamente para Rory.

— Como é que conhece a senhorita Fitzgerald? —perguntou.

— O pai de Lizzie é irmão de minha tia, Eleanor Fitzgerald de Barry —respondeu Rory—. Somos primos políticos e nos conhecemos faz mais de um ano.

Tyrell cruzou os braços e voltou a lançar um olhar duro em Lizzie.

— Então, você é prima de Rory —disse pensativamente. — Que interessante.

Lizzie titubeou. Aonde iria parar agora Tyrell? Não gostava daquele novo tom. Olhou a sua irmã em busca de ajuda. Georgie disse com decisão:

— Foi um prazer, senhores. Mas chegaremos tarde a nosso compromisso.

Rory a olhou e fez uma reverência.

— Peço desculpas, então. Por favor, não permitam que as entretenhamos. E o prazer foi meu —sorriu.

Mas Tyrell não parecia disposto a partir ainda. Olhou a Lizzie.

— Onde moram?

— O que?

— Rory disse que vocês são deste condado. Mas aqui há meia dúzia de Fitzgerald. Onde vivem? Quem é seu pai? —falava com rapidez, como se esperasse com impaciência suas respostas.

Lizzie piscou. Suas bochechas ficaram vermelhas. Enquanto procurava um modo de escapar de suas perguntas, Rory respondeu:

— Moram em Raven Hall.

Lizzie lhe lançou um olhar reprovador, para confusão de seu amigo.

— Vocês são de Raven Hall —disse Tyrell lentamente, e Lizzie compreendeu que sua mente funcionava a toda velocidade, embora não entendia por que. Ele entreabriu os olhos. — Então é filha de Gerald Fitzgerald.

Estava fazendo indagações e Lizzie se assustou por fim.

— Sim —não podia negar, mas agora Tyrell sabia seu nome, o de sua família e onde viviam Ned e ela. Tyrell cruzou os braços. Parecia extranhamente satisfeito.

— Posso fazer uma visita? —perguntou-lhe Rory, e Lizzie notou que estava perplexo por sua conversa com Tyrell. Estava atônita. As coisas não podiam ter saído pior. Apesar do afeto que sentia por Rory, não podia permitir que fosse a Raven Hall.

Georgie voltou a intervir. Sem sorrir, disse:

— Desculpe, mas nossa mãe está muito doente. Faz dias que não sai de seu quarto. Este seria um momento pouco conveniente.

Rory ficou pasmado, mas Tyrell só parecia divertido.

— Iremos no final desta semana, então —disse, e desceu as pestanas para ocultar seus olhos. Fez uma reverência— Bom dia.

Lizzie não pôde responder. Rory também se inclinou ante elas e, sem olhar para trás, ambos se afastaram. Lizzie olhou Georgie com os olhos dilatados pelo assombro.

— Pensa ir nos visitar?

Ao princípio, Georgie não parecia ouvi-la. Olhava aos dois cavalheiros que se afastavam e demorou um momento em responder.

— Sim, pensa ir nos visitar e, se não me engano, não haverá modo de impedir. concluiu, desalentada.

UMA PROPOSTA ESCANDALOSA

Lizzie entrou correndo em casa com intenção de refugiar-se em seu quarto, onde tentaria compreender o acontecido dessa tarde. Continuava trêmula e consumida pelo temor. Tyrell não devia ir visitá-la a! Mas, antes de que pudesse deixar atrás o salão, a voz de sua mãe a deteve.

— Lizzie! Onde esteve?

Lizzie vacilou. Não esperava encontrar a sua mãe fora de seu quarto. Deu meia volta e entrou no salão, onde sua mãe estava sentada com Eleanor. Sentiu aliviar ao ver que sua mãe tinha decidido levantar-se.

— Mamãe... como se encontra? —perguntou com cautela.

Sua mãe encolheu os ombros. Não sorria, nem estava alterada por esta ou aquela notícia, como estava acostumada, mas parecia encontrar-se bem de saúde. Havia certa cor em suas bochechas, sem dúvida devido à maquiagem, e usava um belo vestido cor bronze com listras escuras.

— Estive melhor, mas é hora de voltar para mundo —anunciou. — Onde esteve?

Lizzie se esticou.

— Georgie e eu decidimos dar um passeio pela cidade.

Sua mãe a observou com atenção.

— Viu alguém? —perguntou por fim.

Lizzie sabia que se referia a alguma senhora de importância.

— Não.

— Lizzie, o que aconteceu quando vieram nos visitar lady Ou'Dell e lady Marriot? —logo, sua mãe sacudiu a cabeça. — Não, não se incomode em me dizer isso. Já sei.

Lizzie se aproximou dela e segurou suas mãos.

— Mamãe, sinto muito te causar tanto sofrimento —disse. — Nunca quis que isto acontecesse. Mas amo muito ao Ned. Pensei que você também o amaria. Irei embora de Raven Hall, se esse for seu desejo —acrescentou enquanto tentava refrear a angústia que lhe produzia aquela idéia. Mas acaso não seria o melhor ir, tendo em conta seu recente encontro com Tyrell?—. Não quero que papai, Georgie e você sofram por minha culpa.

Sua mãe sorriu tristemente.

— Sempre foi uma menina amável e boa —disse com suavidade. — Não tem nem um só fio de cabelo egoísta. Não irá a nenhuma parte, minha querida. Raven Hall é seu lar. Papai e eu precisamos de tempo para nos recuperar da notícia, isso é tudo —Lizzie ficou de joelhos e apoiou a cabeça no colo de sua mãe. A senhora Fitzgerald lhe acariciou o cabelo e murmurou. — Pobre Lizzie! Passou por tantas coisas sem mim! Pobre, pobre Lizzie! Se tivéssemos sabido...!

— Estou bem —murmurou Lizzie. Tinha temido que sua mãe nunca a perdoasse por desonrar o nome da família e se sentia aliviada, apesar de tudo.

Sua mãe a fez se levantar.

— Vou dar um passeio pelo jardim. E eu gostaria muito de comer um de seus famosos bolos — sorriu a sua filha e saiu do salão.

Lizzie olhou a Eleanor, que tinha presenciado em silêncio sua conversa.

— Mamãe não me despreza pelo que tenho feito —disse.

— Era isso o que temia? Minha pobrezinha. Lydia sempre te adorou, filha.

Lizzie correu à porta do salão, fechou-a e olhou para sua tia.

—Aconteceu algo terrível — disse. — Eleanor levantou as sobrancelhas. — Nos encontramos com Tyrell de Warenne e Rory em Limerick.

Eleanor levantou ainda mais as sobrancelhas.

— Rory está aqui? Viu você com Ned? Lizzie negou com a cabeça.

— Tia Eleanor! Se Rory souber de que afirmo que Ned é meu filho, saberá que é mentira. Tenho que falar em particular com ele e lhe suplicar que guarde o meu segredo.

Eleanor se levantou.

— Rory é amigo de Tyrell de Warene e de seus irmãos há alguns anos, mas só estive em Adare algumas vezes. Não acreditei que fôssemos encontrá-lo aqui.

Lizzie retorceu as mãos.

— Por que não me disse que era amigo de Tyrell?

— Simplesmente não me pareceu importante — respondeu Eleanor, muito séria. Olhou a Lizzie com mais atenção. — O que houve? O que aconteceu na cidade? Devo deduzir que por fim conheceu Tyrell? Sem dúvida Rory os apresentou.

Lizzie se separou de sua tia para que Eleanor não visse sua expressão.

— A verdade, tia Eleanor, é que conheci Tyrell no baile de máscaras de Todos os Santos — de repente era consciente de que precisava do conselho e a sabedoria de sua tia. E isso significa justificar-se com ela. — Me perseguiu, tia Eleanor. — os olhos de sua tia se aumentaram. —. Queria que nos encontrássemos às escondidas. Mas não fui ao encontro — consegui dizer Lizzie. — Depois, deixei Anna com meu vestido e minha máscara. Ela tinha manchado o vestido. Eu fui para casa... e Anna ficou. E agora existe o Ned.

Eleanor tinha ficado boquiaberta. Fechou a boca e tomou a mão de Lizzie.

— Está me dizendo que o homem cujo filho você diz que é seu, o homem de quem tem estado apaixonada toda a vida, te perseguiu com intenções românticas?

Lizzie recordou o olhar apaixonada de Tyrell.

— Sim.

— Está-me dizendo que sua irmã ficou grávida nessa noite? — Lizzie assentiu com a cabeça. — E que Tyrell a reconheceu hoje?

— Não só me reconheceu, mas também se comportou de maneira estranha. Estava zangado, tia Eleanor — olhou desolada a sua tia. — por que? — perguntou em um sussurro. — por que se zanga comigo? E porque insiste em que sou formosa? por que me olha assim?

Eleanor ficou calada um momento; logo segurou o ombro de sua sobrinha.

— Terá que dizer-lhe. Deve renunciar ao Ned e lhe dizer a verdade... que é filho dele.

— Não! —Lizzie se largou. — Do que serviria? Tyrell tiraria Ned de mim! —sentia as palavras de sua tia com uma pontada da traição. De repente temia a Eleanor, que até então tinha sido sua mais firme aliada.

— Pode ser que não —começou a dizer Eleanor em tom amável e sereno.— Pode ser que faça o que é devido.

Mas Lizzie não a escutava.

— Não! Não. Fez uma promessa. As duas fizemos! Prometemos a Anna que morreríamos antes de revelar a verdade. Não! Me dê sua palavra. Me prometa que não dirá nada ao Tyrell. Me prometa que não lhe dirá que Ned é seu filho —Eleanor a olhou fixo.— Tia Eleanor!

— Prometo —disse sua tia lentamente.— Mas garanto, Lizzie, que disto não sairá nada bom. Essa mentira foi muito longe.

Lizzie retrocedeu. Por desgraça, sabia que sua tia tinha razão.

Na tarde seguinte, Lizzie, Georgie e Ned estavam no quarto de Lizzie. Ambas estavam sentadas no chão com o pequeno, que brincava com soldados de brinquedo e os pequenos cavalos. Georgie estava construindo um forte com papel maché, e no chão reinava a desordem.

—Ned, pode colocar o soldadinho aqui dentro. Dentro —disse Georgie. Ned sorriu e jogou o soldadinho no forte. — Não, não é isso —acrescentou Georgie com um sorriso. — Dentro. Pode dormir dentro —disse enquanto consertava o forte.

— Gi! —exclamou Ned. — Gi!

Lizzie sorriu, apesar de que não tinha conseguido se livrar da angústia provocada por seu encontro da véspera em Limerick e pelo conselho de Eleanor. Ficou em pé e começou a vagar sem rumo pelo quarto. sentia-se abatida e triste, e seu estado de ânimo harmonizava

com o dia frio e neblado. Ouviu que um carro se aproximava e se perguntou quem viria visitar. Não tinha intenção de voltar a exibir-se ante os vizinhos.

— Hoje não gostaria de receber ninguém —disse Georgie.

— Muito bem —Lizzie tentou sorrir.— A mim tampouco.

Georgie se ergueu, ainda sentada no chão, e a olhou sem vacilar.

— Está tão triste... Quer falar disso, Lizzie? —sua irmã se aproximou da janela. — Ou, melhor dizendo, quer falar dele?

Lizzie segurou no batente. A janela entreaberta deixava passar a fresca brisa de junho. Desejava ardentemente falar de Tyrell.

— Não sei o que fazer —disse, angustiada.

Georgie se levantou e sacudiu o vestido de cor marfim.

— Está interessado em você, Lizzie.

Lizzie se voltou bruscamente.

— Isso é impossível!

— Por que nega? Depois de tudo, fez este menino. Está claro que seu interesse não diminuiu.

Lizzie sacudiu a cabeça enquanto seu coração dava um salto. Continuava perdidamente apaixonada por Tyrell de Warrenne, e sempre estaria, mas ao mesmo tempo o temia mais que a nenhum outro ser humano.

— O que... o que a faz pensar que está interessado em mim?

Georgie quase riu.

— Bom, por várias coisas. Pensa vir te visitar. Não podia afastar os olhos de você. Seu olhar era por momentos francamente lascivo. E estava na cara que estava zangado com você, e tanto ardor indica, como mínimo, interesse. Te desprezou?

— Não havia voltado a vê-lo desde o baile de máscaras! —exclamou Lizzie. — Faz um ano e meio. Não, mais!

— Talvez saiba que teve seu filho —sugeriu Georgie.

Lizzie se voltou para a janela, afligida.

— Não —de repente se perguntava se podia atrever-se a dizer a sua irmã que Ned era filho de Anna, não dela. Precisava dela como confidente, tanto como precisava de Eleanor. E odiava mentir. Mas tinha prometido a Anna guardar para sempre seu segredo. E Anna era tão feliz... Sua última carta deixava transparecer que iriam ter filhos logo. Parecia profundamente apaixonada por Thomas.

Lizzie viu que uma figura volumosa muito familiar descia do carro puxado por um só cavalo parava no pátio.

— Georgie! —exclamou. — É o sapo... Quero dizer, seu noivo, o senhor Harold. Sem dúvida já soube da notícia.

Georgie conseguiu assentir de algum modo. Duas manchas vermelhas apareceram em suas bochechas.

— Será que veio pôr um fim no nosso compromisso —disse inexpressivamente.

— OH, isso espero! —Lizzie se aproximou dela correndo e a abraçou, emocionada porque enfim sua irmã ia se livrar daquela carga.

Georgie começou a sorrir.

— Tentei ser corajosa —sussurrou. — Ai, Lizzie, de sua desonra vai sair alguma coisa boa! O certo é que prefiro ficar solteira a me casar com o senhor Harold.

— Sabia disso —disse Lizzie, sorrindo. — Vamos, disse franzido o cenho. E, quando romper o compromisso com você, derrame uma lágrima ou duas.

— Sim —Georgie ficou séria. — Sim, estou muito triste porque sei o que vai acontecer — logo voltou a sorrir. — Graças a Deus! —e saiu correndo do quarto.

Lizzie pensou que era hora de que Ned dormisse a sesta, o menino parecia sonolento e se pôs a brincar com uma aranha que havia no chão. Lizzie o pôs no berço. Ned não protestou; sorriu quando ela o tampou com uma manta de lã fina. Fechou as pálpebras de pestanas negras, longas e densas, como as de seu pai, e dormiu imediatamente.

Lizzie recordou a imagem de Tyrell. Quase podia sentir sua presença, ali, no quarto. Desejava saber o que fazer. Tentou não desanimar-se e se voltou para a janela, esperando ver a partida do senhor Harold. Mas, depois de um quarto de hora ou mais, continuava sem ver nem rastro dele e começou a preocupar-se com Georgie. Romper um compromisso só requeria um instante, sobre tudo tendo em conta que sua mãe não estava em casa e, portanto, não podia prolongar o encontro com seus histerismos. Por que demorava tanto o senhor Harold?

Enquanto esperava junto à janela, dois cavaleiros se aproximaram de Raven Hall. A inquietação se apoderou dela. Quem podia vir fazer uma visita a cavalo? Abriu um pouco mais a janela enquanto os cavaleiros se aproximavam nos lombos de suas formosas montarias. Um dos cavalos era negro e muito grande; o outro, um alazão elegante com uma formosa crina branca. Lizzie reconheceu em seguida o alazão. Era a égua de Rory.

Ficou paralisada e fixou o olhar no cavalo negro e seu cavaleiro. Este era sem dúvida inconfundível. Tyrell havia dito que iriam visitá-las no fim dessa semana. Mas só tinha passado um dia!

Estava claro que seu interesse não tinha diminuído.

O coração lhe palpitava violentamente no peito. Em outras circunstâncias, teria dado qualquer coisa para que Tyrell de Warrenne fosse visitá-la. Mas agora não, não enquanto seu filho dormia naquele quarto.

Lizzie os viu desmontar. Aproximaram-se da escada da casa e desapareceram de sua vista. Lizzie grudou mais na janela. Para que Tyrell tinha vindo? O que queria?

« Nos encontraremos no jardim do oeste a meia-noite ».

Nunca esqueceria aquela ordem, nem seu olhar ao pronunciar aquelas palavras. Tinha-a olhado então do mesmo jeito que tinha feito no dia anterior, na rua Maior.

Alterada, Lizzie foi ao berço para ver como estava Ned, mas o menino continuava dormindo profundamente. Georgie entrou correndo no quarto.

—Lizzie! Está aqui! Veio ver você com esse bufão. Será melhor que desça —tinha os olhos muito abertos e as bochechas coradas.

— Não posso —começou a dizer Lizzie. — Tem que dizer que estou doente —entretanto, estava a ponto de abandonar toda cautela e correr abaixo.

Georgie a agarrou pela mão.

— Não penso fazer tal coisa. Diga a ele você que está doente, se quer fazer essa tolice. Não é isto o que quis sempre?

— Mas Ned aqui! —exclamou Lizzie.

— Sim, Ned... e também tem uma oportunidade assombrosa. Desce, Lizzie! Não vai se deitar em sua cama! Vá ver o que quer! —respondeu sua irmã.

A presença de Tyrell parecia chamar Lizzie, e uma febre se ferveu em suas veias. Umedeceu os lábios e passou junto a sua irmã, que saiu atrás dela do quarto.

Tyrell estava em pé de costas junto à porta, olhando o jardim. Rory passeava com estranha impaciência pela sala e o senhor Harold, cuja enorme barriga transbordava por cima das calças, permanecia sentado em uma cadeira. Lizzie tinha esquecido que estava ali e olhou, confusa, Georgie. Sua irmã continuava com as bochechas coradas e lhe lançou um olhar impotente. Lizzie compreendeu com desalento que o senhor Harold não tinha quebrado o compromisso.

— Lizzie... —Rory sorriu afetuosamente e fez uma reverência. — Temo que não podemos esperar uma semana. Decidimos nos arriscar a encontrar as portas fechadas por causa da enfermidade de sua mãe. — seu olhar se deslizou para Georgie, que permanecia junto a Lizzie, rígida como um pau.

Lizzie fez uma reverência, com o olhar já fixo em Tyrell. Ele se voltou e o coração de Lizzie deu um salto quando seus olhares se encontraram. Tyrell a olhou com ardor antes de inclinar-se. Georgie tinha razão. Seu interesse não se desvaneceu. Era incrível. Lizzie se esqueceu de Ned.

Peter Harold se levantou com esforço da cadeira.

— E por que iriam encontrar as portas de Raven Hall fechadas, suas senhorias? — aproximou-se de Georgie e a segurou pelo braço.

Lizzie se deu conta de que Rory estava olhando fixamente a sua irmã. Ele afastou a vista. Georgie tinha as bochechas encarnadas. Harold lhe deu uns tapinhas na mão.

— E bem?

— Mamãe esteve doente —respondeu Georgie, aturdida.— Mas não impedimos a ninguém que venha a Raven Hall.

— Claro que não —disse Harold brandamente.

— Meus parabéns —disse Rory, com o olhar fixo no de Georgie. — Quando é o feliz acontecimento?

Georgie ergueu a cabeça.

— Ainda não marcamos a data.

— Logo —Peter Harold sorriu.— Estou desejando levar a minha flamejante esposa para casa e já me cansei de esperar —Georgie conseguiu afastar-se de algum jeito de seu noivo. Harold se aproximou um pouco mais de Rory, — Não é verdade que sou um afortunado? Vai ser a mãe de meus filhos!

Rory inclinou a cabeça.

— Sim, você é um homem muito afortunado. Dou-lhe de novo meus mais sincero parabéns.

Lizzie notou que Tyrell a observava como se fosse um camundongo sobre o que se dispusera a saltar. Ele ainda não havia dito nada. Entre a aflição de Georgie, a estranha tensão de Rory e o intenso olhar de Tyrell, Lizzie se sentia profundamente incômoda. Rory a olhou.

— Como está sua mãe?

— Melhor —conseguiu dizer ela.

Tyrell avançou.

— Em casa temos um médico excelente. Direi-lhe que venha ver à senhora Fitzgerald.

— Não é necessário... — começou a dizer Lizzie.

— Vamos dar um passeio pelo jardim —a interrompeu ele imperiosamente. Queria dar um passeio com ela, a sós. Antes que Lizzie pudesse responder, agarrou-a pelo braço com firmeza. — Não há nada como um passeio entre a névoa irlandesa —murmurou.

Lizzie não podia dizer nada. O forte braço de Tyrell a mantinha apertada contra seu corpo forte e musculoso. Assentiu de algum modo e Tyrell a conduziu para fora da sala. Saíram da casa. Estava fresco e ela não usava mais que um vestido de algodão de manga curta, mesmo assim, tinha calor. Ele a olhou um instante pensativamente enquanto a conduzia para os jardins que se estendiam pela parte de trás da casa. Ali havia um caramanchão e um lago.

De repente, Lizzie imaginou que Tyrell a abraçava, que se apoderava de sua boca com ardor e que ela se segurava com força em seus largos ombros...

Tyrell se deteve bruscamente. Aquela súbita parada rompeu o sonho de Lizzie, embora seu sangue continuava palpitando com violência. Lizzie rezou para controlar seus licenciosos pensamentos antes que ele pudesse intuí-los. Tyrell a olhava de frente, com intensidade. Lizzie teve que fazer um esforço por falar.

— O que quer de mim, milord?

Ele torceu a boca.

— Você sabe o que quero.

Seus olhos tinham uma expressão tão ardente que não havia modo de interpretar mal suas palavras. Antes de que Lizzie pudesse responder, lhe sorriu muito brandamente e a tomou entre seus braços.

Lizzie ficou petrificada. Tyrell a apertou contra seu peito e a beijou com força, exigindo sua aceitação. E Lizzie se rendeu por completo. Abriu os lábios com um suspiro e a língua de Tyrell penetrou em sua boca imediatamente. Lizzie se sentiu morrer. Segurou-se a ele e ousou sair ao encontro de sua língua. Tinha as costas contra uma árvore e o corpo inteiro de Tyrell parecia cobrir o seu. Ele tinha deslizado uma coxa entre suas pernas e aquela

fricção parecia ameaçar a fazer enlouquecer de desejo. Debilitada pela paixão, Lizzie começou a retorcer-se e a gemer. O sexo de Tyrell, duro e erguido, apertava-se contra seu quadril.

Lizzie se tornou inconsciente do que acontecia ali. Sua excitação crescia vertiginosamente; o anseio e o desejo se mesclavam. Estava a ponto de suplicar uma só carícia, um só contato ali, entre suas coxas, sob a roupa, certa de que aquilo aliviaria o anseio atormentador de sua carne. Ele deixou escapar um gemido áspero e afastou sua boca da dela. Lizzie abriu os olhos e seus olhares se encontraram. Os olhos de Tyrell estavam nublados de desejo.

— Por favor... —gemeu ela.

Ele tomou seu rosto entre as mãos e voltou a beijá-la. E enquanto a beijava disse:

— Esperei quase dois anos para fazer isto.

Lizzie mal o ouviu. Estava a ponto de desfazer-se de prazer.

— Vamos ao caramanchão —Pedi a ele quase sem fôlego.

Ele se enrijeceu, surpreso. Então ela se deu conta do que tinha sugerido e abriu os olhos bruscamente. Recuperou em parte a prudência. Estava fazendo amor com Tyrell de Warenne no jardim detrás de sua casa, onde qualquer um podia vê-los.

E Ned estava na casa.

Ainda segurando-a , com a coxa entre suas pernas, Tyrell voltou a olhá-la nos olhos.

— Farei de você minha amante —disse. Ela demorou um momento em compreender o que havia ditto. — Não te faltará nada. Se for riquezas o que quer, terá. Todos seus desejos serão cumpridos, Elizabeth —acrescentou ele com determinação.

Lizzie começou a compreender. Tyrell queria que fosse sua amante. Estava lhe pedindo que fosse sua amante. Podia estar acontecendo aquilo de verdade? Lizzie temia achar-se em meio de um sonho tórrido.

Ele sorriu de repente e tocou seus lábios com a ponta de um dedo.

— Sabia que seria assim —disse com voz rouca.

Um menino começou a chorar.

Ned...

E, enquanto olhava para Tyrell, cujo sorriso era imensamente sedutor, Lizzie começou a sentir medo. Não estava sonhando. Estava em seus braços e ele tinha pedido que fosse sua amante. Seu corpo e seu coração lhe rogavam que aceitasse. Nesse instante, não queria outra coisa que entregar-se a ele. Mas amava ao Ned mais que tudo no mundo. E se Tyrell suspeitasse que era filho dele? E se acabasse por descobrir a verdade? Georgie só tinha tido que ver Ned um instante para adivinhar de quem era filho. Tyrell lhe deu as costas e ajeitou as calças. Lizzie sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas. Fechou-os com força, tocou as bochechas, que continuavam ardendo, e murmurou:

— Temo que me interpretou mal, milord.

Ele se voltou bruscamente.

— Que te interpretei mal?

— Não posso aceitar sua proposta —disse ela.

Ele a olhava pasmado.

— Eu não interpretei mal nada!

Ela levantou o queixo e conseguiu olhá-lo nos olhos.

— Não posso ser sua amante —disse com firmeza.

— Por que demônios não? —perguntou ele com um brilho nos olhos negros. — Sei que não é virgem. Fiz averiguações.

— Averiguações? —Lizzie estava aterrorizada.

— Sim —se abateu sobre ela. — É solteira. Sua reputação está em pedaços. Não tem nada mais a perder. Já disse isso, darei tudo o que deseje —seus olhos brilharam de novo— Me certificarei de não falte nada a seu filho, nada. Sua família vive na pobreza. Eu posso mudar isso. Só tem que me esquentar a cama!

Lizzie pensou no futuro, no dia em que Tyrell se desse conta de que Ned era filho dele e, cansado já dela e convencido de que não era a mãe do menino, a expulsaria de seu lado e ficaria com Ned.

Sacudiu a cabeça.

— Não posso.

Ele a olhava com perplexidade.

— Que jogo é este? —perguntou — Primeiro me provoca no baile e logo me manda uma puta em seu lugar. Ainda não entendo por que. E agora recusa uma pequena fortuna, quando está claro que me deseja tanto como eu a você.

— Isto não é um jogo —repôs ela.

Mas Tyrell se inclinou sobre ela.

— Tome cuidado. Pode ser que mude de idéia e fique sem nada.

Por um instante, Lizzie pensou que a estava ameaçando tirar Ned. Sacudiu a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

— Estarei em Adare mais uma semana, logo devo retornar a Dublin. Espero concluir nosso acordo muito antes. De fato, espero que se encontre comigo na cidade —disse ele com aspereza. Lizzie estava sem fala. Ele fez uma reverência—. Bom dia.

Lizzie o viu partir, tremendo até o mais profundo de seu ser. O destino lhe tinha brindado de novo com uma oportunidade única. E agora o que devia escolher.

Não desejava outra coisa a não ser aceitar a escandalosa proposta de Tyrell, mas não podia arriscar-se a perder Ned. Assim, em definitivo, não havia opção possível.

Abraçou-se e retornou à casa com passo lento.

E, em um quarto do piso de cima, as cortinas se moveram. Eleanor também tinha visto todo o acontecido.

ENTRE A ESPADA E A PAREDE

Toda a família estava sentada no salão para o jantar. Eleanor ficou em pé. Segurava uma taça de vinho que tocou com uma colher. Todos se voltaram para ela.

— Tenho algo que dizer —anunciou.

Lizzie se sentia perdida em meio de sua aflição, incapaz de pensar em nada nem em ninguém, que não fosse em Tyrell e em sua proposta. Acreditava conhecê-lo bem, mas nunca tinha compreendido quão autoritário era. E por que a desejava como amante? por que não escolher a uma mulher bela, sedutora e experimente?

Olhou sombriamente a sua tia. Ignorava do que queria lhes falar Eleanor, mas talvez o que fosse dizer a distrairia do matagal de mentiras que ela mesma tinha criado.

— Devo retornar a Merrion Square. Tenho assuntos dos quais me ocupar em casa — disse Eleanor.

Nesse instante, Lizzie compreendeu o quanto que se sentia unida a sua tia e quanto se apoiou nela durante o ano e meio anterior. Egoístamente, não queria que Eleanor se fosse. Mas Eleanor tinha sacrificado sua vida por ela e pelo Ned, e era hora de que voltasse a ocupar-se de seus assuntos.

Então sua tia a olhou fixamente.

— Sinto muito, Elizabeth, mas esta situação está totalmente fora de nossas mãos — disse com gravidade —Lizzie se sentou ereta e alarmada. O que queria dizer Eleanor?—. Pode ser que algum dia me agradeça por meu atrevimento. E pode ser que não. Mas devo fazer o que acredito melhor para o Ned, para seu pai e também, confio, para você — acrescentou Eleanor como se Lizzie estivesse sozinha.

Esta se levantou de um salto, tremendo.

— Eleanor, não, por favor!

— Sinto muito, menina, mas tenho que fazer o que me dita a consciência —olhou a seus pais— Tyrell de Warrenne é o pai do Ned —disse.

A mãe de Lizzie deixou escapar um gemido de estupor; seu pai ficou branco.

— Como pôde me trair assim? —exclamou Lizzie, estupefata. — Me fez uma promessa!

Eleanor parecia terrivelmente triste.

— Prometi não dizer a Tyrell que ele é o pai, e cumpri. Você sabia, querida minha, que a verdade acabaria saindo à luz.

— E além disso zomba de sua promessa! Eu não sabia tal coisa! Nunca perdoarei esta traição! —gritou Lizzie, enfurecida. — Nunca a perdoarei por isso! —nesse momento, compreendeu que sua vida não voltaria a ser a mesma. E de repente teve medo.

Georgie lhe tocou a mão.

— Lizzie, eu também acredito que é o melhor.

Como podia ser o melhor? O segredo se revelou e, cedo ou tarde, Tyrell ia descobrir que era o pai do Ned. Quando esse dia chegasse, Lizzie teria que confrontar seu pior pesadelo feito realidade: Ned lhe seria arrebatado.

— Como pode me trair você também? —Lizzie se separou de Georgie.

Sua mãe se levantou com dificuldade.

— Isto não pode ser verdade. É uma brincadeira? Uma brincadeira terrível e cruel? —perguntou.

— Não é nenhuma brincadeira, Lydia —disse Eleanor, voltando a sentar-se. Lizzie se negava a olhá-la.

Sua mãe olhou a Lizzie boquiaberta.

— Não pode, mamãe. Não pode dizer a ele. Será não entende? Quando descobrir que Ned é seu filho, o levará! —O horror de Lizzie crescia sem cessar. Devia convencer a seus pais que guardassem silêncio. Nem sequer podia imaginar o que aconteceria se aquele assunto se tornasse público. No fim das contas, Tyrell sabia que nunca tinham feito amor. E

se visse obrigada a enfrentar-se a ele, teria que revelar o fato de que não era a mãe do pequeno. O segredo de Anna sairia à luz e a vida de sua irmã ficaria arruinada.

Mas, se tivesse a coragem de insistir em que era a mãe de Ned, ele simplesmente negaria ser o pai. Tyrell daria uma só olhada e riria dela, cheio de desdém e incredulidade.

Sua mãe olhou a seu pai. Uma forte emoção começava a apropriar-se de seu semblante.

— Papai! Pode acreditar? Tyrell de Warenne é o pai do filho de Lizzie! —seu pai também se pôs em pé. Parecia petrificado—. Papai! Espere! —exclamou sua mãe atropeladamente—. Os condes estão em Adare e sei que lorde Harrington chega hoje com sua filha e que o compromisso será anunciado na semana que vem em um baile. Devemos pedir um encontro imediatamente! Possivelmente esta noite!

Lizzie se deixou cair em sua cadeira. atrevia-se a defender sua pretensão de ser a mãe do Ned? Atrevia-se a enfrentar-lo pelo Ned? Não merecia Anna sua vida, sua felicidade? Ned podia saber a verdade quando fosse maior, não era certo? Só sentiu vagamente que Georgie a agarrava pelo ombro para lhe oferecer algum consolo.

— Não, mamãe —disse seu pai—, iremos a Adare amanhã ao meio-dia. Não tema. O conde falará comigo e seu filho fará o correto com nossa filha.

As coisas pioravam a cada momento! Lizzie se levantou de um salto.

— Não quer dizer...?

— Casar-se —respondeu seu pai com veemência—. Me refiro a casar-se, Lizzie. Deixou-te grávida e agora se casará com você.

Lizzie sacudiu a cabeça, horrorizada ante a mera idéia de ver-se arrastada até Adare como a mãe do filho de Tyrell. Tinha que deter aquela loucura antes inclusive de que começasse.

— Nunca se rebaixará a casar-se comigo. Você mesma disse que está a ponto de comprometer-se com uma herdeira inglesa. Não tem sentido ir até ele! Jamais admitirá que Ned é seu filho —disse. Logo acrescentou firmemente—: Ele negará tudo.

— Você descende de reis celtas —exclamou sua mãe com energia, agitando o punho—. Seu antepassado, Gerald Fitzgerald, foi conde de Desmond. Em seu tempo governou toda a metade sul da Irlanda!

— E perdeu a cabeça por isso —resmungou Georgie, mas só Lizzie a ouviu.

— Seu sangue é muito mais azul que o de qualquer De Warene —gritou seu pai com as bochechas congestionadas—. Nem sequer são irlandeses! Você levará o sangue real à linhagem dos De Warene!

Lizzie olhava atônita a seu pai. Nunca o tinha visto tão alterado. Estava claro que o senhor Fitzgerald acreditava no que dizia. Acaso tinha perdido a razão?

— Nunca se casará comigo —repetiu Lizzie, desesperada. — Papai, tem que me escutar! Tyrell não reconhecerá que Ned é filho dele! Não tem sentido pressioná-lo. É absurdo dizer-lhe. Nós podemos criar ao Ned sozinhos. Por favor, não me façam isto!

— Não negará seu próprio filho! OH, não! Casará com você, Lizzie, ou eu não me chamo Fitzgerald —disse seu pai com ferocidade.

Georgie entrou sem fazer ruído no quarto. Lizzie soube que era ela sem necessidade de levantar o olhar. Estava deitada de lado na cama, com Ned dormido em seus braços e as bochechas cheias de lágrimas. Sentia angústia por seus pais e temia que os direitos de Ned estivessem em perigo. Mas também temia ao Tyrell.

Ele parecia desejá-la, mas sem dúvida seus sentimentos mudariam quando se apresentasse ante ele afirmando ser a mãe de seu filho. Fechou os olhos, angustiada. Quando ele negasse suas pretensões, seus pais o considerariam um homem sem moral, quando quem tinha faltado à honestidade era ela.

Georgie se sentou aos pés da cama.

— Podemos falar? —perguntou.

Lizzie sufocou um soluço. Já não tinha em sua tia uma confidente, e precisava de uma mais que nunca.

— Sim.

— Eleanor te adora, Lizzie —disse Georgie, e elevou a mão para lhe acariciar o cabelo.

— Fez o que lhe pareceu certo.

Lizzie se sentou com cuidado para não despertar seu filho. Olhou Georgie enquanto enxugava as lágrimas com o dorso da mão.

— Prometeu guardar o segredo. Não me fale dela nem agora nem nunca. Além disso, Tyrell vai negar que é o pai de Ned.

Georgie vacilou.

— Por que está tão certa disso? Tyrell não é tolo. Só tem que ver o Ned para ver quanto se parece com ele.

Lizzie se estremeceu.

— Nunca acreditará que tive um filho dele.

— Não vejo por que não. OH, Lizzie. Pode que ser que se case com você. Está tão interessado em você! —exclamou Georgie.

Lizzie olhou a sua irmã com intensidade. Tinha que contar a ela tudo, não tinha ninguém mais a quem recorrer.

— Não quer casar-se comigo, Georgie. Quase não posso acreditar que sugira tal coisa sendo tão sensata. De fato, pediu-me que fosse sua amante —Georgie ficou boquiaberta—. Assim já vê que pensa casar-se como é devido —curiosamente, sentia-se doída—. E é o que deve fazer —acrescentou com firmeza. O casamento nunca tinha formado parte de seus sonhos, nem sequer dos mais ousados.

— Que cara mais dura! —exclamou Georgie. levantou-se, sufocada pela ira—. Te deixa grávida, abandonada quase durante dois anos e logo espera que volte a se colocar em sua cama enquanto ele se casa com a bela lady Blanche.

Lizzie se surpreendeu com a cólera de sua irmã... até que compreendeu de onde surgia. Georgie também tinha problemas. E, nesse momento, deu-se conta de como tinha sido egoísta. ficou em pé, descalça, e abraçou a sua irmã.

— Sinto muito. O que aconteceu com o senhor Harold?

Georgie levantou o queixo, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

— Quer se casar comigo apesar do desafortunado de minha situação familiar —disse com amargura—E nunca me abandonaria por causa de meus parentes. Acredito que na nossa noite de casamento morrerei —disse, e logo ficou vermelha—, Ah, como desfrutou seu amigo, o senhor McBane vendo como me tocava!

Lizzie se surpreendeu.

— Duvido que Rory desfrute com a desgraça de uma mulher —disse.

— Oh, que equivocada está! Olhava-me da maneira mais grosseira enquanto o senhor Harold me acariciava o braço. Como suporta a amizade desse dandi?

Lizzie se endireitou.

— Rory sempre foi amável comigo. Além disso, é muito inteligente e divertido. Faz umas caricaturas das mais engenhosas para o Dublin Teme. Por que diz que é um dandi? Não olhou os cotovelos de sua jaqueta? Estavam puídos.

— Então é uma pobre imitação de um dandi —Georgie deu de ombros—. Se suas caricaturas aparecerem no Dublin Teme, certamente as terei visto.

— Estou certa de que as terá visto muitas vezes —disse Lizzie, desejosa de que Rory agradasse tanto a sua irmã como ela gostava dele.

Georgie soltou um bufo.

—Não parece tão esperto.

Lizzie suspirou e se abraçou. Não tirava da cabeça a espantosa entrevista que aconteceria no dia seguinte. Georgie se equivocava. Tyrell sabia que não havia se deitado com ela, e Ned e ela seriam jogados na rua... que era o que ela queria, não?

— Lizzie, o que acontece? Estou certa de que há algo mais que te angustia.

Lizzie se mordeu o lábio.

— Quanta razão tem. Não fui de tudo sincera com você... mas fiz uma promessa que não posso romper.

Georgie a olhou com perplexidade.

— Se essa promessa te comprometer, talvez deva reconsiderá-la.

Lizzie se sentou em uma cadeira. viu-se comprometida do instante em que tinha feito aquela promessa a Anna, mas naquele momento não se deu conta disso.

— Georgie, prometi a alguém muito querido para mim guardar silêncio a respeito de um assunto por toda minha vida. Mas o segredo me pôs em uma situação insustentável, em uma situação que nunca acreditei possível. E, o que é pior, o segredo terá que sair à luz cedo ou tarde.

Georgie estava atônita.

— Deduzo que só pode se referir a Anna —disse por fim. — O que pôde prometer? — Lizzie fez uma careta. — Anna conseguiu tudo que tinha sonhado. A prejudicará esse segredo, como está prejudicando você agora?

— Somente se tornar-se público —respondeu Lizzie com cautela.

—Se quer compartilhá-lo para que te aconselhe, juro que nunca o revelarei —disse Georgie.

Lizzie assentiu com a cabeça. sentia-se muito mal, mas sabia que não tinha ninguém mais a quem recorrer.

— Anna é a mãe de Ned —disse por fim.

Georgie ficou muda. agarrou-se ao poste da cama para não perder o equilíbrio.

— Como diz?

Lizzie assentiu de novo.

— Eu nunca estive na cama de Tyrell e ele sabe. Se papai e mamãe foram a Adare e afirmam que sou a mãe de seu filho, Tyrell sem dúvida descobrirá minha mentira. Por isso insisti em que negará ser o pai do Ned. E Rory! Rory me viu várias vezes quando se supunha

que devia estar grávida! Se alguma vez descobrir que tenho um filho, saberá que não é meu. Esta fantástica mentira está a ponto de desfazer-se —soluçou atropeladamente.

Georgie respirou fundo.

— Que egoísta é Anna! —Lizzie deixou escapar um gemido de assombro. — Sim, já sei que não é justo de minha parte. Mas olhe pelo que está passando para que ela possa viver feliz e contente com Thomas. Isto não é justo! Anna sempre teve tudo o que ambicionava. Não sofreu nem um só dia de sua vida. Só tem que sorria para seduzir todo mundo. E te encarregou com seu filho!

— Eu quero a Ned como se fosse meu filho, Georgie. Fui eu quem quis afirmar que era meu. Foi minha idéia, não dela. Eleanor tentou me convencer de que não o fizesse, mas me apaixonei pelo Ned assim que o tive em meus braços.

— Leva toda sua vida apaixonada por Tyrell e Anna sabia, e entretanto se deitou com ele —disse Georgie.

Lizzie fechou os olhos, transpassada pela mesma dor que tinha sentido ao descobrir a traição de sua irmã.

— Anna nunca teve muitos escrúpulos. E isto o demonstra! —exclamou Georgie.

Lizzie sacudiu a cabeça.

— Deixemos em paz a Anna. Lamenta sinceramente seu deslize. E só foi uma vez, essa noite no baile de Todos os Santos, quando trocamos os vestidos —Lizzie não tinha intenção de dizer a sua irmã que Anna tinha tido outros amantes antes de Tyrell.

Georgie deixou escapar um som de incredulidade e a olhou com estupor.

— Sempre foi a selvagem, não é certo? E nós passamos anos defendendo sua paquera e sua imprudência. Possivelmente não devemos pôr tanto empenho —disse com amargura.

— É nossa irmã —repôs Lizzie. — Eu também me zanguei com ela, mas ao final temos que ser fiéis umas às outras.

— É muito generosa, Lizzie —disse Georgie, muito séria. — Não sei se eu poderia sê-lo tanto, se estivesse em seu lugar.

— O que vou fazer? —perguntou Lizzie, desesperada, pensando na humilhação que sem dúvida a esperava no dia seguinte—. Papai e mamãe irão a Adare e dirão aos condes que sou a mãe do filho de Tyrell. Não há modo de detê-los. Estou a ponto de me ver nas circunstâncias mais humilhantes que possa imaginar. Mas não podemos destruir a vida da Anna. O que vou fazer? —repetiu.

Georgie se sentou.

— O que complicado tudo é isto. Tem razão. Devemos proteger a Anna, naturalmente. E não haverá modo de dissuadir papai e mamãe de irem a Adare amanhã. Não vejo nenhuma esperança —a olhou nos olhos. — minha Pobrezinha. Tyrell vai pensar que é uma mentirosa da pior espécie.

Lizzie assentiu com a cabeça.

— E ele não me tem muito alta estima.

— Isso é muito injusto —disse Georgie.

— Não acredito que haja outra solução possível —repôs Lizzie.

— Não, a não ser que queiramos arruinar a vida de Anna.

As irmãs se olharam. Georgie se levantou.

— É muito boa, Lizzie. Talvez algum dia Tyrell também se dê conta.

Lizzie duvidava.

Lizzie não tinha pregado o olho toda a noite. Agora permanecia sentada com seus pais no opulento salão, com as mãos sobre o colo, à espera dos condes de Adare. Ned estava sentado sobre os joelhos de Rosie, em uma cadeira contígua. Ao chegar, seu pai tinha dado ao mordomo um cartão de visita e tinha insistido em que devia falar com o conde.

Lizzie sabia muito bem que o conde podia mandar o mordomo de volta com uma desculpa para não recebê-los. Mas Adare era conhecido por ser um homem generoso e compassivo, um cavalheiro verdadeiramente honorável. Embora seu pai raramente se

movia nos mesmos círculos que o conde, sua mãe estava certa que seu marido era primo longínquo do enteado do conde, Devlin Ou'Neill. Pelo visto ambos podiam remontar sua linhagem até Gerald Fitzgerald, o célebre conde do Desmond ao que tinha mencionado seu marido. Aquele vínculo, e o fato de que fossem vizinhos, convenceram a Lizzie de que o conde os receberia.

Ouviram passos de mulher. Lizzie se esticou quando as grandes portas de carvalho se abriram. O mordomo apareceu com a condessa.

A Lizzie deu um salto o coração. levantou-se e fez uma reverência ao mesmo tempo que seus pais. A condessa se deteve à entrada do salão com um sorriso amável em seu belo rosto. Tinha o cabelo loiro escuro, mas sua tez era, muito clara, e os topázios azuis que luzia no pescoço, nas mãos e nas orelhas harmonizavam com seus olhos. O senhor Fitzgerald esclareceu garganta e Lizzie compreendeu que estava nervoso.

— Milady —disse—, Acreditava poder falar com o conde.

A condessa inclinou a cabeça e olhou com certa confusão a Rosie e Ned.

— Meu prezado senhor Fitzgerald, como se encontra? É muito amável por vir nos visitar, mas por desgraça meu marido está ocupado neste momento. Estou certa de que terá ouvido que temos alguns convidados em casa.

— Sim, claro que ouvi —disse seu pai, crispado. — Milady, temo que devo falar com o conde. Infelizmente, isto não é uma visita de cortesia. Houve uma terrível injustiça que só sua família pode resolver.

A condessa levantou as sobrancelhas. Não parecia muito surpresa; talvez acreditasse no senhor Fitzgerald dado ao exagero, como seu famoso ancestral. Ou talvez fosse seu caráter de permanecer serena e em calma. Lizzie não pôde por menos de sentir-se impressionada por seu aprumo.

— Uma injustiça? Não consigo imaginar a que se refere. Sinto-o muitíssimo, mas não posso interromper meu marido neste momento. Importaria-se de voltar outro dia? —sorriu a seu pai amavelmente.

— Então temo que terei que carregá-la com o peso das notícias que trago.

A condessa pareceu ligeiramente perplexa. Entretanto sorriu e disse:

— Sentamo-nos?

— Sim, certamente —respondeu seu pai, muito sério, e aproximou uma cadeira.

A condessa, cujo sorriso se esfumou por fim, olhou um momento a Lizzie, que se ruborizou, e, como se notasse seu mal-estar, dedicou-lhe um sorriso cordial.—Adiante, senhor —disse.

O senhor Fitzgerald olhou a Lizzie.

— Vêem aqui, Elizabeth —disse.

Lizzie se armou de valor e, obedecendo a seu pai, aproximou-se dele e evitou os olhos da condessa, que a observava com franca curiosidade.

— Minha filha, Elizabeth Anne Fitzgerald —disse seu pai.

Lizzie fez uma reverência, tão baixa que tocou o chão com as pontas dos dedos para segurar-se.

— Se levante, menina —disse a condessa, e Lizzie notou sua mão no ombro. Obedeceu e a olhou nos olhos. Nesse momento, compreendeu que aquela mulher só podia ser amável.

— Minha filha esteve fora de casa quase dois anos —disse seu pai com certa crispação— Nunca nos disse por que desejava ir para a casa de sua tia Eleanor em Dublin. Pensávamos que Eleanor a havia convidado. Mas ninguém a convidou. Foi para ter seu filho em segredo. Seu filho... e seu neto —acrescentou.

A condessa o olhou com os olhos abertos como pratos.

— Como diz?

— Rosie, traga o menino —disse seu pai, muito avermelhado.

Lizzie se voltou e tomou a mão do Ned ao adiantar o pequeno. Tinha começado a tremer quando o tomou nos braços e o apertou com força. Temia ser jogada na rua e que Ned ficasse naquela casa.

— Seu enteado Tyrell é o pai deste menino —disse seu pai gravemente.

Lizzie fechou os olhos.

— Sinto —murmurou dirigindo-se à condessa.

— Não posso acreditar —disse a condessa— Não é necessário que olhe a sua filha duas vezes para saber que é uma dama. Tyrell não é nenhum libertino. Jamais se comportaria de maneira tão desonrosa.

— Deve fazer o correto com Elizabeth e seu filho —disse seu pai.

Lizzie se atreveu a olhar à condessa. Seus olhares se encontraram e Lizzie afastou o seu imediatamente. Estava mentindo à condessa, e aquilo a perturbava terrivelmente.

— Deixe o menino no chão —disse a condessa com firmeza.

Embora falasse com suavidade, aquilo era indubitavelmente uma ordem. Lizzie deixou ao Ned no chão, que sorriu e disse:

— Mamãe, passeio? Passeio!

— Logo —sussurrou Lizzie.

A condessa olhava para Ned com incredulidade. Logo disse com voz tensa:

— Senhorita Fitzgerald... —Lizzie a olhou—, Tyrell é o pai de seu filho?

Lizzie respirou fundo. O único que tinha que fazer era negar, mas curiosamente não podia. Assentiu com a cabeça.

— Sim, senhora —disse.

A condessa olhou a Ned, que lhe sorriu e disse:

— Passeio! Passeio! —deu um golpe com o punho no braço da cadeira e sorriu, muito satisfeito de si mesmo.

A condessa respirou fundo. Parecia alterada.

— Vou chamar meu marido —disse.

— Espere —a senhora Fitzgerald se adiantou com lágrimas nos olhos. — Posso falar, por favor?

A condessa assentiu com a cabeça. A mãe de Lizzie tirou um lenço da manga e enxugou os olhos.

— Nossa Lizzie é uma boa garota —conseguiu dizer com voz quebrada. — Nós ignorávamos quando foi para Dublin, em visita a lady de Barry, que estava grávida. Verá, milady, Lizzie é a mais tímida de minhas filhas. Sempre foi a menos experiente. Não tem nem um fio de cabelo de desonesta!

A condessa olhou a Lizzie e Lizzie adivinhou o que estava pensando: que, se tinha tido um filho ilegítimo, não podia ser nem tão boa, nem tão honesta.

— Não quero nem pensar em como foi seduzida —acrescentou sua mãe.

— Mamãe, não! —exclamou Lizzie. Não acusaria ao Tyrell de seduzi-la com má intenção—. Foi inteiramente culpa minha.

A condessa parecia assombrada, tanto pela declaração de Lizzie como pela acusação de sua mãe.

— Conheço Tyrell tão bem como a meus filhos —disse, crispada—, e sei que é um cavalheiro. Não pôde seduzi-la. Não, se ela era seriamente inocente.

— Acaso não vê com apenas olhar para Lizzie o quanto é tímida e recatada? —exclamou sua mãe—, Não é uma coquete, nenhuma perdida! Mas ele a converteu precisamente nisso. De algum modo fez que esquecesse sua educação. Tem que fazer-se justiça!

— Basta, mamãe, por favor —lhe suplicou Lizzie.

— Sim, você deveria se refrear a língua —disse a condessa a modo de serena advertência.

O senhor Fitzgerald agarrou a sua esposa pelo braço. Mas ela gritou:

— Todo mundo conhece a reputação de Lizzie. Só tem que perguntar por minha filha pequena.

— Irei procurar ao conde —disse a condessa.

Mas Lizzie não podia suportar nem um momento mais de conflito. aproximou-se correndo à condessa, consciente de que devia falar com ela imediatamente.

— Posso lhe falar, por favor? Só um momento. Quando acabar, compreenderá que não há necessidade de chamar o conde, nem ao Tyrell —a condessa vacilou. Logo assentiu amavelmente com a cabeça. — Foi tudo minha culpa —disse Lizzie, sem afastar o olhar de sua interlocutora—, Tyrell não tem culpa. Eu estava mascarada... Estive toda a vida apaixonada por ele. Paquerou comigo, só um pouco... e eu o seduzi. Ele ignorava quem era e estou certa de que, por meu modo de me conduzir, achou que era uma cortesã experimentada.

— Lizzie! —gritou seu pai, zangado.

— Lizzie... —repetiu sua mãe com horror.

— Está-me dizendo que meu filho cometeu um erro? —perguntou a condessa.

— Sim, milady, toda a culpa é minha. Não há necessidade de incomodar a seu marido, nem a seu enteado. Não culpe ao Tyrell pelo ocorrido. me culpe a mim e aceite minhas desculpas... e deixe que leve a meu filho para casa. Eu não queria vir! —agarrou a mão da dama—. Deixe que voltemos para casa! Eu quero ao Ned, sou uma boa mãe... Não incomode a seu marido nem ao Tyrell!

Sua mãe se deixou cair em uma cadeira e começou a chorar desconsoladamente. A condessa olhou a Lizzie com autêntica surpresa e lhe levantou o queixo brandamente.

— Mas veio a minha casa procurando se casar.

— Não —murmurou Lizzie—, não sou tola. Sei que Tyrell nunca se casaria comigo. Isso é o que querem meus pais, não eu.

— Não quer se casar com meu filho?

Lizzie titubeou. Quase estourava a cabeça.

— Não —a condessa a olhava inquisitivamente. Lizzie se ruborizou—. Não me tirem o Ned —disse—. Por favor. A senhora é boa. Ouvi dizerem e agora o vejo. Eu não queria vir. Por favor, deixe que vamos. Deixe que leve meu filho para casa.

A condessa desceu a mão.

— Ficaré aqui um momento mais —Lizzie sentiu então autêntico temor—. Em seguida volto —acrescentou a condessa—. vou chamar meu marido... e meu filho.

UM TERRÍVEL SUPLÍCIO

Tyrell de Warrenne se deteve na terraço de pedra calcária e contemplou os prados e os jardins que se estendiam depois da mansão de Adare. As rosas, as flores preferidas de sua madrasta, floresciam por toda parte, mas ele não as via. Era vagamente consciente de que seu irmão Rex estava sentado em uma cadeira de ferro, com uma taça na mão. Soavam risadas femininas.

Seguiu rapidamente aquele som. Várias damas emergiram do labirinto de sebes do outro lado do caramanchão. Uma delas era sua noiva.

Tyrell tinha sido educado na tradição dos De Warrenne do mesmo momento de seu nascimento. Era aquela uma herança antiga de honra, valentia, lealdade e dever. Mas era muito mais que isso, pois ele seria o próximo conde. Suas obrigações como herdeiro sempre tinham estado claras: só ele era o responsável pela dignidade, a posição política e as finanças da família e seu legado. Sempre soube que algum dia teria que fazer um casamento vantajoso, um casamento que melhorasse a posição dos De Warrenne econômica, política ou socialmente... ou as três coisas de uma vez. Nunca tinha questionado seu destino.

Desejava aquela união. Como seu pai e, antes dele, seu avô, cumpriria seu dever com orgulho. E esse dever incluía o de estar certo de que a ninguém de sua família faltasse nada. Seria ele quem manteria a seus irmãos, a sua irmã e, com o tempo, a seus pais; seus atos podiam realçar ou manchar o nome, grandioso e antigo, dos Adare.

Embora as posses de sua família eram vastas, acabavam de vender vantajosamente um imóvel na Inglaterra para sanear suas finanças com vistas às necessidades de futuras gerações. Não bastava garantir uma vida de riqueza e poder para seus filhos e os de seus irmãos e irmã. Lorde Harrington só era visconde, e isso a apenas uma década. Era, entretanto, imensamente rico, pois tinha feito fortuna no comércio. O casamento com sua filha acertaria uma posição econômica muito sólida para a seguinte geração da família De Warrenne e procuraria a esta outro ponto de apoio na Inglaterra.

Tyrell viu aproximar-se a mulher que logo seria sua esposa.

— Assim não tem os dentes negros —comentou seu irmão.

Tyrell se voltou a tempo de ver que Rex ficava em pé, o que não era tarefa fácil, pois só tinha uma perna; tinha perdido a outra na Guerra da Espanha, na primavera de 1813. Tinha recebido como prêmio por seu ato de heroísmo o título de cavaleiro e um imóvel na Cornualia, onde tinha passado em quase total reclusão a maior parte do ano anterior. Rex era um pouco mais baixo que Tyrell e muito mais forte. Seus traços, entretanto, eram muito semelhantes; ambos tinham a pele morena, os maçãs do rosto altos, o nariz reto e a mandíbula forte. A diferença de Tyrell, Rex tinha os olhos marrons escuros, como seu famoso antepassado, Stephen de Warrenne. Nesse momento, seu semblante tinha uma expressão sardônica. Ou acaso se devia aquele rito à dor? Tyrell sabia que o coto de sua perna direita doía e incomodava de mais. Rex vivia preso da dor.

— Não esperava que se parecesse com seu retrato —comentou Tyrell com calma enquanto observava com mais calma a sua noiva. Em realidade, surpreendeu-se ao encontrar-se com uma mulher genuinamente atraente, de traços miúdos e clássicos, cabelo loiro claro, olhos azuis e pele de porcelana. Muitos outros a teriam achado terrivelmente atraente. Supunha que ele também, embora de um modo clínico.

— É muito bonita. Mais que seu retrato —Rex se aproximou de Tyrell apoiando-se em uma muleta—. Mas não parece muito contente. Ontem à noite também parecia contrariado. De fato, olhava a lareira com o cenho franzido. Acontece algo? Esperava que

estivesse satisfeito. Será divertido ter a essa moça na cama, e te dará filhos arrumados e formosas filhas.

A noite anterior, Tyrell tinha bebido quase uma garrafa de brandy. Recordou imediatamente os motivos. Ela tinha os olhos cinzas e o cabelo avermelhado e agreste.

— Estou satisfeito. Por que não iria estar? —disse com aprumo—. esperei muito tempo este dia. Lady Blanche é formosa, e seu pai é lorde Harrington. Claro que estou satisfeito.

Rex o observava com atenção. Tyrell compreendeu de repente que sentia muito escassa emoção, como não fosse uma morna surpresa porque seu casamento fosse acontecer por fim. O prazer, entretanto, parecia evitá-lo.

A perseguição à Elizabeth Fitzgerald que tinha empreendido o deixava terrivelmente distraído, e ele sabia. Possivelmente por isso não conseguia sentir prazer, nem satisfação. Mas não permitiria que nada nem ninguém pusesse em perigo seu futuro. Nem sequer ele mesmo. E menos ainda uma mulher de olhos cinzas a que, simplesmente, não entendia.

Afastou-se de sua noiva, que continuava caminhando para ele. Elizabeth Fitzgerald parecia doce e ingênua, bem educada e honesta, mas tudo aquilo era uma imensa farsa. Como não ia confrontar ele os fatos? Ela tinha voltado para casa com o filho de outro homem, nascido fora do casamento.

E por que o rechaçava agora? Já não tinha reputação que perder. Ele conhecia as mulheres o bastante bem para saber que Elizabeth também o desejava. O que acreditava poder ganhar recusando-o de novo? Ou era aquele outro de seus ardilosos jogos? Porque, certamente, no baile de máscaras de Todos os Santos tinha brincado com ele como com um tolo.

— Não parece contente. Nem sequer embora o afirme. Parece completamente desinteressado —disse Rex.

Tyrell reconheceu que tinha razão: não podia mostrar interesse algum por sua futura esposa e, entretanto, seu interesse por uma jovem caída em desgraça não conhecia limites. concentrou-se em seu irmão.

— Sua perna está incomodando? —Acreditava em que essa fosse a razão pela que seu irmão estava bebendo ao meio-dia, embora não acreditasse.

— Minha perna está bem, mas você não —repôs Rex, mas, desmentindo suas palavras, esfregou o coto em que se converteu sua coxa direita.

Tyrell o viu e se repreendeu imediatamente. Ele estava preocupado por uma mulher que não era sua noiva, enquanto seu irmão tinha perdido uma perna, vivia em constante sofrimento físico e parecia empenhado em condenar-se a um exílio que ele mesmo se impunha.

— Não me preocupa meu casamento, Rex —vacilou—. É em outra mulher que penso —acrescentou impulsivamente, e imediatamente se arrependeu de sua candura.

— Seriamente? Pois sugiro que te sacie o quanto antes dela para que possa fixar sua atenção onde é devido —Rex parecia surpreso. Viram Blanche chegar com duas amigas.

Tyrell não desejava outra coisa que saciar-se de Elizabeth Fitzgerald. Sentiu uma de onda de desejo ao pensar nela, e ao mesmo tempo se deu conta com desagrado de que lady Blanche esperava frente ele com um sorriso no rosto. Suas duas amigas permaneciam a seu lado. Tyrell sorriu e se inclinou ante elas.

— Acredito em que esteja desfrutando deste formoso dia —disse sem deixar de sorrir.

— Como não? —respondeu ela com simplicidade. — Faz um dia muito agradável e sua casa é preciosa, milord.

Tyrell esquadrinhou seu olhar verde azulado em busca de alguma falsa pretensão, mas não viu nenhuma. Muitos ingleses olhavam com desdém aos irlandeses, e ele sabia. Blanche não parecia absolutamente condescendente. viram-se pela segunda vez a noite anterior, quando ela tinha chegado com seu pai, mas não tinham tido ocasião de conversar em particular. Tyrell, entretanto, a tinha observado durante o jantar, e tinha descoberto que seu aprumo e sua amabilidade não pareciam fraquejar em nenhum momento.

— Obrigado. Alegra-me de que lhe agrade minha casa. Gostaria de me acompanhar em um passeio a cavalo mais tarde? Posso lhe mostrar região —dar um passeio pelo campo era

a última coisa que gostaria de fazer, mas devia cumprir com seu dever. Possivelmente pudessem chegar a conhecer-se um pouco melhor antes do casamento.

— Seria uma honra, senhor —respondeu ela com outro ligeiro sorriso. — Posso lhe apresentar a minhas melhores amigas, lady Bess Harcliffe e lady Felicia Greene? chegaram esta manhã.

As damas fizeram uma reverência e se ruborizaram. Tyrell se inclinou ante elas e murmurou uma saudação adequada. Depois tomou a mão de Blanche, a levou aos lábios e depositou nela um ligeiro beijo. Ao levantar o olhar, ela o olhou nos olhos e Tyrell notou que mal parecia sobressaltada. Sua compostura lhe pareceu admirável, e se perguntou se haveria algo capaz de fazê-la perder o equilíbrio.

— Até esta tarde, pois —disse educadamente.

— Estarei esperando —ela fez uma reverência com elegância natural, como a suas amigas, e as três se afastaram.

Tyrell as olhou afastar-se. Sua noiva caminhava direita, mas relaxada, enquanto suas amigas começaram a lhe cochichar ao ouvido. Tyrell não tinha dúvida alguma de que falavam dele. Se Blanche estava afetada, não demonstrou.

Elizabeth o olhava fixamente, ainda ofegante por seus beijos. Tinha as bochechas tintas pela vergonha, ou era possivelmente pela irritação? Seus olhos se enchiam de lágrimas e os fechava, mas mesmo assim ele o via.

— Tyrell? —Rex o tocou no braço—. Nunca te vi tão distraído —disse com certa recriminação.

— Essa mulher está me voltando louco —respondeu Tyrell.

Rex ficou calado um momento.

— Não é próprio de você pensar em outra mulher em um momento tão crucial. A maioria dos homens se teriam apaixonado imediatamente por Blanche Harrington. Desde quando persegue a essa classe de mulheres até o ponto de se distrair de suas obrigações? É o mais diplomático dos homens que conheço, e assim deve ser, tendo em conta que vais

seguir os passos de nosso pai. Não é dos que perderiam o controle e se arriscariam a insultar ao Harrington ou a sua filha.

Rex tinha razão. Tyrell tinha, igual a seu pai, uma tendência natural para a política, e perseguir a outra mulher naquele momento supunha uma grave falta de etiqueta.

— Deve ser muito formosa... e muito preparada —acrescentou Rex.

— E é. A verdade é que é uma trapaceira, por muito inocente que pareça. Mas penso pôr fim a este jogo de uma vez por todas —respondeu Tyrell—, Esta caçada começou há quase dois anos —explicou—. E agora se atreve a reaparecer em Limerick com o bastardo de outro homem, e a rechaçar a mim!

Rex o olhou boquiaberto.

— Está apaixonado?

Tyrell se sobressaltou.

— Claro que não!

Seu irmão ficou pensativo.

— É um De Warenne. Todos sabemos que os homens de nossa família, uma vez apaixonados, querem profunda e lealmente, até o final.

— Isso não é mais que uma lenda familiar e eu não estou apaixonado —replicou Tyrell, mas se sentia perturbado. Como toda sua família, tinha aceitado aquela lenda como um fato durante toda sua vida. E era lógico, pois só tinha que olhar a seu pai e a sua madrasta para ver o quanto profundamente se amavam, e o mesmo podia dizer de seu meio-irmão, Devlin Ou'Neill, e da esposa deste. Virginia.

— Se não a tivesse visto no baile de máscaras, isto já teria acabado —mas começava a ter sérias dúvidas. Tinha desejado a muitas mulheres ao longo de sua vida, mas nunca tinha tido que perseguir uma durante tanto tempo, e o desejo se extinguiu rapidamente. Seu desejo por Elizabeth, em troca, continuava ardendo, cada vez mais intensamente.

Sem dúvida, ela não se atreveria a recusá-lo pela segunda vez. Ele era o herdeiro do condado de Adare, pelo amor de Deus. Mulheres de todo tipo e classe o perseguiam

desavergonhadamente. Nunca havia lutado para seduzir uma mulher. Elizabeth Fitzgerald era a primeira que o recusava. Mas não era aquilo um jogo? Tyrell tinha que fazê-la sua. E sem dúvida isso era o que ela pretendia, enlouquecê-lo com suas recusas até o ponto de não poder pensar claramente ou comportar-se conforme aos ditados de sua razão. Tyrell ignorava por que se empenhava naquele jogo. Já estava disposto a lhe oferecer uma pequena fortuna por seu corpo. Que mais podia querer? E, além disso, ela devia ser consciente de que precisava de seu amparo, dadas as desafortunadas circunstâncias em que se achava.

Rex o agarrou pelo ombro.

— Quem é? Quem te faz refletir assim?

— Uma moça de olhos cinzas com um corpo feito para voltar loucos aos homens — respondeu Tyrell asperamente.

— Ty —disse Rex com cautela—, espero que isto seja um capricho passageiro. Conheço-a?

— Possivelmente. Conhece sua família, sem dúvida. É a senhorita Elizabeth Fitzgerald, a filha de Gerald Fitzgerald. Acredito que seu pai é parente longínquo do Devlin —disse Tyrell.

— Está me dizendo que está perseguindo uma dama? —Rex não acreditava.

Tyrell sentiu que seu humor se escurecia.

— Não é uma dama. Já te disse que é mãe solteira e que está no ponto, disso pode estar seguro.

—Acredito que deveria se esquecer dela. Tem que começar a pensar em seu futuro e no desta família —o olhar de Rex era negro e penetrante—. Blanche Harrington é muito bela. Sem dúvida terá uma agradável vida de casado. Não necessita uma amante agora.

Tyrell sacudiu a cabeça para clarear a mente. Rex tinha razão... mas só até certo ponto.

— Não se preocupe, não tenho intenção de ofender a lady Blanche. Mas tampouco vou permitir que me contrarie —disse a seu irmão—, nem que riam de mim.

— Seriamente? E por que ela está aqui?

— Não sei do que está falando —respondeu Tyrell.

— Falo da dama que ocupa seu coração —respondeu Rex com ironia.

— O que? —exclamou seu irmão, atônito.

— Eu estava no vestíbulo quando chegaram. Ao que parece, veio com sua família.

— Deve estar enganado. Não pode ser ela.

— Não, ia cruzando o vestíbulo quando chegaram. O senhor Gerald Fitzgerald, sua esposa e sua filha. Havia um menino pequeno e uma babá com eles —acrescentou—. O senhor Fitzgerald queria falar com nosso pai.

Nesse momento, Tyrell soube que os jogos da Elizabeth não tinham acabado. Mas não conseguia imaginar que novo truque era aquele.

A condessa retornou ao salão com seu marido, o conde de Adare. Lizzie estava sentada na beirada de sua cadeira e rezava para conseguir convencer à condessa de que a deixasse partir com Ned. sentia-se febril e doente de angústia. Assim que o conde fixou seu olhar duro e incrédulo nela, compreendeu que estava perdida.

O conde estava zangado e, embora conservava a calma, suas emoções eram evidentes. Lizzie fez uma profunda reverência ante ele. Seu coração pulsava a toda velocidade. Rezou por que aquela entrevista acabasse logo e por não perder ao Ned para sempre.

— Senhorita Fitzgerald —disse o conde e, tomando-a pelo braço, ajudou-a a incorporar-se.

Lizzie se obrigou a olhar seus olhos azuis e brilhantes. Igual a Tyrell, tinha o cabelo moreno e encaracolado, mas sua pele era, em troca, clara. Era um homem muito bonito e possuía um ar de autoridade que era impossível negar. Lizzie se deu conta de que a condessa tinha fechado as portas do salão. Seu medo aumentou.

— É mãe do filho de Tyrell? —perguntou o conde com brutalidade.

Lizzie sabia que seus pais estavam atrás dela e aguardavam com impaciência sua resposta. Não podia negá-lo naquele ponto. Segurou-se à esperança de que lhe permitissem partir com o Ned.

— Sim, milord —conseguiu dizer.

O rosto do conde se endureceu. Seu olhar a percorreu lentamente. Não havia nada insultante em seu modo de observá-la, mas Lizzie voltou a ruborizar-se.

— Você afirma que meu filho a seduziu —disse ele pronto e sinceramente.

Lizzie desejou morrer.

— Não, milord —respondeu, e fez caso omissos de seu pai, que puxou seu braço—. A culpa foi inteiramente minha. Eu seduzi a ele.

O conde proferiu um som. Estava claro que não acreditava.

— Você não parece uma sedutora. E meu filho não é nenhum patife.

Ela umedeceu os lábios.

— Íamos mascarados. Ele não sabia quem era eu. Foi minha culpa.

— Agora o defende?

Lizzie engoliu a saliva. sentia-se como se a estivessem julgando. Mas não ia acusar Tyrell de seduzi-la.

— Foi uma paquera que saiu do controle —murmurou.

O conde se voltou para Ned. Suas bochechas se coloriram ao vê-lo. A condessa, que tinha se aproximado dele, disse com suavidade:

— Não há dúvida de que é filho do Ty.

O conde pareceu ficar sem respiração um momento.

— Estou vendo que sim.

Lizzie se sentiu desfalecer. Estavam tão seguros como era de esperar. Mas sem dúvida mudariam de opinião quando Tyrell negasse. A condessa pôs uma mão sobre o braço de seu marido. O conde disse:

— Não, você não me parece uma sedutora, senhorita Fitzgerald. Antes de falar com o Tyrell, quero compreender exatamente como isso aconteceu.

Lizzie estava angustiada. Queria lhe perguntar o que importava aquilo, mas não se atrevia. ouviu-se dizer:

— Sempre fui apaixonada pelo Tyrell —assim que pronunciou aquelas palavras, derramou as lágrimas que estava segurando e tampou a boca.

— É verdade —exclamou sua mãe, dando um passo adiante. — Minha Lizzie sempre esteve apaixonada por seu filho, desde que era uma menina. Antes nos fazia rir. Brincávamos com ela e acreditávamos que passaria com a idade, mas não foi assim.

O conde olhou fixamente a Lizzie. Ela sentiu que tremiam os joelhos.

— Então, fez uma armadilha a meu filho?

— Não! —exclamou Lizzie, horrorizada.

— Mas está aqui com seu filho e exige casar-se com ele. Estou sem entender. Pode ser que estivesse disfarçada, mas Tyrell não permitiria que um episódio assim caísse no esquecimento. Conheço meu filho. Assim que tivesse dado conta de seu erro, teria tentado repará-lo de um modo ou outro.

Lizzie não sabia o que dizer.

— Oculteí minha identidade —disse—. E logo fui.

O conde se afastou por fim dela e olhou Ned com atenção. O menino estava brincando tranqüilamente no chão com um soldadinho de brinquedo, mas de repente parou e levantou a vista para seu avô.

A condessa esclareceu a voz.

— O retrato do salão de jantar de Ty com sua mãe. Este menino poderia ter posado para ele.

O conde se separou de Ned e voltou para olhar a Lizzie e a seus pais.

— Tudo isto é uma circunstância muito desafortunada no que concerne a sua filha —disse seriamente.

— O senhor é um homem justo —respondeu o pai de Lizzie com a mesma firmeza—. Sabia que o veria desse modo.

—Você me interpreta mal —acrescentou o conde—. Lamento muito a desonra de sua filha, mas não posso lamentar ter um neto, nem sequer embora seja ilegítimo.

Lizzie sentiu pânico. Correu para Ned e tomou em braços.

— O que quer dizer, senhor? —perguntou seu pai com críspação.

— Meu filho está a ponto de comprometer-se em casamento com a filha de lorde Harrington e não penso interferir em seu compromisso.

Lizzie fechou os olhos com força. Sem dúvida iriam mandá-los para casa. Seu coração pulsava enloquecidamente e sentia as pernas frouxas. Não conseguia inalar suficiente ar.

— Criaremos a meu neto aqui —disse o conde—. De fato, não há outra possibilidade.

Lizzie sacudiu a cabeça.

— Não.

O conde fixou nela um olhar frio.

— Concederei a você uma pensão. Repito que lamento profundamente tão desafortunada circunstância. E pode estar certa de que meu filho se comportará honoravelmente no futuro. Sei que serve de pouco consolo, mas é o único posso lhe oferecer. Não faltará nada a você, senhorita Fitzgerald.

— Faltará meu filho! —gritou Lizzie—. Não permitirei que me separem!

O conde a olhou com autêntica surpresa. A condessa se adiantou. Parecia comovida.

— Milady —soluçou Lizzie—, não posso abandonar meu filho!

— Lizzie —disse sua mãe enquanto a puxava pela mão—, possivelmente seja o melhor.

— A vida de nossa Lizzie está arruinada —disse seu pai.

Lizzie se soltou bruscamente de sua mãe.

— Ned precisa de mim —soluçou, desesperada—. Não vou abandonar meu filho. Eu posso criá-lo e farei!

O conde a olhava como se fosse louca.

E nesse preciso momento Tyrell entrou no quarto. Lizzie ficou paralisada, com o Ned ainda em braços. Tyrell já tinha fixado nela seu olhar escuro.

— Estavam me procurando? —perguntou educadamente. A pergunta parecia dirigida a seus pais, mas Lizzie duvidou, pois não tinha deixado de olhá-la fixamente.

Seu coração batia dentro de seu peito como um pássaro frenético, apanhado em uma gaiola de ferro.

— Acredito que já conhece senhor e a senhora Fitzgerald —disse o conde severamente—. E a sua filha, a senhorita Elizabeth Anne.

Tyrell não fez uma reverência. Limitou-se a inclinar a cabeça. Lizzie acreditou sentir a tensão que emanava dele e se preparou para suportar seu desprezo. Sentia-se profundamente envergonhada por aquela mentira que ela mesma tinha criado.

— Mas tenho entendido que não conhece seu filho —acrescentou o conde.

Tyrell deu um coice e seu olhar voou para o menino que Lizzie segurava nos braços.

— Meu o que?

A condessa lhe tocou o braço.

— Sei que isto é muito inesperado. Todos estamos impressionados, e com razão —disse com suavidade.

Tyrell olhava Ned com perplexidade. Depois voltou a cravar os olhos em Lizzie. Ela mordeu o lábio.

— Você afirma que essa criança é meu filho? —perguntou, incrédulo.

Lizzie não pôde responder.

— Pelo que entendi foi concebido no dia de Todos os Santos, não é assim, senhorita Fitzgerald?

Tyrell se enrijeceu, olhou um momento a seu pai e voltou a fixar os olhos em Lizzie. Ela se encolheu por dentro.

— O dia de Todos os Santos? —perguntou ele com frieza, ameaçadoramente.

Lizzie conseguiu pensar de algum modo.

— Ned é meu filho —murmurou, mas ninguém pareceu ouvi-la.

Seu pai deu um passo adiante e assinalou a Tyrell, com o rosto vermelho de raiva.

— Importam um nada as mentiras que minha filha inventou para protegê-lo, senhor! Você a deixou grávida! Destruiu sua vida! E seu pai se nega a casá-los! Que classe de homem você é para abusar assim de minha pobre filha e fugir?

Tyrell ficou tenso. Tinha uma expressão muito estranha: como se com sua absoluta perplexidade se mesclasse certo grau de compreensão. voltou-se para ela.

— Eu a deixei grávida? —repetiu, incrédulo.

Lizzie fechou os olhos e sentiu que lhe escapava uma lágrima. Ao menos, pensou, angustiada, Tyrell diria que Ned não era filho dele. Mas a consideraria por sempre uma embusteira da pior espécie... e nisso se converteu. Só podia confiar que algum dia Ned pudesse reclamar seus direitos de nascimento.

—Criaremos o menino aqui —disse o conde com firmeza—Eu me ocuparei da senhorita Fitzgerald. De resto, isto não muda nada. Se casar com a senhorita Fitzgerald está descartado.

— Me casar com a senhorita Fitzgerald??!! —repetiu Tyrell.

Lizzie abriu os olhos bruscamente. Tyrell a estava olhando e ria, mas ela não viu regozijo algum em seu semblante. Só havia nele ira.

— Isto não é coisa de riso, senhor! —gritou seu pai, furioso.

Tyrell levantou a mão e o senhor Fitzgerald se calou.

— Já basta —disse—. Quero falar um momento a sós com a senhorita Fitzgerald.

Lizzie conseguiu sufocar um gemido de surpresa. Sacudiu a cabeça e retrocedeu. Não podia ficar a sós com ele nesse momento.

— Desejo falar em particular com a mãe de meu filho —acrescentou Tyrell. E lhe dedicou um sorriso frio e duro que não se estendeu a seus olhos.

Um plano que se torce

Ainda perplexo e muito zangado, Tyrell pensou que gostaria de vê-la acovardar-se. Ela apertava seu suposto filho contra seu peito, com as bochechas terrivelmente sufocadas. Mas ele sabia que não havia nada de inocente nela, além de sua aparência.

— Mãe —disse à condessa com uma calma que sua tensão desmentia—, Se ocupe do menino, por favor.

Lizzie deu um passo atrás, pálida apesar do rubor de suas bochechas.

— Não —soluçou, olhando Tyrell aterrorizada.

Tyrell se disse que ainda tinha vontade de protegê-la, se não fosse uma mentirosa tão ardilosa. Mal podia acreditar que fosse tão diferente como tinha acreditado. Sua cólera não conhecia limites. Ela sabia perfeitamente que aquele menino não era dele! Que farsa era aquela?

— Por favor —disse Lizzie à condessa em um sussurro— Não tirem meu filho.

A expressão da condessa se encheu de piedade.

— É só para que Tyrell e você possam falar em particular —disse com um leve sorriso — Te dou minha palavra.

Tyrell notou com chateação que ela estava chorando. E de repente sentiu o impulso de tomá-la em seus braços até que cessassem suas lágrimas. Fazer amor com ela devia ser a última coisa que passasse por sua cabeça, quando ela tentava forçar assim sua mão. E pensar que tinha proposto lhe dar tudo o que quisesse se aceitasse ser sua amante! Estava claro que ela tinha planos muito mais grandiosos.

Viu como ela entregava seu filho com tal reticência que se diria que temia não vê-lo nunca mais. Um indício de compaixão se agitou dentro dele, mas se endureceu contra aquela fraqueza: aquela jovem não merecia compaixão alguma dele.

Tyrell olhou com atenção o menino e toda sorte de novas suspeitas se avivaram em seu interior. O bebê era moreno, e podia passar facilmente por seu filho. Naturalmente, havia centenas de meninos morenos na Irlanda. Era aquilo uma coincidência? A pele

bronzeadada do menino devia proceder de seu pai, pois Elizabeth era muito branca. Então lhe aconteceu outra idéia ainda mais impensável: era sequer dela aquele menino?

Decidiu imediatamente que ela não chegaria até o extremo de fazer passar por sua a uma criança que não era... nem sequer para casar-se com ele. Saltava à vista que temia perder ao pequeno. O menino tinha que ser dele... a menos que fosse uma grande atriz.

Tyrell estava furioso. Não gostaria de achar-se no meio daquela confusão. Durante toda sua vida tinha reinado a ordem, a certeza e as normas. Seu universo era um universo fixo: ele era o herdeiro de Adare e devia proteger sua família e o condado a todo custo. E de repente aparecia aquela mulher, que já não era uma moça doce e gentil, a não ser uma mãe solteira, e aquele menino, que podia ser ou não ser dela, e ele se achava ante aquela horrível armação.

Quando todos saíram do salão, Tyrell foi se certificar de que as portas estavam fechadas. Ao voltar para olhá-la, cruzou os braços e quase gozou de sua evidente angústia. Ela merecia aquilo... e muito mais. Mas, por desgraça, ele estava tão zangado que não podia desfrutar de nada.

— Por que tipo de idiota me toma? —perguntou com muita suavidade. Ela negou com a cabeça—. Então, não me considera um idiota? —a ira voltou a aflorar.

— Não, milord, absolutamente —murmurou ela, envergonhada.

Mas aquilo era outra mutreta. Tyrell não podia suportá-lo. aproximou-se dela e a agarrou pelos ombros. Parecia pequena e frágil.

— Deixe de fingir que é uma donzela ingênua! Os dois sabemos que não tem nenhum pingão de inocência. E os dois sabemos que esse menino não é meu filho —disse com aspereza—. E se atreve a vir aqui com intenção de me forçar a casar com você? —nunca tinha se achado frente a uma intrigante tão calculadora e, entretanto, quando a olhava nos olhos, via dor e vulnerabilidade.

Ela tremia.

— A tola sou eu. Sinto muito.

— Sente? —apertou-a um momento com mais força. Lhe passou pela cabeça estreitá-la entre seus braços e castigá-la com seus beijos até que lhe suplicasse perdão e confessasse tudo—. Nunca tinha enfrentado um plano tão monstruoso e ousado —a soltou e se separou dela. Estava confuso. Temia perder o domínio de si mesmo.

Ela respirava entrecortadamente.

— Não vai acreditar até onde alcança minha loucura.

— Estou certo que não —respondeu ele com aspereza—. Seriamente acreditava que podia se apresentar aqui com esse menino e convencer a todos de que sou o pai? Acreditava que iria convencer a mim... quando nunca compartilhamos a cama?

Ela mordeu de novo o lábio.

— Não —disse quase inaudivelmente.

— Não?

— Queria que meus pais deixassem em paz a meu filho e a mim. Mas me envenenavam sem cessar, exigiam saber a identidade do pai do meu filho. Não podia dizer a verdade. Pensei que, se dissesse que era você, um homem tão acima de mim, deixariam-me tranqüila. Mas me arrastaram até aqui contra minha vontade, dispostos a exigir nosso casamento. Só vim porque sabia que você negaria tudo —procurou o olhar de Tyrell. de repente sentia uma leve esperança—. Por favor compreenda, milord, nunca pensei em fazer uma armadilha para forçá-lo a casar-se comigo.

Tyrell continuava desconfiando dela.

— Por que não revelar quem é o pai do menino? —perguntou— O que está escondendo?

Ela se esticou visivelmente.

— Não quero me casar com ele —disse depois de vacilar um momento.

Ele continuava olhando-a fixo.

— Quem é o pai?

Ela se limitou a sacudir a cabeça e se negou a falar. Tyrell se aproximou dela e Lizzie se encolheu. Abatendo-se sobre ela, ele disse:

— Quero saber. Quem é o pai?

Uma lágrima caiu enquanto ela movia a cabeça com impotência. Tyrell odiou a si mesmo. inclinou-se para ela.

— Não tem medo de mim?

Ela assentiu sem deixar de chorar.

— Mas sei que nunca me faria mal, milord —murmurou.

Ele ficou paralisado. De alguma forma, aquela mulher conseguia desbaratar sua determinação com um só olhar, com uma simples palavra. Decidiu deixar correr aquele assunto, mas só no momento. No final, saberia a verdade. separou-se dela, consciente de que, apesar de sua cólera, sentia também um intenso desejo.

— Se deitou com um homem com quem não queria se casar? —perguntou com frieza.

— Foi um erro —Tyrell se voltou para olhá-la, mas ela parecia incapaz de levantar a vista—. Foi uma só noite, a lua e as estrelas... Estou certa de que você entende —resmungou ela, em voz tão baixa que ele mal a ouviu. Tinha de novo as faces coradas.

Tyrell a imaginou com um amante sem rosto, gemendo de paixão sob a lua cheia. Sem dúvida seu amante tinha gozado imensamente de seu corpo, afundando-se nela uma e outra vez. Tyrell se perguntou quando teria começado seu idílio e quando teria acabado. Nunca havia sentido o sexo tão carregado, tão cheio.

Notou que sua boca se curvava.

— Sim, já entendo —disse com intenção de ferir. — Entendo que continua mentindo na minha cara. Não acredito que sua intenção fosse esconder a verdade sobre o pai de seu filho, OH, não. Acredito que armou esse plano para se casar comigo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei por que diz isso. Não quero me casar. Não quero me casar com você. Só quero ir para casa, com meu filho —soluçou, suplicante.

Tyrell se abateu sobre ela.

— Insisto que seja sincera —disse. — Me diga a verdadeira razão pela que está aqui e diz ser a mãe de meu filho. Se não deseja se casar, então o que quer é dinheiro. Reconheça.

Ela se limitou a olhá-lo. Parecia tão angustiada e frágil que Tyrell sentiu o absurdo impulso de reconfortá-la. E ela murmurou:

— Tem razão, milord. Queria forçá-lo a casar-se comigo, mas é evidente que não sou bastante esperta. Os Fitzgerald são uns infelizes.

Aquela era a confissão que Tyrell esperava e, entretanto, sentiu-se estranhamente perturbado e desmoralizado por ela. E, o que era ainda pior, as palavras de Lizzie nem sequer lhe soavam verdadeiras. Olhou-a fixamente e desejou poder adivinhar seus pensamentos. Os olhos cinzas dela esquadriharam os seus. Tyrell sentiu crescer a tensão dentro de si. Sempre soube julgar bem as características alheias. Sempre tinha sido fácil perceber a ambição, as armações e as mutretas de outros. Ele, por sua parte, era sempre franco em seus assuntos: tinha herdado aquele traço de caráter de seu pai. Agora estava perplexo. Elizabeth Fitzgerald tinha confessado sua ambição e, não obstante, ele sabia que aquela confissão era tão falsa como todo o resto.

— Sei que meus pais vão considera-lo um homem sem escrúpulos, e lamento, mas pouco importa —disse ela em voz baixa—. Juro que não volto a me aproximar de você. Ned e eu iremos para nossa casa, em Raven Hall. Você voltará a Dublin e se casará com a filha de lorde Harrington. Este desagradável episódio ficará logo esquecido.

Tyrell se perguntava por que as lágrimas continuavam enchendo seus olhos. Quase podia jurar sobre a Bíblia que a única coisa que ela desejava era partir com seu filho. Seria possível que estivesse dizendo a verdade?

Ele vacilou, consciente de suas sérias dúvidas. E ela pareceu compreendê-lo, porque deu um passo adiante e o tocou.

— Farei qualquer coisa, milord, se disser ao conde que não é o pai do meu filho e nos deixar ir para casa.

Tyrell fechou a mão sobre a sua com força.

— Tudo? —murmurou, quase triunfante.

Os olhos dela se abriram com alarme. Tentou soltar-se.

— Queria dizer... quase tudo...

Ele riu.

— Quer dizer que me daria o que desejo, não é isso, senhorita Fitzgerald?

Ela começou a negar com a cabeça. Parecia pronta para fugir. Mas Tyrell não tinha intenção de soltá-la.

— Ontem te pedi que fosse minha amante.

Ela tentou afastar-se.

— Mas está a ponto de comprometer-se em casamento —disse, atônita.

Tyrell a empurrou lentamente para trás, encurralando-a contra a parede. Gostava como sua cabeça só lhe chegava ao peito.

— Temo que seja isso mesmo. Entretanto, isso não tem nada a ver com você e comigo —disse brandamente.

— O que vai fazer? —perguntou ela, temerosa, e por fim empurrou seu peito. Mas suas mãos ficaram ali, sobre o coração acelerado de Tyrell.

— O que vou fazer? —ele pensou em fazer amor com ela essa noite, em gozar de cada parte de seu corpo voluptuoso, e sorriu— Vou reconhecer seu filho como meu —disse.

— O que?

Ele deslizou as mãos até sua cintura e ela deixou escapar um gemido quando a apertou contra si.

— Cuidarei e mantereí aos dois. Não é mesmo hoje um dia de sorte? Só tem que me esquentar a cama. Em troca, seu filho terá meu nome —sentia com acuidade quase dolorosa o corpo suave de Lizzie apertado contra o seu, seus seios pegos a suas costelas. Com uma mão levantou o seu rosto para ele. Com o outro braço a segurou. Os olhos de Lizzie pareciam enormes, ao mesmo tempo horrorizados e cativos.

Tyrell não podia compreender seu espanto. Disse brandamente:

— Depois desta noite, não será tão reticente. Não tem nada a temer, Elizabeth. Como te disse ontem, não te faltará nada. Nem a você, nem a seu filho.

Ela proferiu um som suave, que só em parte era de protesto. Tyrell notou sua excitação. Sua luxúria estalou de repente e todo pensamento parou. Tomou seu rosto entre as mãos e desceu lentamente a cabeça. Sabia que não podia esperar nem um instante mais para acariciar seus lábios, para roçá-los com sua língua. Ansiava saborear sua garganta, seus seios. Ansiava afundar-se dentro dela, e seu membro lutava contra o constrangimento de suas calças. apertou-se contra ela e a beijou.

Ela deixou escapar um gemido, mas de desejo, não de angústia. Tyrell a tomou entre seus braços e aproveitou aquele instante para introduzir a língua dentro de sua boca. Não sabia se poderia dominar-se e esperar que chegasse a noite. Nunca tinha desejado a uma mulher como a desejava. Aquilo não tinha lógica... mas a lógica lhe importava muito pouco nesse instante.

E ela se apertou contra ele e lhe devolveu o beijo com a mesma ânsia e o mesmo frenesi. «Que delícia», foi o único pensamento que conseguiu articular Tyrell, e, enquanto a beijava e sua luxúria crescia perigosamente, aquela idéia ressonou em sua cabeça uma e outra vez.

— Tyrell... —disse o conde, seu pai.

Tyrell o ouviu de algum modo. Estava a uma eternidade beijando Elizabeth... ou tinha sido só um instante? Fechou os olhos, ainda abraçando-a com força. Seu corpo estava em chamas. Ela, por sua parte, parecia febril. Tyrell lutou por repor-se. Havia tanto em jogo... E, embora não conseguia entender seus próprios pensamentos, recuperou lentamente a compostura e a soltou.

Voltou-se para seu pai. O conde estava não muito longe da porta, com o semblante cheio de desaprovação. Tyrell o olhou, consciente de que Elizabeth permanecia a seu lado. Curiosamente, desejava evitar uma nova humilhação. Voltou-se e lhe sorriu levemente.

— Vá se juntar com seu filho. Falaremos dentro de um momento —disse.

Ela estava acalorada e tinha o cabelo um pouco desalinhado e os lábios inchados, mas seus olhos se encheram de gratidão e assentiu com a cabeça. Logo passou a seu lado com a cabeça agachada, sem atrever-se a olhar ao conde, e saiu do quarto.

Tyrell cruzou a sala e fechou a porta. voltou-se e disse:

— Decidi que vão ficar os dois aqui, em Adare. Eu manterei à senhorita Fitzgerald, assim como a meu filho.

— Pensa ficar com ela? —perguntou o conde com incredulidade.

— Não vou separá-la de seu... de meu filho —disse Tyrell com firmeza. — Me temo que tenho que insistir. É o melhor para o menino. Ela pode ficar não muito longe do quarto dos meninos. Mas fica em Adare.

O conde o olhou fixamente sem dizer nada.

Tyrell inclinou a cabeça. Nunca antes tinha dado uma ordem a seu pai. Nesse momento, seus papéis tinham mudado e ambos sabiam. O filho tinha subido ao trono, e já era hora de que assim fosse.

Lizzie parou na soleira do quarto que tinham destinado a ela. Rosie estava atrás dela, com Ned no colo. A condessa estava ordenando a uma donzela que acendesse o fogo e abrisse as janelas.

— Espero que aqui esteja bem —disse com um sorriso.

Lizzie já sabia como rico era o conde, mas não estava preparada para achar-se frente aquele quarto enorme. Sem dúvida aquilo era um erro. Havia apenas cinco minutos que

tinha explicado apressadamente a seus pais que ia ficar em Adare com Ned, e ainda estava em um estado de atordoamento e confusão.

Esperava que lhe dessem um quartinho de criada, ou, com sorte, um quarto modesto, parecido com o que tinha em Raven Hall. Mas se achava em frente um quarto tão grande que nele caberia uma casinha de campo inteira. Havia uma enorme lareira com suporte de mármore e, em frente dela, um lugar para sentar-se. Sobre o suporte da lareira pendurava o retrato de um antepassado dos De Warrenne. O sofá era da mesma cor verde musgo que as paredes, e as poltronas eram de cor rosa e ouro, como as sianinhas do teto. O piso era de carvalho e estava coberto por uma dúzia de tapetes persas, vermelhos e amarelos. Uma lustrosa mesa de carvalho, posta com um toalha de linho e cristaleira e um acerto floral central, junto com quatro cadeiras estofadas em suave couro marrom escuro, ocupavam o centro da zona destinada a sala de jantar. Finalmente, do outro lado do quarto, as janelas olhavam para os famosos jardins de Adare.

— Seu quarto será este —disse a condessa, e mostrou a porta aberta que dava para outro quarto.

Lizzie viu um quarto decorado em cores douradas e dominada por uma enorme cama com dossel, igualmente dourada. Tremeu, ainda afligida pela confusão e o desconcerto. Tyrell ia instalá-la em Adare como sua amante. Ela tinha esperado que a ridicularizassem e a expulsasse dali. Tinha esperado partir da casa com Ned e que Tyrell a odiasse por ser tão mentirosa. Mas Tyrell não a odiava. OH, não. Aquela cama era prova disso. Desejava-a tanto que estava disposto a colaborar com sua mentira e a afirmar que era pai de Ned. E viu a si mesma deitando-se na cama enquanto Tyrell permanecia na porta, com um olhar carregado de abrasadora paixão. Achava-se acaso em meio de um sonho fantástico? despertaria se se beliscasse? Mas não queria despertar!

Tyrell viria essa noite? Seriamente estava ela a ponto de tornar-se sua amante? Ela, Lizzie Fitzgerald, tinha sido sempre a tímida, a que em todas as festas ficava como uma

boba junto à parede. Era possível que ele a desejasse até o ponto de lhe dar tudo aquilo, inclusive de reconhecer a Ned como filho dele?

— Encontra-se bem, Elizabeth? —perguntou brandamente a condessa.

Lizzie nem sequer a tinha ouvido aproximar-se. Conseguiu concentrar-se de algum modo e a imagem de Tyrell desvaneceu.

— Está certa de que este quarto é para mim? —ouviu-se perguntar.

A condessa sorriu.

— Claro que sim. Estas é uma das alas de convidados, e Tyrell sugeriu que se ficasse aqui —seu olhar se tornou escrutinador.

Lizzie vacilou.

— Não sei como lhe agradecer por sua amabilidade —disse em voz baixa. — Lamento muito ter feito tal cena.

— E eu sinto que tenha tido que passar esse mal momento —respondeu a condessa—, Mas, se não queria que houvesse uma cena, por que disse a seus pais que Tyrell é o pai do Ned?

— Não fui eu —disse Lizzie, que já não estava zangada com Eleanor. — Só minha tia Eleanor sabia e prometeu guardar o segredo. Mas quebrou sua promessa ontem.

A condessa a tomou pela mão.

— Não nos conhecemos bem, temo, embora confie em que isso mudará muito em breve. Me alegro, em todo caso, de que sua tia quebrasse sua promessa. Ned tem todo o direito à vida que podemos lhe dar. E eu, ao menos, estou encantada de ter um neto — sorriu amplamente.

Lizzie devolveu o sorriso.

— É tão esperto, tão bonito e nobre! parece-se muito a seu pai... —se deteve e notou que suas bochechas se ruborizavam.

A condessa a observou um momento.

— O outro dormitório é para Ned e Rosie. Precisa algo mais?

Lizzie passeou o olhar pela enorme quarto e sentiu que seu coração se enchia de excitação.

— Acredito que não nos falta nada.

— Bem —a condessa titubeou. — Posso levar o Ned para dar um passeio pelo jardim? Quero conhecê-lo melhor. Parece bem acordado.

Lizzie olhou ao Ned, que estava nos braços de Rosie. Bocejava, mas seus olhos continuavam brilhando.

— Claro que sim —disse.

— Prometo não demorar muito —disse a condessa, e tomou o menino nos braços—. Olá, meu lindo neto. Sou sua avó. Pode me chamar avozinha.

Ned bocejou outra vez como se estivesse aborrecido e disse:

— Ned!

Lizzie sufocou um sorriso.

— Rosie, pode acompanhar a lady Adare? —disse.

A babá assentiu e os três partiram.

Ao ficar sozinha, o nervosismo de Lizzie cresceu. Mas havia também grande parte de esperança. Usava toda a vida sonhando estar nos braços de Tyrell, mas nunca tinha esperado que seus sonhos se tornassem realidade em parte. Fazia menos de uma hora, ele a tinha beijado e ela tinha estado a ponto de desmaiar de puro prazer. tocou as faces febris. Era impossível negar já que era uma mulher extremamente apaixonada, pois ansiava estar de novo em seus braços. Mas seriamente poderia ser sua amante? Como podia ter acontecido aquilo a ela?

Sentou-se e procurou clarear sua confusão. Embora já a considerassem desonrada, conhecia a diferença entre o bem e o mal. E uma aventura carnal estava mal. Mas acaso importava tudo aquilo, tendo em conta que, aos olhos do mundo, era pouco menos que uma rameira? Importava, quando Tyrell ia reconhecer seu filho?

Lizzie respirou fundo. Em certo modo, ele estava chantageando-a, mas aquele acordo favorecia a Ned. Seria doloroso para sua família, ela sabia, mas só tinha que tocar o rosto para saber que não havia como voltar atrás. Tyrell tinha deixado claro suas intenções. Inclusive embora ela decidisse partir com Ned, ele não permitiria.

Lizzie reconheceu para si mesmo que não queria partir. Muito em breve seria a amante de Tyrell de Warenne.

Mas restava um assunto pendente. Ele se daria conta de que era virgem quando a levasse a cama? Ela sabia o suficiente do ato amoroso para acreditar que um homem como ele distinguiria a diferença entre uma cortesã e uma virgem. De algum modo devia ocultar dele o fato de sua inocência.

Seu coração continuava palpitando com violência, tanto que começava a sentir-se aturdida. Olhou a enorme cama. Desejava que Tyrell fosse em sua busca. Nunca havia sentido um anseio semelhante, nem se sentido tão vazia. Quanto tempo tinha para criar um plano para enganá-lo, para que não soubesse que não era a mãe de Ned?

Tinha ouvido dizer que a primeira vez haveria um pouco de sangue e certa dor. Podia ignorar a dor, e o sangue podia lavar. Poderia acaso embebedar Tyrell para que não suspeitasse que era sua primeira vez? Se estivesse sonolento e embriagado, sem dúvida não se daria conta de que era virgem.

Pediria um pouco de vinho, pensou com nervosismo, e adicionaria um pinga de valeriana. Em todos os estojos de primeiro socorros medicinais havia valeriana, como em quase todas as cozinhas.

Com os braços cruzados e o corpo tão quente como seu rosto, olhou de novo a cama. As cortinas do dossel eram de brocado dourado e a parte inferior de um azul pálido. Grandes almofadões amarelos com bordados se amontoavam contra a cabeceira. Os bordados eram fantásticos e o cobertor da cama era do mesmo brocado que as cortinas do dossel. Lizzie entrou no quarto e afastou a colcha. Como suspeitava, os lençóis eram de seda. Acariciou-as e seu corpo se estremeceu por inteiro.

— Não posso esperar até que saia a lua —disse brandamente Tyrell de Warenne—, e vejo que você tampouco.

Lizzie se voltou bruscamente.

Ele estava na porta do dormitório, com um ombro apoiado na porta. Tinha um sorriso indolente, mas seus olhos azuis escuros brilhavam. Suas intenções estavam tão claras que uma de onda de excitação se apoderou dela.

— Milord —murmurou—, não esperava nada disso —se afastar do olhar dele, mostrou o quarto.

— Como te disse, não te faltará nada. Deduzo, então, que você gostou do quarto que escolhi.

Ela assentiu com a cabeça. Tyrell estava a uns passos dela, mas Lizzie sentia que sua presença a envolvia por completo, indomável em sua força, em sua vontade.

— Então, estou satisfeito —murmurou ele, e se aproximou com passos largos e lentos. Todo o corpo de Lizzie se esticou, cheio de espera. O fogo rugia em suas veias embora ele não a tivesse tocado ainda.

— A condessa voltará dentro de pouco —disse.

Tyrell se deteve frente a ela e a tomou em seus braços.

— A porta está fechada.

Era difícil alarmar-se quando suas coxas robustas se apertavam contra o corpo suave de Lizzie. Ela só ansiava que a beijasse. Já não podia falar, nem mover-se, e tinha a impressão de que o coração ia sair do peito. Tyrell sorriu lentamente e tocou seu rosto com uma mão.

— Você é muito formosa —disse com voz áspera.

Lizzie compreendeu que falava sinceramente.

— Você é o homem mais bonito que já vi —disse com ardor.

Ele pareceu surpreso e logo o regozijo iluminou seus olhos.

— Quer que continuemos nos fazendo elogios, então? —perguntou com suavidade enquanto deslizava um dedo por sua bochecha, até sua mandíbula e sua boca, onde se deteve.

Tinha acendido tal fogo nas vísceras de Lizzie com uma só carícia que ela não podia respirar. Ele sabia, porque sorriu e desceu o dedo por sua garganta.

— Seu pulso voa à velocidade das asas de um colibri, Elizabeth —disse em voz baixa. E deslizou a ponta de um dedo por seu decote nu.

Lizzie se ouviu gemer. Ele tinha fixado o olhar no sutiã de renda com que estava brincando. De repente, levantou a vista para seu rosto. Lizzie olhou seus olhos enevoados e o ouviu dizer:

— Quero que se dispa.

Lizzie ficou atônita por sua petição e, entretanto, não sentiu medo, a não ser uma espécie de euforia. Ele sorriu e sussurrou enquanto puxava para baixo seu sutiã:

— Quero admirar cada palmo de seu corpo. Sabia que não se importaria.

Seu vestido se rasgou, e ele não pareceu se importar. Deixou descoberto sua branquíssima camisa e o contorno escuro de sua auréola. A mão de Tyrell se deteve. Logo fechou a mão. Lizzie não podia afastar o olhar. Ele esfregou com os nódulos um lado de seu seio, duas vezes, e os moveu logo até o bordo do anel rosado e escuro que tinha deixado a descoberto. Inalou bruscamente e seus nódulos duros se deslizaram dentro da camisa, contra a ponta arrepiada e quente do mamilo.

Lizzie mordeu o lábio para não gemer e fracassou. Ele esfregou seu mamilo uma e outra vez. Respirava com força, entrecortadamente. Depois, inclinou Lizzie para trás, sobre seu braço, e se apoderou da ponta do mamilo com a boca. Ela se agarrou a seus ombros e sentiu os cachos de seu cabelo enquanto ele chupava e lambia seu seio. Seus dentes lhe faziam mal e ao mesmo tempo proporcionavam um prazer extremo. Quase sem dar-se conta, começou a ofegar áspera e incontrolavelmente enquanto o vertice entre suas pernas se inchava até alcançar proporções impossíveis.

— Não pare —se ouviu suplicar.

— Não vou parar —disse ele. Levantou-a nos braços e a deitou rapidamente sobre a cama. Lizzie viu sua expressão crispada, próxima ao clímax, e, incapaz de refrear-se, agarrou sua cabeça e se incorporou um pouco para beijá-lo com ânsia. Um gemido de surpresa, áspero e entrecortado, surgiu dele. Lizzie não se importou: queria saboreá-lo por inteiro, e não só seus lábios. Frustrada por sua vacilação, mordeu-o e voltou a beijá-lo.

— OH, OH! —exclamou ele, surpreso. Afastou a boca, cobriu seu ventre com uma de suas robustas coxas e aquele movimento fez que Lizzie visse o contorno comprido e rígido de seu sexo delineado claramente sob suas calças de camurça. Ele rasgou seu vestido em dois e sorriu.

Lizzie ficou quieta, cheia de assombro. Lentamente, Tyrell apertou seus seios. Uma gota de suor deslizava por sua fronte. Começou a acariciá-la sem pressa aparente, apesar de sua mandíbula que vibrava.

— Recorda-me à Vênus do Botticelli —murmurou— e muito em breve vou afundar-me dentro de você.

Seus olhares se encontraram.

— Depressa, milord, depressa —suplicou ela—, antes de que seja muito tarde.

Ele se inclinou para beijá-la e afundou profundamente em sua boca a língua. Lizzie se arqueou contra ele. Seu sexo inflamado parecia a ponto de explodir. Tentou em vão tocar qualquer parte da anatomia de Tyrell. Gemia, cheia de ansiedade.

— Minha pobre e doce menina —murmurou ele, e lhe levantou as saias.

Ela mal sabia o que estava fazendo, mas soluçou:

— Sim, sim, rápido...

Ele a tocou energicamente. Lizzie abriu os olhos de repente e seus olhares voltaram a encontrar-se. Ele a olhava com autêntico assombro. Sua expressão se encheu de uma satisfação selvagem, mas Lizzie já não o via. Ele tinha aberto seu sexo e a estava

acariciando, e o frenesi do sangue de Lizzie estava fora de controle. Por fim estalou e deixou escapar um grito enquanto se sentia arrastada para um lugar muito longínquo.

E, quando voltou em si, jazia ofegante em uma enorme cama com dossel que não era a sua, com o vestido rasgado em dois e a saia acima da cintura. Tyrell estava tirando a jaqueta e desabotoando a camisa. Tinha o rosto crispado pelo desejo e a determinação. Mas a olhava sem vacilar. Lizzie teve que fechar os olhos, ainda incapaz de respirar com calma.

Ele agarrou seu rosto com uma mão e ela abriu os olhos. Tyrell continuava sentado escarranchado sobre ela, com uma mão sobre sua camisa, que tinha desabotoado quase por completo.

— Sempre é assim, ou isto é para mim e só para mim? —perguntou com voz tensa.

Ela não sabia a que se referia, mas quase se recuperou daquele clímax arrebatador e conseguiu lembrar seu plano. Precisava de vinho.

— Como disse?

— Já me ouviu! —exclamou ele, e se apoderou de sua boca com violência, introduzindo a língua. Aquele beijo durou tanto e foi tão intenso que Lizzie começou a aturdir-se de novo, cheia de desejo. Tyrell se segurava sobre ela com a camisa aberta—. Sabia que seria assim —disse com voz rouca. Desceu o rosto, mas não a beijou—.vou beijar cada centímetro de seu corpo, Elizabeth. vou tomar com tempo, vou fazer tudo o que quero. Mas o que quero de você em troca é muito simples —acrescentou—. Quero toda a paixão que tem e mais ainda, para que não fique nada para outros... nem sequer para o pai de Ned.

Ela estava olhando-o e se perguntava quantas vezes poderia fazê-la gozar se fazia amor da forma em que acabava de descrever.

— Sim —conseguiu dizer.

Os olhos de Tyrell brilharam.

— Assim se dobra ante mim —disse, visivelmente satisfeito. E nesse momento se parecia tanto com Ned que aquilo foi como um jbalde de água fria. Lizzie lutou para sentar-se—. Não acabei com você —a advertiu ele, negando-se a soltá-la.

— Sua mãe voltará a qualquer momento. Quer que nos encontre assim? Sempre resta a noite, milord!

Tyrell respondeu segurando-a pelos ombros para que não se movesse, enquanto sua mandíbula vibrava. Seu corpo traiu a Lizzie; a excitação se apoderou dela. Naquela posição tão vulnerável, Tyrell podia fazer facilmente com ela o que quisesse. Ele pareceu adivinhar seus pensamentos.

— Combinamos bem, você e eu —murmurou— E tenho muito desejo de você.

Lizzie se sentiu desfalecer. De repente, nada lhe parecia tão importante como fazer amor com Tyrell.

Alguém bateu na porta da salinha. Tyrell reagiu antes que Lizzie se precavesse sequer de que tinham chamado, levantou-se de um salto e quase simultaneamente abotoou a camisa. colocou a jaqueta, que estava no chão, voltou-se e disse com certa brutalidade:

— Rasguei seu vestido.

Lizzie se sentou, desceu-se as saias e tentou fechar o sutiã, alarmada.

— São Ned e a condessa! O que faço?

— Direi que está descansando —respondeu Tyrell rapidamente—. Já mandei um criado a Raven Hall para recolher suas coisas, mas terá que ficar aqui até que chegue sua bagagem.

— Mas poderia demorar horas —murmurou Lizzie—. E se seu pai ou sua mãe me mandam descer?

— Direi que não a incomodem —disse ele. Sua cor, seu tom de voz e suas maneiras voltavam a ser as de sempre. E lançou a ela um olhar poderoso.

Lizzie afastou o olhar timidamente ao recordar tudo o que tinham feito... e o que Tyrell havia dito que faria muito em breve. Seu coração palpitava com força insuportável. Desejava-o tanto que aquele desejo lhe era doloroso.

— Comprarei outro vestido —disse ele, e logo vacilou. Lizzie o olhou.

— Milord?

— Te fiz mal? —perguntou ele bruscamente.

Ela se surpreendeu.

— Não. Me... —deteve-se e notou que se ruborizava. Desceu os olhos de novo, consciente de que estava sorrindo, e murmurou—: foi muito prazeroso —ao ver que ele não dizia nada, nem se movia, levantou a vista e descobriu que a estava olhando como se estivesse empenhado em descobrir todos seus segredos. Lizzie se alarmou—. Milord...

Ele se sobressaltou.

— Veremo-nos esta noite —inclinou a cabeça e partiu, fechando a porta a suas costas.

Lizzie, que ainda se seguravava o sutiã com as mãos, permitiu-se sorrir e a euforia se apoderou dela.

Tyrell de Warenne era agora seu amante. Aquilo era simplesmente muito bom para ser verdadeiro.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

— Senhorita Fitzgerald, não sei se deveríamos estar aqui —disse Rosie, muito pálida.

Não tinha sido fácil encontrar a cozinha, que ocupava uma parte inteira da casa e estava situada no fundo desta. Lizzie, Ned e Rosie pararam antes de entrar na enorme sala. Lizzie estava pasmada por seu tamanho. Havia quatro corredores centrais, onde o pessoal da cozinha estava preparando um complicado jantar. Em uma das paredes tinha embutidos dois fornos grandes e quatro menores; na parede lado havia quatro fogões. Sob as janelas, de onde se viam os estábulos e os celeiros e, mais à frente, as colinas salpicadas de ovelhas e vacas, havia meia dúzia de pilhas. Dos tetos penduravam frigideiras e panelas, assim como ervas frescas de todo tipo. Lizzie pensou com certo desalento que possivelmente não fosse tão fácil encontrar valeriana.

De repente o barulho de vozes da sala começou a diminuir. Lizzie se deu conta de que os criados notaram sua presença. Do extremo mais afastado da cozinha se adiantou uma mulher com um vestido negro e avental branco. aproximou-se delas e imediatamente mediu com o olhar o vestido de Lizzie. Ao dar-se conta de que era uma dama, fez uma reverência.

— Posso servi-la em algo, senhorita?

Os baús de Lizzie tinham chegado fazia uma hora. pôs um vestido de cor marfim pálido, com estampado de Ramos verdes e rosas. Sorriu à mulher de meia idade, a que supôs a governanta.

— Olá, sou a senhorita Fitzgerald. Acabamos de nos instalar na casa. Não durmo bem e gostaria de poder preparar uma infusão para conciliar o sonho.

— Sim, fui informada de sua chegada. Sou a senhorita Hind, a governanta. Ordenarei encantada que lhe preparem uma infusão, senhorita Fitzgerald.

— Isso seria ótimo —disse Lizzie, surpreendida como parecia fácil. Não podia, entretanto, manter a vista fixa no governanta, pois o funcionamento da imensa cozinha a fascinava. Em uma bancada, várias criadas estavam preparando salmões inteiros para assá-los. Lizzie contou duas dúzias. Em outra, viu quartos de vitela atados e colocados sobre grandes fontes de assar. Havia também várias dúzias de frangos recheados. Alguns moços estavam cortando ervilhas e cortando cenouras e batatas, e um grupo de rapazes mais velhos preparava a massa para os bolos. Um homem grosso em uniforme branco de chef permanecia atrás deles, com os braços cruzados. Havia voltado a cabeça, entretanto, e estava olhando a Lizzie.

— O que precisa? —perguntou a senhorita Hind.

Lizzie voltou a olhar à governanta de cabelo grisalho.

— Só um pouco de valeriana moída —disse—. E gostaria também que subissem um pouco de vinho tinto a meu quarto, se fizer o favor, porque me ajuda a dormir.

— Certamente. Precisa algo para o menino?

— Um pouco de fruta, se não for incomodar.

— Claro que não.

Sem poder resistir, Lizzie passou a seu lado e se deteve junto ao homem de uniforme de chef.

— Estão fazendo bolos de maçã? —perguntou.

— À condessa adora tudo o que leve maçãs —respondeu ele.

Lizzie sorriu.

— Eu adoro fazer doces. Poderia fazer um bolo a lady Adare? foi tão boa comigo!

O homem pareceu muito surpreso por sua sugestão e titubeou um momento.

— Você é uma convidada —disse por fim. — Não sei se seria apropriado, senhorita.

— Mas também me disseram que todos meus desejos seriam cumpridos —disse—.E tenho o mais urgente desejo de preparar um bolo de maçã.

O chef encolheu de ombros, sobressaltado.

— Confio em que saiba o que faz —respondeu por fim.

— OH, sei —disse Lizzie, e se aproximou com urgência da bancada—. Posso? — perguntou a um moço que a olhava boquiaberto.

O menino assentiu com a cabeça, muito avermelhado. Lizzie tomou a parte de massa, mas não gostou de sua textura.

— Jimmy passará o pau de macarrão na massa em seu lugar —exclamou o chef.

Lizzie sorriu com firmeza e se aproximou de um saco de farinha.

— Ninguém faz uma massa tão fina e delicada como eu —disse por cima do ombro. — A massa a faço eu, e temo que devo começar desde o começo.

Depois delas se ouviram murmúrios de surpresa, mas Lizzie não se importou. Começou a cantarolar, polvilhou a bancada com um pouco de farinha e colocou mãos à obra.

Lizzie caminhava por um corredor que comunicava a cozinha com a ala da casa onde estava seu quarto. Rosie tinha ficado na cozinha, jantando com o pessoal de serviço, e Lizzie levava Ned pela mão. De repente vacilou. O salão pelo que acabava de passar continha um piano, um harpa e um violoncelo, e estava certa de não ter passado por ali antes.

— Mamãe? —perguntou Ned, que tinha farinha no nariz.

Só tinha virado uma vez, pensou ela. Tinha ido à direita, não à esquerda, e deveria ter chegado já à ala dos convidados. Sorriu a Ned e limpou o nariz com a ponta do dedo.

— Somos um desastre —disse com suavidade, cheia de satisfação. O menino a tinha ajudado a fazer os bolos e tinha desfrutado enormemente. Estava cheia de farinha, e ela também—. Bom, não podemos nos perder —disse a seu filho. Não queria encontrar-se com

ninguém da família estando tão desalinhada. — Vamos, carinho, entremos com valor em território desconhecido.

Tomou Ned pela mão e pôs-se a andar, mas de repente vislumbrou o pé de um homem, embainhado em uma bota. Deu um pulo, levantou a vista e se encontrou com uns olhos muito negros em um rosto dolorosamente familiar. Deixou escapar um gemido de surpresa e retrocedeu. Por um momento, tinha acreditado que era Tyrell. Depois compreendeu que se achava ante seu irmão, Rex.

Ele se apoiava em uma muleta; faltava-lhe a maior parte da perna direita e tinha costurada a perna da calça sobre o coto que restava. Seu olhar escuro era extraordinariamente intenso e muito direta para ser amável. Lizzie se deu conta de que seus olhos eram marrons, não azuis. Era muito mais musculoso que Tyrell, se isso era possível. Olhava a ambos em meio de um tenso silêncio.

Lizzie sorriu, mas não lhe devolveu o sorriso. Observava-a, entretanto, da cabeça aos pés. Ela se sentia tão desalentada que não pôde tomar aquele olhar como um insulto. O olhar de Rex não era desdenhoso, nem sexual: era frio e clínico, pensou com certa ansiedade. Ignorava que estivesse em Adare. Tinha ouvido falar de sua desafortunada ferida no campo de batalha e sabia também que tinha sido nomeado cavalheiro e que agora residia na Cornualia, onde o príncipe regente tinha lhe concedido um imóvel.

— Bom dia —disse ele por fim— A senhorita Fitzgerald, suponho.

Lizzie conseguiu recuperar-se de sua surpresa. Fez uma reverência.

— Sim. Acredito que me perdi —disse, incômoda em extremo. Não lhe cabia dúvida alguma de que estava sendo inspecionada, julgada e sentenciada, e não a seu favor—. Devo ter tomado alguma curva equivocada. Estávamos na cozinha —tentou explicar.

— Já o vejo. Estão cheios de farinha.

Lizzie se envergonhou.

— Estivemos fazendo bolos de maçã —disse— Eu gosto de fazer doces e quis preparar algum para a condessa —ele levantou as sobrancelhas — Sinto nos desculpe —disse, e dando meia volta se preparou para fugir.

Ele a agarrou pela cintura, mas perdeu o equilíbrio e cambaleou. Lizzie o agarrou rapidamente pela cintura, temendo que caísse e se fizesse mal, mas ele se afastou imediatamente.

— Encontra-se bem, senhor? —perguntou, preocupada.

— Sim, estou bem —replicou ele com aspereza. Recolocou a muleta sob o braço direito e fez uma reverência—. Sou o irmão de Tyrell, sir Rex de Warene, do Land's End —disse.

—Sei —conseguiu dizer Lizzie—. O vi muitas vezes nas festas de são Patrício. Eu sou a senhorita Elizabeth Fitzgerald e este é meu filho, Ned.

Ele olhou ao Ned.

— Meu sobrinho —disse.

Ela assentiu com o coração acelerado.

— Sim.

Rex olhou friamente ao Ned, que lhe devolveu um olhar idêntico.

— Parece muito a meu irmão quando era menino —disse por fim. Lizzie não sabia o que dizer, assim não disse nada. Rex fixou seu olhar em Lizzie— Lhe mostrarei o caminho à ala oeste —disse ele.

— Podemos nos arrumar sozinhos, mas obrigado de todos os modos —respondeu Lizzie. Rex desconfiava dela, e ela não podia reprovar-lhe

— Mostrarei-lhe o caminho —repetiu ele.

Lizzie conhecia aquele tom. Seria Rex tão exigente e autoritário como seu irmão? Isso parecia, certamente. Lizzie inclinou a cabeça e disse com a maior amabilidade possível:

— Obrigado.

Ele indicou com a mão esquerda que desse a volta e pôs-se a andar pelo corredor pelo que Lizzie tinha chegado. Ela decidiu que iriam mais rápido se levasse Ned nos braços, assim que o levantou.

— Abaixo, mamãe, abaixo —disse Ned imediatamente — Ned anda.

Não havia modo de confundir aquele tom: Ned queria ir andando, e não admitiria discussões.

— Agora não —sussurrou ela— Poderá ir andando daqui a pouco, mas agora te levo eu.

— Ned anda —replicou ele, tão autoritário como um rei.

Lizzie olhou ao Rex e viu que os estava observando como se esperasse para ver quem ganharia aquela batalha, se mãe ou filho. Ela não vacilou.

— Algum dia será um homem muito forte —disse—. Mas agora eu sou sua mãe e fará o que te diga. Quando chegarmos a nosso corredor, poderá ir andando, mas até então não.

Ned a olhou com o cenho franzido. Estava à vista que estava furioso. Logo se voltou para olhar a seu tio com a mesma expressão, como se dissesse: «Isto é tua culpa!». A boca de Rex se esticou. Era como se quisesse sorrir mas se negasse a fazê-lo.

— Senhorita Fitzgerald?

Lizzie passou a seu lado apressadamente e ele a seguiu, coxeando.

Tyrell tinha recebido ordem de ir à biblioteca. Fechou as portas atrás dele. Seu pai estava de pé diante da lareira, apoiado no suporte de pedra cinza. A biblioteca era uma sala de grande tamanho, com duas paredes cobertas de estantes repletas de livros; havia um sofá diante da lareira e outro na parede de em frente. Várias portas de vidros se abriam para o terraço e os jardins. Tyrell notou que seu pai estava envolvido em seus pensamentos e parecia preocupado.

Aproximou-se dele. Sabia qual era o assunto daquele encontro e já se sentia culpado e desalentado por sua conduta dessa tarde. Sabia muito bem que não devia ofender lorde

Harrington, nem a sua filha. E, quando relembrava a luxúria que não tinha podido controlar essa tarde, compreendia que devia desfazer-se de Elizabeth Fitzgerald. Não só estava a ponto de se casar com lady Blanche, mas como também ela estava hospedada em sua casa nesse momento. Não havia ninguém a quem respeitasse mais do que seu pai e certamente, respeitava Lorde Harrington e a sua filha, mas seu comportamento dessa tarde parecia indicar que não sentia respeito algum por ninguém, e menos ainda pelas tradições nas quais se educou. Sempre tinha se considerado um cavalheiro, um homem de honra. Mas sua moral parecia ter se quebrado seriamente.

Elizabeth Fitzgerald tinha sobre ele um efeito poderoso. Inclusive mesmo tendo passado várias horas desde que tinha visitado sua cama, custava-lhe muito pensar em outra coisa que não fosse a consumação que aguardava. E era muito difícil pensar em outra coisa que não fosse nela, como se ele tivesse se convertido em um colegial apaixonado. Mas ele não era um moço inexperiente. Seu comportamento não tinha justificativa.

O conde de Adare o olhou de frente, interrompendo suas reflexões.

— Lorde Harrington me perguntou pela senhorita Fitzgerald.

Tyrell se esticou. Era muito consciente de que em qualquer casa, embora tivesse o tamanho de Adare, os falatórios corriam. Indubitavelmente, assim que tinha reconhecido como seu, ao filho de Elizabeth, a notícia se difundiu pela mansão como um fogo descontrolado em um bosque. Mas, em todo caso, não importava. Um segredo semelhante não podia guardar-se por muito tempo.

— Deseja que assegure que a existência de meu filho ilegítimo não afetará meus deveres para com sua filha?

— Já o informei disso —o conde observou atentamente— Harrington te admira enormemente, Tyrell, e com toda razão, e não o preocupa seu filho ilegítimo. depois de tudo, virtualmente todos os homens que conhecemos têm um ou dois bastardos. Mas não lhe fez muita graça que tenhamos instalado à senhorita Fitzgerald aqui, na casa.

— Não lhe disse que me pareceu o melhor não separar a meu filho de sua mãe? —Tyrell se perguntava quanto tempo manteria em pé aquela penosa desculpa. Naquelas circunstâncias, as famílias nobres estavam acostumados a acolher ao filho ilegítimo, mas deixavam de lado à mãe, embora em muito boa situação. Se Ned tivesse sido realmente seu filho e sua mãe não fosse Elizabeth Fitzgerald, isso era exatamente o que ele teria feito.

— Sim, disse. Opôs-se a essa situação, e tem razão. Acredita que a presença da senhorita Fitzgerald poderia ser uma ofensa para sua filha. E estou de acordo com ele.

Tyrell se enrijeceu. A lembrança daquela tarde se apoderou dele, tão vivida que sentiu o sabor dos lábios de Lizzie e o tato de seus seios grandes e suaves. Como cavalheiro, estava de acordo com seu pai e seu futuro sogro, mas Elizabeth Fitzgerald tinha excitado seu lado mais escuro. Não tinha intenção de afastá-la dali; um desejo egoísta o consumia. Sem dúvida poderia chegar a uma solução de compromisso.

Havia poucos homens de sua classe e posição que não tinham amantes, embora seu pai era uma exceção a essa norma. E embora sempre tinha admirado a seu pai por sua lealdade à condessa, começava a fazer-se penosamente claro que o seu casamento não seria igual ao de seu pai.

— Pai, tomei uma decisão. Falarei com lorde Harrington. Não me cabe dúvida de que saberei tranquilizá-lo. Minha intenção não é ofender a minha noiva, a não ser fazer o melhor para meu filho.

— Já insinuei que esta situação só é temporária. Disse-lhe que, assim que Ned se acostume a sua nova vida, mandará à senhorita Fitzgerald de volta para casa.

— Obrigado —disse Tyrell. Aquilo sem dúvida aplacaria ao pai de Blanche no momento.

— É um homem adulto, Tyrell. Sei que é capaz de decidir por si mesmo... e de cometer erros. Acredito que os dois sabemos que isto é um erro. A senhorita Fitzgerald não convém a esta casa.

Tyrell ficou rígido. Suspeitava que o conde tinha razão.

— Não está interferindo de nenhum modo —disse de tal maneira que advertiu a seu pai que deixasse correr a questão—. Não tenho intenção de descuidar das minhas obrigações.

— Sei que nunca faltaria com seu dever para Adare, nem a mim —o conde fez uma pausa—. Está apaixonado por ela?

Tyrell se sobressaltou.

— Claro que não.

Seu pai se aproximou.

— Tyrell —disse ao fim de um momento—, simplesmente não compreendo como pode romper deste modo a etiqueta.

Tyrell sabia que não se referia a seu desejo de que a senhorita Fitzgerald permanecesse uma semana em Adare, nem a seu desejo de transformá-la em sua amante. Pela primeira vez em sua vida, tinha mentido a sua mãe ao confirmar que o menino era dele... e tudo isso por causa de uma mulher que queria em sua cama. Não pensava aumentar mais ainda aquela mentira, nem inventar outra. Simplesmente, não podia fazê-lo.

— Por favor, não me peça que lhe explique —disse gravemente. — Não tenho justificativa por ter me aproveitado da senhorita Fitzgerald. Sinto muito, pai. Lamento muito ter te decepcionado.

O conde levantou as sobrancelhas.

— Que estranho. Ela admite que sua aventura foi inteiramente culpa dela e que foi ela quem te seduziu.

Tyrell quase ficou boquiaberto de surpresa. Por que Elizabeth diria tal coisa?

— Por que tenta te proteger? —perguntou seu pai brandamente.

Não era possível que ela tentasse defendê-lo, pensouTyrell. Aquilo tinha que ser algum truque. Mas não conseguia imaginar o que ela pensava obter com aquele ardil.

— Não sei. A culpa foi minha... completamente.

— Sigo sem entender. Conheço você muito bem. Não me importa se ela estava mascarada. Você jamais tocaria uma senhorita decente! —exclamou seu pai.

Tyrell se afastou dele.

— Repito que não tenho justificativa —disse por fim.

Mas o conde o seguiu.

— Vou fingir só por um momento que acredito. Conhece uma jovem em um baile de máscaras e perde a cabeça. Tyrell, você não é nenhum ingênuo. Não a procurou no dia seguinte para arrumar a situação? Vamos, Tyrell, sem dúvida se deu conta da gravidade do seu erro.

Tyrell sabia que se referia a suposta sedução de uma virgem. ruborizou-se.

— Não podemos esquecer esse sórdido assunto? Ao que parece, não sou infalível.

O conde sacudiu a cabeça.

— Se fosse muito bela, como sua amante francesa ou essa viúva russa, entenderia. Mas eu só vejo uma moça reticente, mas bem sem graça e um pouco gordinha; e o que parece muito ingênua. Não é nenhuma mulher fatal. Não acredito que tenha nem pinga de mulher calculadora e oportunista. O que ela tem que te fez perder o controle?

Visivelmente irritado, Tyrell não disse nada. Odiava aquela mentira com todo seu ser.

— Por acaso alguma vez perdeu a cabeça por uma mulher? —ouviu-se perguntar, e imediatamente lamentou ter feito, pois aquilo era uma confissão de seus sentimentos, e sabia qual seria a resposta de seu pai.

— Sim. Por sua madrasta, a condessa. Apaixonei-me por ela pouco depois de conhecê-la, muitos anos antes da morte de sua mãe e que seu marido fosse assassinado. Pode ser inclusive que tenha me apaixonado por ela a primeira vista —seu sorriso era azedo—. Mas as circunstâncias me impediram de perder o controle e a razão.

— Então é muito melhor que eu —repôs Tyrell, e se virou para ir.

O conde o agarrou pelo ombro e o deteve.

— Eu não gosto disso, Tyrell.

Ele se voltou e o olhou nos olhos.

— Se preocupa sem necessidade.

— Pensa continuar com ela? —perguntou o conde sem rodeios. O sorriso de Tyrell se desvaneceu. Seu pai endureceu a mandíbula—. Já sei a resposta, depois de ver você com ela esta tarde. Não posso te fazer mudar de opinião, isso está claro, mas, dadas as circunstâncias, tampouco posso acolher sua amante sob meu teto. Tyrell se sentiu de repente apanhado, por seu pai, por Lorde Harrington e até pelo futuro que o aguardava.

— A senhorita Fitzgerald e o menino me acompanharão a Dublin semana que vem — disse. — Fique despreocupado, não saciarei meu desejo sob seu teto, pai. Se não se importar, tenho uns assuntos que resolver —inclinou a cabeça e esperou permissão para sair.

O conde parecia a ponto de estourar.

— E acredita que Harrington não vai saber disso?

Tyrell perdeu os estribos.

— Nunca questionei meu dever e nunca o farei. Agradeceria que você tampouco questione minha capacidade para desempenhá-lo. Vou me casar com lady Blanche, como está decidido. Mas meus assuntos particulares continuarão sendo isso, particulares, bom dia, pai —saiu da biblioteca sem esperar resposta.

Mas não importava. O conde não tinha nada mais a dizer. Sentou-se em uma cadeira, com o semblante cheio de consternação.

As janelas do quarto de Lizzie davam para os prados de trás e às onduladas colinas do condado de Limerick. Lizzie se achava ali, contemplando a paisagem. lavou-se e tinha mudado de vestido. Estava anoitecendo e via uma lua turva elevar-se sobre as colinas longínquas. O dia tinha sido tão repleto de acontecimentos que Lizzie tinha esquecido por completo o que aconteceria essa noite. Mas de repente era consciente de que nas cozinhas estava sendo preparado um grande jantar. Essa noite era o baile de compromisso de Tyrell.

Naturalmente, ela não tinha sido convidada.

Tyrell estava a ponto de comprometer-se. E havia dito que iria vê-la essa mesma noite.

Lizzie mordeu o lábio. Embora ansiava voltar a vê-lo, aquela entrevista lhe parecia de repente espantosa. Mas isso era o que faziam as amantes: encontravam-se às escondidas com seus amantes, com homens casados com outras.

Tudo aquilo era um erro. Sua borbulha de alegria e excitação estourou repentinamente, e sentiu dor. Tentou lembrar-se que muitos nobres tinham amantes, mas lhe falhou a razão. O que tinha isso a ver com ela? Depois daquela noite, Tyrell pertenceria a outra. Como ia confrontar ela aquela situação?

Mas podia acaso afastar-se dele depois de terem chegado a esse ponto?

Tinha ouvido dizer que os Harrington partiriam no dia seguinte, com toda probabilidade para retornar a Londres. Mas sua partida não desfaria o compromisso matrimonial. Lizzie estava acostumada a sonhar, e de repente desejava que Tyrell pudesse atrasar seu compromisso uns meses, ou até mesmo um ano. Sabia que, se pudesse compartilhar sua vida durante esse tempo, estaria para sempre feliz e agradecida.

Mas não era tola. Não podia imaginar que o compromisso se atrasaria nem um só dia. E não podia fazer aquilo, não nesse momento, não assim... e menos ainda com a noiva de Tyrell sob o mesmo teto que eles.

Uma dor opressiva no peito substituiu a sua alegria anterior. Não sabia o que fazer. Só podia confiar que Tyrell agradasse sua noiva e em que esta lhe fizesse feliz. Naquele momento, desejou ver com seus próprios olhos o quanto bela era sua noiva e julgar se era uma mulher boa e amável, a mulher que Tyrell merecia. Sabia em parte que procurar Blanche Harrington era um erro, mas se negou a considerar suas possíveis conseqüências.

Levantou as saias de cor marfim e percorreu a toda pressa o corredor e as escadas. Uma parte de sua razão lhe dizia que aquilo era muito perigoso. Ao aproximar-se da parte principal da casa, ouviu as risadas e as conversas dos convidados e o tinido dos cristais.

Vacilou, ofegante e com o coração acelerado. O que diria se alguém da família a visse entre os convidados? Que desculpa daria se tropeçasse com Tyrell?

Mas, apesar de suas boas intenções, o coração lhe deu um salto frente a idéia de encontrar-se cara a cara com ele outra vez. repreendeu-se a si mesmo e deslizou pela porta de um extremo do imenso salão.

Era o salão de baile. Havia ali dúzias de damas, vestidas e embelezadas com seus melhores ornamentos, e de cavalheiros vestidos de smoking. Lizzie se ruborizou, consciente de que usava um vestido de tarde muito singelo. ficou junto à porta e não se moveu. Como ia identificar à noiva de Tyrell?

Observou à buliçosa multidão. Reconheceu muitos dos cavalheiros e damas presentes; tinha-os visto outras vezes em Adare. Mas a outros não os conhecia. De repente teve a sensação de que estava sendo observada. Inquieta, esquadrinhou a multidão e se ocultou rapidamente atrás de uma das muitas colunas do salão.

— Não sabia que você tinha sido convidada, senhorita Fitzgerald —disse uma voz atrás dela.

Lizzie reconheceu aquela voz. Era Rex de Warenne. Ela deu um salto antes de voltar-se para olhá-lo. Notou que ardia o rosto enquanto fazia uma reverência.

— Os dois sabemos que não estou —disse ao levantar o olhar.

Ele estava assombrosamente bonito com seu traje de gala. Recordava tanto ao Tyrell que o coração se encolheu com uma mescla de excitação e angústia.

— Então, o que faz aqui? —perguntou ele sem sorrir.

— Esperava ver de longe a lady Blanche —murmurou ela, sobressaltada. — Ouvi dizer que é muito bela.

— E é —respondeu ele. Assinalou com a mão esquerda—. É aquela loira ali, a de olhos azuis, com o cabelo da cor da luz da lua e o vestido do tom de seu cabelo —disse.

Lizzie viu imediatamente a jovem dama em questão e compreendeu imediatamente que não havia esperança. Blanche Harrington era tão bela como sua irmã Anna, mas de um

modo completamente distinto. Tinha um porte tão majestoso que parecia uma rainha. Não estava muito longe, e Lizzie podia ver com clareza seus traços perfeitos e sua esbelta silhueta. Como era possível que Tyrell desejasse a ela quando estava a ponto de comprometer-se com Blanche?, Perguntava-se, afligida. Blanche era tão elegante... Era, de fato, o par perfeito para Tyrell.

— Já satisfez sua curiosidade? —perguntou Rex em um tom menos áspero.

— Poderia ser uma rainha —murmurou ela.

Ele ficou calado. Lizzie lutou por conservar a compostura. Blanche estava rodeada de admiradores, homens e mulheres, e ria brandamente. Lizzie se perguntou de repente onde estava Tyrell e por que não se achava ao lado de sua noiva.

— Vou já, naturalmente —murmurou, incapaz de afastar o olhar de Blanche. — Mas por que Tyrell não está com ela?

— Acredito ter certa idéia de por que meu irmão não se encontra dançando com sua futura esposa —respondeu ele.

Seu tom era estranho e Lizzie se voltou para olhá-lo.

— Não é por minha culpa, sir Rex! —exclamou. — Nem sequer me passaria pela cabeça competir com uma dama tão bela como ela.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Mas compete, não é mesmo? Se não, estaria em Raven Hall e teria deixado Ned aqui, no lugar que lhe corresponde.

Ela notou que sua boca se endurecia.

— Você não gosta de mim.

— Não a conheço. Só sei que o teimoso de meu irmão está com você o que não é muito oportuno, nem lhe convém. Lady Blanche, em troca, sim lhe convém, senhorita Fitzgerald. E convém também a Adare.

Lizzie ficou rígida.

— Tyrell não está encaprichado por mim—disse em voz baixa—.E eu não o persegui. Foi ele quem insistiu neste acerto, senhor. Eu não posso, nem quero deixar meu filho —e enquanto falava, deu-se conta de que, embora não pudesse converter-se em sua amante, tampouco podia partir de Adare, pois não estava disposta a abandonar seu filho Ned. Nesse instante compreendeu que Tyrell estaria muito descontente com ela.

Ele desceu as pestanas, longas e densas como as de seu irmão.

— E isso é muito admirável, acredito. Mas será melhor que volte para seu quarto, senhorita Fitzgerald, porque, se eu adverti sua presença, é possível que a advirtam outros. E provocar um escândalo esta noite não seria de proveito para ninguém, nem sequer para você.

Lizzie se abraçou e assentiu com a cabeça.

— Eu penso no interesse de meu filho —murmurou.

— Quão louvável —comentou ele laconicamente e, depois de fazer uma reverência, afastou-se.

Lizzie se ocultou atrás da coluna, a beira das lágrimas. O irmão de Tyrell a considerava uma rameira egoísta e ambiciosa, disse-se, afligida. Mas em uma coisa tinha razão: se Blanche descobrisse sua presença ali, haveria uma tremenda crise. Lizzie pensou em quanto se zangariam os condes e se estremeceu; depois se imaginou o muito que se zangaria Tyrell, e se sentiu doente.

Devia partir.

Apareceu a cabeça por detrás da coluna e seu coração pareceu parar. Não muito longe dali, lady Blanche e outras duas senhoritas se separaram do resto dos convidados para conversar em particular. Lizzie as olhou com atenção. As duas damas conversavam animadamente e seguravam a mão de Blanche. O coração de Lizzie começou a pulsar com violência. disse-se que não devia espiar. Mas seus pés se moveram de algum modo e de repente se achou detrás da coluna que ficava às costas de Blanche.

— Vamos, Blanche, nos diga como foi o passeio de carruagem.

— Foi um passeio muito agradável, Bess —respondeu Blanche brandamente, com um sorriso.

— Uma saída muito agradável? —exclamou, atônita, Bess, uma jovem ruiva—. Mas, Blanche, se ele é terrivelmente bonito e galante! Beijou-te? Não minta!

Lizzie fechou os olhos e se disse que merecia a angústia que sentia por espiar. Só a idéia de que Tyrell tomasse outra mulher entre seus braços bastava para fazê-la chorar.

— Eu nunca faria isso —respondeu Blanche, divertida—. Não, não me beijou, e isso é porque é um perfeito cavalheiro, como diz meu pai.

As duas damas se olharam.

— Agora não é momento de conservar a calma —exclamou a morena—. Não está emocionada, agora que o viu? É a classe de homem que toda mulher cobiça, e vai ser seu!

— Sou muito afortunada —respondeu Blanche sinceramente—, e tenho que agradecer a meu pai, que se esforçou tanto por me encontrar um marido tão excelente. Mas estamos sendo terrivelmente grosseiras por nos afastar assim da festa —e, com isso, voltaram a perder-se entre a multidão.

Lizzie se dizia que devia estar contente. Blanche era elegante, bela e parecia amável. Não lhe cabia dúvida alguma de que seria uma boa esposa, mãe e condessa. Desejava odiá-la, mas era impossível, pois não havia nada que odiar nela.

A sensação de que estava sendo observada interrompeu seus pensamentos. Esquadrinhou freneticamente a multidão. Do outro lado do salão, em frente a outra porta, estava Tyrell. E a olhava com dureza.

Lizzie se debateu entre sair correndo ou esconder-se, mas era já muito tarde. Tyrell ia para ela.

E parecia zangado.

UMA PROMESSA TEMÍVEL

Lizzie não pensou. Deu meia volta e saiu correndo do salão de baile. Só tinha que sair por outra porta para chegar à ala oeste da casa. Cruzou-a e, ao fazê-lo, começou a pensar que tinha escapado. Mas Tyrell a agarrou pelo ombro.

— Não acreditava que meus olhos me tivessem enganado —exclamou, incrédulo, e a fez voltar-se para olhá-lo cara a cara.

Lizzie tirou o chapéu com as costas grudadas à parede.

— Posso explicar —disse.

— Pode explicar sua presença em meu baile de noivado? —perguntou ele, furioso—. É muito pedir que mostre um pouco de respeito por minha família?

— Não pretendia faltar ao respeito com ninguém —respondeu ela, abatida.

Seus olhares se encontraram. Lizzie desejou não ter se atrevido ir ao baile. Mas desejava também que Tyrell não estivesse a ponto de comprometer-se em casamento, nem agora nem nunca. Que tola era!

Ele esticou a mandíbula.

— Eu não gosto que me olhe como se fosse eu quem está te prejudicando! —exclamou—Por que estava espiando lady Blanche? E não se atreva a negar porque te vi atrás da coluna, escutando a ela e a suas amigas.

— Não nego nada —respondeu ela com voz estrangulada—. Queria vê-la. Tinha ouvido dizer que era muito bela, e é verdade.

— Se for se pôr a chorar, pense duas vezes —disse ele, crispado.— Não vai me comover com suas lágrimas, nem com seus olhos.

A Lizzie pareceram um tanto estranhas suas palavras, mas não pôde parar para refletir sobre isso. Tentou conservar a compostura.

— Sinto muito ter descido ao baile. Mas posso felicitá-lo, milord, por sua boa sorte? Lady Blanche será uma esposa perfeita —murmurou sinceramente.

Seguiu um silêncio. Ela queria correr a seu quarto e abraçar ao Ned. Mas de repente ele agarrou seu queixo e fez levantar o rosto e olhá-lo.

— Que jogo é este? —perguntou com suavidade enquanto a observava atentamente.— Talvez outro acreditem que é sincera, mas eu não. Tem alguma estratégia pensada para interferir em meu compromisso? Pois você saiba que não tem sentido, madame.

Suas palavras eram como a pontada de uma faca. Lizzie sacudiu a cabeça.

— Julga-me injustamente, milord. Não tenho nenhum plano!

Ele soltou o queixo.

— Que te julgo injustamente? —observou-a e Lizzie conseguiu não estremecer— Quem é quem se atreveu a vir aqui, na minha casa, afirmando que sou o pai de seu filho bastardo?

Apoiou uma mão na parede, junto a seu rosto, encurralando-a. Era impossível não ter em mente sua virilidade, depois da tarde que tinham compartilhado. Nunca tinha estado mais bonito nem mais cativante que nesse instante, e Lizzie desejou que a estreitasse entre seus braços, não com o ardor da paixão, a não ser com ternura e carinho. De novo estava sonhando.

Mesmo assim, ele tinha os olhos cheios de algo mais que raiva, e Lizzie compreendeu que se achava apanhado em um torvelinho.

— Já expliquei esse mal-entendido. Está aborrecido por alguma outra razão, milord?

— Que outra razão poderia ser?

— Não sei. Não sei nada de sua vida, além de que esta noite se comprometeu em casamento e de que tem um posto importante em Dublin. Mas parece... —vacilou— Parece preocupado. Possivelmente inclusive infeliz.

Os olhos de Tyrell aumentaram e, quando falou, fez-se evidente que estava zangado e que, entretanto, tentava dominar-se.

— Engana-se—disse com firmeza—. Não estou nem preocupado, nem infeliz. Por que estaria?

Lizzie o tocou.

— Me alegre, então.

Ele se afastou bruscamente.

— Senhorita Fitzgerald, é questão de decoro que você evite a minha noiva. Seria humilhante para ela que seus caminhos se cruzassem —fez uma pausa— E também para você. ficou claro?

Ela assentiu com a cabeça. De repente estava furiosa.

— Não poderia estar mais claro. Devo esperar acima, no quarto que me destinou, sem nunca descer sem seu consentimento. Estou aqui para esquentar sua cama e nada mais.

Os olhos de Tyrell obscureceram.

— Faz com que pareça um desalmado. A coquete é você, juvenzinha. Acaso não flertou comigo sem nenhum pudor no baile de máscaras e logo fugiu? Não me enrolou com suas palavras e seus olhares sedutores? E fez o mesmo no outro dia, na rua... e em sua própria casa? Não estou perseguindo uma virgem reticente. E deixe de me olhar como se sempre estivesse te ferindo!

— Tentarei não olhá-lo a não ser com sorrisos luminosos ou olhares sedutores — conseguiu dizer ela. Do que estava falando Tyrell? Ela não sabia paquerar, nem olhava sedutoramente a ninguém.

— Já estou de muito mau humor. Não tente me enrolar.

— Não enrolo você, milord. Nunca faria tal coisa. Admiro-o muito —ele pareceu surpreender-se. Lizzie fechou os olhos um momento, temerosa de sua reação— Não posso fazer isto, milord —resmungou.

Tyrell se inclinou para ela.

— Acredito que não ouvi bem —disse com voz crispada.

Ela estremeceu.

— Isto é um erro —murmurou. Ele se ergueu em toda sua altura. Lizzie se atreveu a olhá-lo e viu que parecia perplexo—.Sinto, não posso ser sua amante —disse.

Tyrell sorriu sem alegria e se inclinou de novo para ela. Seu fôlego lhe roçou a bochecha.

— Sim —disse muito brandamente— Este jogo eu conheço. E eu não gosto, mademoiselle. Tínhamos chegado a um acordo. Será minha amante.

— Não posso —respondeu ela em tom suplicante. Queria lhe dizer como se sentia (que o amava profundamente e que sempre o tinha amado), mas temia que não acreditasse e que se mofasse de seus sentimentos.

— Talvez —disse ele, e Lizzie se esticou ao notar a frieza de sua voz—, isto seja um golpe de sorte. No final das contas, ninguém em minha família quer você aqui.

Lizzie se encheu de temor. Iam jogá-los na rua, a ela e Ned. Nunca tinha se sentido tão infeliz, mas não havia opção.

— Iremos na primeira hora da manhã —começou a dizer.

— Meu filho fica aqui. Se decidir ir, senhorita Fitzgerald, irá sozinha.

Lizzie deixou escapar um soluço. Estava ameaçando lhe tirar seu filho com intenção de chantageá-la e conseguir que compartilhasse sua cama?

Ele a tomou entre seus braços. Seus olhos pareciam negros.

— Pode ir sozinha, senhorita Fitzgerald, ou pode ficar aqui, com seu filho, como minha amante.

Lizzie estava atônita.

— Acreditava que era um bom homem! Como pode ser tão frio e cruel? —exclamou—. Seria capaz de me tirar meu filho?

— Seus jogos me obrigam —repôs ele— Eu não gosto que brinquem comigo, que me usem e me tomem por tolo. Esta tarde gozamos um ao outro e agora quer partir ?Pois eu acredito que não, a não ser que queira deixar aqui a seu bastardo.

Lizzie não acreditava. Aquele não era o homem que ela conhecia sempre. Depois se amaldiçoou por ser tão tola. O homem que ela conhecia e amava era um produto de seus sonhos. Tinha salvo sua vida quando era uma menina... e ela o tinha coroado seu príncipe. Mas não conhecia Tyrell de Warene, nem o tinha conhecido nunca.

—É uma mulher sedutora. Parece angustiada, como se estivesse ferindo você de verdade, quando a vítima de suas argúcias sou eu.

Lizzie conseguiu recuperar a fala.

— Não estou angustiada, milord —mentiu—. Muito bem, você ganhou. Sua vontade e seu intelecto são muito mais fortes que os meus. Quando tenho que estar preparada para você? Ah, espera! Deseja me ver esta noite, já disse. Estarei nessa cama, perfumada e nua, ansiosa e complacente. Suponho que primeiro tomará uma taça de xerez com sua noiva, ou possivelmente inclusive lhe dê um beijo de boa noite antes de se reunir comigo na cama.

Ele levantou a mão e Lizzie guardou silêncio. Seus olhares se encontraram.

— É uma mulher estranha —disse, e Lizzie se surpreendeu que de repente falasse com tanta suavidade— Nove de cada dez homens têm amantes.

— Mas eu nunca fui uma amante.

O olhar de Tyrell vacilou.

— Só uma amante passageira.

— É diferente —respondeu ela.

— Sim, suponho que sim. Não quero continuar brigando com você, Elizabeth. E, para falar a verdade, não pode ganhar, porque estou decidido a tudo para te fazer minha.

Lizzie se sentiu desfalecer de desejo ao ouvi-lo.

— Por que? —murmurou.

Ele sorriu lentamente e ela acreditou que ia falar. Mas Tyrell tomou seu rosto entre as mãos. Seu sorriso se desvaneceu e a olhou fixamente nos olhos.

— Não sei.

Lizzie compreendeu que ia beijá-la e todas suas objeções morais desapareceram de repente. Tyrell se inclinou para ela e roçou com os lábios os dela. Foi um beijo muito suave. Seus lábios se deslizaram como uma pluma sobre os de Lizzie, lentamente, uma e outra vez, até que ela se esqueceu de sua crueldade e sua chantagem e ficou ali, tremendo, com as pernas frouxas e o sexo palpitante. Tyrell deixou escapar um som áspero e finalmente a abraçou contra seu corpo duro e se apoderou por completo de sua boca.

O corpo de Lizzie se inflamou por inteiro de desejo e desespero. Suas línguas se encontraram enquanto ela se segurava com força a seus ombros. Todo pensamento se desvaneceu: só ficou um desejo frenético. Lizzie devolveu o beijo uma e outra vez, e deslizou as mãos sob sua jaqueta, sob seu colete, por sua camisa e seu peito. Sentiu o palpar violento de seu coração, forte e viril.

Ele afastou de repente a boca, mas seguiu inclinado sobre ela, com as mãos apoiadas na parede. Seus olhos brilhavam. Lizzie mal entendia por que tinha posto fim ao beijo. Esperou a que a beijasse de novo, que tocasse seus seios, seu rosto ou seu cabelo, que tomasse em seus braços e a levasse para cima e a despisse para acabar o que tinha começado. De repente ouviu risadas ao longe e recobrou consciência de que, mais à frente do corredor, continuava tendo um baile.

— Não pense voltar a me provocar —disse ele com aspereza, e fixou o olhar em sua boca— Acredito que a questão de nossa relação ficou resolvida.

A lembrança de sua discussão e de sua ameaça de lhe tirar ao Ned assaltou a Lizzie. Tremeu. O coração ainda lhe pulsava grosseiramente no peito. Tyrell não ia aceitar um não como resposta e, nesse momento, ela não queria uma confrontação.

Ele notou que se rendia. Sua expressão se suavizou.

— Não quero brigar com você, Elizabeth. Não quero te ameaçar. Por favor, abandona esses jogos. Sei que te farei gozar. E nunca falo desonestamente. Cuidarei de você e de seu filho —a esquadrinhou com o olhar—Precisa de mim—acrescentou com voz suave.

Ele ignorava até que ponto precisava, e quanto Ned precisava de um pai.

— Sei que cuidará de nós —murmurou— Não duvidei nem um instante.

— Bem —Sorriu, mas seus olhos tinham uma expressão inquisitiva.

Lizzie compreendeu que, diante de sua crua chantagem, estava esperando que ela aceitasse seu acordo.

— Retornarei a meu quarto —disse—Te esperarei ali.

Viu que seus olhos se enchiam de alívio.

— Devo voltar para meus convidados —Tyrell vacilou— Vão embora amanhã. Para nós será mais fácil então.

— Quero acreditar —disse ela.

Ele a observou um momento antes de sorrir ligeiramente.

— Pois me acredite. Começaremos de novo em Dublin. Pensando bem, é melhor que não nos envolvamos em uma aventura aqui, nesta casa.

Lizzie assentiu com a cabeça. A pesar do desejo que sentia, sentia-se aliviada. O rosto de Tyrell relaxou.

— Vejo que por fim acredita —fez uma reverência— Não se arrependerá de nosso acordo. Dou minha palavra. Boa noite —se afastou bruscamente dela, entrou no outro corredor e desapareceu.

Lizzie ficou olhando até que se perdeu de vista. ela poderia ser feliz assim? Seriamente podia fazê-la feliz Tyrell estando comprometido com outra?

Ela se achava a ponto de esquecer toda cautela. Era tão fácil acreditar na temível promessa que Tyrell acabava de lhe fazer...

Lizzie estava sentada em um banco de pedra do jardim, não muito longe da casa. De onde estava sentada, via a fonte de pedra do centro da pracinha, mas não a fachada da casa. Era quase de meio-dia e só tinha dormido uma ou duas horas, ao amanhecer. Apesar do cansaço, não tinha podido deixar de pensar em Tyrell e no futuro iminente que a

aguardava em sua qualidade de amante. Talvez fosse mais fácil uma vez que lorde Harrington e lady Blanche tivessem abandonado Adare.

Ficou tensa ao ver que várias carruagens de grande tamanho passavam junto à fonte e saíam à avenida. ficou olhando os cinco carros. Tremia sem dar-se conta. Observou-os até que a última se converteu em um borrão, ao longe. Logo não viu mais que pastos verdes, colinas onduladas e um céu azul.

Foram embora.

Ela tinha ido.

Lizzie se sentiu como se tivessem lhe tirado um grande peso de cima. Sabia que aquilo não era certo, mas sentia alívio.

— Senhorita Fitzgerald?

Lizzie se sobressaltou ao ouvir a voz da condessa. Levantou-se e fez apressadamente uma reverência.

— Bom dia, milady —disse.

A condessa lhe dedicou um sorriso amável e se inclinou para saudar a Ned. O menino lançou um grito de alegria e se levantou com esforço.

— Vamos, vamos! —gritou.

A condessa sorriu, cheia de prazer, e o tomou nos braços. Lhe deu umas palmadas na bochecha.

— Abu-ll! —disse.

— Meu querido neto —disse ela, abraçando-o. Logo sorriu a Lizzie—. É tão irresistível...!

A ansiedade de Lizzie se desvaneceu em parte por vê-los juntos. Aquilo estava bem, disse-se com veemência. Ned devia estar em Adare. Embora lady de Warenne não era a mãe natural de Tyrell, Lizzie tinha notado em seguida quanto amava ao conde. Sua iminente aventura com Tyrell talvez fosse errada, mas levar Ned dali era coisa bem diferente.

— Querida, vou à cidade. Vou todas as quartas-feiras para levar nossas sobras ao orfanato de Saint Mary. Precisa algo?

Lizzie se sobressaltou.

— Milady —exclamou—, Antes de ir viver com minha tia, estava acostumada a ajudar às irmãs todas as terças-feiras.

Os olhos da condessa aumentaram.

— Então temos algo em comum.

— Posso acompanhá-la? —disse Lizzie sem dar-se conta sequer de sua audácia— eu adoraria continuar ajudando. Brinquei muito com os meninos. Beth continua ali? E Stephen? OH, estará maior!

A condessa a olhava pensativamente.

— Beth foi adotada na primavera passada. E o Stephen seu pai foi buscá-lo no inverno passado.

— Que excelente notícia —disse Lizzie. Sorriu à condessa.

— Eu adoraria que me acompanhasse —disse lady de Warrenne— Por que não deixamos Ned com a Rosie?

Tyrell cavalgava rapidamente deitado sobre seu cavalo negro. Só diminuiu a marcha para saltar uma cerca de pedra. Depois voltou a esporear sua montaria e empreendeu a volta a Adare como açoitado pelo diabo.

Desmontou em frente dos estábulos. O cavalo bufava com força. Ralph, o chefe dos moços, se encarregou dele. Parecia descontente. Tyrell enxugou a frente com a manga da roupa de caça.

— Escove-o até que se acalme. E lhe dê uma boa ração de forragem —disse. De repente estava zangado consigo mesmo por forçar assim a seu cavalo predileto.

— Tem sorte de não ter quebrado uma pata ao pisar em um buraco —respondeu Ralph— Um cavalo tão bom.

Tyrell acariciou o pescoço suado do animal. O que acontecia com ele? por que desafogava sua irritação com o cavalo? Deu-lhe uma palmada e o cavalo soprou como se dissesse que estava preparado para continuar.

— Deixaremos descansar uns dias —disse Ty, que sabia muito bem qual era seu problema.

— Sim, senhor —disse Ralph, e levou o animal.

Tyrell voltou a secar o suor da frente e procurou não pensar em Elizabeth Fitzgerald e em sua própria conduta. Mas fracassou. Entrou na casa pela parte de atrás. Foi direito ao salão que usava a família e se dirigiu ao carrinho das bebidas. Enquanto se servia de uísque, Rex entrou coxeando no quarto.

— Tenta se matar? —perguntou—. Ou tenta matar a seu melhor cavalo?

Ty bebeu tudo de um gole e notou o ardor do licor. A noite anterior, tinha chantageado a Elizabeth para que ficasse com ele. Em que classe de homem se converteu?

— Espero me matar antes de matar ao Safyr —disse. serviu-se de outra taça. O pior de tudo era que não tinha podido refrear-se: nem sequer tinha intenção de fazer. Inclusive à luz de um novo dia, não queria andar para trás. Pelo contrário, estava pensando em partir para Dublin antes do previsto.

— É meio-dia —comentou Rex—. Posso te acompanhar?

Tyrell serviu outra taça e a deu a seu irmão sem responder. Se não podia controlar sua conduta, não seria mais que uma marionete nas mãos de Elizabeth. E o que dizer de seu iminente casamento? Era evidente que estava pondo em perigo sua relação com lady Blanche e com o pai dela.

— Pelos Harrington —murmurou Rex com ironia— Pela formosa lady Blanche.

Tyrell sentiu que sua tensão aumentava de repente. Levantou o copo e bebeu outro gole. Rex tomou um gole do dele, observou seu irmão e disse:

- É um enlace excelente em todos os sentidos. Estou certo que sabe.
- Sim, é. Estou entusiasmado —em seguida se deu conta de que parecia zangado.
- Seriamente? Pois não parece. Parece imensamente irritado.

Tyrell o olhou cara a cara.

- Não estou —compôs um sorriso.

Rex bebeu de sua taça um momento.

- Não se incomode, Ty. Conheço você toda a vida e sei quando está zangado. Ao fim das contas, nunca estava de mau humor. Até há alguns dias —acrescentou.

—Não é necessário que se incomode em ser diplomático. Vamos, diga. Diga que meu comportamento é inaceitável. Que tenho minha amante na mesma casa que minha noiva.

- Está claro que não é preciso que diga nada. Você sabe muito bem o que está fazendo —Tyrell lançou uma maldição—. Deveria ter mais cuidado —disse Rex bruscamente, e acrescentou em tom firme— Finja ao menos que gosta de sua noiva.

—Agrada-me —Tyrell era consciente de que falava mecanicamente.

- Então possivelmente deveria pelo menos segurar sua mão e sorrir de vez em quando.

Tyrell o olhou sombriamente.

- Admito que ontem à noite estava um pouco distraído.
- Harrington ficou furioso. Ouvi nosso pai te defender diante dele, Ty. Pelo amor de Deus, se até Eleanor perguntou se estava doente —disse Rex, referindo-se a sua irmã menor— Estava com um humor de cães. E isso não é próprio de você.

- Tinha outras coisas na cabeça —disse Tyrell por fim.

- E o que pode haver mais importante que confirmar o futuro de seus herdeiros... e dos meus, e dos de Cliff e Eleanor? —perguntou seu irmão.

Rex tinha razão. Nada havia mais importante que aquele casamento, e tinha que começar a comportar-se de acordo com a situação. Mas estava preparado para renunciar a Elizabeth Fitzgerald?

— Ela não é como esperava —disse Rex, muito sério.

Tyrell compreendeu instintivamente que não se referia a Blanche. Olhou lentamente nos olhos de seu irmão. Rex tinha um olhar penetrante. Tyrell titubeou ao recordar os olhos suaves e vulneráveis de Elizabeth.

—Tampouco é o que esperava eu —se ouviu dizer. E de repente recordou o momento, dois anos atrás, quando salvou Elizabeth de ser atropelada por uma carruagem. Tinha atuado movido por um reflexo, e de repente se encontrou ajoelhado no barro, sustentando entre seus braços à mulher mais bela e tentadora que jamais tinha contemplado.

— Por que sorri? Estou falando de sua amante, a senhorita Fitzgerald.

Tyrell retornou lentamente a Adare e, comovido, deixou sua taça. Logo disse lentamente:

— Jamais teria uma aventura sob o teto de meu pai, estando minha noiva e sua família em casa.

Rex lhe lançou um sorriso zombador.

—Foi muito sábio ao se refrear. Mas não acredite que me engana. É óbvio que, se já não for sua amante, pretende que seja muito em breve.

Tyrell suspirou.

— Também vais exortar me sobre as conseqüências de ter uma aventura?

— Não, porque sei que não me escutará e que tampouco seria o primeiro em ter uma amante. Além disso, cedo ou tarde tirará isso da cabeça... não?

— Isso espero, certamente —respondeu Tyrell—. Acredita que não sou consciente das conseqüências de meus atos? Nunca tive intenção de ser infiel a minha esposa, Rex. Sempre assumi que minha esposa seria mais que uma esposa, que seria uma amante e uma amiga.

Rex parecia surpreso.

— Não há razão para que Blanche não possa ser uma amiga e uma amante, mas me parece que já está planejando ser infiel depois do casamento.

— Ela nem sequer me interessa levá-la à cama, assim como poderei ser fiel quando nos casarmos? — exclamou Tyrell.

Rex se aproximou dele e pôs uma mão sobre o ombro.

— Olhe, pouco importa se for fiel ou não. Poucos homens são. Só tem que ser amável, respeitoso e discreto.

— Certamente — disse Tyrell, e se separou de seu irmão. sentou-se no sofá, chateado. Sempre tinha acreditado que sua esposa seria uma mulher amável, elegante e bela, que teria filhos e filhas e que seu lar seria um remanso de paz. Nunca tinha pensado ter uma amante. E entretanto ali estava, nas vésperas de seu compromisso oficial, distraído por uma aventura amorosa e, ao que parece, incapaz de dominar seus próprios atos.

— Pareceu-me muito agradável — disse Rex—. Esperava uma beleza espetacular, como Enjõe Claire, sua última amante, ou uma vil caça-fortunas. Mas nela não há nada óbvio, nem tem astúcia alguma. Quando nos conhecemos, voltava da cozinha; Estava fazendo bolos com seu filho. Estava coberta de farinha e de chocolate, e de uma espécie de suco de fruta. Não foi nada descarada. De fato, pareceu-me muito tímida e um pouco assustada. Está na cara que não é uma mulher mantida por um amante.

Tyrell olhou a seu irmão. Elizabeth fazendo bolos na cozinha?

— É verdade mesmo? — a imagem da Elizabeth na cozinha desfilava uma e outra vez por sua cabeça. De repente, desejava que Rex tivesse razão.

Seu irmão começou a sorrir.

— Sim, estou seguro de que esteve fazendo bolos. De fato, fiz algumas averiguações. O pessoal de cozinha está encantado com ela. E mamãe também gosta.

Tyrell se recordou que devia recluir do prazer que tentava crescer dentro dele.

— Dá a impressão de que você também a admira.

— Pode ser que sim... com cautela.

— Sabe que veio aqui tentando me obrigar a me casar com ela?

Rex suspirou.

— Sim, certamente, todo mundo sabe. Mas ouvi dizer que essa era a intenção de seu pai, não a sua. Pelo visto sua mãe está desesperada por casar às duas filhas que tem ainda solteiras.

Tyrell queria acreditar que Elizabeth tinha sido uma vítima dos planos de seus pais para fazer uma armadilha e forçá-lo a casar-se. Mesmo assim, sabia julgar um caráter. E a explicação que Elizabeth tinha dado para justificar sua mutreta (que não queria casar-se com o verdadeiro pai do Ned) era mentira e ele sabia.

— Já não importa —disse com firmeza— O que importa é que está aqui.

Rex arqueou as sobrancelhas.

— Seriamente? Quer dizer que o que importa é seu filho?

— Naturalmente —repôs Tyrell, e se afastou para que seu irmão não adivinhasse que estava mentindo ele sobre a criança.

Mas Rex o seguiu.

— Ty, isto é muito estranho. Se comporta de maneira muito estranha. Por que não age como um pai assanhado de repente por seu primeiro filho?

Tyrell se voltou e conseguiu sorrir.

— Preciso de tempo —disse—, para me acostumar às circunstâncias.

— Isso é mentira —repôs Rex, e o tocou no braço— O que está acontecendo? Por que está tenso e às vezes inclusive zangado? Por que descuida de seus deveres para com esta família e sua noiva? Por que abordou uma jovem tão gentil e bem educada? E por que a traz agora aqui, como sua amante? Sou consciente de que é a mãe de seu filho, mas, vamos, Ty, ela merece um marido e um lar próprios. Sei que sabe. Que demônios está acontecendo?

Tyrell ficou furioso de repente. Seu irmão tinha razão em tudo.

— Está claro que me converti em um louco sem um pinga de sentido comum, nenhum pinga de respeito pela família ou o dever —replicou— Elizabeth deveria ter pensado em seu futuro antes de deitar-se comigo tão rapidamente.

Rex não se deixou convencer.

— O melhor para todos seria que criasse juízo e enchesse de cuidados a sua noiva. Não posso defender a senhorita Fitzgerald, mas eu gosto dela e acho que ela merece muito mais do que você pode lhe dar —se aproximou coxeando da porta aberta e se deteve na soleira, zangado—. E também nós merecemos muito mais, se você for ser o cabeça desta família.

Tyrell não vacilou. Lançou sua taça à porta que seu irmão acabava de cruzar. Mas Rex se foi e o copo se espatifou no chão. Tyrell cobriu o rosto com as mãos.

UM TORVELINHO DE EMOÇÕES

Mary de Warrenne entrou na enorme biblioteca, onde sabia que seu marido estaria revisando os livros de contas do imóvel ou lendo o Teme de Londres. Estava absorta em seus pensamentos, preocupada com o caráter de Elizabeth Fitzgerald, e não podia esquecer-se do que aconteceu nesse dia... nem do ocorrido no dia que a conheceu.

— Carinho, já voltou —disse o conde com um sorriso, e ficou em pé. Saiu de trás do escritório para saudar sua esposa com um abraço e um beijo— Esperava que voltasse logo —seus olhos azuis brilharam— Estava pensando em descansar um pouco antes do jantar. Gostaria de me acompanhar?

Mary tinha querido muito seu primeiro marido, mas sempre se havia sentido turvada pela presença de Edward de Warrenne, inclusive nos dias de seu primeiro casamento. Quando Gerald Ou'Neill foi assassinado por soldados britânicos em uma terrível rebelião, em Wexford, Edward foi em seu resgate. Uns meses depois, casaram-se, e ele tinha criado aos dois filhos dela, Devlin e Seam, junto a seus três filhos e sua filha. Mary tinha se apaixonado por ele muito antes do assassinato de seu marido, apesar de que nunca tinham feito mais que trocar uma saudação cordial ou uma palavra amável. Já estavam a dezesseis anos casados; mesmo assim, um convite como aquele estava acostumado a sortir nela um efeito imediato. Os dois já tinham entrado na maturidade, mas entre eles nada tinha mudado. Difícil era a noite que Mary não dormia nos braços de Edward.

— A senhorita Fitzgerald me acompanhou ao orfanato, Edward —disse ela sombriamente.

O sorriso de seu marido se desfez.

— E? —perguntou.

Mary se aproximou da poltrona amarela e se sentou.

— É muito amável —disse no fim de um momento.

Edward se aproximou da bandeja de prata que havia sobre a bancada de uma livraria. Serviu uma taça de xerez e um uísque. Retornou junto a sua esposa e se sentou em uma turca, frente a ela, enquanto lhe dava a taça de vinho.

— Está certa de que não pretendia te impressionar?

— Estou certa —disse Mary— As freiras a conhecem muito bem. Trabalhou ali durante anos, até que ficou grávida e partiu. Estavam encantadas de voltar a vê-la. E também dois meninos que ainda estão ali. É tão boa e carinhosa com os órfãos como com seu próprio filho.

Edward bebeu um gole de uísque.

— Já tenho feito indagações sobre seu caso, e sua reputação foi impecável até agora. De fato, é exatamente como a descreveu sua mãe: sempre foi tímida e recatada, um autêntico fantasma nas festas, sem um só pretendente. Naturalmente, esse último deve-se a sua juventude. Todos gostam muito dela, e se sabe que é capaz de dar até a roupa do corpo se algum pobre mendigo cruzar seu caminho.

— OH, Edward! É uma moça tão doce e boa...! E sofreu tantas ofensas...!

Edward se levantou de um salto.

— O que quer que faça? Devo romper o compromisso com Ty? Seu filho terá mais poder e riqueza que qualquer dos De Warrenne.

Mary se levantou, tremendo.

— Mas você é feliz. Não precisa viver na corte, sussurrar no ouvido deste ou aquele membro do Conselho Privado, jogar dominó político com as outras grandes famílias da União. Tivemos uma vida maravilhosa e dou graças a Deus por cada um de seus dias. Seriamente precisa Tyrell uma aliança que o afiance na Inglaterra política e socialmente muito mais do que nós estivemos?

— E nossos netos, Mary? Os tempos mudaram e continuam mudando. Este casamento garantirá a fortuna da próxima geração. Sei que é consciente disso.

— Sou —murmurou Mary tristemente.

— Quer que se case com essa jovem? —Edward tinha uma expressão amarga.

— Não sei! —respondeu ela— Mas Tyrell não é um libertino. Não acredito na sua história... nem na dela. Acredito que os dois estão ocultando parte da verdade. Como pôde Tyrell aproveitar-se de uma moça como essa? É virtualmente impossível, e estou certa de que ela não o seduziu —seus olhos se encheram de lágrimas.

Edward suspirou.

— Nisso estou de acordo com você. Não é nenhuma mulher fatal. E isso é, francamente, o que mais me desconcerta.

Mary se aproximou dele e o abraçou.

— Só desconcerta? Porque hoje para mim a resposta foi clara.

Seu marido fez uma careta.

— Se for me dizer que Tyrell está apaixonado por ela, acredito que não quero ouvir.

— Não há outra explicação possível a sua falta de domínio sobre si mesmo, a esta falta de decoro. E os dois os vimos juntos o outro dia, quando chegou ela.

Edward a olhou nos olhos.

— Muito bem. Confesso que penso o mesmo que você. Mas, Mary, quero tantas coisas para meu filho... e ainda mais para os seus. Quero que os filhos de Ty, Rex, Cliff e de Eleanor vivam seguros. Não quero que tenham que preocupar-se nunca em ganhar a vida.

— Mas seria tão mal? Olhe a fortuna que Devlin fez, e acredito que Cliff conseguiu muitos tesouros na costa da Berbería. Tenho confiança em nossos filhos, Edward. Não acredito que vão morrer de fome.

— Mas acabamos de vender Brentwood, nossa última propriedade na Inglaterra! — exclamou ele— Isto casamento nos garantirá de novo na Inglaterra. Mary... —segurou as suas mãos— Quero que Tyrell seja feliz, quero que todos nossos filhos sejam felizes, e quero que tenham privilégios. Recorda a angústia de Eleanor quando voltou de Bath? Apesar de ser bela e rica, continua sendo irlandesa, uma senhorita de segunda classe.

Quero que meus filhos sejam tratados como iguais por todos os ingleses com os que se encontrem.

Mary ficou calada um momento.

— Ninguém conhece melhor que eu a impotência que sente uma irlandesa — murmurou, e os dois sabiam que se referia ao assassinato de seu primeiro marido e a seu cativeiro posterior— Mas sobrevivi. Todos sobrevivemos a essa tirania, Edward. E não estou certa de que nenhum de nossos filhos dê tanta importância ao respeito dos ingleses. Criamos cinco jovens muito fortes e uma moça forte e bela —disse com um sorriso. Edward não disse nada— Carinho, Tyrell nunca descuidará de seu dever, os dois sabemos. Mas, se casar com Blanche estando apaixonado pela senhorita Fitzgerald, nunca será feliz como você quer que seja.

Edward não podia suportar aquele assunto nem um momento mais.

— Então deveríamos rezar para que não esteja apaixonado pela senhorita Fitzgerald, não acha? —disse em tom estranhamente cortante.

Mary sentiu seu coração dar um pulo ao notar a aspereza de sua voz e preferiu sabiamente não responder.

Lizzie se encheu de apreensão ao ver a carruagem de seus pais parando no caminho da entrada. Estava ansiosa por vê-los e a Georgie também, mas ignorava como iam reagir.

— Senhorita Fitzgerald? —disse um servente— Sua irmã, a senhorita Georgina Fitzgerald, está na terraço do salão azul.

Lizzie sentiu um arrebatamento de alegria. Pôs-se a correr e logo se deteve e deu meia volta. —Onde é o salão azul? —perguntou.

— A primeira porta à esquerda, senhorita, e logo à direita —o criado dissimulou um sorriso.

Lizzie foi correndo e entrou em um belo salão azul com duas lareiras e cortinas douradas e brancas no teto. Dispunha-se a cruzá-lo quando se deu conta de que a sala estava ocupada. Deteve-se bruscamente.

Tyrell estava sentado no sota, com as pernas cruzadas. Seu olhar era penetrante.

— Onde esteve?

Era incrivelmente bonito e entretanto parecia desalinhado e molesto, como um leão que acabasse de despertar.

— Eu... né... Sua mãe me convidou a acompanhá-la e fomos juntas a Saint Mary —disse ela.

Ele se levantou lentamente. Havia tirado a jaqueta e usava uma bela camisa debruada de fina renda, meias quase brancas e altas botas negras de montar.

— A condessa te convidou... ou você a persuadiu para que te convidasse?

Lizzie se alarmou.

— Parece zangado. Sinto o que aconteceu ontem à noite. Não devia espiar lady Blanche. Mas não persuadi sua mãe para que me convidasse. Teve a amabilidade de me pedir que a acompanhasse e passamos uma tarde muito agradável.

— E o pirralho?

Lizzie ficou rígida. Tyrell nunca se referiu a Ned como filho.

— Estava com a babá —disse com suavidade.

Ele deslizou o olhar por seu decote.

— Onde está seu xale?

Lizzie vacilou.

— Dei a uma pobre moça que não estava bem vestida —Tyrell a olhou com dureza. Lizzie estava cada vez mais nervosa— Suponho que não se oporá...

Ele se aproximou e Lizzie ficou tensa. Tyrell se abateu sobre ela.

— Pelo visto —disse em voz baixa—, deslumbraste a meu irmão e a todo o pessoal da cozinha, e agora também a minha mãe. Confio de todo coração, Elizabeth, em que isto não seja outro ardil.

— Não é —exclamou ela— E não acredito ter assanhado a ninguém.

O olhar de Tyrell não vacilou.

— Agora se faz a modesta —disse.

Lizzie não conseguia entender seu mau humor. Não tinha se divertido na véspera, no baile? Ela titubeou. Não sabia se atrevia a tirar o assunto à conversa .

— Ouvi dizer que o baile foi um grande êxito.

Lançou-lhe um olhar indecifrável.

— Seriamente? E quem disse essa idiotice, pode saber-se?

Lizzie imaginou que algo tinha ido mal.

— Não foi uma noite agradável, milord?

O olhar de exasperação de Tyrell se intensificou.

— Não, não foi. Foi uma obrigação, nada mais. Amanhã retorno a meu posto em Dublin —acrescentou.

Lizzie tinha acreditado que demorariam ainda uns dias antes de ir.

— Houve alguma emergência? —perguntou.

— Não. De fato, não me esperam até a semana que vem. Entretanto, decidi retornar a Wicklowe amanhã. O pirralho e você me acompanharão, como concordamos.

Lizzie mal podia respirar. No dia seguinte, seria sua amante. Apesar de seu sentido comum, a excitação se apoderou dela.

— Já dei ordens a Rosie para que faça sua bagagem —disse ele, e inclinou a cabeça— Lamento, se te causar algum inconveniente —com isso, saiu do quarto.

Lizzie ficou olhando-o. Havia feito seu coração acelerar com uma mão. Sentia alívio porque Tyrell ia levá-los com ele, mas seu estranho humor a inquietava. Estava na cara que estava acontecendo alguma coisa.

Uma figura se separou da cortina das portas da terraço. Rex de Warenne a olhou com as sobrancelhas levantadas.

— Em minha vida tinha visto maneiras menos grosseiras, tratando-se de Tyrell—disse.

Lizzie deixou escapar um grito suave, horrorizada de que Rex os tivesse escutado. Rex se aproximou dela com olhar intenso.

— Você se defendeu bem. A maioria das pessoas, homens ou mulheres, fugiriam com o rabo entre as pernas se tivessem que enfrentar o mau humor de meu irmão.

— Se tivesse tido opção, certamente o teria feito —disse Lizzie—. Mas acredito que Tyrell precisa que o enfrentem na cara.

Rex a observou com atenção.

— Chamou a seu próprio filho «o pirralho».

Lizzie se sentiu de repente afligida pela ansiedade.

— Estou certa de que foi um deslize.

— Qualquer um pensaria que meu irmão estaria encantado de ter um herdeiro.

— Estou certa de que está.

— Seriamente? Está encantado com você aqui com seu filho? Daí sua falta de maneiras e seu mau humor?

— Deveria ir fazer as malas —começou a dizer ela, com a esperança de escapar.

Mas ele se interpôs em seu caminho para a porta.

— Não tem por que ficar com ele e suportar sua grosseria. Poderia voltar para sua casa.

— Jamais deixarei meu filho! —exclamou Lizzie.

— E Tyrell? Sofrerá sua grosseria pelo bem do menino?

Ela titubeou e finalmente o olhou nos olhos.

— Às vezes me assusta, mas sei que é bom e que tem um coração de ouro. Transtornei sua vida. Não reprovo que esteja zangado. Ele não queria que nada disto acontecesse nas vésperas de seu casamento. É um momento muito inoportuno —acrescentou—. E lamento. Sinto muito causar preocupações a ele.

Rex a olhou fixo. Por fim assentiu com a cabeça e sorriu.

— Devo puxar suas orelhas e lembra a ela que tem que ser um cavalheiro?

Lizzie começou a sorrir, aliviada de que o pior tivesse passado.

— Eu adoraria que o puxasse pelas orelhas, mas não acredito que de todos os modos vá escutar.

— No momento, acredito que tem razão —seu sorriso se esfumou— Nunca o tinha visto tão preocupado, nem tão indeciso.

— Não entendo.

— Não, não acredito que você entenda. Conhecendo o Ty como conheço, estou certo de de que jamais revelaria seus sentimentos.

Lizzie tinha que saber a que se referia Rex.

— Que sentimentos?

— Meu irmão está faltando com seu dever, senhorita Fitzgerald. Sem dúvida você sabe. E acredito que, em um sentido moral, está faltando também a si mesmo.

Lizzie ficou pasmada.

— Não sou sua primeira amante.

— Não, não é. Mas ele nunca tinha estado comprometido. Você o ama?

O coração de Lizzie deu outro salto. Não sabia o que responder e o olhou lentamente. Ele tinha uma careta azeda.

— Acredito poder ver a resposta em seus olhos, senhorita Fitzgerald —Lizzie não tentou contradizer.— Eu gostaria de lhe dar um conselho.

Lizzie sabia que não queria ouvi-lo.

— Se acredita seu dever.

— Entre vocês há muita paixão. Temo que nada bom pode sair deste acerto.

Lizzie se deixou cair em uma cadeira. Sabia no fundo que Rex tinha razão.

— Sei que estou extrapolando —prosseguiu ele. — Mas me preocupa profundamente meu irmão. Ele não pode dar o que você merece, senhorita Fitzgerald. Nunca poderá.

Lizzie o olhou nos olhos.

— Não sei a que se refere.

— Vamos! Os dois sabemos que você não é uma mulher de vida alegre. Sabemos que este acordo não lhe convém. Tyrell deve casar-se com lady Blanche. Não deixará na mão a sua família, senhorita Fitzgerald, mesmo tendo em vista toda sua paixão. Você deveria deixá-lo —disse Rex sem rodeios— quanto antes, melhor.

Lizzie deixou escapar um soluço e fechou os olhos. Sabia que Rex estava certo. Sem dizer nada mais, ele partiu.

Então a voz suave de sua irmã lhe chegou através das portas do terraço. Esqueceu-se de Georgie! Esfregou as têmporas doloridas e procurou recuperar a compostura. Não importava o que pensasse Rex, porque Tyrell não lhe permitiria deixá-lo. levantou-se e saiu ao terraço. Georgie estava ali sentada, tomando o chá.

— Lizzie! —as duas irmãs se abraçaram—. Está bem? —perguntou Georgie.

Lizzie se sentou e segurou sua mão.

— Estou apanhada em um torvelinho de emoções!

— O que está acontecendo? —murmurou Georgie— É evidente que Tyrell sabe que não é a mãe de Ned, e entretanto o reconheceu como filho dele!

— Não, acredita que sou a mãe, mas não que ele seja o pai —repôs Lizzie.

Georgie ficou estupefata.

— Então, por que reconheceu Ned? —perguntou por fim.

— Está jogando, Georgie. Em troca de seu silêncio, e se quero ficar com Ned, devo ser sua amante. De fato, amanhã vamos a Wicklowe.

— Está te chantageando? —sua irmã estava atônita.

Lizzie fez uma careta.

— Sim.

— Mas e seu compromisso? anunciou ontem à noite.

Lizzie ficou tensa.

— Não me deixou alternativa. Não posso abandonar Ned.

— OH, Lizzie! —murmurou Georgie, apertando a mão. — Sei o quanto o ama. Ninguém sabe melhor que eu. Mas oxalá tivesse nos posto em ridículo e nos tivesse jogado todos à rua, como esperávamos.

Lizzie disse lentamente:

— Conheço-o toda a vida, mas sempre o vi de longe... e tudo o que sei dele se apoiava em falatórios. Georgie, começo a pensar que na verdade não o conheço absolutamente.

— Isso é porque fez dele um herói. Glorificaste-o, Lizzie, e é só um homem.

— Tem tanto temperamento... É tão autoritário...! —Lizzie estremeceu—. Acredito que não é nem a metade de amável do que eu acreditava. É tão arrogante como um príncipe.

— Continua amando-o? —perguntou Georgie.

Lizzie assentiu com a cabeça.

— Mais que nunca, ao que parece.

Seguiu uma longa pausa.

— Acredito que deveria saber que Rory foi nos visitar ontem em Raven Hall. Tive que recebê-lo eu sozinha —acrescentou Georgie com nervosismo — Foi muito difícil. Já sabe que não o suporto. Perguntou por você —levantou as mãos. — Me desculpe. Pôs-me tão nervosa que disse a ele que tinha se mudado para cá.

O coração de Lizzie começou a encher-se de temor.

— Falou de Ned?

— Não —Georgie parecia afligida. — Disse que tinham te convidado para passar uma temporada aqui. Parecia desconfiado, e só é questão de tempo que saiba o que aconteceu.

Lizzie tinha a cabeça doída. Estava certa de que Rory viria a Adare e exigiria vê-la. O que podia lhe dizer?

— Não é sua culpa —disse. — É amigo de Tyrell e estou certa de que cedo ou tarde saberia de minha situação.

— E se diz aos condes a verdade? O jogo de Tyrell acabará e terá que ir. Não permitirão que fique aqui depois de tê-los enganado, e te tirarão Ned.

— Quanto tempo vai ficar Rory em Limerick? —perguntou Lizzie.

— Não muito, acredito. Entendi que deve voltar a Dublin. Pode ser que já tenha ido.

— Isso seria uma sorte —Lizzie olhou os prados do jardim e as colinas arredondadas— Vou ter que convencê-lo de que fique em silêncio —disse.

— Adora você —disse Georgie com repentina crispação. — Possivelmente deveria dizer-lhe desde o começo.

Lizzie se levantou.

— Georgie, sei que veio me visitar, mas estou muito cansada. Esta farsa é insuportável. Tenho que me deitar um momento.

Sua irmã também se levantou.

— Não se preocupe. Só queria saber se estava bem e por que Tyrell tinha agido assim. Ainda não posso acreditar que vá te forçar a ser sua amante. Acredito que não o tenho em muita consideração.

O instinto de Lizzie a impulsionou imediatamente a defendê-lo.

— Parece que tiro o pior dele, mas não o julgue mal. Pode o reprovar que me tenha tão pouca estima?

— Seriamente pode enfrentar tudo isto, Lizzie, sabendo que está oficialmente comprometido com outra? Está certa de que deve fazê-lo?

Lizzie fechou os olhos.

— Não sei —murmurou por fim— OH, Georgie, sinto-me como um pequeno veleiro perdido no mar, sacudido por correntes que não posso controlar. Acredito que só estou me deixando levar pela maré mais alta.

Georgie a abraçou com força.

Lizzie estava tendo um sonho delicioso. Estava de lado, com um travesseiro nos braços, e Tyrell levantava sua grossa trança. Ela sorria levemente. Sabia o que aconteceria a seguir. Aquela era a classe de sonho que sempre esperava com ilusão. Tyrell acariciava sua mandíbula com uma carícia tão deliciosa que imediatamente o ardor se concentrava entre suas coxas. Seu sangue corria a toda velocidade. Ele acariciou seu pescoço e seu ombro, que o decote do vestido deixava nu. Sua carícia, sedosa e delicada, deslocou-se para o lado de Lizzie, até sua cintura e seu quadril. Ela suspirou e se remexeu inquieta na cama, com a pele arrepiada pelo desejo.

Ele pareceu sussurrar seu nome.

— Elizabeth...

Era Tyrell, pensou, e ia fazer amor com ela. Ele deslizou a palma da mão sobre o firme arredondado de uma de suas nádegas e parou ali. Lizzie gemeu e, ao ouvir seu próprio gemido, sua carne pareceu cobrar vida sob a mão de Tyrell. Ele acariciou a parte de trás de sua coxa até que Lizzie começou a sentir uma forte palpitação entre as pernas.

— Está acordada? — pareceu que perguntava ele.

Mas Lizzie não queria despertar nesse instante, quando seu corpo se achava a ponto de estalar de prazer. Ele tinha metido a mão sob a camisola de algodão e sua carícia sobre a pele nua era quase insuportável. Lizzie deu a volta.

Em sonhos, vislumbrou a si mesmo a retalhos, elevando-se no ar, entre um céu tachado por um milhão de estrelas.

— Necessito que desperte — disse ele com urgência.

Lizzie compreendeu então que não estava sonhando e despertou imediatamente. Estava de barriga para baixo, segurando firme o travesseiro, e Tyrell estava sentado junto a seu quadril. Lizzie se sentou bruscamente e o olhou.

Tyrell tinha tirado a jaqueta. Usava a camisa solta e sem abotoar. Lizzie lançou um rápido olhar a seus olhos ardentes e a seu peito largo e musculoso. Seu coração começou a palpitar com violência, afogando-a.

— Tentava te despertar —disse ele com voz áspera.

Lizzie sentiu que um novo ardor se concentrava mas não mais entre suas coxas, a não ser em suas bochechas. Tyrell estava olhando a barra de sua camisola, que estava sobre suas coxas. Não sabia se estava feliz ou consternada, mas as intenções de Tyrell estavam claras.

Ele colocou a mão sobre sua coxa pálida e nua. Lizzie respirou fundo enquanto olhava sua mão. Os nódulos de Tyrell se tornaram brancos.

— Preciso levar você para a cama, Elizabeth —disse ele com voz densa, e passou a mão por seu sexo. — Não quero esperar.

Lizzie deixou escapar um gemido e caiu sobre os travesseiros. Seu cérebro tentava lhe dizer algo, mas nesse momento não podia pensar.

Tyrell arrancou a camisa e ela ouviu cair as botas no chão.

— Não quero ser bruto —disse ele ao inclinar-se sobre ela, segurando os ombros contra a cama—, mas não sei se poderei me controlar —então sorriu.

O coração de Lizzie deu um salto e se encheu de amor. Devolveu o sorriso. Desejava lhe dizer que qualquer coisa que fizesse lhe pareceria bem.

Uma covinha apareceu na bochecha de Tyrell. Soltou-a e puxou o cordão do decote de sua camisola. Este se abriu; Tyrell separou os lados do decote e os deslizou por seus ombros e seus seios, até a cintura.

Ned gemeu em sonhos.

Ned. Seu plano... O vinho...

Lizzie se levantou de um salto e ajeitou sua camisola freneticamente. Tyrell ficou em pé, vestido unicamente com suas calças e botas. Lizzie viu sua ereção e se sentiu atravessada por um desejo insuportável.

— O pirralho está bem, Elizabeth. Rose cuidará dele. Falei com ela faz um momento, antes de entrar.

— Veio —murmurou ela.

Aproximou-se cambaleando-se à mesinha de noite, onde repousava a garrafa aberta com duas taças.

— O que faz, Elizabeth? —perguntou Tyrell com calma, mas seus olhos brilharam enquanto a olhava—, Por que está de repente tão nervosa? Vou fazer você gozar como ninguém antes. Dou minha palavra.

Ela não podia mover-se. Ficou ali parada, segurando a camisola sobre o peito. Seu corpo pulsava. Uma carícia e alcançaria o clímax, pensou. A excitação, mesclada com o medo do desconhecido, quase a fez desfalecer.

— Deixaremos o vinho para mais tarde —disse ele com suavidade, como se adivinhasse seu estado.

Lizzie se voltou, tomou a garrafa de vinho e conseguiu servir uma taça. Suas mãos tremiam.

Tyrell a agarrou pela mão para detê-la. Estava tão perto, a suas costas, que Lizzie sentiu palpitar seu membro contra suas nádegas.

— Tem medo? —perguntou ele com incredulidade.

— Não —Lizzie recuperou a voz. resistia a soltar a taça de vinho — Só estou um pouco nervosa, milord —disse com voz pastosa.

— Pois não esteja. Não vou machucar você. Além de tudo, não é virgem —sussurrou ele em seu ouvido.

Lizzie sentiu que suas pernas começavam a fraquejar. Tyrell a rodeou com os braços e tomou seus seios entre as mãos.

— Deixa o vinho, Elizabeth —ordenou.

Ela tentava segurar a camisola e a taça de vinho ao mesmo tempo. Conseguiu remexer de algum modo e, ao fazê-lo, o vinho salpicou as formosas calças de Tyrell. Retrocedeu, tropeçou com a cama e, vendo uma oportunidade, deixou escapar um grito e derramou o vinho sobre os lençóis de cor azul pálido.

Houve um silêncio.

Lizzie fechou os olhos e se voltou para ele. Esqueceu da camisola e esta caiu no chão. Tyrell a olhava. Sorriu lentamente.

Ela se acalmou de repente. Tinha conseguido o que queria: sobre a cama havia uma enorme mancha vermelha. Agora podia esquecer-se de tudo, salvo do homem que se propunha a fazer amor.

Deveria ter atuado com pudor; deveria ter se agachado para recolher a camisola. Mas não se moveu. De repente se sentia orgulhosa de seus grandes seios e seus amplos quadris, de suas coxas tersos e turgentes, pois não havia dúvida de que Tyrell a contemplava com admiração.

Ela viu que sua mandíbula vibrava repetidamente. De repente, Tyrell se voltou, para surpresa dela, serviu-se uma taça de vinho.

— Está muito nervosa. É porque sou grande? Irei devagar. Não quero te machucar, Elizabeth —a olhou de frente, sustentando a taça — Beba um gole. Te acalmará.

Por fim, era amável. Lizzie negou com a cabeça, e não tomou a taça. Os olhos de Tyrell pareceram converter-se em fumaça. Deixou a taça, tomou sua mão e a apertou entre seus braços. Seu corpo fornido se estremeceu. Acariciou-lhe os ombros, os braços e os seios.

— É tão formosa...

Lizzie se segurou a seus ombros grandes e nus. Olhou seu peito duro, ligeiramente coberto de pêlo, e seus pequenos mamilos eretos.

— Não tanto como você, meu senhor —se ouviu dizer com voz densa.

Tyrell ficou imóvel.

— Deseja-me? —perguntou asperamente.

Ela conseguiu afastar o olhar de seu corpo. Assentiu com a cabeça.

— Sempre... Sempre te desejei, meu senhor.

Ele deixou escapar um grunhido e se apoderou de sua boca. Lizzie estava em sua cama, em seus braços, de costas, com Tyrell em cima dela. esticou-se para ele enquanto Tyrell a beijava em um frenesi de paixão.

Ele se endireitou e atirou suas calças. Lizzie se apoiou sobre os cotovelos. Só ele podia enchê-la agora. Quando por fim viu Tyrell nu, mordeu o lábio tão forte que provou sangue e procurou sufocar um gemido. Em pé, ele a olhou com as calças na mão.

Nenhum homem podia ser tão belo, tão viril ou tão forte, pensou Lizzie.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Tyrell sorriu muito ligeiramente. Jogou as calças a um lado e subiu sobre ela; imediatamente separou suas coxas e acomodou a ponta de seu membro, grande e quente, contra seu sexo.

— Está tão pronta para mim....—disse com voz áspera.

Aquele era o instante com que ela tinha sonhado, o momento em que se converteria em parte dele. E Tyrell sabia.

— Meu Deus... —disse, e de repente desceu o rosto para ela.

Lizzie ficou quieta. Ele a beijou com ternura. Ela começou a chorar. Tyrell não a amava, certamente, mas naquele beijo havia afeto. Ele não poderia havê-la beijado assim se fosse simplesmente uma prostituta.

Tyrell levantou a cabeça e seus olhares se encontraram. Lizzie viu então algo em seus olhos que não pôde compreender: uma emoção descarnada e cheia de assombro.

Logo, ele a rodeou com seus braços e começou a penetrá-la. Lizzie tinha esquecido que possivelmente sentisse dor. Tinha pensado em ignorar a dor, mas, tomada de surpresa, deixou escapar um leve grito. Ele se deteve sem havê-la penetrado de tudo. Não podia descobrir! Frenética, ela ficou imóvel. Era consciente de que o membro inchado de Tyrell a invadia e ignorava como podia deixar que continuasse penetrando-a.

Tyrell levantou a cabeça e a olhou nos olhos com incredulidade. E Lizzie viu neles que sabia o que ocorria. Horrorizada, desviou o olhar.

— Depressa, milord —conseguiu dizer enquanto se retorcia, como se fosse prisioneira do desejo. — Depressa.

Ele não se moveu e demorou um momento em responder. Em voz baixa perguntou:

— Estou te fazendo mal?

Lizzie devia atuar. Não se atrevia a olhá-lo nos olhos.

— Claro que não —mentiu, e agarrou seus ombros com mais firmeza. Mas seus olhos se encheram de lágrimas. OH, não esperava aquilo!

Tyrell a olhava fixamente. Se soubesse que era virgem, sua vida acabaria logo, pensou ela, afligida.

Depois, Tyrell apoiou a bochecha contra a sua.

— Faz muito tempo que não está com um homem —disse brandamente — Relaxe, carinho. Relaxe. Iremos tão devagar como deseja.

Ela ficou atônita. Logo sentiu alívio. Segurou-se a aquela idéia.

— Sim, faz muito tempo...

— Sss —disse ele, e lhe beijou a bochecha, os olhos, a orelha. E seguiu penetrando-a brandamente.

Mas Lizzie não podia relaxar. Tyrell se deteve. Beijou uma e outra vez seu pescoço e acariciou seu braço. Lizzie se deu conta de que não continuava penetrando-a e suspirou. Por um momento se permitiu desfrutar de seus beijos. Ele começou a acariciar seus seios enquanto continuava beijando seu rosto.

— Sinto —pareceu a Lizzie que murmurava, e de repente se afundou dentro dela.

A dor foi como uma navalhada. Lizzie gritou enquanto ele afundava completamente nela. Depois, Tyrell se deteve e a beijou profundamente.

— Abre a boca, carinho —murmurou.

O coração de Lizzie deu um salto. Aquela palavra cheia de afeto a comoveu. Obedeceu, deixou que seus lábios paralisados se abrissem, e a língua de Tyrell introduziu em sua boca. Ele a beijou com ânsia, mas devagar, e o coração dela começou a pulsar com violência. Sem deixar de beijá-la, Tyrell começou a acariciá-la muito perto do lugar em que seu verga se achava afundada no corpo dela.

Lizzie se sentiu palpitar ao redor de seu membro.

E de repente o prazer chispou dentro dela. Continuava sentindo dor, mas aquela moléstia já não lhe parecia tão importante. Para pôr a prova aquele novo desejo, segurou-se a ele e moveu os quadris. Ardeu um fogo e sua carne se arrepiou.

A dor tinha desaparecido e, em seu lugar, havia agora um desejo feroz.

— OH, Tyrell... — gemeu enquanto apertava seus quadris contra as dele.

Tyrell inalou bruscamente.

— Estou a ponto de acabar — disse.

Lizzie não se importou. Ele se afundou profundamente em seu interior (por fim se achavam unidos). De seu corpo irradiavam ondas de prazer que se transmitiam ao corpo de Lizzie, e viceversa. Ela gemia. O prazer começava a fazer-se cegador.

— Tyrell!

Ele a penetrou uma e outra vez, com maior urgência, e Lizzie estalou enquanto soluçava seu nome. Ela o ouviu gemer, sentiu seu clímax apesar de que continuava possuída pelo prazer do orgasmo.

Nunca o tinha amado mais. Seu corpo se encheu de um calor contente, e pareceu sentir sua semente dentro dela. Teria dado tudo por ter um filho dele.

Deu-se conta de que Tyrell estava sobre ela. Continuava penetrando-a, e seu membro mal que tinha diminuído de tamanho. Então ela voltou a si por completo. Faziam amor.

Tyrell começou a afastar-se dela.

Lizzie o rodeou com os braços.

— Não — disse.

Ele se esticou.

— Está bem? — perguntou em tom estranho.

Ela sorriu e lhe beijou o rosto.

— Sim, milord, estou maravilhosa.

Tyrell não devolveu o sorriso.

— Machuquei você?

Lizzie pensou que sim, que possivelmente um pouco, mas não importava, porque o membro de Tyrell começava a endurecer dentro dela, e ela palpitava de desejo e de espera.

— Não.

— Parece que não acredito —disse ele brandamente. Levantou a cabeça e a olhou.

Lizzie sorriu.

— OH, Tyrell —disse—. Por favor...

Os olhos dele se obscureceram.

— Estou em desvantagem, madame —disse, mas começou a mover-se dentro dela, e Lizzie gemeu e se segurou a ele com força. Tyrell entreabriu as pálpebras—. Não quero me refrear —murmurou com voz densa enquanto continuava movendo-se lentamente.

— Pois não o faça —gemeu Lizzie, mal capaz de esperar.

— Acredito que devo, por agora —ele gemeu de repente e se afundou todo o possível dentro dela.

— Se apresse —ordenou Lizzie.

Ele abriu os olhos e sorriu.

— Sempre tem tanta pressa?

Ela sorriu com descaramento.

— Seriamente importa? —perguntou.

Tyrell começou a mover-se sem afastar o olhar dela.

Lizzie fechou os olhos, abraçou-se ao amor de sua vida e juntos encontraram o paraíso.

UMA PEQUENA CONSPIRAÇÃO

Lizzie despertou, consciente de que a luz do sol entrava em seu quarto. perguntou-se como era possível que tenha dormido tanto e, ao voltar-se de lado, sonolenta, doía-lhe todo o corpo; sobre tudo, os músculos das coxas. Sentia-se como se tivesse andado a marcha forçada milhas e milhas, como um soldado. Nesse instante recordou cada momento da noite anterior e despertou por completo.

Agora era a amante de Tyrell.

Tyrell tinha feito amor com ela. Antes, aquilo tinha sido o sonho de sua vida. Agora, mesclada com a alegria, havia também vergonha. Desejava poder esquecer-se de Blanche, mas era impossível.

Blanche não amava Tyrell e ela sim. Entretanto, aquele argumento parecia absurdo.

De todos os modos, Tyrell a tinha encurralado e ela não tinha podido escapar, a menos que deixasse Ned ali. Agora, não obstante, seu segredo estava a salvo. Era a amante de Tyrell nunca e ele nunca tomaria seu filho. Por fim começou a sentir alívio. Pensou em como tinham feito amor. Às vezes, os beijos de Tyrell tinham sido incrivelmente tenros; em outras ocasiões, tinham sido escuros, exigentes e duros. Lizzie estava quase certa de que sentia certo afeto por ela.

Por fim se deu conta de que estava sozinha e se sentou. Olhou o lugar vazio que ele tinha ocupado, desanimada porque se foi. Depois sentiu uns olhos cravados nela. esticou-se e olhou além dos pés da cama. Tyrell estava sentado em uma poltrona, não muito longe da lareira, completamente vestido. Tinha as pernas cruzadas e a olhava com muita intensidade, fixamente, sem vacilar. Não se moveu.

Lizzie se alarmou um pouco. A expressão dele era tão desapaixonada e estava tão calado que parecia uma cópia em cera de si mesmo. O que significava aquilo?

— Bom dia —disse ela com um sorriso indeciso. Consciente de que estava nua, cobriu-se com o lençol até o pescoço.

O olhar de Tyrell vacilou.

— Bom dia. Não precisa se cobrir nem se comportar envergonhadamente comigo. Eu gosto de te olhar.

Lizzie se ruborizou de prazer, emocionada por completo e mal capaz de acreditar que fosse sincero. Depois, sua alegria se desvaneceu. Ele continuava negando-se a sorrir; não estava, entretanto, zangado. assim, o que acontecia? Tinha desapontado ele em algum sentido?

— É pleno dia.

— Sim, é —respondeu ele.

Lizzie vacilou.

— Está zangado comigo, meu senhor?

Por fim, a boca de Tyrell pareceu mover-se, embora seguiu sem sorrir.

— Não. Não, não estou zangado absolutamente —seu semblante pareceu endurecer—. Como está esta manhã?

Lizzie se sobressaltou, surpreendida. Estava preocupado por ela?

— Muito bem, milord, e acredito que sabe por que —sentiu que se ruborizava e olhou os dedos dos pés. Como podia ser tão ousada? Tyrell se levantou lentamente. Ela ficou muito quieta enquanto ele se aproximava da cama—. Você não está bem, meu senhor? —perguntou com cautela. Acaso não tinha desfrutado ele também de sua paixão?

O rosto de Tyrell alargou-se.

— Se me perguntar se gozei em sua cama, acredito que a resposta é óbvia —Lizzie ignorava o que queria dizer. Ele pareceu abrandar-se e lhe acariciou um momento a

bochecha—. É a mulher mais apaixonada que conheci. Quando disse que nos completávamos bem, você e eu, falava a sério.

Ela tentou respirar.

— E isso significa...?

— Significa que gozei enormemente... possivelmente muito —seu olhar era escuro—, Te fiz mal? —perguntou.

Ela se surpreendeu.

— Claro que não.

— Estou pedindo a verdade, Elizabeth —titubeou—. Fazia muito tempo que não estava com um homem. Seu corpo não aceitou facilmente o meu.

— O que aconteceu ontem à noite foi maravilhoso, milord. Não me arrependo de nada —poderia, naturalmente, ter particularizado aquela afirmação. Blanche voltava a pairar entre eles.

— Temo que eu sim —respondeu ele nitidamente.

Ela estava perplexa.

— Arrependeu-se de ontem à noite?

O rosto de Tyrell parecia a ponto de partir.

— Sempre me considerei não só um cavalheiro, mas também um homem considerado. E ontem à noite não tive muita consideração com você. De fato, fui extremamente egoísta. Devo uma desculpa, Elizabeth, se a aceitar.

Ela ficou boquiaberta.

— Não me deve nenhuma desculpa. Estou bem e foi mais que considerado... Foi tão tenro, tão amável...!

Tyrell permaneceu de pé, enrijecido.

— Jamais te faria mal de propósito —disse.

— Era inevitável, não é certo? —murmurou ela, pensando em sua virgindade. ruborizou-se imediatamente e desejou não haver dito aquilo.

Ele afastou o olhar, muito sério. Lizzie ficou em pé e levou o lençol consigo.

— Milord... fazia muito tempo, como havemos dito. Mas estou bem, seriamente, e...

Tyrell a olhou de frente.

— Deve me dizer isso com suavidade, inclusive ameaçadoramente—. Teria estado preparado para te seduzir muito mais devagar. Lizzie não sabia o que dizer. Ele se esclareceu garganta—. decidi ir só a Wicklowe.

— Sozinho? —o desalento e a incredulidade assaltaram a Lizzie.

— Como já te demonstrei, sou um homem de apetites extremos, ao menos no que a te respeita. Francamente, falta-me o domínio de mim mesmo e não confiou em mim. Você precisa descansar um pouco. Ficará aqui e, dentro de uma semana mais ou menos, enviarei alguém que busque a você e ao menino.

— Não —disse Lizzie com firmeza. Não sabia quanto tempo ficaria com ele, mas cedo ou tarde acabaria.

— Não? Nega-se a cumprir meus desejos? —perguntou ele com incredulidade.

— Sim —respondeu ela energicamente—Vou com você, como estava previsto.

Ele sorriu inesperadamente.

— É muito atrevida, Elizabeth. Vêem aqui.

— O que?

Tyrell a rodeou com seus braços.

— Esta noite não vou vir a sua cama —murmurou enquanto a olhava fixamente aos olhos.

O coração de Lizzie se acelerou violentamente. tirou o chapéu sorrindo, consciente de que estava excitado. O futuro já não lhe parecia preocupante, nem urgente. De fato, tinha esquecido por completo.

— Mas agora mesmo parece precisar de minha cama, milord. Está certo que não mudará de opinião?

O sorriso de Tyrell se desvaneceu.

— Desejo você —disse com franqueza— e não como foi até agora. Meu sangue arde, Elizabeth. Meu sangue arde.

Ela ficou muito quieta. Compreendia o que queria dizer. Tyrell não queria ter com ela nenhuma cautela, não queria ter que refrear-se. Excitada já até a febre, perguntou-se se poderia seduzi-lo para que voltasse a deitar-se com ela naquele mesmo momento.

— Meu sangue arde por você—disse ele e, soltando-a, retrocedeu. Como se entendesse, olhou-a com receio.

— Me alegre —repôs ela com todo seu coração—. Milord... —começou a dizer com suavidade.

— Não!

Lizzie sentiu arder seu rosto.

— Então, esperaremos.

— Sim, esperaremos —Tyrell esboçou um sorriso crispado—. Você já venceu hoje —fez uma reverência—. Iremos a última hora da tarde. Há doze horas de viagem até Wicklowe. Passaremos a noite em uma estalagem. Até então.

Era apenas meio-dia e o dia estava muito bonito, com umas poucas nuvens que sulcavam um céu azul intenso. Lizzie e Ned estavam sentados sobre uma grande manta de lã, no jardim. Ned estava entretido com seus brinquedos e ela se abraçava, com os joelhos levantados, e sorria sem poder remediá-lo. Talvez Tyrell tivesse razão. Tinha prometido que não se arrependeria de seu acordo, e nesse momento não se arrependia.

— Lizzie! Lizzie!

Lizzie deu a volta, encantada ao ouvir a voz de Georgie. Mas em seguida se alarmou. Sua irmã virtualmente corria para ela como se algo grave tivesse passado. Lizzie ficou em pé, descalça e sem meias, enquanto Georgie chegava a seu lado. Olhou o rosto pálido de sua irmã e pensou que tinha chorado. E Georgie nunca chorava.

— É mamãe?

— Não... Sim! —soluçou Georgie—. Diz que me deserdá se nego a me casar com Peter! Ontem à noite Peter falou com papai e fixou uma data para meados de agosto.

Lizzie a rodeou com um braço. Georgie tremia.

— O que lhe disse?

— Mantive o sorriso até que esse sapo odioso partiu. Logo me dei conta de que não posso me casar com ele. Estive me enganando por pensar que poderia. Disse a papai e a mamãe que preferia me colocar em um convento a me casar com ele, e disse a sério.

— Mas você não é católica —disse Lizzie.

— Isso disse papai, mas lhe disse que me converteria. E então foi quando mamãe começou a sofrer um ataque ao coração. Negava-se a deitar e se queixava de dores no peito enquanto se lamentava de ter uma filha tão obstinada.

— E agora está bem? —perguntou Lizzie, preocupada.

Georgie a olhou com desgosto.

— Sei que nossa mãe goza de tão boa saúde como você e como eu. Esses ataques, esses desmaios, são puro teatro, Lizzie, para nos dobrar à sua vontade. E, naturalmente, não se conformou com o ataque —continuou—. Falou de sua desgraçada situação e deixou claro que morreria se eu desonrasse ainda mais à família. Papai ficou do seu lado. Até sua desgraça, Lizzie, se compadecia de mim. Agora fica do lado de mamãe. Teme outra desonra.

Lizzie sentiu vergonha de si mesmo. Ela tinha sido feliz (não de tudo, mas estava apaixonada, disso não havia dúvida), quando era a causa da desonra de sua família.

— Isto é minha culpa, verdade?

— Não, é culpa de Anna. Aqui estamos, sofrendo por sua falta de escrúpulos, enquanto ela vive feliz com seu belo marido —respondeu Georgie, furiosa.

Uma ira antiga ardeu no peito de Lizzie. Era injusto que Georgie e ela estivessem sofrendo daquele modo enquanto Anna tinha uma vida perfeita.

— Anna nunca quis que sofrêssemos pelo único erro que cometeu —disse em voz muito baixa. resistia a sucumbir à piedade para si mesmo e às recriminações contra sua irmã.

— Duvido que fosse seu único erro —repôs Georgie amargamente.

Lizzie se esticou.

— O que quer dizer com isso? —perguntou com cautela. Sabia Georgie a verdade a respeito das indiscrições de Anna?

— Não acredito que Tyrell de Warrenne foi seu primeiro amante, Lizzie. Acredito que as boas senhoras de Limerick a chamavam selvagem e vaidosa com razão. Ninguém era mais coquete que ela.

Apesar de que Anna tinha admitido seus pecados, fazia sua confissão em particular e Lizzie sabia que não deviam falar naqueles términos dela.

— Anna é frívola e despreocupada por natureza e isso pode confundir-se facilmente com atrevimento —disse—, embora não haja má intenção.

— Alguma vez deixará de defendê-la? Apesar do que fez com Tyrell.

Lizzie afastou o olhar. Não queria voltar a falar do doloroso passado. E Georgie entendeu. Suspirou.

— Sinto muito. Claro que eu sempre fui mesquinha e você sempre teve um caráter piedoso. Tentarei parecer mais a você, Lizzie.

— Não acredito que eu seja o melhor modelo a seguir —respondeu Lizzie, tentando aliviar o ânimo de ambas. De repente a assaltou a lembrança de Tyrell fazendo amor, e sua pele se arrepiou.

Georgie a olhou com atenção. Lizzie compreendeu que se ruborizou. Os olhos do Georgie se aumentaram, cheios de compreensão.

— OH —disse depois de um longo silencio.

Lizzie tentou sorrir e fracassou.

— Sei que o que estamos fazendo está mal. Não quero ser tão feliz estando você angustiada. Mas o amo tanto, Georgie...

— Meu Deus —murmurou sua irmã, ainda com os olhos dilatados. Logo acrescentou— Se pode ser feliz, Lizzie, aproveita o momento. Ninguém merece a felicidade mais que você.

Lizzie se sentou e levantou os joelhos.

— Quero que você também encontre um pouco de felicidade. Odiaria que passasse sua vida apanhada em um casamento semelhante a uma prisão, Georgie.

Sua irmã se estremeceu.

— Papai não vai ajudar-me a desfazer o compromisso. Eu pensava que poderia seguir adiante pelo bem da família, por nossa reputação, mas simplesmente não posso suportar a esse homem. Se mamãe não mudar de idéia, terei que ir embora de casa, me converter ao catolicismo e me unir às irmãs de Saint Mary. A Lizzie de repente teve uma idéia. Agarrou a mão de sua irmã.

— Georgie, tenho uma solução muito mais simples.

Sua irmã se voltou para ela com uma expressão tão esperançada que partiu o coração de Lizzie.

— Sim?

— Sim. Virá comigo a Wicklowe. Vamos essa mesma tarde. Não se incomode em voltar para Raven Hall buscar suas coisas. Farei com que um criado vá. Escreverá a papai e a mamãe e ao senhor Harold informando a todos de que o compromisso fica quebrado. E pode ficar comigo todo o tempo que queira —Lizzie sorriu.

— Mas... como pode me propor isso? Não tem que perguntar antes a Tyrell? —Georgie estava boquiaberta e tremia.

Lizzie se sorriu.

— Perguntarei —disse—, mas não se importará. Estou certa disso.

Lizzie estava de costas, sorrindo ao céu. Georgie estava contando o conto dos três porquinhos e o lobo mau a Ned, que permanecia sentado com uma expressão extasiada.

Lizzie escutava a sua irmã, mas sobre tudo sonhava com Tyrell. Suspirou enquanto sorria às nuvens que passavam. De repente, mudar-se a Wicklowe parecia algo estranho e maravilhoso, como se tivessem se convertido em uma família e fossem mudar para sua própria casa. Não queria pensar em Blanche.

Georgie se deteve no meio de uma frase.

— Mais! —gritou Ned.

Lizzie se voltou para olhá-los e viu que Rory McBane avançava pelo prado em direção a eles. Sentou-se enquanto seu coração começava a pulsar desbocadamente. Rory não vacilou, seguiu avançando com passo decidido, e Lizzie pôde ver a tensa expressão de seu semblante.

Estava frenética. O que faria Tyrell se descobrisse que tinha mentido? Era possível que emocionasse que Ned fosse seu filho... ou seu afeto voltaria a converter-se em desconfiança, em receio e inclusive em ódio? Lizzie ficou em pé, retorcendo as mãos. Rory estava a ponto de destruir sua vida.

Georgie se levantou de um salto.

— Vou dizer-lhe que se vá. Leve Ned para dentro.

Lizzie a agarrou pela mão.

— Não. Não acredito que haja modo de detê-lo.

Mas Georgie se largou e se plantou diante dela.

— Boas tardes, senhor McBane —disse com a ansiedade refletida nos olhos.

Ele se viu obrigado a deter-se. Logo fez uma reverência.

— Senhorita Fitzgerald, eu gostaria de falar um momento com sua irmã, por favor.

— Lizzie não se encontra bem e vai voltar para seu quarto.

Rory fixou nela um olhar brilhante.

— Também você forma parte desta conspiração?

— Não sei do que fala —respondeu Georgie—, mas tenho que lhe advertir, senhor, de que se mantenha afastado de minha irmã.

— Georgie...—disse Lizzie, dando um passo adiante.

Sua irmã fez caso omissso e Rory não parecia ver Lizzie absolutamente.

— Não acredito que você deva interferir em nossa relação —disse em tom tão suave e ameaçador que Lizzie estremeceu.

— Ignorava que você tivesse uma relação com minha irmã —replicou Georgie.

Seus olhares se encontraram.

— Incomodaria a você semelhante amizade? —perguntou ele por fim.

Georgie ficou tinta.

— Incomoda-me que lhe ocorra mesclar-se na vida de minha irmã —disse, trêmula—, Lizzie não precisa que a envenene, senhor.

Rory voltou a olhar uma e outra e respondeu:

— Não tenho desejos de discutir com você, senhorita Fitzgerald, posto que deixou bem claros seus sentimentos para mim. É evidente que mal pode tolerar minha presença. Lamento não ser tão galante e encantador como seu amado noivo. Claro que algumas mulheres são capazes de passar por cima de certos atributos físicos e de sacrificar tudo por um futuro garantido. Espero que você seja muito feliz, senhorita Fitzgerald, com seu comerciante de vinhos.

— Rory, como pode falar assim! —exclamou Lizzie.

Ele se sobressaltou em como se esqueceu dela. Georgie estava pálida.

— Algumas mulheres não têm opção no que diz respeito ao futuro, senhor McBane —disse, visivelmente alterada—. Não acredito que haja nada mais que dizer. Bom dia.

Mas Rory não se moveu.

— Peço-lhe desculpas —disse, muito sério, com o rosto tão corado como o dela— O que disse não é próprio de um cavalheiro —titubeou— Não pretendia sugerir que vai casar se por dinheiro.

Georgie estava doída e Lizzie sabia, mas manteve a cabeça alta.

— Como você disse, suas palavras não são próprias de um cavalheiro — Deu de ombros como se dissesse que, em todo caso, ele não era um verdadeiro cavalheiro, a não ser um farsante.

Deu meia volta para afastar-se, mas Lizzie viu com assombro que de repente tinha os olhos cheios de lágrimas. Georgie nunca chorava (era tão racional, tão sensata e tão equilibrada em todos os sentidos). Lizzie tentou salvar o orgulho de sua irmã.

— Rory... —disse.

Ele afastou o olhar das costas do Georgie. Quando seus olhares se encontraram, o rosto dele se voltou duro e amargo. Lizzie o olhou. Um terrível instante de silêncio passou entre eles.

— Acreditava que éramos amigos —disse ele com aspereza.

— Somos amigos. É tão querido para mim...! —exclamou ela.

Rory olhou Georgie um instante e logo a Ned, que ela tinha pego nos braços. Logo olhou de novo para Lizzie.

— Tyrell também é meu amigo —disse.

Lizzie tomou ar. Tocou sua manga.

— O que vai fazer?

— Não sei. Mas primeiro deve me explicar o que está fazendo e por que. Não posso acreditar que a Lizzie Fitzgerald que conheço há quase dois anos seja capaz de semelhante farsa.

Lizzie sentiu o coração pulsar mais forte.

— Não tive opção.

— Os dois sabemos que nunca esteve grávida. E te conheço bem, Lizzie. Você não é uma caçadora de fortuna desesperada que tente apanhar a Tyrell. Só posso chegar a uma conclusão. Anna foi que desmaiou ao chegar a Merrion Square. Era a que estava sempre indisposta e nunca a via com ninguém. Esse menino tem que ser filho dela.

Lizzie fechou os olhos. Seu coração pulsava com força. Não sabia o que fazer.

— Por favor —disse finalmente—. Anna está felizmente casada. Por favor.

Os olhos de Rory se aumentaram.

— Então, está se fazendo passar por mãe do filho de sua irmã? —ela assentiu com a cabeça—. E Tyrell? permitiu que se sacrificasse deste modo? Custa-me acreditar!

Lizzie rezou para que não tivesse falado com Tyrell a respeito do Ned.

— Basta, Rory! Ned é filho de Tyrell. chegamos a um acordo..., a um compromisso, se quiser. Os dois estamos fazendo o que nos parece melhor para Ned. Não basta isso? — enquanto falava, envergonhou-se de si mesmo. Tyrell tinha todo o direito a saber a verdade. E, agora que o amava sem freio, deu-se conta de que não podia continuar assim por mais tempo—. E tenho que ficar... cheguei a querer Ned como se fosse meu filho.

Rory continuava olhando-a com perplexidade. Por fim disse:

— Mentiu para mim. Somos primos. E pensei sinceramente que éramos bons amigos. Ocultou-me esse segredo —sacudiu a cabeça—. E agora... agora é sua amante, não é certo? —Lizzie se sobressaltou—, Não sou cego! Acreditava te conhecer. Mas não te conhecia. Não te conheço —acrescentou. E, sem sequer inclinar-se ante ela, deu meia volta e se afastou, irado.

— Rory, espera! —gritou Lizzie atrás dele.

Mas ele não se deteve. Em lugar de entrar na casa pelo terraço de trás, dobrou a esquina e desapareceu. Georgie tinha se aproximado de Lizzie com Ned nos braços.

— Está apaixonado por você —disse em voz baixa—. Por isso está tão zangado.

Lizzie se voltou, surpreendida.

— Não, está enganada!

Georgie se limitou a olhá-la.

A SENHORA DE WICKLOWE

Tyrell olhava pelas portas de vidro; via Elizabeth caminhar com Ned pela mão, para a casa, junto a sua irmã. Seu coração pulsava velozmente e não conseguia afastar o olhar. Ela soltou Ned e o pequeno começou a correr, cambaleando. Elizabeth apertou o passo para segui-lo. Ned caiu de bruços sobre a erva e Tyrell se esticou, preparado para sair correndo para ajudá-lo. Mas Elizabeth se aproximou de Ned quase imediatamente e o ajudou a levantar-se. Ele se soltou e começou de novo a correr. Tyrell notou que Elizabeth sorria enquanto se apressava atrás dele.

Seu coração deu um estranho salto.

Rex tinha aproximado dele e permanecia a suas costas.

— Ouvi dizer que outro dia esvaziou sua bolsa e deu todas as moedas que tinha a uma mendiga. E, entretanto, tenho entendido que sua família é bastante pobre —acrescentou.

Tyrell não afastou o olhar. Elizabeth caminhava mais devagar pela pradaria, conversando com sua irmã enquanto Ned brincava de correr na frente delas. O pequeno se deteve e gritou triunfalmente:

— Mamãe!

Tyrell ouviu ela rir e bater palmas.

— E onde ouviu dizer isso? —perguntou sem afastar o olhar do objeto de seu interesse.

Rex sorriu.

—Ouvi a condessa contar. Foram juntas ao orfanato. Pelo visto, a senhorita Fitzgerald trabalhou ali durante anos como voluntária.

Tyrell se voltou por fim para seu irmão.

— Não me diga.

— Sim, seriamente —murmurou Rex.

Aquilo devia surpreendê-lo, mas não surpreendia. Já sabia da vinculação de Lizzie com o orfanato de Saint Mary, pois tinha se preocupado em averiguar tudo quanto pudesse a respeito dela. Conhecia sua reputação: era um camundongo de biblioteca, uma moça tímida e diminuída que todo mundo tinha em alta estima. Até que, ao retornar para casa com um filho ilegítimo, tornou-se uma pária da sociedade. De fato, aquilo parecia absolutamente impróprio dela, mas, em sua irritação, Tyrell não parou para pensar nisso. Só podia pensar em como sua doce aparência podia tê-lo enganado outra vez.

Mas, em realidade, ninguém o tinha enganado.

Lizzie não tinha estado com nenhum outro homem.

Não era uma mãe solteira. Ele tinha sido o primeiro. Sentia-se eufórico e triunfante.

Notou que havia voltado a fixar o olhar nela. Era incapaz de afastá-la e seu coração pulsava com uma mescla de desejo e de uma emoção muito mais poderosa, uma emoção que não desejava identificar. Ela se ajoelhou na erva com seu filho e ficaram os dois contemplando uma flor, ou possivelmente algum inseto. Tyrell ouvia sua risada doce e suave, e tirou o chapéu incapaz de respirar com normalidade. No fim das contas, as aparências não eram tão enganosas, pensou com satisfação e alívio. Elizabeth era doce, boa e amável.

A noite anterior, deu-se conta imediatamente de que era virgem. Tinha compreendido antes mesmo de começar a fazer amor, e, se tivesse sido mais nobre, teria se negado a desflorá-la. Mas aquela certeza o tinha feito perder o pouco controle que restava: só havia sentido um desejo imenso e devorador, o desejo de possuí-la de uma vez por todas.

Sua euforia era quase selvagem e não conhecia limites. Via a Elizabeth com Ned e a via debaixo dele na cama. Era a mulher mais apaixonada que tinha conhecido, a mais desejável que tinha contemplado em sua vida. Sorriu ao recordar seus desajeitados intentos de ocultar sua evidente virgindade, seu nervosismo quando chegou a seu quarto, o modo como derramou o vinho sobre a cama.

Que mulher negaria ser virgem, tentaria comportar-se como uma cortesã e faria passar por seu, um filho que não era, arruinando desse modo seu bom nome e seu futuro?

Só tinha uma resposta. Elizabeth amava Ned (isso qualquer um podia ver) e ansiava desesperadamente continuar sendo mãe dele. Tudo aquilo tinha sido um ato de valentia e de sacrifício.

Contemplou Elizabeth tomar o menino nos braços e sorrir, feliz. Depois, Georgie e ela desapareceram por outra entrada da casa.

Era Ned filho dele?

Tyrell se separou da terraço e de seu irmão e cruzou pensativamente a sala. Seu coração pulsava com força. Não era nenhum idiota. E, como de repente era evidente que Elizabeth não era mãe de Ned, se fazia igualmente claro que Ned podia muito bem ser filho dele. Depois de tudo, ele tinha notado tanto como qualquer um, sua assombrosa semelhança com o pequeno.

Seu filho... Estava extranhamente certo disso.

Elizabeth podia ter alegado que qualquer outro homem era o pai daquele menino, que não era dele. Não era necessário que se pusesse em uma situação tão humilhante e precária. Mas nenhuma só vez tinha negado expressamente que Ned fosse filho dele. De fato, falava de Ned mais como filho de Tyrell que como filho dela. Aquele comportamento, junto com suas próprias intuições, convenciam-no de que assim era em realidade.

Aquilo era assombroso, incrível, um presente inaudito. Ele sabia que devia ser cauteloso, pois não tinha nenhuma prova autêntica de que as coisas fossem assim, só um pressentimento e uma suspeita, mas não conseguia refrear-se.

De repente via com clareza o acontecido. Evidentemente, a cortesã que pôs o traje de lady Marión de Elizabeth no dia do baile de Todos os Santos ficou grávida. Tyrell não acreditava mais que Elizabeth tivesse decidido enganá-lo: era impróprio de seu caráter, como o teria sido ficar grávida de um desconhecido. Não conseguia imaginar o que tinha

provocado aquela mudança. Algum dia teria que perguntar o que tinha acontecido exatamente. Mas já não estava certo de que importasse muito.

Tampouco conseguia entender por que a impostora não tinha ido até ele ao saber que esperava um filho. Em lugar de fazê-lo, tinha recorrido a Elizabeth, o que indicava que tinha algum tipo de relação com ela. Tyrell desejou que Elizabeth tivesse ido em sua busca então. Mas nenhuma das duas tinha querido se misturar no nome ou na fortuna dos De Warene. Pelo contrário, Elizabeth tinha adotado ao pequeno e se feito passar por sua mãe.

Possivelmente não tinha dado a luz ao seu filho, mas era a mãe de Ned em todos outros sentidos, e aquilo era ao mesmo tempo um golpe de sorte e um milagre. Ao fim, Elizabeth não era uma farsante. Não era uma fria e ardilosa embusteira, nenhuma trapaceira. Era aquela moça tímida, amável e bonita que não tinha pretendentes, que só um estranho giro do destino tinha colocado em tal situação.

Tyrell admirava sua valentia e sua capacidade de sacrifício.

— Por fim olha a seu filho como se acreditasse que é realmente seu —comentou Rex.

Tyrell não vacilou.

— Nunca disse que não acreditasse que seja carne de minha carne e sangue de meu sangue.

Rex o olhou com incredulidade.

— Ouvi dizer que vai hoje a Pale.

Tyrell se voltou.

— Sim, é certo. E sei o que quer me perguntar, assim lhe direi. Eles vêm comigo.

— Suponho que se refere à senhorita Fitzgerald e a seu filho.

— Sim. Agora, desculpa-me?

Antes de que pudesse voltar-se, Rex o agarrou pelo braço.

— Não voltarei a falar disto, mas a senhorita Fitzgerald é uma jovem excelente e merece algo melhor que a desonra que tem feito cair sobre ela.

Tyrell se afastou bruscamente, preso da culpa. Saiu apressadamente ao vestíbulo. Estava muito consciente de que seu irmão tinha razão. Antes de arrebatá-la Elizabeth sua inocência, quando acreditava que se tratava de uma perdida, de uma mulher sem escrúpulos, não tinha duvidado nem um instante em fazê-la sua amante. Agora aquilo lhe dava o que pensar.

Mas o que podia fazer? Já a tinha desonrado. Se não fosse o herdeiro, se fosse um filho menor, teria podido casar-se com ela, que era o que Elizabeth merecia. Começou a lhe doer a cabeça e teve a sensação de sentir-se apanhado. Seria o próximo conde de Adare e não havia dúvida a respeito de qual era seu dever. Seu casamento estava arranjado e ele não o questionaria... embora em parte queria fazê-lo. Em parte, inclusive imaginava Elizabeth como a próxima condessa. Seria generosa e amável, amada por todos...Tyrell acreditava de todo coração.

Apoiou-se contra a parede. Doía-lhe a cabeça e sentia uma opressão no peito. Sabia que seus pensamentos eram uma pura traição. Agora, mais que nunca, seu rumo estava fixado. Ned era seu filho e, em todos os sentidos exceto no biológico, Elizabeth era a mãe do pequeno. Ele cuidaria de ambos. Ter uma amante e uma esposa não era a situação ideal, mas muitos homens não pensariam duas vezes. depois da noite anterior, não havia opção. Precisava de Elizabeth e era muito consciente disso. Ned também precisava. A vida de Tyrell se achava na corda bamba. A pressão o avisava para tomar cuidado e não dar um passo em falso. No momento, devia ser cauteloso e discreto. Elizabeth merecia todo seu respeito e seu amparo, mas o mesmo podia dizer de lady Blanche. E no futuro? Suas vísceras se esticaram em apenas pensar na situação. Uma vez que estivesse casado, daria um jeito de algum modo reunir sua vida com ambas as famílias. Se outros homens podiam, ele também.

Enrijeceu-se. Elizabeth, Ned e Georgie tinham entrado pelo outro lado do vestíbulo. Ela vacilou ao intuir sua presença e olhou para trás. Ao vê-lo, ficou quieta.

Tyrell se aproximou, deteve-se ante elas e fez uma reverência.

— Desfrutaram do seu picnic? —perguntou amavelmente, apesar de que o coração lhe batia descontrolado no peito. Só conseguia pensar em apertar Elizabeth entre seus braços e levá-la para a cama.

Elizabeth ruborizou.

— Sim, milord, muito, obrigado.

Tyrell olhou Ned, que estava junto à Elizabeth e o observava com severidade. Notava as emoções do pequeno: desconfiava dele e, ao mesmo tempo, desejava proteger a sua mãe. Então, sentiu tal alegria que só pôde ter um pensamento coerente.

— Tem que aprender a montar —disse.

Elizabeth se sobressaltou.

— Só tem um ano...

Tyrell sorriu e, ao ver seus olhos grandes e cinzas, cheios de assombro, recordou como se nublavam antes de alcançar o clímax.

— Eu em sua idade já estava subido nos lombos de um cavalo. Com meu pai, é obvio. Com sua permissão, deveria fazer o mesmo com ele quando chegarmos ao Wicklowe.

Elizabeth parecia incrédula.

— Você tem minha permissão, certamente, milord.

— E você também pode nos acompanhar, é obvio —acrescentou ele.

Ela sorriu com acanhamento.

— Acredito que não, milord.

Tyrell surpreendeu que se negasse, e até sentia uma dor diante de sua negativa.

— Nega? —perguntou, e quase esteve a ponto de acrescentar: «depois de ontem à noite?».

— Não —disse ela com um leve gemido que recordou seus gritos apaixonados da véspera— Não sei montar. Se tentasse, estou certa que cairia.

Tyrell se pôs a rir e, levado por um impulso, tomou sua mão, a levou aos lábios e a beijou. Assim que sentiu sua pele, esqueceu-se por completo de montar a cavalo. excitou-se bruscamente e imediatamente.

— Eu te ensinarei —murmurou, e pensou em tudo o que desejava lhe ensinar—. Te ensinarei tudo o que precisa saber, se me permitir isso.

Ela o olhou sem fôlego, com o rosto totalmente corado.

— Pode me ensinar o que quiser, milord —murmurou, e logo baixou as pálpebras.

Tyrell sentiu mais desejo que nunca antes. Soltou sua mão, o que não foi fácil fácil, e se inclinou ante ela.

— Até esta tarde —disse com voz áspera.

Ela não respondeu.

Ao dar-se conta de que nem sequer tinha saudado sua irmã, Tyrell inclinou finalmente a cabeça para ela. Então tocou a bochecha de seu filho. Nunca antes havia tocado o menino, e de repente vacilou, emocionado.

Aquele era seu filho. Ele sabia com cada fibra de seu ser, com cada pulsar de seu coração.

Ned sorriu. Sua desconfiança parecia haver desaparecido por completo.

Tyrell devolveu o sorriso. Logo se ajeitou, consciente do ardor de seu rosto, e se encontrou com o olhar fixo e surpreendido de Elizabeth. Por um instante se encararam e a única coisa que Tyrell viu foi seu filho e sua esposa.

Só quando se afastou foi que se deu conta do que tinha pensando, e se sentiu horrorizado.

Tyrell tinha decidido ir a cavalo a Wicklowe, junto à carruagem, montado em um formoso potro negro. Falaram pouco, mas Lizzie não se importou. Tinha a companhia de Georgie, Ned e Rosie, e estava simplesmente muito emocionada. Tinham passado a

primeira noite em uma estalagem, e viajaram durante quase todo o dia seguinte. Caía a tarde quando a carruagem transpôs por fim as grades altas de ferro fundido.

Lizzie apareceu na janela. O condado de Pale era famoso por suas mansões palacianas, construídas durante o século passado, quando a aristocracia irlandesa e britânica preferiam viver a poucas horas de Dublin, onde então tinha sua sede do governo. A carruagem tinha tomado uma ampla avenida de conchas amassadas, ladeada de árvores. Lizzie viu a mansão e deixou escapar um gemido de surpresa.

Da estrada até a mansão se estendiam verdes e exuberantes prados e magníficos jardins. A casa, de um branco deslumbrante e quatro ou cinco colunas, era quadrada e se achava um pouco afastada de um grande lago artificial que ocupava o centro da praça. Duas asas, com a metade da altura da parte central do edifício, desdobravam-se a ambos os lados. No meio do lago havia uma grande fonte de pedra calcária. E emoldurando aquele perfeito cenário estavam os Montes Wicklow e o céu de um azul brilhante.

— Isto é muito mais grandioso que Adare —disse Georgie, assombrada—. Não tem cinqüenta anos sequer. Me disseram que a construiu o avô do atual conde.

— É como um palácio —acrescentou Lizzie, perplexa. Ali era onde iam viver? Era possível? Aquela residência era digna dos condes e não de alguém de menor classe. Georgie sorriu.

— Pode acreditar? Este é seu novo lar!

— É nosso novo lar —respondeu Lizzie. Tinham acabado de rodear o lago, que estava flanqueado por cercas vivas perfeitamente recortadas, a maioria deles formando figuras fantásticas. A avenida se endireitava então e uns cem metros mais à frente se levantava a casa, cuja fachada estava desenhada como um templo romano. Lizzie viu que dela saíam os serventes. Todo o pessoal da casa se estava pondo em fila para receber o filho do dono, ao homem que algum dia seria seu amo e senhor, o próximo conde de Adare.

Lizzie se recostou contra as almofadas de veludo da carruagem. O que estava fazendo? Ela não era a esposa de Tyrell, a não ser sua amante, e de repente era muito consciente

disso. Não devia se importar com o que pensassem os criados, mas se importava. recordou-se que em Adare todo mundo tinha sido amável com ela. Mas ali tinha sido apresentada com grande tato; isto era completamente diferente.

A carruagem se deteve. Lizzie olhou Georgie.

— Entrei em Adare como uma convidada —disse—. Isto é muito violento, Georgie. Agora sou sua amante. E, para te ser sincera, decidi esquecer que lady Blanche é sua noiva e até que existe. É o único modo em que posso ser feliz.

—Talvez seja preferível que evite pensar nela e no futuro —disse Georgie, indecisa—. Não serviria de nada, não acredita? E Lizzie... Estou certa de que aqui também vai apresentar você como sua convidada —acrescentou com firmeza.

Lizzie sabia que Tyrell jamais a apresentaria como sua amante, mas isso era precisamente o que era. Todo mundo saberia logo a verdade... se já não soubessem. Lizzie estava muito consciente da rapidez como viajavam as fofocas. Assim que se difundisse a notícia da volta de Tyrell, começariam a chegar as visitas. Ela podia fingir que Blanche não existia, mas ali não viveriam em perfeita reclusão e logo a realidade apareceria. Durante o dia e meio anterior, tinha estado tão imersa em seus sonhos fantásticos que não parou pra pensar como seria sua vida de verdade. De repente se sentia assustada e insegura.

Mas não havia opção. Afligida pela angústia, compreendeu repentinamente quantas coisas tinham mudado desde que Tyrell a levou a cama. Agora o amava muito para afastar-se dele.

— Estão esperando que saíamos —disse Georgie, lhe dando uma palmada na mão.— Coragem, Lizzie.

Lizzie conseguiu sorrir a sua irmã e desceu da carruagem com ajuda de um laçao. Tyrell estava apertando a mão de um cavalheiro que Lizzie supôs ser seu administrador. Ela se voltou e tomou Ned pela mão.

— Mamãe? —perguntou o menino, cheio de curiosidade.

— Vamos viver aqui um tempo —disse ela em voz baixa. O coração pulsava a toda pressa.

Tyrell se voltou bruscamente, como se adivinhasse seus pensamentos. Sorriu e se aproximou dela. Vacilou, olhou-a nos olhos e finalmente tomou Ned nos braços.

— Vêem —disse a Lizzie.

Ela estava aturdida. O fato que Tyrell levasse Ned nos braços como se fosse seu pai era uma afirmação que não passaria despercebido a ninguém. Tyrell se aproximou da fila de criados que esperavam, com Ned nos braços.

— É um prazer estar de volta —disse— Os jardins estão em perfeitas condições e estou certo que quando entrar na casa a encontrarei também muito bem cuidada. Obrigado.

Lizzie começou a olhar com atenção aos criados da fila. Eram perto de cinqüenta. Distinguiu leves sorrisos de prazer e se deu conta que os serventes apreciavam a seu senhor e estavam ansiosos por receber seus cumprimentos.

— Querio apresentar à senhorita Elizabeth Fitzgerald —disse ele, com Ned ainda nos braços— A senhorita Fitzgerald vai ficar aqui indefinidamente, na qualidade de minha convidada. Todos seus desejos devem cumprir-se como se fossem meus.

Ouviram-se alguns murmúrios de compreensão e cinqüenta pares de olhos se cravaram nela. Lizzie se disse que não devia dar muita importância ao fato de que ele tivesse empregado a palavra «indefinidamente». Mas dizia a sério o que acabava de dizer? Ia ter ela o que quisesse?

— Sua irmã, a senhorita Georgina Fitzgerald, também está de visita —Tyrell sorria aos criados. — E agora eu gostaria de apresentar meu filho —acrescentou— Edward Fitzgerald de Warrenne.

Lizzie deixou escapar um gemido de assombro. Georgie a agarrou pelo braço para que não caísse. Não se ouviu nem um só murmúrio de surpresa, mas todas os olhares se fixaram em Ned. Nenhuma declaração poderia ter sido feita com maior firmeza, pensou ela, assombrada. Tyrell tinha reconhecido definitivamente Ned como seu filho. E acabava de

proclamar a ela sua mãe. Ao dizer isso, fazia algo mais que declará-la como sua amante. Tinha-lhe dado uma importância tremenda e tremendos direitos.

— Elizabeth? —voltou-se para ela e lhe indicou que se aproximasse.

Lizzie sentiu de novo que os olhares se voltavam para ela. Não podia imaginar o que ele diria a seguir. Aproximou-se. Ele sorriu e pôs Ned em seus braços.

— Pode decidir qual quarto é melhor para nosso filho —disse, baixando a voz— Mas prefiro que fique comigo na asa oeste, onde está o quarto principal —não era uma ordem; Lizzie viu um interrogação em seus olhos.

Olhou-o, incapaz de afastar a vista, e em seus olhos se formaram lágrimas de felicidade. Como podia negar-se, estando tão apaixonada? Aquilo era o que desejava seu coração, mais que nada no mundo... sempre que pudesse manter aquela fantasia e evitar qualquer pensamento relativo ao futuro.

— Não tenho nada que objetar, milord —murmurou com voz tremula.

Ele a tocou no rosto.

— Quero te fazer feliz. Se for o causador de suas lágrimas...

Ela agarrou sua mão e a apertou contra a face.

— Está me fazendo muito feliz —conseguiu dizer.

Tyrell sorriu.

— Smythe, Mostre à senhorita Fitzgerald a ala principal. Sua irmã se alojará nesta ala. Por favor, assegure-se de que nada falte à senhorita Fitzgerald e a sua irmã.

O mordomo, um homem alto e de porte distinto, fez uma reverência.

— Certamente, senhor.

— Ah —disse Tyrell—, Deveria você saber que a senhorita Fitzgerald gosta de cozinhar. Que tenha total acesso às cozinhas. Certifique-se de que dispõe de todos os ingredientes que necessite.

O mordomo pareceu surpreso, mas recuperou rapidamente a compostura. Voltou a inclinar-se.

— Certamente, milord.

Lizzie estava boquiaberta. Como sabia Tyrell que adorava cozinhar?

Ele sorriu.

— Ainda estou esperando que cozinhe algo para mim —murmurou. — eu adoro chocolate.

— Só tinha que pedir —respondeu ela de algum modo. Uma dúzia de doces de chocolate veio à imaginação, e se viu dando a Tyrell um a um, em uma noite de lua, em sua cama.

Ele fez uma reverência.

— Retiro-me à biblioteca, Elizabeth. Tenho muitos assuntos que revisar antes de me integrarr ao Tesouro, a semana que vem.

Lizzie assentiu com a cabeça.

— Claro —seu coração pulsava incontrolavelmente.

— Explora seu novo lar o quanto quiser —disse ele com um olhar quente. Inclinou a cabeça e se afastou.

Lizzie piscou à luz brilhante do sol e deixou Ned no chão. O mordomo estava ordenando que os criados voltassem para seus afazeres. Georgie sussurrou:

— Este é seu novo lar, Lizzie.

Lizzie a olhou.

— Seriamente está acontecendo isto?

— Se deu conta do que Tyrell acaba de fazer? Acaba de converter você na senhora de Wicklowe.

O jantar se serviu tarde e com a única companhia de Georgie. Lizzie tinha se sentado em um extremo da mesa em que cabiam quarenta pessoas. Georgie estava a seu lado. Acabavam de terminar um delicioso jantar a base de salmão, bacalhau assado e capões assados, com saladas, ervilhas, feijões verdes e batatas assadas. Tinha havido champanha e

vinho, branco e tinto, e os criados tinham servido bolo de ruibarbo de sobremesa. Lizzie só pensava e Tyrell, que, envolvido em seu trabalho, continuava encerrado na biblioteca, onde lhe tinham servido o jantar.

Lizzie mal provou um bocado do bolo. Quase tinha calafrios estar sozinha com sua irmã em uma sala tão grande, sentadas em uma mesa interminável. Lizzie olhou de novo a longa mesa. Embora não tivessem colocado mais talheres, havia uma dúzia de arranjos florais ao longo dela. Lizzie podia imaginar com toda facilidade, toda adornada com cristais e talheres de prata.

— Deviam receber muitos convidados aqui quando Dublin era ainda a sede do governo da Irlanda — sussurrou Georgie. Toda a noite tinham falado em sussurros, e não pelo criado que permanecia junto à parede, depois de Lizzie. Seus sussurros ressonavam como um eco. — Antes que o Decreto da União mandasse todo mundo a Londres.

— Quase posso sentir esta sala cheia de senhores e senhoras irlandesas — respondeu Lizzie em voz baixa. — Os homens com peruca empoeirada, meias, meias e sobrecasaca e as senhoras com grandes toucados e vestidos de noite. O conde devia ser muito pequeno naqueles tempos, não muito maior que Ned — se perguntou se Tyrell já estaria preparado para retirar-se. O coração lhe deu um salto ao pensar. Quase não podia conter a vontade de estar de novo em seus braços.

— Teria sido assombroso participar de noites assim, com tantas conversas intelectuais e debate políticos — disse Georgie — Naqueles dias, Dublin era o centro da moda. Pergunto-me que conversas terão tido lugar nesta sala. Debatiam aqui a respeito dos méritos da União? Da perda das colônias? Do motim do chá de Boston? Lizzie, seriamente é possível que estejamos aqui?

Lizzie sacudiu a cabeça.

— Fico me perguntando se não despertarei se me beliscar e descobrir que estava sonhando — tentou tomar a mão de sua irmã alongando o braço por cima da mesa, mas era

impossível— Estou cansada —não estava absolutamente e se ruborizou— Acredito que vou ver como está Tyrell e logo subirei a meu quarto. Importa-se?

Georgie nem sequer tentou dissimular seu sorriso sagaz.

— Que afortunada é! Sei que não é sua esposa, mas tem tudo o que tinha sonhado. E acredito que está apaixonado por você, Lizzie.

Lizzie se agarrou a beira da mesa. Desejava desesperadamente que sua irmã tivesse razão.

— Duvido.

Georgie se limitou a apertar os lábios.

— Estou muito feliz por você —disse por fim.

Lizzie se voltou para o criado.

— Bernard, faça o favor de me trazer a terrina da crème brûlée de chocolate que fiz antes.

— Sim, senhora —o criado fez uma reverência e saiu apressado da sala.

Georgie a olhou. Lizzie lhe devolveu o sorriso.

— Se Tyrell quiser o chocolate que fiz, seus desejos são ordens para mim.

Georgie rodeou a mesa e lhe deu um beijo no rosto.

— Que tenha uma noite agradável —disse.

— E você durma bem —respondeu Lizzie carinhosamente. Georgie saiu e Lizzie ficou sozinha no salão de jantar.

Mas não se sentia totalmente sozinha, pensou enquanto olhava cuidadosamente a seu redor. A casa não era velha, mas tinha sido testemunha de uma boa porção de história e, de algum modo, a sala não parecia vazia. perguntou-se, se estariam ali sentados os fantasmas dos ancestrais de Tyrell. Se fosse assim, não tinha medo, porque, apesar de seu tamanho, a sala lhe parecia extranhamente acolhedora, quase familiar. levantou-se e contemplou os diversos retratos pendurados nas paredes cobertas de painéis de madeira. Deduziu que

eram antepassados dos De Warene, e um retrato em particular chamou sua atenção. Lizzie se aproximou dele.

Era um quadro muito antigo. Lizzie calculou a que época pertencia pelas roupas e o estilizado método de pintura: o retratado aparecia em duas dimensões. Mesmo assim, e por plano que parecesse, tinha um rosto tão parecido e tão marcado com Tyrell que Lizzie ficou sem fôlego. Usava uma cota de malha. Lizzie não era muito aficionada à história, mas deduziu que aquele homem tinha vivido seis ou sete séculos atrás. inclinou-se para o quadro e tirou o pó da fina placa que havia na parte de baixo do marco. Por fim conseguiu ler a inscrição. Stephen de Warene, 1070-1171.

A antigüidade do retrato a deixou atônita. Aquele cavalheiro tinha que ser o pai fundador da família.

Bernard tinha retornado ao salão de jantar com uma bandeja de prata e o doce de chocolate que ela tinha feito para Tyrell.

— Obrigado —disse Lizzie, e surpreendeu o criado ao lhe tirar a bandeja das mãos— Eu levarei isto ao senhor — disse.

— Si me permite, senhora... Ela não tinha intenção de devolver a bandeja.

— Só tem que me mostrar onde é a biblioteca. Temo que ainda me sinto perdida nesta casa.

Uns minutos depois, achava-se sozinha frente a uma grande porta de madeira fechada, com a bandeja nas mãos. Seu coração pulsava enloquecidamente, sinal seguro de suas intenções ilícitas. tornou-se uma desavergonhada, pensou, depois de uma só noite de paixão. Mas acaso não devia sê-lo, uma amante? Nesse momento, só podia pensar em estar nos braços de Tyrelle unir seus corpos outra vez.

Não era, entretanto, o bastante atrevida para entrar sem chamar. Segurou com cuidado a bandeja e tocou ligeiramente à porta. Ouviu claramente a resposta de Tyrell lhe dizendo que entrasse.

Entrou na biblioteca e olhou com assombro em redor. A biblioteca era quase por inteiro de tijolo vermelho e tinha os mesmos tetos altos que o salão de jantar, que se estavam quase dez metros por cima dela. Duas de suas paredes estavam recobertas de altas estantes que iam até o teto, pintadas de um vermelho vivo e adornadas com marfim e ouro. Lizzie contou quatro lugares para sentar-se, extremamente opulentas, dominadas todas elas por sofás e poltronas estofadas em diversos tons de vermelho. Os móveis menores eram de cores douradas e bege. Havia também uma enorme lareira sob um suporte de mármore branco, com um espelho dourado de grande tamanho em cima. Apesar de que nela ardia um fogo, o resto do quarto estava em sua maior parte em sombras. Lizzie demorou um momento em localizar Tyrell atrás de sua mesa.

Estava sentado ao fundo do quarto, a uns quinze metros dela, com um só abajur de azeite junto a seu cotovelo. Parecia envolvido nas notas e cálculos que estava fazendo.

Lizzie não o tinha visto nunca ocupar-se de assuntos de governo, e de repente a importância de seu posto a encheu de assombro. Tyrell só tinha vinte e seis anos, mas apesar de sua idade era o ajudante do Comissionado do Tesouro na Irlanda, possivelmente o ministério mais lucrativo e capitalista do país. Nesse momento, ela intuiu sua absoluta dedicação a seu posto. Nunca o tinha admirado mais. Sabia também que era amável. E que era dele.

Ele levantou o olhar bruscamente. Lizzie tentou sorrir.

— Trouxe-te uma guloseima, meu senhor —disse com voz áspera, e se atreveu a entrar na sala— Espero não interromper.

Ele já não parecia interessado nas páginas que tinha diante de si. Não disse nada, mas seguiu olhando-a fixamente, sem mover-se. Não fazia falta, entretanto, que falasse. Lizzie percebeu o instante em que captava por completo seu interesse. converteu-se em uma mulher e entendia aquelas coisas. Ele se levantou lentamente.

— Você nunca poderia interromper, Elizabeth.

Ela sentiu um arrebatamento de alegria para ouvir seu nome saído dos lábios de Tyrell. Quis sorrir, mas não pôde. Havia muita tensão entre eles. Cruzou o amplo espaço que os separava enquanto ele continuava olhando-a sem piscar.

E se estremeceu de desejo. O olhar de Tyrell conseguia excitar seu corpo sem esforço até um nível febril. deteve-se perante a mesa.

— Crème brûlée de chocolate —murmurou.

Os olhos de Tyrell aumentaram, cheios de surpresa.

— Você fez? Quando?

—Esta tarde. Suas despesas estão muito bem sortidas. E seus desejos —acrescentou, consciente de quão rouca soava sua voz— são ordens para mim.

Ele apoiou as mãos sobre a mesa. Seus nódulos se tornaram brancos.

— Devo ser um homem muito afortunado —murmurou enquanto saía de trás da mesa.

Lizzie deixou a bandeja sobre a mesa.

— Mas ainda não provou nada —disse com suavidade, e afundou a colher no creme aveludado.

Ele se deteve, com o quadril apoiado contra a borda da mesa.

— Acredito ter provado o suficiente para saber até que ponto sou afortunado —disse com voz suave e baixa. Lizzie não podia interpretar mal a intenção de suas palavras. Sentiu que lhe ardiam as bochechas e se deteve com a colher na mão. Ele a agarrou pela mão. O coração de Lizzie deu um salto enquanto Tyrell guiava sua mão e a colher para sua boca. E, apesar de sua excitação, nesse instante desejava fazê-lo gozar com sua guloseima. Inclinou ligeiramente a colher dentro de sua boca e o doce de chocolate desapareceu. Viu-o tragar e o desejo de beijar sua garganta se apoderou dela. Agarrou com força a colher e esperou.

— Possui outros talentos, senhora, que ainda tenha que descobrir?

Ela se ruborizou de prazer.

— Você gosta?

— É, sem dúvida alguma, a melhor sobremesa de chocolate que já provei — respondeu ele com voz rouca.

Lizzie sentiu ainda mais feliz.

— Me alegro muito.

Tyrell se recostou na mesa, observou-a um momento e logo se voltou e afundou um dedo na taça. Depois voltou a olhá-la diretamente. Lizzie intuiu o que pretendia, mas sua intuição era ainda vaga.

— Milord?

As palavras não tinham saído ainda de sua boca quando Tyrell deslizou o dedo sobre seus lábios, cobrindo-os de chocolate. Sorriu maliciosamente e ela sentiu um ardor líquido entre as coxas. Agora compreendia todo aquele olhar cheio de atrevimento, OH, sim.

Ele levantou seu queixo. Lizzie se inclinou para ele e Tyrell sorriu antes de lamber o chocolate de sua boca.

— Milord... — ofegou ela, segurando-se em sua cintura.

E de repente se achou apertada entre seus braços e Tyrell se apoderou de sua boca em um beijo frenético e duro. Lizzie se agarrou a ele; a cabeça dava voltas. Sentia um prazer delicioso e se estremecia de desejo enquanto as mãos dele se deslizavam por suas costas e suas nádegas. Não podia passar nem um instante mais separada dele. Procurou os botões de sua camisa e puxou. Cederam (alguns saltaram) e deslizou as mãos sobre seu peito nu e duro. Enquanto o acariciava, assombrada de novo pela fortaleza de seu corpo, desabotoou rapidamente o vestido. Antes que pudesse piscar, Lizzie estava perante ele em roupa de baixo.

Tyrell continuava sentado na beirada da mesa e ela estava entre suas coxas. Ele a segurou para que não se movesse e lançou um sorriso malévolo.

— Tem algo a objetar? — e seu olhar deslizou por seus seios, que se viam claramente sob a camisa transparente.

— Minha única objeção é que demora muito em me despir — se ouviu dizer ela.

Os olhos de Tyrell se dilataram.

— Eu adoro os desafios —respondeu, e de um só puxão seu espartilho caiu ao chão. Depois, rasgou sua camisa em duas.

Lizzie piscou enquanto ele afastava o objeto. Tyrell agarrou o cós de suas anáguas. Ela tremeu e ele notou. O semblante de Tyrell se retesou. Desceu a roupa de baixo que ainda vestia Lizzie.

Lizzie viu aparecer seu umbigo, seguido por um arbusto de pêlo avermelhado. Já não podia respirar. Tyrell empurrou os objetos até seus pés e ao erguer-se murmurou:

— Alguma outra objeção, Elizabeth?

Ela não podia falar, e com razão. Ele roçava seus seios com a mão, mal acariciando. Depois, começou a tocar brandamente seus mamilos duros. Ela fechou os olhos e mordeu o lábio para não gemer, mas fracassou.

— É decididamente formosa —murmurou ele.

Lizzie abriu os olhos bruscamente. Ele estava contemplando seu corpo nu com uma expressão cheia de ânsia e assombro. Nesse momento, Lizzie soube que era a mulher mais desejável do mundo. Ela sorriu ligeiramente.

— Quero te fazer gozar —murmurou—. Quero te dar prazer.

Lizzie se arqueou para ele. Enquanto Tyrell se inclinava para saborear seus seios, murmurou:

— Pode me dar prazer, meu senhor, tirando a roupa.

Ele se ergueu lentamente e tirou a camisa aberta. Cada um de seus movimentos fazia que os músculos de seu peito, de seu torso e de seus braços vibrassem sob a pele. Lizzie não se moveu. Estava hipnotizada. As calças de camurça de Tyrell não deixavam nada à imaginação. Justo por debaixo da cintura, Lizzie distinguia claramente a ponta de seu membro ereto.

— Estou te assustando? —perguntou ele com aspereza.

Ela conseguiu de algum modo negar com a cabeça e esticar a mão. Sua carícia foi breve, mas a encheu de prazer. Ele a apertou então contra seu peito com um grunhido. A fricção sedosa entre a pele nua de ambos fez Lizzie perder por completo a razão. Gemeu e levantou para ele a boca aberta para que a beijasse. Tyrell afundou a língua profundamente entre seus lábios. Lizzie sentiu que seu membro pulsava contra seu ventre e começou a gemer.

Queria dizer-lhe tudo: quanto o amava, como o tinha querido desde o momento em que ele a resgatou quando tinha dez anos. Queria lhe oferecer muito mais que o presente de seu corpo ou de seu amor. Queria lhe contar a verdade a respeito de Ned e lhe dar o maior presente de todos: seu filho.

Mas se achava em seus braços e ele a estava levando ao sofá enquanto cobria de beijos seu rosto, sua garganta e seus seios.

— É ainda tão inocente... —murmurou de repente—, mas é também a mulher mais sensual que conheci. vou ensinar você a fazer amor, carinho, se me deixar.

Lizzie estava de costas sobre o sofá e Tyrell descia sobre ela, magnificamente nu. Ela compreendeu que logo se desfaria em pedaços. Abriu os braços para ele.

— Me ensine o que quiser, mas acredito que será melhor que se apresse.

Tyrell montou sobre ela, com uma risada áspera, e ela deixou escapar um gemido de prazer e passou as mãos por suas costas musculosa. Ele esfregou o rosto contra seus seios e murmurou:

— A primeira coisa que tenho que te ensinar é a ter paciência, acredito. É uma pena desperdiçar nosso amor apressando-se.

Lizzie conseguiu abrir os olhos. Seu corpo palpitava, ansioso, mas teve a suficiente coerência para ouvir suas palavras. Tyrell, entretanto, estava beijando seu lado, sob seus seios, e todo pensamento se desvaneceu. Ele deslizou ainda mais abaixo e saboreou seu ventre de tal modo que Lizzie não pôde suportar. Nunca havia sentido tal excitação como

quando o fôlego de Tyrell roçou a união entre suas coxas. Já não podia respirar. Então a ousada língua de Tyrell começou a acariciá-la.

Começou nesse instante uma dança delicada em que a língua se esfregava contra a carne turgente, roçava-a como uma pluma, apertava, acariciava, lambia.

Lizzie estalou, rompeu-se em mil pedaços e se perdeu no universo. Ofegante e tremendo, continuava sentindo, entretanto, dolorosamente excitada. Tyrell continuou acariciando-a com a língua e ela deixou escapar um gemido, sem saber se devia suplicar que parasse ou exigir que continuasse. Ele murmurou sem deixar de tocá-la:

— A segunda vez será melhor, me acredite, carinho.

Lizzie tentou protestar, mas a língua de Tyrell se afundou em seu sexo e ela se sentiu vacilar a beira da dor. E, de repente, chegou a liberação.

Lizzie soluçou de prazer.

Quando por fim retornou flutuando ao sofá, Tyrell estava sentado e a abraçava brandamente enquanto acariciava o braço e o seio e beijava seu cabelo e seu ombro. Lizzie respirava trabalhosamente, incapaz de acreditar o intenso prazer que tinha experimentado. Continuava aturdida. A mão de Tyrell deslizou por seu ventre e cobriu seu sexo.

— Quer que te faça gozar de novo, Elizabeth? —perguntou ele com voz densa.

Ela começava a recuperar a razão. voltou-se para olhá-lo nos olhos.

— Não sei se poderia suportar.

Ele a olhou com luxúria mal que contida.

— Quanto mais acredita que pode suportar?

Ela estava terrivelmente inflamada de desejo, mas tomou consciência do dilema de Tyrell. Fechou os olhos um momento e elevou a mão para acariciar seu sexo grande e ereto. Tyrell se esticou e o sentiu sufocar um áspero gemido.

Lizzie levantou o olhar. Compreendeu o que ocorria e de repente se sentiu poderosa. Seus dedos se fecharam lentamente em torno de seu verga. Com a mesma lentidão sorriu.

— Faz um jogo muito perigoso —disse ele.

— Não —murmurou ela, tremendo e consciente de um novo e intenso desejo— Com você nunca brinco, milord.

Ele respirava trabalhosamente. E, mal consciente do que fazia, Lizzie se inclinou sobre ele, certa de que aquilo seria para Tyrell um suplício, tocou com a língua seu sexo, tremendo de excitação. Ele estremeceu. Agarrou sua mão e Lizzie pensou por um momento que, em seu frenesi, que sua excitação aumentava.

— Sabe o que faz? —gemeu ele, assombrado.

— Não —respondeu ela, extranhamente certa de si mesmo. E pôs a língua sobre seu sexo, como ele tinha feito pouco antes com ela.

Tyrell começou a ofegar.

Lizzie percorreu cuidadosamente seu sexo. Ele grunhiu, e de repente ela estava deitada de costas. Tyrell tocou se rosto com uma mão.

— Deve me dizer se começar a te machucar —disse. Suava pelas têmporas, e Lizzie notou que o suor de seu torso umedecia seus seios. Nesse momento, compreendeu até que ponto estava se refreando Tyrell.

Sorriu e tomou seu amado rosto entre as mãos.

— Você nunca poderia me machucar, meu senhor. Amo você muito —disse.

Os olhos de Tyrell aumentaram, cheios de perplexidade. Lizzie se deu conta do que havia dito, mas, enquanto começava a angustiar-se, ele deixou escapar um gemido e, afastando o olhar dela, afundou-se por completo em seu interior.

Lizzie se esqueceu de sua declaração, terrível mas sincera. O sexo de Tyrell a enchia por completo, perfeitamente, quente, duro e úmido. Ela começou a ofegar de prazer; palpitava em torno dele, contra ele, até que não pôde refrear a tensão crescente. Tyrell se deu conta. Deixou escapar um grunhido de satisfação quando Lizzie estalou, convertida em uma parte dele, e se moveu enquanto continuava olhando-a, cada vez mais forte e mais rápido. Lizzie o amava loucamente. De algum modo conseguiu tomar seu rosto entre as mãos. Chorava enquanto se deixava levar pelo clímax.

— Sei —acreditou o ouvir dizer, e ele a apertou com mais força—. Sei, Elizabeth.

UM DILEMA MORAL

Sentada na cama que tinha compartilhado com Tyrell, Lizzie se cobria com o lençol o peito nu, afligida por um amor tão intenso que era quase insuportável. Dormiu até tarde. As imagens da noite anterior desfilavam uma e outra vez por sua cabeça: algumas ardentes e frenéticas, outras tenras e carinhosas. Tyrell a havia possuído de todos os modos possíveis e Lizzie se ruborizou ao pensar nisso. Mas, o que era muito mais importante, ele a tinha abraçado quando não estavam fazendo amor, como se a amasse.

Lizzie vacilou. Queria levantar-se, mas não tinha roupa. A última vez que a tinha visto, sua roupa estava no chão da biblioteca, pois Tyrell a tinha levado nos braços ao andar de cima, coberta com uma manta. Seu armário estava em seu dormitório, ao final do corredor.

Sorriu enquanto olhava a luxuosa cama em que tinha dormido. Sem dizer nada, Tyrell tinha deixado claro que queria que passasse toda a noite com ele, e isso tinha feito ela, ficando adormecida em seus braços.

Era tão feliz que se sentia flutuar.

Tirou um lençol da cama, levantou-se e se envolveu nele. Se aproximou das cortinas e as abriu. Tinha razão, era muito tarde: o sol estava tão alto que devia ser perto de meio-dia. sorriu. Sentia-se maliciosa e lasciva, e isso lhe resultava encantador.

Aproximou-se da porta do quarto e a encontrou firmemente fechada. Abriu-a com a esperança de encontrar Tyrell na sala de estar. Mas esta estava vazia: certamente Tyrell estava com o administrador, inspecionando o imóvel, ou na biblioteca, repassando as contas do ministério. Então viu a mesa. Estava posta para uma pessoa, repleta de cristal,

faqueiro de prata e porcelana, e o aroma que saía dos pratos cheios e do bule de prata a convenceram de que seu café da manhã a aguardava.

Estava claro que Tyrell tinha pedido aos criados pusessem a mesa e lhe levassem a comida. Era tão atencioso que Lizzie encheu os olhos de lágrimas.

Nesse momento, devia ser a mulher mais afortunada sobre a face da terra.

Aproximou-se da mesa e, ao levantar a tampa de um prato, descobriu uma omelete, tortinhas e salsichas. O vaso de flores tinha um ramo de rosas vermelhas. As rosas vermelhas eram para os amantes, e isso eram os dois.

— Tem fome? —perguntou Tyrell brandamente.

Ela se voltou e o viu sair do dormitório abotoando a jaqueta azul escura que acabava de vestir. Lizzie não se deu conta de que estava no vestiário ao levantar-se.

Tyrell tinha um leve sorriso no rosto e um olhar cheia de calor e afeto. Lizzie conseguiu assentir com a cabeça, turvada por seu modo de olhá-la.

— Muita —murmurou. Compreendeu que ele não pensava acompanhá-la no café da manhã. Mas ansiava que ficasse, embora só fosse um momento.

Ele entrou na sala de estar e deslizou o olhar por seus ombros nus, até o lençol em que ela havia se enrolado. Entreabriu rapidamente as pálpebras, escondendo o súbito brilho de seus olhos. Passou a seu lado e Lizzie se deu conta de que uma donzela tinha tirado sua camisola de renda e uma bata. Tyrell recolheu esta última e se deteve seu lado:

— Posso?

Lizzie assentiu. Tyrell tirou o lençol até fazê-lo cair a seus pés e deslizou a bata sobre seus ombros. Suas mãos se detiveram ali. Lizzie colocou lentamente os braços nas mangas, consciente de que ele contemplava sua nudez com algo mais que admiração. Nunca se havia sentido tão sensual, nem tão feminina. Olhou-o lentamente enquanto fechava e atava a bata.

— Por estranho que pareça —disse ele por fim—, desejo você outra vez.

Lizzie nunca tinha sonhado que pudesse albergar sentimentos tão intensos por ninguém, nem sequer por ele, Tyrell. E o desejo tinha começado a elevar-se de novo rapidamente.

— Eu também desejo você, milord.

— Já vejo —respondeu ele com voz áspera— Como é possível? Acaso não te saciei ontem à noite?

Ela se ruborizou.

— Claro que sim. Não o saciei também? —atreveu-se a perguntar abertamente.

E se surpreendeu ao ver que ele também ruborizava.

— Senhora, nunca desfrutei tanto de uma noite. Não acredito que tenha me deixado dormir um só instante.

— Milord, foi na verdade o contrário, não há dúvida.

Ele sorriu.

— Tyrell. E foi você quem me provocava constantemente. Nem ocorra me jogar a culpa.

Lizzie tentou não sorrir e cruzou os braços.

— Milord —protestou, e ele levantou as sobrancelhas— Tyrell —se corrigiu ela— foi terrivelmente feroso e eu não fiz nada mais que te seguir e satisfazer a vontade.

As covinhas do rosto dele se acentuaram.

— Minha querida Elizabeth —murmurou, e seu coração parou— é a mulher mais sensual que tive o prazer de conhecer. É possível que não tenha consciência de sua beleza?

Quando se move de certa maneira, está dando combustível a meus apetites viris.

Ela moveu os quadris três vezes.

— E se rebolo?

Ele a atraiu para si.

— Desavergonhada! Conhece muito bem o alcance de seus poderes — beijou a orelha e ela estremeceu.

Lizzie se esfregou contra seu membro ereto.

— Só porque me ensinou muito bem, e muito rapidamente —murmurou—, Tyrell.

Ele a agarrou pelas nádegas.

—Hoje tenho muitas coisas que fazer — sussurrou ao ouvido.

Lizzie deslizou as mãos sob sua camisa, sobre sua pele quente e seu peito duro. Levantou o olhar para seus olhos entreabertos.

— Sim, hoje tem muito que fazer —murmurou—. depois de tudo, não é um cavalheiro? Não resgatará a uma dama em apuros?

Ele proferiu um gemido de rendição.

— Aprecio minha nobre natureza e jamais abandonaria a uma dama precisando de auxílio —sussurrou.

Lizzie queria sorrir, mas não pôde, porque ele tinha desatado sua bata e de repente estava nua e ele estava acariciando seus seios.

— Você ganha, minha senhora —disse Tyrell com aspereza— Me considere seduzido.

Três dias depois, Lizzie estava tomando chá com Georgie em uma terraço da parte de trás da casa. A vista sobre os Montes Wicklow era esplêndida. Lizzie não se cansava dela. Georgie, por sua parte, desfrutava do dia quente e ensolarado e da esplêndida majestade do campo irlandês. Tyrell tinha partido ao amanhecer a Dublin, onde tinha numerosas reuniões às que assistir antes de voltar a encarregar-se de seu posto na semana seguinte. Ned dormia no quarto das crianças.

— Senhora? —disse Smythe atrás deles.

Lizzie acabava de levantar sua taça de chá e se voltou com um sorriso. Viu que seu pai se aproximava com o mordomo e deixou escapar um gemido de surpresa, derramando um pouco o chá. Conseguiu deixar a taça na mesa e se levantou, encantada de ver seu pai.

— Papai!

Mas ele não sorria. Inclinou a cabeça para agradecer ao mordomo.

— Lizzie —a beijou na bochecha—. Georgie —também beijou a sua irmã, que tinha se posto em pé e parecia igualmente surpreendida de vê-lo ali.

Lizzie compreendeu imediatamente que algo ia mal.

— Senhor Smythe, importaria-se trazer mais chá e sanduíches? Obrigado —o mordomo partiu e ela agarrou as mãos de seu pai—. Aconteceu algo? É mamãe?

Ele deu um passo atrás e a olhou fixamente.

— Sua mãe tem o coração partido e está muito fraca. Sofre uma melancolia extrema. Vocês duas destroçaram sua vida.

Lizzie ficou tensa e olhou Georgie.

— Papai —disse sua irmã—, antes estava de acordo comigo a respeito de Peter Harold. Nunca me senti mais aliviada. Não posso mudar de idéia.

Seu pai tinha uma expressão severa.

— O senhor Harold se comprometeu em casamento com uma dama de Cork, assim sem dúvida não te aceitaria. Mas vir aqui com sua irmã? É que não tem vergonha?

Georgie ficou rígida e voltou a olhar a Lizzie. E esta começou a compreender.

Quando seus pais a tinham deixado em Adare, ela era uma convidada dos De Warrenne, não a amante de Tyrell. Quão rápido tinha viajado a notícia de sua desonra! E Georgie se via salpicada triplamente: primeiro, por sua relação com Lizzie como mãe solteira; depois, pela ruptura de seu compromisso e agora por residir em Wicklowe, com sua desavergonhada irmã.

— Isto é lindo no verão —começou a dizer com voz estranha e pastosa pela dor.

Seu pai levantou a mão.

— Não comece com suas argumentações. Não há nenhuma que valha. E você não é em realidade a causadora da pena de sua mãe —fixou em Lizzie um olhar desesperado— Quería falar com você a sós.

Lizzie assentiu com a cabeça, cheia de temor e aflição.

— Papai —disse Georgie— conheço todos os segredos de Lizzie. Por favor, não me obrigue a abandoná-la agora.

Antes de que seu pai pudesse responder, Lizzie a tomou pela mão.

— Possivelmente seja melhor que falemos em particular —Georgie resistia visivelmente a deixá-la—. Estarei bem —acrescentou Lizzie, certa que não era verdade.

Georgie assentiu e, à beira das lágrimas, saiu da terraço e os deixou sozinhos.

— Como pôde fazer isto? —perguntou seu pai com voz densa— Como, Lizzie?

Lizzie sabia a que se referia. Seu pai queria saber como podia viver abertamente com um homem que não era seu marido.

— Estou muito apaixonada, papai —começou a dizer com nervosismo.

— É sua amante! Vive aqui abertamente! Todo mundo sabe e não se fala de outra coisa.

— Amo-o —soluçou ela, sem saber que mais dizer.

— Acaso não tem vergonha? —perguntou seu pai com lágrimas nos olhos.

Lizzie não respondeu. A resposta era evidente. Mas, nesse momento, sentia-se ainda mais envergonhada: sentia-se afligida pela má consciência. Nunca tinha sonhado que, ao satisfazer seu amor por Tyrell, feriria de tal modo a seus pais. Nunca tinha visto seu pai tão angustiado.

— Isto é uma desgraça —soluçou ele—. Santo Deus, nunca acreditei que chegaria o dia em que teria que me envergonhar de minha filha preferida.

Lizzie começou a chorar. Considerava-a seu pai pouco mais que uma prostituta?

— Sinto muito.

— Isso não basta! E é muito tarde para lamentar-se, não acredita? Embora o deixasse agora, isso não mudaria o que aconteceu nestas últimas semanas. Ninguém esquecerá nunca sua desonra e, por causa disso, sua irmã não encontrará marido. Por causa disso, sua mãe e eu nos vemos rechaçados por todos. Estamos por fim completa e irrevogavelmente arruinados.

Lizzie se sentou bruscamente, presa pela culpa e a dor. No que tinha pensado ao aceitar a proposta de Tyrell? Como podia ter sido tão egoísta e desconsiderada?

Mas, desde sua chegada a Wicklowe, era feliz.

— Não me importa por mim mesmo —disse seu pai iradamente— Nunca gostei desses bailes e dessas festas. Mas mamãe não tem amigas. Não a convidam mais a um só chá. Como acredita que sobreviverá?

— OH, Deus —murmurou Lizzie, chorando—. Não pensei, papai. Não imaginei que mamãe pudesse converter-se em uma pária. Não queria fazer mal a ninguém. Só queria que Tyrell reconhecesse que Ned é filho dele.

Seu pai se ajoelhou ante ela e segurou suas mãos.

— E você, Lizzie? Sei que o ama. Ninguém sabe melhor que eu que não se comportaria deste modo se não fosse assim. Mas esse homem está comprometido com outra. No outono se casará com outra mulher. O que fará então? Ser sua amante? Será feliz então?

Lizzie o olhou triste, com o coração apertado. Durante a semana anterior, negou-se a pensar no futuro e na noiva de Tyrell. Inundou-se em seu amor, em sua paixão e em cada momento que passava com Tyrell.

— Vejo que não pode me responder. O que fará quando te puser de lado, o que sem dúvida fará cedo ou tarde? —Lizzie afastou o olhar—. Os homens não têm amantes velhas. Maldita seja, Lizzie, o que fará quando se cansar de você? —perguntou seu pai.

— Não sei —gemeu ela, pois de repente imaginava o dia em que Tyrell já não a desejaria. E aquilo doía muito—. Não sei! —mas sim sabia: morreria com o coração partido.

Seu pai ficou em pé e enxugou os olhos com um lenço de linho. Lizzie só pôde olhá-lo. A consciência do que tinha feito à sua família, de como tinha destruído seu bom nome e sua felicidade, punha-a doente. E de repente o futuro se abatia sobre ela, cinza e ameaçador. Tinha sido uma tola ao ignorá-lo, ao pensar que podia fingir que não existia.

Seu pai se voltou para olhá-la.

— Amo você —disse com aspereza—, mas não tenho opção. Devo cuidar de mamãe. E também tenho que salvar Georgie, se é que é possível. Lizzie começou a tremer.

— Não, papai...

— Georgie vem para casa comigo —anunciou ele, muito pálido—. E vou te deserdar, Lizzie.

Ela fechou os olhos. Uma terrível angustia ocupou o lugar da perplexidade.

— Não —murmurou—. Papai...

— Não resta mais remédio, se quero salvar a reputação do resto da família —disse ele com voz estrangulada. E, cobrindo o rosto com as mãos, pôs-se a chorar.

Tinha razão, pensou Lizzie enquanto chorava. Se sua família a deserdasse publicamente, a boa sociedade perdoaria seus pais e acabaria por recebê-los de novo em seu seio. Lizzie abriu os olhos, mas não viu nada. As lágrimas nublavam sua vista.

— Sinto —disse seu pai—. Mas já não pode ser minha filha.

— Entendo —soluçou ela.

Seu pai tinha lágrimas nas faces. Deu meia volta e se deteve em seco ao ver Georgie no terraço, atrás dele.

Ela também chorava, mas mantinha a cabeça erguida.

— Fico com Lizzie —disse.

O jantar foi espantoso.

Seu pai se foi definitivamente. Era impossível saber se Georgie também seria deserdada por haver-se negado a retornar a Raven Hall. Tyrell voltou pouco antes das sete. Georgie e Lizzie já estavam sentadas à longa mesa do salão de jantar, em completo silêncio, quando se reuniu com elas para jantar. Lizzie temia olhá-lo. Não queria que soubesse o que tinha acontecido, e não só por seu orgulho. Estava afligida, e de repente se envergonhava de sua relação e das terríveis decisões que tinha tomado.

Ele as saudou e se sentou entre elas. Lizzie conseguiu sorrir e evitou rapidamente seus olhos enquanto os criados começavam a servir o jantar. Georgie estava pálida e sabia que parecia angustiada. Notou que Tyrell as olhava sentido a tensão e com crescente preocupação. Serviram um assado de cordeiro com batatas e feijões verdes. Lizzie não tinha apetite. Tomou sua taça de vinho, notou o quanto que tremia sua mão e a afastou imediatamente. Olhou a Tyrell furtivamente. Ele a estava observando com os olhos entreabertos. Deu um sorriso triste e recolheu sua faca e seu garfo.

— O que está acontecendo aqui? —perguntou ele no meio do denso silêncio.

Georgie se levantou bruscamente.

— Milord, Lizzie precisa deitar-se; nos desculpe, por favor —sorriu alegremente e rodeou rapidamente a mesa para ajudar Lizzie a levantar-se. Tyrell a olhou fixamente e Lizzie o reteve um momento. De algum modo conseguiu lhe sustentar o olhar.

—Só estou um pouco enjoada —murmurou—. Se importa que vá me deitar e que me atenda minha irmã?

Tyrell, que a olhava com atenção, sacudiu a cabeça.

— Claro que não. Quer que mande chamar um médico?

Lizzie encolheu os ombros. Já não podia falar. Georgie a levou fora da sala. Não falaram até que chegaram ao dormitório principal.

— Quer que peça vinho? —perguntou Georgie.

Lizzie se deixou cair no sofá, ante a lareira.

— Georgie, o que fiz?

Sua irmã se sentou a seu lado.

— Não sei. Mas foi muito feliz, Lizzie.

— Mamãe não tem amigas! Ninguém vai visitá-los. Ninguém os convida! morrerá!

— Isso é um mito —disse Georgie com firmeza—. Ninguém morre por ter o coração partido.

Lizzie a olhou.

— O que devo fazer? —perguntou, angustiada—. Destruí o nome de minha família. Não é isso um egoísmo? Não é abominável? Não é desprezível?

— Lizzie —disse sua irmã em voz baixa—, não estará pensando em deixar Tyrell?

Lizzie se pôs a chorar. Como ia ficar ali e pôr mais pregos no ataúde da desonra de sua família? E o casamento de Tyrell com lady Blanche? antes de partir de Adare, tinha ouvido rumores de que o casamento se celebraria no outono. E tinha também Ned, que merecia ter um pai.

Nada daquilo era bom... salvo o amor genuíno que ela sentia por um homem com o qual não devia estar.

Chegou então à conclusão de que aquilo estava bem. Não devia desejar um homem que pertencia a outra.

Tyrell entrou no quarto.

— Senhorita Fitzgerald, desejo falar com Elizabeth a sós —disse a Georgie. Não era um pedido.

Mas Georgie se levantou, voltou-se para ele e ergueu os ombros.

— Milord, minha irmã não se encontra bem. Não pode esperar até manhã?

— Não, não posso —respondeu ele claramente.

Georgie não se moveu.

Lizzie levantou o olhar e enxugou os olhos com as pontas dos dedos.

— Não é nada, Georgie.

Sua irmã vacilou.

— Liz, se precisar, mande me buscar.

— Prometo —disse isso Lizzie com um sorriso leve.

Georgie conseguiu lançar a Tyrell um olhar de advertência que ele ignorou, e saiu do quarto. Tyrell olhou a Lizzie.

— Por sua expressão eu diria que alguém morreu —Lizzie sacudiu a cabeça—. Seu pai esteve aqui hoje —acrescentou Tyrell— O que te disse para te transtornar até esse ponto?

—a surpreendeu que soubesse da visita de seu pai— Elizabeth, só tive que perguntar se tinha acontecido algo. Só teve uma visita. Smythe me informou em seguida isso. O que te disse seu pai?

Lizzie olhou as mãos.

— Amo tanto a papai... —murmurou. Ele aguardou— Sabe. Sabe que sou sua amante. Estão desonrados. Todos estão os deixando de lado. Com o coração quebrado. Não tenho vergonha, Tyrell —soluçou. — Sou tão terrivelmente egoísta!

Tyrell se ajoelhou junto ela e tomou suas mãos.

— Não! Eu a obriguei a isto. Se alguém tiver a culpa, sou eu.

— Destrocei-os —murmurou ela enquanto tentava não chorar. Queria apoiar-se nele e que a abraçasse; queria afastar-se e fugir dele imediatamente, enquanto ainda podia... se ainda podia.

Ele acariciou sua bochecha.

— Eu arrumarei. Farei que os convidem a todas as festas que dêem em Adare. Do mesmo modo que protegi a você, protegerei a eles. Não chore, amor.

— Pode fazer isso? —Lizzie sentiu por fim uma leve ponta de esperança.

Ele a beijou brandamente.

— Claro que posso, Elizabeth. Removeria céu e terra para que não sofresse. Encarregarei-me de que sejam aceitos nos mais altos círculos da sociedade, mas não pode me deixar —disse, e seus olhos brilharam com uma perigosa advertência.

Ela estava aturdida. Tyrell tinha intuído de algum modo que estava a ponto de abandoná-lo. Seria maravilhoso que ajudasse a seus pais a retornar ao seio da boa sociedade, mas isso não arrumaria tudo.

O futuro continuava ali. Lizzie não podia continuar fingindo que não existia e que não a incluía de modo algum.

— Elizabeth —disse Tyrell como se soubesse o que estava pensando—. Por favor, me olhe.

Ela apertou suas mãos e obedeceu.

— Fui tão feliz... —murmurou.

— Sei —disse ele com um leve sorriso— Quero que seja feliz. Deixe que te faça feliz — acrescentou, e seus olhos se escureceram—. Me deixe te levar a cama.

Fazer amor era a última coisa que pensava Lizzie, e não resolveria nada.

— Seriamente introduzirá a meus pais na alta sociedade? É possível sequer? — perguntou, trêmula e consciente de que não devia aferrar-se a aquela migalha.

Mas ele não respondeu a princípio. Beijou-a com urgência e Lizzie se abriu para ele. Tyrell se afastou por fim quando ela era já presa de um fogo feroz que só ele podia apagar.—Se eu der minha palavra, é coisa feita, e lhe estou dando. Não tem que preocupar-se por seus pais —e voltou a beijá-la, mas esta vez deslizou a mão sob seu sutiã e sobre seu seio.

O desejo lutava com o dilema moral que ela tinha tentado evitar. Se seus pais fossem aceitos na alta sociedade, perdoaria-a seu pai? Seria feliz sua mãe? Embora ela ficasse em Wicklowe, como amante de Tyrell, durante um tempo?

— Elizabeth! —exclamou ele. E era uma ordem, pois notava claramente que só estava brindando seu corpo ansioso e não sua atenção. Sustentou seu rosto entre as mãos e a obrigou a olhar seus olhos ardentes e duros—. Não vai deixar-me —disse com aspereza—. Nem agora, nem nunca. Solucionaremos isto juntos.

Ela sentiu sua autoridade e não pôde seguir resistindo. De todos os modos, não queria abandoná-lo. rendeu-se.

— Não partirei —murmurou enquanto ele enxugava suas lágrimas com beijos e desabotoava os botões das costas de seu vestido.

Mas as palavras que Lizzie não havia dito ressonavam como um eco. «Ainda não».

Tyrell afastou a boca da sua e seus olhares se encontraram, como se a tivesse ouvido expressar em voz alta aquela terrível ideia.

Lizzie tentou sorrir, mas não pôde.

Tyrell a levantou nos braços e a levou ao quarto. E, depois que a colocou na cama, Lizzie o abraçou. Suas bocas se renderam, suas roupas desapareceram e ele se afundou freneticamente nela.

Era como se ouvisse o tictac de um relógio contando as horas e ambos soubessem.

Tyrell tomou consciência de que começava a sair o sol. Seu resplendor rosado penetrava no quarto em penumbra. Estava sentado no sofá, em frente à lareira, com a cabeça entre as mãos e um copo vazio aos pés, no chão, vestido unicamente com suas calças. O fogo se foi enfraquecendo até ficar reduzido a cinzas, mas horas antes, quando tinha deixado Elizabeth adormecida em sua cama, era uma chama viva. Tyrell esfregou com os dedos as têmporas doloridas. A dor não fez nada a não ser aumentar.

«Não voltarei a falar disto. Ela merece muito mais do que você pode lhe dar e você sabe».

As palavras de Rex estavam atormentando-o toda a noite. Mas mesmo na semana anterior, quando ainda estava em Adare, tinha compreendido que seu irmão tinha razão. Elizabeth merecia um lar próprio. merecia ter um marido, não um amante, e felicidade, não vergonha, e, conhecendo-a tão bem como a conhecia agora, sabendo o boa e sincera que era. Tyrell era agudamente consciente do que tinha feito.

«Destrocei suas vidas. Estão desonrados. Não tenho vergonha, Tyrell. Sou tão terrivelmente egoísta!».

Mas a egoísta não era ela. Tyrell se pôs a rir, mas sua risada soou amarga e sentiu uma queimação nos olhos, embora disse que se devia à fumaça do fogo. O egoísta era ele, que a tinha chantageado para que fosse sua amante e então tinha arrebatado sua inocência em lugar de afastar-se honradamente. Ele a tinha desonrado. Tinha arruinado sua vida sem pensar nem um instante em seu bem-estar ou seu futuro. Comportou-se como uma besta, não como um homem.

Sabia que qualquer reparação que tentasse chegaria muito tarde, mas, se era a metade de honrado que acreditou sempre, tentaria arrumar aquela situação. Podia facilmente comprar um marido para Elizabeth, um título e terras, e toda a legitimidade que ela pudesse precisar.

«Você nunca poderia me machucar, meu senhor. Amo você muito».

Tyrell tampou o rosto com as mãos. Sabia que não devia acreditar numa declaração feita no calor do momento, mas em parte desejava acreditar em suas palavras. Elizabeth era extremamente inocente e pura, e cada momento que passavam juntos a feria mais do que ela pudesse saber. Mas como podia deixá-la partir?

E como podia permitir que ficasse? Ela merecia mais que um lugar em sua cama. merecia algo mais que aquela vergonha. Merecia levar seu nome, mas ele estava comprometido com outra e, enquanto fosse o herdeiro de seu pai, isso não mudaria. Daqui a alguns meses, se casaria com Blanche Harrington, acertando desse modo o futuro de sua família. Recordou-se que sua sorte era uma bênção, não uma carga. Sempre tinha querido aquilo, e não havia razão para ter dúvidas, para sentir-se preso. De repente imaginou um caminho comprido, sombrio e brumoso, de céu coberto e cinza, um futuro sem Elizabeth, e seu coração lançou um grito de advertência e de protesto.

Deus, tinha acreditado que seria capaz de confrontar o futuro tendo uma esposa e uma amante, mas sua consciência já o consumia, e Elizabeth tinha começado a pagar o preço terrível de sua luxúria e seu egoísmo. Nem sequer se atrevia a considerar o que pensaria ou sentiria Blanche. Nenhuma das duas merecia aquela vida.

Tyrell tremeu. Nunca tinha pretendido que as coisas saíssem assim. Queria proteger Elizabeth e fazê-la feliz, não machucá-la e fazê-la desgraçada. O bem e o mal existiam, e ele tinha sido educado para distinguir um do outro. Elizabeth merecia mais do que ele poderia lhe dar. Tyrell devia comportar-se com nobreza. Devia deixá-la partir.

levantou-se, estremeendo.

Simplesmente, não podia fazê-lo.

O verão chegava a seu fim. Tinham passado três semanas e Lizzie estava sentada ante uma pequena mesa Luis XIV, na agradável salinha que Georgie e ela estavam acostumadas a usar. Tentava escrever uma carta a seus pais. Estes tinham estado duas vezes em Adare, convidados para jantar, e recentemente tinham recebido um convite para irem a Askeaton, a residência do capitão Ou'Neill, o meio-irmão de Tyrell, e de sua esposa americana, com a que tinha uma filha. Muito em breve, pensou Lizzie, as antigas amigas de sua mãe estariam ansiosas por voltar a recebê-la em seus lares. Verdade? E sem dúvida seu pai já não estaria tão furioso, nem tão decepcionado com ela.

Lizzie queria suplicar que a perdoassem e tentassem compreender por que tinha escolhido viver com Tyrell, por ilícita que fosse sua relação. Queria explicar que não tinha pensado com clareza, pois jamais teria feito nada para machucar a quem mais amava. Desejava explicar que aquela era sua única oportunidade de estar com Tyrell e que não duraria para sempre. De momento, só tinha escrito: Queridos papai e mamãe.

Finalmente começou a escrever.

O verão foi extremamente agradável, de dias longos e quentes, com muito sol e pouca chuva. Estou bem, igual a Ned e Georgie. passamos quase todo o tempo aqui, em Wicklowe. Quase todos os dias jantamos nos prados da parte traseira da casa, como em um jantar campestre. Um dia fomos às compras em Dublin. Ned está aprendendo a montar cavalo e adora. Seu pai comprou um pônei galês, com pés três-quartos brancos e uma estrela no focinho. Ned pôs o nome Wick, para alegria de todos.

Sentimos muitas saudades e esperamos que estejam bem.

Sua filha que os ama,

Lizzie

A carta não estava boa, mas temia suplicar perdão. E não podia explicar suas decisões, e menos ainda em uma carta. Talvez a recente tormenta já tivesse passado. Possivelmente, com sua nova vida social, seus pais a tivessem perdoado pela desgraça que tinha feito cair sobre o nome dos Fitzgerald. Rezava para que respondessem.

Levantou-se e se estirou. Era domingo de tarde, assim Tyrell não estava em Dublin, e ela sabia que estaria ocupado com o chefe dos jardineiros, inspecionando a recente ampliação dos jardins. Esse dia havia dito que queria levá-la para comer no campo, só os dois, sem Ned. E que queria ensiná-la a montar a cavalo. Lizzie sorriu e se aproximou das grandes janelas que davam para a fachada da casa. perguntava-se, se poderia ver onde Tyrell estava. De onde estava, via parte da avenida, o lago e, em seu centro, a fonte de pedra. surpreendeu-se ao ver aproximar uma carruagem.

Tinham recebido visitas durante as semanas anteriores. E tinham celebrado alguns jantares. Tyrell tinha responsabilidades sociais que não podia evitar e, para surpresa de Lizzie, ninguém a tinha olhado com desdém. Embora fosse apresentada como uma convidada da casa, todo mundo sabia que era a mãe de Ned e que vivia abertamente com Tyrell. Mas ninguém mostrava condescendência e Lizzie tinha sido convidada a visitar seus vizinhos em troca de sua hospitalidade. Tyrell a tinha animado a fazê-lo.

— Em Limerick, sou uma perdida. Mas aqui ninguém parece se importar com minha situação — havia dito ela uma noite, enquanto estava em seus braços. Dormia em sua cama todas as noites.

— Quase todos os homens que vieram visitar ou jantaram em Wicklowe têm uma amante. Não somos uma exceção, a não ser a norma.

Lizzie conhecia aquele tópico (que a infidelidade era moeda corrente entre as classes mais altas da sociedade), mas nunca antes tinha acreditado.

— Mas estou vivendo com você, em sua casa.

— E está sob meu amparo —Tyrell a tinha observado enquanto lhe acariciava a face—. Lorde Robieson tem três filhos ilegítimos e todos eles vivem sob seu teto, com suas duas filhas legítimas. Sim, sei, sua amante não vive com ele. Tem sua própria casa.

Lizzie tinha ido visitar lady Robieson, uma mulher bonita, roliça e vivaz que lhe era simpática.

— E lady Robieson não parece se importar —murmurou.

— Todo mundo sabe que ela também tem amantes —Lizzie o olhou com espanto e lhe devolveu o olhar—. Pode ser que não esteja bem —disse por fim—. Mas assim são nossos tempos.

Lizzie o observou atentamente. Condenava ele moralmente sua relação como fazia ela quando se punha pensando? Lizzie o conhecia o bastante para saber que Tyrell não aprovava na verdade o adultério e que não podia sentir satisfeito com ele mesmo por violar seu próprio código moral.

— E nós somos como todos os outros.

Tyrell tinha afastado o olhar.

— Sim.

Lizzie não tinha acrescentado: «Mas isso não faz que o nosso relacionamento seja certo». Tinha se achegado contra ele, abatida e preocupada de repente. Havia muitos momentos em que era possível manter o futuro longe, mas este sempre acabava por fazer-se presente.

Tyrell tinha tomado de repente seu rosto entre as mãos.

— Elizabeth, foi feliz aqui, em Wiklowe?

Lizzie tinha ficado quieta. Seu coração pulsava incontrolavelmente. Queria dizer o quanto o amava e o amaria sempre, acontecesse o que acontecesse. Tinha assentido, pensando só nele.

— Sim. Faz-me mais que feliz, Tyrell.

Ele tinha sorrido, colocou-se sobre ela e pouco depois a tinha penetrado, mas, ao elevar o olhar, Lizzie tinha visto uma sombra em seus olhos.

Aquela não tinha sido a primeira vez que via aquela sombra... nem a última. Sabia, com a intuição de uma amante, que algo angustiava a Tyrell. Ela se preocupava com o futuro de ambos, mas sem dúvida as insônias dele eram de outra natureza. Lizzie dizia que tinha graves assuntos de estado na cabeça.

A realidade voltava a impor-se agora, na forma de um visitante inesperado. Lizzie estava desejando passar a tarde a sós com ele. Contemplou a carruagem enquanto esta passava junto ao lago e a fonte. Era muito grande e luxuosa, de seis cavalos. Começou a sentir-se alarmada.

Compreendeu que não se tratava de uma visita qualquer. E o que era pior ainda, aqueles seis formosos cavalos eram terrivelmente familiares. Quando um laçao com libré abriu a porta, lembrou-se por fim.

Lorde Harrington partiu de Adare em uma carruagem idêntica a aquela.

Era impossível. Ninguém esperava a lorde Harrington, que devia estar em Londres ou em sua residência do verão no condado dos lagos. Tinha que ser um mensageiro, não?

Mas um mensageiro não viajaria em semelhante carruagem e ela sabia.

Lizzie reconheceu então ao cavalheiro enxuto que desembarcou. Seu porte, cheio de aprumo, era inconfundível. Deixou escapar um gemido e se escondeu atrás das cortinas. Temia instintivamente que a visse.

Lorde Harrington estava ali.

Lizzie se sentiu aturdida pelo medo, e o enorme relógio que não tinha deixado de tiquetaquear nem um segundo só durante aqueles dias parou de repente.

De repente desejou voltar a ouvi-lo. Queria sacudi-lo, sacudi-lo para que voltasse a funcionar. Mas, presa de um temor crescente, abriu as portas do terraço e saiu. deteve-se no corrimão de pedra. Segurou-se a ele e se inclinou para diante.

Tyrell estava junto ao lago, com o jardineiro, a uns poucos passos da avenida. Olhava fixamente a carruagem. Lizzie não podia distinguir sua expressão, pois estava muito longe. Harrington tinha visto Tyrell. Saudou com a mão e mudou de direção. Tyrell respondeu levantando a mão.

Incapaz de respirar, Lizzie viu que Harrington se aproximava dele com passo decidido. Tyrell pôs-se a andar para ele. Um momento depois se deram a mão. Harrington lhe deu uma palmada nas costas com gesto afetuoso e familiar.

Lizzie tampou a boca com a mão para sufocar um soluço. O que faria agora?

— Lizzie!

Lizzie se voltou ao ouvir a voz angustiada de sua irmã. Georgie estava na soleira do salão.

— Lorde Harrington acaba de chegar!

Lizzie conseguiu assentir.

— Sei.

— O que vamos fazer? O que vai fazer? —pela primeira vez em sua vida, Georgie parecia assustada.

Lizzie sentiu o impulso de fugir, de esconder-se.

— Não sei.

— Não pode ficar aí!

A mente de Lizzie começou a funcionar. Não era a senhora daquela casa, por mais que Tyrell tivesse pretendido que o fosse, por mais deferência que lhe mostrassem os criados e os vizinhos. Era a amante de Tyrell e nada mais, e o homem que logo seria seu sogro estava ali fora.

Cruzou correndo a terraço e voltou a entrar na casa. Georgie se aproximou dela. Atravessaram a toda pressa esta asa, mas Georgie a agarrou pela mão e a deteve.

— Seu quarto está na asa oeste —disse.

Lizzie a olhou. Sentia sem forças.

— Georgie, não vou ao dormitório principal.

Sua irmã assentiu com a cabeça.

— Tem razão. Será melhor que compartilhemos meu quarto. OH, por que não terá avisado de sua chegada!

— Eu te direi por que —disse Lizzie com aspereza—. Lorde Harrington não avisou porque os rumores chegaram até Londres. Queria nos surpreender, a Tyrell e a mim vivendo juntos abertamente aqui —de repente se sentiu à beira das lágrimas—. Está aqui por uma única razão.

O futuro no qual se negou a pensar se fez presente.

O SACRIFÍCIO DEFINITIVE

O quarto de Georgie estava de frente ao quarto dos meninos. Lizzie e Georgie entraram rapidamente nele e Lizzie se voltou para olhar a sua irmã.

— Por que está tão calada? Sei o que está pensando!

Georgie respirou fundo.

— Estou pensando que tudo isto é muito difícil.

Lizzie se sobressaltou.

— Eu acredito que é vergonhoso.

Georgie se aproximou dela e falou com a maior serenidade, tentando tranquilizá-la.

— Se amam. Isso não pode ser vergonhoso. O que é vergonhoso é que Tyrell não abra os olhos, rompa seu compromisso e te leve ao altar.

Lizzie mordeu os lábio, comovida. Quando estava em seus braços, nas horas mais escuras da noite, sabia com toda certeza que Tyrell também a amava. Mas à luz do dia não estava tão certa.

— Os primogênitos dos condes não se casam com moças da pequena nobreza rural empobrecida e você sabe.

— Às vezes sim! —exclamou Georgie—. Poderia casar-se por amor. É tão rico que pode fazer o que quiser.

Tinha razão sua irmã? Confusa, Lizzie se apressou a mudar de tema.

— O que vou fazer? Fico aqui, em seu quarto, e me escondo até que Harrington se vá? Não podemos descer para jantar esta noite, você sabe. E Ned? Também ele tem que esconder-se no quarto dos meninos?

Georgie se aproximou dela.

— Deve falar com Tyrell assim que tenha chance. Estou certa de que não terá dúvidas sobre o modo mais correto de agir.

Lizzie sabia qual era o modo mais correto de agir: sempre tinha sabido. abraçou-se.

— Nunca te disse isto. Espiei-a. Espiei a lady Blanche.

— O que?

— Entrei de penetra no baile de compromisso.

Georgie a olhou com perplexidade.

— E? —perguntou por fim.

Lizzie tomou ar.

— É terrivelmente bela, Georgie. Não pude encontrar nem um só defeito nela. É elegante, graciosa e parecia ter um caráter muito agradável.

— Suponho que seria uma grosseria confiar em que fosse feia, gorda e mesquinha.

— É o par perfeito para Tyrell —disse Lizzie, abatida— Estou certa de que acabará apaixonando-se por ele, se não estiver já. E ele, naturalmente, estará encantado de ter uma esposa inglesa, tão elegante e bem educada. Sem dúvida também chegará a amá-la.

«Poderia casar-se por amor. É tão rico que pode fazer o que quiser». Lizzie desejou que sua irmã não houvesse dito aquilo. equivocava-se, de todos os modos. Tyrell merecia uma esposa rica e aristocrática. Blanche seria uma grande condessa algum dia, a Lizzie não tinha nenhuma dúvida. E era tão bela que sem dúvida Tyrell se apaixonaria por ela cedo ou tarde.

— Quero que seja feliz, Georgie. E não vejo razão para que não seja com Blanche Harrington.

Georgie a agarrou pela mão.

— E você? Você está apaixonada por ele desde que era uma menina. Você não pediu isto: foi ele quem insistiu em fazer de você sua amante. Foi muito feliz e merece tudo o que teve. Mas vejo o que propõe, Lizzie, vejo claramente.

— Perdão? —disse Tyrell da porta aberta.

Lizzie se voltou bruscamente, perguntando-se quanto tempo usava ali, e desejou não ter deixado a porta entreaberta. de repente sentiu que seu mundo começava a desabar. Georgie tinha razão. Sabia o que devia fazer.

— Milord —murmurou.

— Confio em não interromper —disse ele, olhando só a ela—, mas devo falar com você, Elizabeth.

Georgie inclinou a cabeça para o Tyrell e saiu, fechando firmemente a porta a suas costas. Lizzie cruzou os braços. Não se atrevia a olhar nos olhos inquisitivos de Tyrell.

— Lorde Harrington chegou inesperadamente —disse ele com voz dura.

— Sei. Vi —ela conseguiu levantar o olhar. Tyrell tinha uma expressão severa.

Aproximou-se dela e a agarrou pelas mãos.

— Sinto muito.

Ela sacudiu a cabeça, cheia de impotência.

— Terá ouvido falar de nós. Não há outra explicação para que se apresente assim, tão inesperadamente, sem avisar.

— Diz que passou o fim de semana com lorde Montague no sul e que decidi repentinamente me fazer uma visita —ele não tinha solto suas mãos.

— E você acredita?

— Não, não acredito.

Lizzie disse com firmeza que não devia chorar. As lágrimas não resolveriam nada.

— Talvez deseje falar de seu casamento —disse, e se horrorizou como parecia angustiada.

O rosto de Tyrell se endureceu. Não disse nada.

Por seu semblante, Lizzie compreendeu que isso era justamente o que havia dito Harrington.

— Então, quer que falem do casamento? —perguntou com voz trêmula.

Tyrell deu a volta.

— Não deveria nos surpreender. Os dois sabemos que estou comprometido. Soubemos desde o começo. A cabeça de Lizzie doia. Era difícil pensar.

— O que quer que faça, milord? Devo recolher minhas coisas e fugir da casa em plena noite, enquanto todos dormem? —deu-se conta muito tarde de como amargas soavam suas palavras.

Ele a apertou com mais força.

— Não! Sua chegada não muda nada, Elizabeth. Não muda nada.

— Muda tudo, milord —murmurou ela.

Tyrell a abraçou contra seu peito e procurou sua boca. Lizzie começou a chorar enquanto a beijava uma e outra vez. Ela não pôde reagir. Sua vida tinha acabado. Tyrell se deteve e a abraçou com força.

— Não chore. Isto não muda nada, Elizabeth. Sigo querendo ter você em meus braços todas as noites —levantou o queixo para olhá-la nos olhos—. Farei que mudem suas coisas ao quarto contíguo ao de sua irmã. Só serão uns dias —seu tom era firme, mas amável e carregado de compaixão.

Mas Lizzie não queria sua compaixão. Tentou afastar-se dele, mas Tyrell não deixou. Ela se deu por vencida e apoiou as mãos sobre seu duro peito. Respirou profundamente e por fim conseguiu recuperar até certo ponto a compostura.

— Ela deve estar em Londres enquanto falamos, fazendo os preparativos para o casamento —disse com voz rouca. Tinha que perguntar pelo futuro.

Ele a olhou antes de responder.

— Imagino que sim.

Lizzie umedeceu os lábios e fechou os olhos um momento.

— O casamento será em Adare?

— Será em Londres —respondeu ele com voz crispada e expressão insondável. Titubeou— Tem todo o direito de conhecer os detalhes. Casaremo-nos em São Pablo em 15 de setembro.

— Entendo —disse ela, e se aferrou a seu orgulho, pois era o único que ficava. Parecia ter saído de si mesmo e estar contemplando um drama no cenário de um teatro. Tinha conseguido distanciar-se por completo de seu coração. Mas quanto tempo poderia seguir assim? Perguntava-se. Com sorte, o resto de sua vida—. Só resta um mês. Quando vai a Londres?

Ele falava formalmente, mas seu olhar estava repleto de cautela, como se Lizzie fosse uma adversária que devia temer, ou uma presa que não podia deixar escapar.

— Dentro de duas semanas.

Abandonaria a Irlanda dentro de duas semanas. Abandonaria a ela. E o cenário caiu; os atores aos que Lizzie observava se esfumaram no ar. Só ficaram Tyrell e ela, e uma dor que a consumia.

Estava vivendo em um mundo de sonho que ela mesma tinha criado. Desde sua chegada a Wicklowe, negou-se a pensar no futuro, na mulher com a qual Tyrell ia casar, inclusive depois da espantosa visita de seu pai. Toda a casa a tratava como a esposa, não como a amante, como o próprio Tyrell, e ela passou os dias sonhando com ele e com o tempo que já tinham compartilhado, com as lembranças que já tinham criado. Tinha passado as noites em um frenesi apaixonado. Desde a visita de seu pai, aquele relógio não tinha deixado de tiquetaquear, ou talvez não tinha deixado de soar desde que seus pais a obrigaram a ir a Adare com Ned. Já não importava. O relógio se deteve com a chegada de lorde Harrington, e agora aquelas poucas lembranças teriam que durar toda uma vida.

Tudo tinha acabado.

Um grande peso, o peso da dor e da perda, começou a curvá-la.

Tyrell disse lenta e cautelosamente:

— Passarei duas semanas em Londres e voltarei para Wicklowe. Tenho que seguir ocupando meu posto em Dublin.

Lizzie nunca tinha imaginado que pudesse sofrer aquela pena. Ouvia-o, mas vagamente. E o que aconteceria com Ned?

Tyrell estava falando. umedeceu os lábios e disse com grande cuidado:

— Dei muitas voltas. Comprarei uma casa para você em Dublin. A casa que você queira, tão grande como preferir. Viverá ali com Ned e com sua irmã, e eu irei visitar todos os dias.

Lizzie tentou conter-se, mas a dor aumentava de todos os modos. Levantou o olhar para ele, o homem ao que sempre tinha amado sem ter direito a isso. Tyrell pensava visitá-la todos os dias... e voltar para casa para sua esposa toda noite.

— Não vai me deixar —disse ele em tom de terrível advertência.

Lizzie afastou o olhar. Se tentasse falar, a pena brotaria de seu corpo, de seu coração e de sua alma como uma maré, e ele saberia.

Tyrell se ajoelhou de repente frente ela e a agarrou pelas mãos.

— Por favor, não faça isto. Não chore —vacilou— Tenho muitíssimo carinho por você. Sabe, verdade?

Ela nem sequer pôde assentir com a cabeça.

Ele tentou sorriu e fracassou por completo.

— O que quer que faça? É minha obrigação me casar com Blanche. É meu dever para com o conde, para com Adare —falava com estranha precipitação— Nunca faltei a meu dever, Elizabeth. Desde o dia de meu primeiro fôlego, educaram-me para colocar o nome dos De Warrenne, a família e o condado frente a todo o resto. Eu sou Adare. Devo pensar na geração vindoura.

Que estranho era, pensou ela, que falasse como se tivesse medo.

— Não quero que falte a seu dever. Nunca quis.

Tyrell se levantou e a beijou com urgência... ou freneticamente?

— Elizabeth —disse, como se lesse o seu pensamento— nada mudou!

Mas tudo tinha mudado, disse-se ela. Separou-se dele e olhou pela janela, para as formosas montanhas, mas não viu nada salvo escuridão. Deixar a Tyrell depois de tudo o que tinham compartilhado seria o mais duro que tinha feito na vida. Ansiava dar-se por vencida, derrubar-se e chorar com desconsolo. Mas não diante de Tyrell. Se ele adivinhasse

o que se propunha, não a deixaria partir. Encontrou forças e uma determinação que não acreditava possuir. Erguendo os ombros, disse sem voltar-se para olhá-lo:

— Eu também tenho carinho por você, Tyrell.

Sua resposta foi um silêncio assombrado.

Ela se voltou lentamente.

— Tyrell, preciso estar sozinha.

Ele tinha uma expressão alarmada.

— Eu não gosto de seu tom.

—Pois te peço desculpas —queria sorrir, mas sabia que não poderia nem que sua vida dependesse disso. Mas sua vida já não importava. O que importava era a vida de Tyrell e o futuro de Ned.

Ele deu subitamente um passo que o aproximou dela e tomou seu rosto entre as mãos.

— Carinho! Nada vai mudar na realidade. Comprarei uma casa tão grande como esta. Estarei com você todos os dias e teremos mais filhos.

Não haveria mais filhos, ao menos para ela.

— Basta —disse, e fechou os olhos com força. As lágrimas escaparam, de todos os modos.

Ele a apertou entre seus braços.

— Não pode me deixar —disse, e era uma ordem.

Lizzie não respondeu.

Só quando esteve a sós em seu quarto compreendeu as conseqüências de sua decisão.

Ned era um De Warrenne. Ned pertencia a seu pai.

Deixar Tyrell significava que devia abandonar a Ned. Lizzie amava muito ao menino para priva-lo de seus direitos de nascimento ou de seu pai, do mesmo modo que amava muito a Tyrell para considerar sequer a possibilidade de separá-lo de seu filho. Por sorte, Tyrell

tinha se afeiçoado profundamente ao filho e se comportava como se acreditasse realmente que era filho dele. Lizzie teria que lhe dizer a verdade antes de partir. Mas, como não tinha coragem, faria por carta. Chorou até que não tinha mais lágrimas. Georgie tinha tentado consolá-la e fazê-la mudar de idéia, pois intuía o que se propunha. Lizzie não queria falar com ela. Sua força era muito precária e devia se segurar à determinação que tinha tomado. Era hora de encarar o futuro e fazer o correto.

Só abandonou a cama porque queria passar com Ned o pouco tempo que ficaria ali. Não queria que o menino fosse testemunha de sua dor e se alarmasse, assim que trocou de vestido e lavou o rosto com cuidado. Dispunha-se a percorrer o corredor a caminho do quarto dos meninos quando chamaram com urgência à porta de seu quarto.

— Senhora! Senhorita Fitzgerald! —era Rosie e parecia assustada.

A dor de Lizzie se dissipou. Pensando que algo tinha acontecido ao Ned, correu à porta.

— Aconteceu algo a Ned?

— Não, está bem, senhora. Mas não sei o que fazer. É sua senhoria. Está no quarto dos meninos. Está no quarto dos meninos com Ned!

Lizzie não entendia e não sentia desejos de ver Ned nesse instante.

— É sua senhoria o visconde —acrescentou Rosie.

Lizzie saiu correndo de seu quarto, aturdida porque Harrington tivesse ido ver seu filho e presa de um medo espantoso. Parou frente a porta do quarto dos meninos, com Rosie atrás dela, sem saber o que ia encontrar.

Harrington era um homem enxuto, de estatura média e cabelo grisalho. Era muito elegante e arrumado, e sem dúvida sua filha saía a ele. Estava sentado no sofá, com Ned, que segurava um boneco de pelucia e o olhava com receio.

Lizzie sentiu o impulso de entrar no quarto e exigir a Harrington que se separasse de seu filho. Mas ficou olhando-os sem respirar, cheia de preocupação.

Ned ofereceu por fim o boneco a lorde Harrington. Ele tomou e disse, muito sério:

— Obrigado.

Harrington a tinha visto e se levantou rapidamente. Inclinou a cabeça.

— Senhorita Fitzgerald, suponho.

Lizzie conseguiu fazer uma reverência e olhou aquele homem que a observava com todo cuidado. Seguiu um embaraçoso silêncio.

— Mamãe! — gritou Ned alegremente. Desceu do sofá com muita dificuldade e correu para ela, mas caiu ao chegar a seu lado. Lizzie se ajoelhou e o abraçou, mas ele protestou e a afastou— Ned sobe! —disse, e usou suas saias para levantar-se com um grande sorriso triunfal.

Lizzie se levantou lentamente e olhou a Harrington.

— Milord —disse—, o que o traz ao quarto dos meninos?

— Queria falar com você —respondeu Harrington de tal modo que ninguém teria pensado em recusar.

Lizzie não queria falar com ele, mas, por outro lado, tinha que saber o que queria.

— Certamente.

Harrington continuava observando-a.

— Vejo que o menino parece com o pai. Deve estar muito orgulhosa dele —falava com firmeza.

—Sim, estou —respondeu ela sem pensar.

E sustentou seu olhar.

—Confesso que não é como esperava.

Lizzie não pôde responder. As palavras de Harrington eram fortes.

— Esperava uma mulher mais velha, uma mulher de vasta experiência. Quantos anos tem?

— Acabo de fazer dezoito —conseguiu dizer ela.

— E sua família?

— São os Fitzgerald de Raven Hall —disse ela, e acrescentou— Pertencemos à nobreza rural empobrecida. Mas antigamente, faz séculos, um antepassado meu foi conde de todo o sul da Irlanda.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Já vejo, embora não posso dizer que entenda. Está escandalizando à boa sociedade, igual a Tyrell, às vésperas de seu casamento com minha filha.

— Sinto —disse Lizzie sinceramente— Sinto muitíssimo —ele pareceu surpreso— O amei toda minha vida. Desde que era uma menina... quando me resgatou de uma morte certa. Se estou aqui é somente porque meu coração se impôs a meu intelecto.

Harrington permanecia rígido como um soldado.

— Tyrell também está apaixonado por você?

Ela vacilou.

— Não estou certa. Às vezes acredito que sim, ou isso espero. Não sei.

Ele a observou antes de falar.

— Sente-se, senhorita Fitzgerald. Eu gostaria de lhe contar uma história —disse.

Lizzie se enrijeceu, surpreendida, perguntando-se que tática era aquela. Mas tomou assento em uma cadeira e cruzou as mãos sobre o colo.

Harrington não se sentou. Aproximou-se da janela. As montanhas, verdes e boscosas, orlavam o céu azul do verão.

— Blanche sempre soube que lhe permitiria casar-se por amor —se voltou e olhou a Lizzie, que estava muito surpreendida— Em efeito, pedi que escolhesse um marido faz alguns anos.

Lizzie sentiu que seus olhos se aumentavam. O que significava tudo aquilo?

— O dinheiro não nos falta e eu sou extremamente bem relacionado. Minha filha é uma grande herdeira, seu título é de pouca importância, mas suas posses são tão vastas que não preciso pensar em aumentar mais meu patrimônio em nenhum sentido.

—Por que me conta tudo isto? —perguntou ela.

Ele levantou a mão.

— Blanche tem dezenove anos e durante vários anos esperei que viesse para ver-me cheia de felicidade para me dizer quem tinha escolhido para casar-se.

Lizzie se perguntou se teria ouvido mal a Blanche no baile de compromisso. Estaria apaixonada por Tyrell por fim?

As seguintes palavras do Harrington a aliviaram.

— Mas esse dia não chegou. E comecei a temer que não chegasse nunca.

Harrington tinha captado por completo a atenção de Lizzie.

De repente se aproximou de uma poltrona e se sentou. Seu rosto parecia exausto e resignado.

— Minha filha não é como outras mulheres, senhorita Fitzgerald. Mas bem sabe Deus que não é culpa sua —ela estava perplexa— Saiba você que ninguém nunca a viu chorar, nenhuma só vez em treze anos? Minha filha não chora porque não se desespera. Nunca perde a calma, o aprumo, nem se exalta por nada nem por ninguém. Do mesmo modo que não pode sentir angústia, parece incapaz de achar a alegria.

— Por que? —perguntou Lizzie, assombrada.

— Quando tinha seis anos, viu como sua mãe era brutalmente assassinada em um tumulto. Eu estava ali, mas não pude abrir caminho entre a multidão para as resgatar. Blanche tentou proteger a sua mãe, mas era muito tarde. Minha mulher já estava morta. Algum valentão afastou Blanche de um empurrão e ela perdeu os sentidos. Quando despertou, muitas horas depois, não se lembrava de sua mãe, nem do assassinato.

Lizzie estava horrorizada.

— Sinto-o muitíssimo.

— Foi uma sorte que perdesse a memória, mas desde aquele dia minha filha se esqueceu também de sorrir e de chorar —Harrington ficou em pé— Você não é o que eu esperava. Esperava encontrar com uma desavergonhada cheia de descaramento. E contei a você este assunto tão delicado por uma razão.

Ela adivinhou o que diria a seguir.

Ele a olhou diretamente.

— Escolhi Tyrell para ela com o maior cuidado. É um grande homem, honrado e bondoso, e, o que é mais importante, sabe bem o que é ter uma boa família. É tudo que desejo para minha filha, senhorita Fitzgerald. E espero de todo coração que Blanche chegue a querê-lo algum dia... embora tenha que aprender a fazê-lo —Lizzie sentiu cair uma lágrima. Se Harrington pretendia comovê-la, tinha conseguido—. Sei que cuidará bem dela. E rezo todos os dias por que ela encontre o amor a seu lado, por mais tempo que leve. Acaso não merece minha filha amar, senhorita Fitzgerald? depois de tudo o que passou?

Ela assentiu com a cabeça, consternada.

— Sim —disse, sentindo autêntica angústia por sua rival— Sim.

— Mamãe? —perguntou Ned com preocupação, como se percebesse claramente sua angústia.

Lizzie o agarrou pela mão.

— Mamãe está bem —sussurrou.

Harrington aguardou.

Ela se levantou lentamente.

— Não tem nada que temer de mim —disse com voz tremula—. Já tinha decidido deixar a Tyrell. Não sou uma qualquer, e minha decisão de viver aqui com ele abertamente, estando a ponto de casar-se, foi um terrível erro. Minha decisão é agora mais forte. Não me interporei no caminho de sua filha, lorde Harrington.

Um respeito sincero encheu os olhos de Harrington.

— Obrigado —disse.

Lizzie fechou os olhos para tentar sufocar uma nova pontada de dor. Logo os abriu e conseguiu dizer:

— Tenho uma pedido a fazer.

Ele se enrijeceu.

— É obvio.

— Não é o que está pensando —disse ela com amargura— Ned deve ficar com seu pai. Quero sua palavra, sua palavra de honra como cavalheiro, de que sua filha será uma boa mãe para ele e de que nunca faltará nada a ele.

— Pois tem minha palavra —respondeu Harrington com serenidade.

Lizzie enxugou as lágrimas que caíam livremente por seu rosto. Harrington fez uma profunda reverência e, sem olhar atrás, partiu.

Não ficavam lágrimas.

Lizzie olhava o teto e, tomada pela dor, observava como a luz da alvorada deslizava pelo céu. Até respirar lhe causava dor. Em outro tempo seu coração tinha batido cheio de alegria, de esperança e amor. Agora cada um dos batimentos do seu coração era frio, impotente, morto. Agora compreendia o que significava o sofrimento. Não parecia haver modo algum de aliviar aquela dor.

Nessa manhã, Tyrell iria a Dublin, como de costume. Aquilo era perfeito, pensou, pois ela tinha previsto partir logo depois dele.

Não o tinha visto desde sua discussão do dia anterior. A véspera, ele tinha jantado com lorde Harrington e Lizzie sabia que respeitava muito a seu futuro sogro para tentar ir vê-la às escondidas no final da noite. De modo que Tyrell partiria para Dublin uma hora depois... e, no meio da manhã, ela também já teria ido.

Tinha decidido ir para Glen Barry, onde sabia que estava vivendo tia Eleanor. Depois, não veria Tyrell nunca mais... ou, se o visse, ele seria um homem casado, como devia ser. Blanche tinha um passado trágico e Lizzie sabia que estava fazendo o que era certo. Embora estivesse errado amar Tyrell, nunca deixaria de amá-lo à distância. Mas será que voltaria a ver seu filho alguma dia?

Era incapaz de pensar na resposta daquela pergunta nesse instante. Não duvidava de que Ned devia ficar junto a seu pai. Se ela se atrevesse pensar em um futuro sem seu filho, talvez mudasse de idéia e o levasse com ela.

Então ouviu Tyrell entrar na sala de estar, além da porta de seu quarto. A surpresa se apoderou dela, seguida por uma repentina e absurda esperança e uma consternação entristecedora. Seus passos decididos ressoaram quando cruzou o salão, aproximando-se de sua porta, e o alívio a invadiu por completo, ia vê-lo uma última vez.

A porta rangeu ao abri-la. Lizzie fechou os olhos, consciente de que devia fingir que estava adormecida. Se Tyrell visse sua expressão, se olhasse em seus olhos, se tentassem sequer conversar, adivinharia imediatamente seu plano.

Ele atravessou o quarto.

Lizzie parou de respirar.

A cama se afundou quando ele se sentou a seu lado. Acariciou-lhe o ombro e o rosto com a mão e afastou umas mechas de cabelo do rosto.

Ela queria se jogar em seus braços e apertá-lo com força, mas não se atreveu.

Ele suspirou, ficou em pé e se dispôs a partir.

— Tyrell! —Lizzie se levantou de um salto e cruzou depressa o quarto.

Ele se voltou e ela se lançou em seus braços e o apertou com força, com tanta força como ele a ela. Escondeu o rosto contra seu peito e procurou guardar na memória seu tato, a poderosa energia com que a envolvia, a fortaleza que sempre seria o porto mais seguro que ela tinha conhecido. Ele não podia saber, mas aquilo era um adeus.

— Achei que estava dormindo. Não queria te acordar. Elizabeth, sei o quanto está sendo difícil para você —e acariciou a longa e grossa trança.

Lizzie não podia falar nenhuma palavra. Só podia pensar em dizer «te amo», e não devia.

O tom de Tyrell era áspero.

— Elizabeth, isto é difícil para mim também —ela levantou a vista e viu desespero e arrependimento em seus olhos—. Superaremos esta crise.

E Lizzie compreendeu que ele sofria por sua relação tanto como ela. Levantou a mão para tocar seu rosto.

— Não se culpe —murmurou.

— Mas eu queria te fazer feliz. E você estava chorando.

— Fui feliz, Tyrell...

— Muitos homens têm duas famílias, duas vidas —disse ele asperamente— pensei muito nisso. Mas vejo a dúvida em seus olhos mesmo agora, enquanto falo. Elizabeth, deve confiar em mim —vacilou— Deve confiar no que digo.

Uma parte traiçoeira de Lizzie nesse instante, quis ficar, pois não havia ninguém em quem confiasse mais. Mas isso não mudaria nada. Ela fechou os olhos.

— Sempre confiarei em você, Tyrell.

Ele pegou seu rosto entre as mãos e a beijou repentinamente com urgência e ardor. O corpo de Lizzie respondeu imediatamente estremecendo contra o dele, mas ela sabia que, se o tivesse na cama, embora só fosse um momento, não poderia manter sua decisão de partir. Conseguiu de algum jeito romper o beijo, trêmula e comovida.

Ele a agarrou pelas mãos e olhou para a cama, parecia a ponto de tomá-la nos braços e levá-la para lá.

— Não —murmurou Lizzie, com as mãos ainda sobre seu peito—. Não, Tyrell, deve ir — se soltou dele— Que tenha boa viagem.

Harrington estava junto à janela do salão de música, que ficava justo à esquerda do vestíbulo de entrada. Observava Elizabeth Fitzgerald e sua irmã, de pé no caminho, enquanto os criados carregavam seus baús em uma carruagem. Tinha uma expressão amarga.

Tinha esperado sinceramente encontrar-se com uma autêntica rameira, não com uma jovem de boa família, compassiva e amável. Sabia com toda certeza que Elizabeth estava

profundamente apaixonada por Tyrell, mas teria que superar. Lamentava que ela tivesse que sofrer. Deu-se conta do porque Tyrell tinha enamorado por ela e esperava com todo seu coração que não a amasse muito.

Mas, se a amasse, tampouco importava.

Porque ele devia dar a sua filha a oportunidade de viver. Se tinha alguma coisa que devia conseguir antes de morrer, era ver sua filha como uma mulher capaz de derramar autênticas lágrimas e de sentir verdadeira alegria. Ao pensar em sua única filha, sentiu, como acontecia sempre, uma dor no coração. Blanche era uma mulher muito bela, a boa sociedade a elogiava como o cúmulo da perfeição, pois isso ela aparentava ser. Ninguém sabia a verdade, exceto ele e, agora, a senhorita Fitzgerald. As cicatrizes de Blanche eram invisíveis, mas a faziam prisioneira de um desapego aterrador.

Harrington viu as irmãs subirem à carruagem. Suspirou, com a consciência pesada que não podia evitar, ao vislumbrar as lágrimas da senhorita Fitzgerald. Acreditava que Tyrell cuidaria dela generosamente, pois ela mesma tinha admitido que sua família passava por dificuldades econômicas. Anotou mentalmente que devia indagar a respeito da situação dos Fitzgerald. Se Tyrell não a compensasse, possivelmente ele fizesse.

Começou a se afastar da janela quando um movimento no exterior captou sua atenção. Voltou-se e viu que Elizabeth aparecia na janela e entregava um envelope ao mordomo. Tinha escrito uma carta a Tyrell! Harrington compreendeu imediatamente que devia interceptá-la. Julgava com grande acerto o caráter das pessoas e estava certo que a carta da senhorita Fitzgerald continha algum tipo de declaração sentimental. Se estivesse certo, seu conteúdo podia fazer com que Tyrell fosse atrás dela. E isso ele não podia permitir, por mais que lamentasse o sofrimento daquela jovem.

Harrington saiu do salão de música. A porta principal estava entreaberta e viu que a carruagem se punha em marcha. O mordomo entrou na casa com a carta na mão e fechou a porta com firmeza.

— Smythe —Harrington se aproximou e estendeu a mão—, eu me ocuparei disso.

O semblante de Smythe permaneceu impassível e, entretanto, cheio de deferência.

— Milord, esta carta é para o senhor.

— Eu me ocuparei de que ele a receba — respondeu Harrington friamente, e deu tal olhar que foi impossível negar entregar a carta a ele.

O mordomo se ruborizou e entregou rapidamente o envelope. Harrington viu que estava selado.

— Isso é tudo — disse.

Smythe fez uma reverência e se afastou com urgência.

Harrington entrou na biblioteca e encontrou um abridor de cartas na mesa.

Meu querido Tyrell:

Dei-me conta de que não posso continuar assim. É muito doloroso. Apaixonei-me profundamente por você faz muito tempo. Amei-te a distância desde que era uma menina, e te amarei a distância até o dia que morra, já velha. Minha dor não conhece limites, pois já sinto sua falta terrivelmente, mas não quero atrapalhar seu casamento. Desejo um futuro cheio de felicidade e alegria, e estou certa de que o encontrará junto a Blanche.

Ned é seu filho, não meu. Foi concebido na noite de Todos os Santos pela mulher que usava minha máscara. Peço a Deus que possa me perdoar por tão grande mentira, mas o amei desde dia que nasceu como se fosse verdadeiramente meu filho. Por favor, queira-o bem, meu senhor. Ame-o muito, Ame-o por mim.

Eternamente sua, Elizabeth.

Harrington experimentou um estranho comichão de culpa. A senhorita Fitzgerald estava profundamente apaixonada. Era uma mulher muito nobre para sacrificar desse modo seus interesses e até animar seu amante a seguir adiante com Blanche. Mas ele não podia permitir ter compaixão dela.

Quase lamentava o que tinha que fazer. Com a carta e o envelope na mão, cruzou a sala. Um pequeno fogo dançava depois do ralo da lareira. Jogou a carta e o envelope no fogo e viu como as chamas os consumiam enquanto, em seu interior, desejava que algum dia a senhorita Fitzgerald pudesse perdô-lo.

Tyrell cruzou a casa com o coração acelerado pela espera. Tinham informado que Harrington tinha ido visitar um vizinho, mas, mesmo que estivesse em casa, não teria importado. Estava todo o dia perturbado pelo estranho comportamento de Lizzie nessa manhã, que o tinha enchido com o sabor amargo do medo.

Enquanto subia as escadas até o segundo andar, tentou se convencer que o temor insidioso que sentia não era mais que uma reação natural a seu casamento iminente. O consumia a sensação espantosa de estar preso, apanhado e já não podia negar que já duvidava a respeito de seu compromisso com Blanche. Mas, santo Deus, sem dúvida, o impulso que tinha agora, de escapar a seu dever passaria. Sem dúvida muito em breve voltaria a ser o homem que sempre tinha sido. Era impossível negar, entretanto, que aqueles dois últimos meses tinham sido os mais felizes de sua vida.

Seus outros sentimentos eram também inegáveis. Estava profundamente apaixonado por ela.

Seu coração se acelerou quando abriu a porta do quarto das crianças. Odiava ver Elizabeth angustiada, e ela tinha estado visivelmente triste desde a chegada de Harrington. Agora encontraria de qualquer jeito uma maneira de aliviar sua angústia. Essa manhã tinha tentado convence-la de que não se preocupasse, mas sabia que tinha fracassado.

Rosie, a babá, estava costurando, e seu filho brincava com seus soldadinhos de chumbo no chão. Elizabeth não estava ali. Tyrell olhou Ned com o orgulho de um pai e sorriu. O pequeno jogou um soldado e se voltou para sorrir.

— Ned! Ned ganha!

Tyrell riu e o tomou nos braços.

— Alguém vai ter que te ensinar um pouco de modéstia, meu filho —disse— Temo que sua arrogância vai aterrorizar à boa sociedade.

Ned o olhou com condescendência.

— Ned ganha —disse com convicção.

Tyrell voltou a rir e remexeu em seu cabelo.

— Papai! Desce! —exigiu Ned— Papai! —Tyrell ficou gelado, sem respirar— papai! — Ned o empurrou pelo peito.

Tyrell o deixou no chão.

— Rosie —disse, sem se dar conta de que estava falando de maneira tão informal com a babá—, me chamou de papai!

Mas Rose não sorria. Estava muito pálida e tinha o nariz avermelhado, como se estivesse chorando.

— Sim, senhor —disse com voz rouca.

Ele ficou imóvel e sua alegria desapareceu. O que estava acontecendo?

Mas já sabia.

— Onde está a senhorita Fitzgerald? —perguntou.

Ela umedeceu os lábios.

— Não sei, senhor.

Ele ficou olhando-a um momento e logo cruzou o corredor e abriu a porta do quarto de Lizzie. A cama feita e o armário aberto, estava completamente vazio.

Tyrell ficou perplexo.

— Senhor —murmurou Rosie da porta, com Ned no colo.

Ele mal a ouviu. Aproximou-se da cômoda e a abriu, também estava vazia.

E então começou a compreender. Elizabeth tinha ido embora, o abandonou.

Virou-se bruscamente. Seu coração começou a bater desesperado e cada batida era intensa e dolorosa.

— Quando foi?

— De manhã, milord.

Ele a encarava, mas já não a via. Via Elizabeth como a tinha visto nessa manhã, com os olhos cheios de angústia. Elizabeth o tinha abandonado.

Uma besta surgiu em sua cabeça e uivou freneticamente, repleta de dor e tristeza. O ruído era ensurdecedor, pensou Tyrell, ensurdecedor e trágico pela imensidão de seu sofrimento. Ouviu o ranger e o destroçar da madeira, ouviu o cristal se fazer em pedaços enquanto os uivos da besta enchiam o quarto, o corredor, a mansão inteira. Perguntou-se que tipo de animal era aquele.

Um animal que uivou até ficar sem voz.

E depois, o silêncio.

Tyrell estava no meio do quarto, só e imóvel. Olhou o armário quebrado, caído de lado, com a porta arrancada e feita em pedaços. Olhou os cristais espalhado pelo chão, pequenos e grandes, procedentes da janela e do espelho quebrado. Ficou ali, com as mãos jorrando sangue, olhando fixamente os fragmentos quebrados de seu mundo.

TERCEIRA PARTE

DEZEMBRO DE 1814 - JANEIRO DE 1815

UMA ATRAÇÃO IMPROVÁVEL

Georgie cantarolava enquanto dava os últimos retoques aos enfeites de Natal. Lizzie estava um pouco separada dela, observando sua irmã, que sorria enquanto trabalhava em excesso junto ao suporte da lareira. Estava adornada com seda dourada e prata e ramos de azevinho. Era muito bonito, pensou Lizzie desapassionadamente. Mas não conseguia sentir o espírito das festas. Era simplesmente impossível.

Mudaram para West End de Londres no outono. Georgina quase não ficava na casa de Eleanor em Belgrave Square. Passava os dias em livrarias, museus, galerias de arte e em qualquer debate público que o Teme de Londres anunciasse. Lizzie se alegrava de que sua irmã tivesse se acostumado tão bem à cidade. Georgie tinha se transformado em um verdadeiro torvelinho de interesses sociais e adorava viver na grande cidade.

Ela, em troca, não tinha se acostumado tão facilmente.

Georgina e ela tinham ido diretamente a Glen Barry quando deixaram Wicklowe naquele terrível dia de verão. Por sorte, Eleanor só tinha tido olhar para elas e dar as boas-vindas com os braços abertos. Lizzie tinha conseguido explicar sua situação e, ao mesmo tempo, suplicar pelo seu perdão.

— Amo muito você, Elizabeth —disse sua tia brandamente— Entendi sua fúria e agora me pergunto se a decisão que tomei foi acertada.

Mudaram para Londres antes que Tyrell retornasse a Wicklowe com sua esposa. Eleanor, que sabia com antecedência que voltaria em outubro, tinha decidido que se mudariam para sua casa em Londres, convencida de que talvez Lizzie mudasse de idéia ou de que para ela fosse insuportável estar tão perto dele, pois Glen Barry estava só a duas horas de Wicklowe. Lizzie não se opôs. Viver tão perto de Tyrell e Ned só aumentaria sua dor.

Não tinham sido informados do adiamento do casamento até que estavam a várias semanas na cidade. Lizzie tinha ficado muda ao saber que Tyrell não havia se casado com Blanche, depois de tudo. Pelo visto, ela havia ficado doente; o casamento tinha sido adiado para maio.

Lizzie não queria pensar muito nisso, porque, se pensasse, talvez começasse a acreditar toalmente que o adiamento tinha alguma coisa a ver com ela. Tinha se passado mais de quatro meses desde o dia que abandonou Tyrell e a seu filho, e, se ele conservasse algum carinho ou preocupação por ela, teria tido notícias deles. Mas não teve nenhuma só notícia. Em razão da carta que tinha deixado, aquilo falava por si só. Simplesmente, Tyrell não se importava com ela.

Sua dor era um manto grande e pesado do que não conseguia se livrar por mais que tentasse. Cada dia era cinza; cada noite uma noite sem lua. Mas não se arrependia. Guardava como um tesouro cada lembrança que tinha dele, do momento em que o tinha visto a primeira vez até a última vez que a tinha segurado entre seus braços. Só gostaria que aquelas lembranças não doessem tanto.

Supunha que o tempo curava todas as feridas. Lizzie até acreditava, mas era evidente que não tinha passado tempo suficiente para curar as suas. E o tempo tampouco tinha aliviado a ferida de deixar se filho Ned com ele. Às vezes pensava menos em seu filho e mais em Tyrell. Mas sabia que tinha feito a coisa certa. Abandonar Tyrell e seu filho tinha sido a coisa mais difícil que tinha feito em sua vida; mas Ned devia estar com seu pai e Tyrell pertencia à mulher que logo seria sua esposa.

Lizzie passava todos os dias decidida a não pensar neles. concentrava-se em qualquer tarefa que tivesse entre as mãos, fosse acompanhar sua tia a um chá, ir com Georgie dar um passeio ou atender aos doentes do hospital de Saint Anne. No final, entretanto, tudo era inútil. As lembranças a assaltavam inesperadamente e com elas voltava a aumentar a dor. No meio de um passeio pelo parque relembrava uma palavra, uma carícia, um olhar.

Ao menos Ned estava bem. A condessa tinha escrito para lhe dizer que seu pai e seus avós enchiam o menino de mimos, que tinha crescido muito e que já sabia trotar com seu poney. Também já sabia falar algumas frases inteiras. Lizzie chorou ao ler a carta. Atreveu-se a responder para agradecer pelas notícias e pedir que voltasse a escrever quando tivesse tempo.

Lizzie agradecia que as crianças tivessem pouca memória e porque a tristeza que seu desaparecimento houvesse causado a Ned por fim havia terminado, felizmente. Tyrell estaria feliz também?

Estava em Adare, ou isso imaginava Lizzie, com toda sua família, sua noiva e seu filho. Ela tentava imaginá-lo com Blanche, sorrindo como sorria para ela, mas era muito doloroso. Rezava para que estivesse feliz e parava por aí.

Georgie lhe tocou o braço.

— OH, Lizzie! Justo quando acho que está melhor, se ausenta e parece de repente terrivelmente triste. Não pense nele!

Lizzie sorriu. Tinha aprendido a sorrir por mais que sofresse.

— Não estou triste —era mentira e ambas sabiam— É Natal, uma época do ano que adoro. Papai e mamãe chegam hoje e tenho muita vontade de vê-los.

Georgie a olhou pensativamente.

— Eu também, mas ao mesmo tempo estou preocupada. Não vimos papai desde aquele dia horrível, em Wicklowe.

Lizzie saiu. Estava preocupada com seu encontro com seu pai e não queria falar disso.

Tinha escrito a seus pais regularmente e eles não tinham se referido nenhuma só vez a aquele dia desgraçado em que seu pai a ameaçou deserdar. De fato, sua mãe parecia ser muito solicitada ultimamente e poucas vezes passava uma noite em Raven Hall sem companhia. Por alguma razão, a condessa continuava convidando-a a Adare sempre que estava ali. As cartas de seu pai tinham um tom morno. Lizzie rezava para que tudo tivesse sido esquecido.

Também blefava com Anna. As cartas de sua irmã eram sempre do mesmo tom, cheias de pormenores a respeito de seu casamento e sua vida entre a boa sociedade de Derbyshire. Nunca se referia ao passado, naturalmente, nem Lizzie queria que fizesse. Lizzie agradecia que Anna fosse feliz e estivesse apaixonada (de fato, sua irmã esperava um filho para a primavera). Mas sempre era difícil responder suas cartas.

Pois o que podia dizer? Não podia falar com detalhe sua vida em uma carta. perguntava-se se Anna tinha ouvido falar sequer de sua relação com Tyrell. Isso pouco importava, certamente, pois entre eles tudo tinha acabado. Assim escrevia a respeito dos momentos agradáveis em que passeavam pelo jardim de Glen Barry ou da agitação de sua mudança para a cidade. Falava de quanto Georgie ficava entusiasmava com Londres e acrescentava algumas anedotas para entreter a sua irmã.

Mas Anna tinha lido entre linhas. Sua última carta tinha sido perturbadoramente íntima.

Mas o que me diz de você, Lizzie? Nunca escreve sobre si mesma. Quero que seja feliz e me preocupo com você constantemente. Por favor, me diga que você gosta da cidade tanto como Georgie.

Anna a tinha convidado para ir a Derbyshire no verão seguinte, em lugar de voltar a Glen Barry ou Raven Hall.

Você adorará tudo aqui, acredito, pois é o lugar mais bonito da Inglaterra. E não se aborrecerá. Recebemos muitas visitas e Thomas tem alguns amigos solteiros e belos. Diga que virá, Lizzie, porque sinto muito sua falta.

Lizzie não tinha respondido ainda. adoraria visitar Anna em algum momento no futuro, mas suas feridas continuavam tão vivas que não podia pensar sequer na possibilidade daquela visita, sobre tudo tendo em conta que Anna parecia acreditar que podia casá-la com algum amigo de Thomas. Lizzie não se enganava. Sua reputação estava arruinada de tal forma que nunca se casaria... o que era um alívio. Embora ainda tivesse a chance de se casar, não tinha dúvida alguma de que nunca deixaria de amar Tyrell. Para ela não podia existir ninguém mais.

Eleanor entrou no salão. Lizzie se alegrou de ter algo com que distrair-se.

— O que você acha? Gosta de nossos enfeites? Devo confessar que quase tudo é obra de Georgie.

— São muito festivos —Eleanor sorriu. Ia, como sempre, magnificamente vestida de negro, com mais diamantes que uma duquesa. Lizzie nunca esqueceria que, em seus maiores momentos de necessidade, Eleanor a tinha recebido com os braços abertos e sem rancor.

— Seus pais estão aqui. Vi sua carruagem chegando — sorriu e disse a Lizzie— Esse bolo de rum com passas que vi na cozinha, foi você quem fez?

Lizzie assentiu.

— Ontem à noite —confessou— É o preferido de papai.

Eleanor tocou seu rosto.

— E a que hora foi isso? A meia-noite? Às duas de amanhã? Às três?

Lizzie afastou o olhar. Tinha chegado a odiar as noites. Naquelas horas de escuridão, via-se assaltada por sua solidão, por suas lembranças e pelo amor que tinha por Tyrell e por seu filho. Se dormisse tinha sonhos maravilhosamente vividos. Às vezes Tyrell fazia amor e outras vezes ria com ela, a abraçava ou a provocava. Ned estava freqüentemente com eles e eram uma família. Despertar daqueles sonhos era um suplício. Assim que recuperava a

consciência e compreendia que estava em Londres, só e sem amor, sentia como se uma faca se retorcesse em seu peito.

— Está muito magra —a repreendeu Eleanor— e passar as noites perambulando pelos corredores não serve de nada.

Lizzie sabia que usava agora dois números menor de roupa, pois tinha que apertar seus vestidos. Mas só tinha que olhar seus voluptuosos seios para saber que não era nenhuma vareta. Sorriu a sua tia.

— A senhora se preocupa muito. Não franza o cenho.

Mas Eleanor baixou a voz e entregou uma carta.

— Isto acaba de chegar —disse com certa desaprovação.

Lizzie viu o carimbo e seu coração disparou. A carta vinha da Irlanda. Virou-a e viu que tinha o selo da condessa.

— Lizzie, não acredito que esta carta seja de grande ajuda —disse Eleanor.

Lizzie a olhou.

— Preciso saber como Ned está.

— Está bem. Está muito bem. Acredito seriamente que deveria insistir em que a condessa deixe de te escrever.

— Sinto falta dele —respondeu ela com simplicidade. Não toleraria nenhuma interferência em sua correspondência com a condessa.

— Deve deixá-lo —disse Eleanor com firmeza— Querida, não há outra maneira para que você continue com sua vida.

Lizzie sorriu.

— Estou continuando com minha vida, tia Eleanor. Nos mudamos para à cidade, celebramos jantares e trabalho como voluntária no hospital de Saint Anne —disse. Há várias semanas vinha trabalhando ali, ajudando mulheres e crianças doentes, tanto de dia quanto de noite— De fato, não poderia estar mais atarefada.

Eleanor suspirou.

Soou a campainha e Lizzie se afastou rapidamente de sua tia. aproximou-se da soleira do salão e viu que Leclerc ia abrir a porta. E do outro lado da porta estava Rory McBane.

Lizzie se surpreendeu, porque esperava seus pais. Rory levava uma bolsa que sem dúvida tinha presentes natalinos.

Lizzie sorriu. Sempre havia gostado muito de Rory. Era tão engenhoso e encantador, e tão bonito... Não tinha tornado a vê-lo desde o verão, quando tinha se enfurecido com ela por mentir para ele. Mas depois disso tantas coisas tinham mudado, muitas coisas. Lizzie se alegrava sinceramente de vê-lo e se aproximou dele com a esperança de que tivesse perdoado e pudessem deixar o passado para trás.

— Rory! Que alegria ver você! Feliz Natal —disse brandamente.

Rory deixou a bolsa no chão e fez uma reverência.

— Olá, Lizzie —se endireitou e a observou sem sorrir— Faz muito tempo. Feliz Natal —e havia uma pergunta tácita em seus olhos, uma pergunta que Lizzie entendeu.

Rory lamentava sua discussão tanto como ela. Lizzie sorriu com verdadeiro alívio.

— Obrigado por vir.

Ele devolveu o sorriso.

— Como não ia visitar meus parentes favoritos?

— Ah, ainda é o mais galante dos cavalheiros! —e, tomando-o pelas mãos, Lizzie pôs-se a rir. Aquele som a surpreendeu e se deu conta de que aquela era a primeira que ria de verdade desde sua partida da Irlanda.

Mas Rory não a olhava mais. Seus olhos estavam em um ponto atrás de Lizzie.

— Espero que isto signifique que senti minha falta —murmurou.

Lizzie olhou para trás dela sem soltá-lo. Georgie e Eleanor estavam na soleira da porta. Sua tia sorria, encantada em ver seu sobrinho. Lizzie virou e o arrastou, consciente da irritação de sua irmã.

— Tem que ficar para jantar — disse.

Ele riu.

— Veremos. Olá, tia. Vai me receber com o mesmo entusiasmo de Lizzie? —olhou a Georgie.

Lizzie também olhou a sua irmã, e ficou feliz ao notar que Georgie nunca tinha tido melhor aspecto. Usava um simples vestido azul claro e um avental branco amarrado à cintura, tinha manchas de pó nas faces e um tom dourado no nariz. Nessa tarde, quando tinha decidido subir uma escada ela mesma para decorar o salão, tinha soltado o cabelo comprido e loiro escuro da cor do mel, caía-lhe em suaves ondas ao redor do rosto e os ombros. Embora desalinhada, Georgie era uma mulher muito bela. E estava ainda mais bonita, pensou Lizzie, porque tinha se ruborizado.

Eleanor estava repreendendo Rory por sua longa ausência.

— Já era hora! Se transformou em um sobrinho muito negligente —disse em tom de recriminação, embora sorrisse.

Ele fez uma reverência.

— Minhas mais sinceras desculpas, tia —e ao levantar-se inclinou a cabeça para Georgie; seu rosto também se ruborizou levemente—. Senhorita Fitzgerald.

Georgie afastou o olhar e fez uma reverência.

— Senhor McBane.

Ele desviou rapidamente o olhar e sorriu a Lizzie e Eleanor.

— Eu adoraria ficar para jantar, sempre e quando não incomodar.

— Você nunca incomoda, não é mesmo Eleanor? —disse Lizzie.

Eleanor a olhou um instante.

— Vagabundo! —disse por fim, e beijou Rory no rosto. — Faz tempo que precisamos de um pouco de alegria nesta casa. Porque demorou tanto para nos encontrar?

Rory sorriu.

— Estive muito atarefado, tia, com minhas famosas aventuras.

— Tenho até medo de perguntar quais são essas aventuras. Espero que sejam de assuntos profissionais.

— Naturalmente —ele se pôs a rir. Piscou a Lizzie e ela supôs que teve a audácia de se referir a algum tórrido romance.

Eleanor deu o braço a Rory e o levou ao salão.

— As garotas estão esperando seus pais. Esta vai ser uma noite de celebração. Ficará para o jantar.

Ele se pôs a rir e murmurou:

— Eu também senti sua falta, tia.

Depois deles, Georgie lançou a Lizzie um olhar irado e se aproximou dela enquanto os outros dois entravam no salão.

— Por que o convidou para jantar? —disse em voz baixa. Parecia muito zangada—. Pareço um asno!

Lizzie sorriu de novo.

— Pode mudar o vestido antes do jantar, por que não tenta desfrutar de sua companhia? Não tivemos um convidado divertido desde que chegamos. Os amigos de Eleanor são velhos e aborrecidos. E Rory é nosso primo e meu amigo.

Georgie segurou sua mão.

— Não se lembra a última vez que nos vimos? Estava furioso conosco.

— Mas é evidente que agora não está.

Georgie se abraçou.

— É tão pretensioso! Não gosto de sua companhia porque é um mal educado.

Lizzie parecia divertida.

— Nem sequer o conhece. Não é nenhum mal educado. E tem mais interesse pela política que pelas mulheres. Sabe? têm muito em comum...

— Não temos nada em comum! —exclamou Georgie apaixonadamente, e ficou ainda mais vermelha— Nada absolutamente. Estou certa!

— Mmm. Está muito interessada em negar. Georgie, sejamos francas por um momento. É bonito, encantador e solteiro —acrescentou Lizzie, no caso de sua irmã não ter reparado naqueles atributos.

Georgie parecia furiosa.

— Não me importo nada com seu físico. E as paqueras não me parecem encantadoras. Além disso, o que quis dizer com esse último comentário? Eu gosto de estar solteira!

Lizzie sentiu vontade de golpeá-la com um objeto contundente. Nunca tinha visto sua irmã tão agitada. No verão anterior, tinha notado que Rory se sentia muito atraído por ela, e agora, por causa da agitação de sua irmã, não podia deixar de se perguntar se aquela atração não seria mútua.

— Não pode admitir ao menos que é bonito?

Georgie a olhou com teimosia e se negou a admitir qualquer coisa. Lizzie se perguntou de repente se um homem como Rory assustava a sua irmã. Assim, tendo em conta sua paixão pela política, sua boa aparência e sua educação, Rory era muito indicado para ela. E, se algum dia herdasse a fortuna de Eleanor, seriam um par perfeito.

— Pois eu, ao menos, me alegro que tenha vindo. E espero que volte a nos visitar. Estou cansada desses caquéticos amigos de Eleanor.

A expressão zangada de Georgie se desvaneceu. Suspirou.

— Sinto muito. Não sei porque agi assim. Deveria trocar de vestido... por mamãe e papai, claro —olhou para o salão, onde Rory estava dando de presente aos ouvidos de Eleanor uma história intrascendente enquanto segurava na mão uma taça de cidra. Lizzie seguiu seu olhar. Rory McBane era realmente um fantasia de diabo sedutor, com seus brilhantes olhos verdes, a covinha no queixo e seu sorriso irresistível.

Georgie respirou fundo e disse com calma:

— A verdade é que estou feliz que esteja aqui. Fazia meses que não te via rir.

Lizzie a olhou com atenção.

— Rory é muito engenhoso.

— Não — Georgie apertou sua mão e a olhou diretamente nos olhos. — Você tem muito carinho por ele e ele por você. Qualquer idiota pode ver, Lizzie. E por isso, estou certa, está aqui.

A noite tinha sido feliz no fim das contas, pensou Lizzie. O jantar acabou sendo muito divertido; sua mãe tinha levado a voz cantante na mesa, contando suas peripécias nos círculos da alta sociedade irlandesa. Conforme dizia, agora era a melhor amiga da condessa. Ia a Adare uma vez por semana, no mínimo. A condessa era a dama mais amável e bondosa que tinha conhecido, e também a mais bela.

— E como o conde a trata bem! — exclamou enquanto bebia sua terceira taça de vinho. Lançou a seu marido um olhar—. Você poderia aprender algumas coisas com ele, papai.

O senhor Fitzgerald sorriu a Lizzie calidamente, e ela sentiu seu coração saltar.

— Farei, querida — respondeu ele.

Lizzie se perguntava se sua mãe tinha visto Ned. O menino vivia, naturalmente, em Wicklowe, com seu pai. Mas possivelmente viessem visitar Adare algum dia que sua mãe estivesse ali. Sentiu que seu sorriso se desvanecia e pegou sua taça de vinho.

Eleanor, que permanecia sentada em silêncio à cabeceira da mesa, desfrutando aparentemente do bate-papo da senhora Fitzgerald, falou por fim.

— Alegra-me ver você tão feliz, Lydia.

— Bom, sinto falta das minhas meninas — se apressou a dizer a mãe de Lizzie — Raven Hall não é o mesmo sem elas. Mas, naturalmente, jamais as reprovaria que estejam aqui, com você, Eleanor. E Anna vai muito bem. Thomas a mima muito. Estou ansiosa que dê a luz.

— É uma pena que Anna não possa estar aqui, conosco — disse Eleanor.

— OH, morro de vontade de ver minha querida menina — exclamou Lydia.

Seu pai se virou para Rory.

— Sua caricatura era excelente.

— As caricaturas de Rory são extraordinariamente boas — disse Lizzie.

Rory a olhou com um sorriso. Perguntou a seu pai brandamente:

— Que caricatura?

— A que mostrava o Parlamento como um circo cheio de engolidores de espada, lançadores de chamas e todo tipo de loucos. E ainda desenhou o porta-voz com cascos, chifres e rabo.

Rory se pôs a rir, mas Georgina deixou escapar uma exclamação de surpresa. Rory a olhou um instante e depois sorriu a seu pai.

— Representei-o como um demônio que enrola nossos compatriotas irlandeses para que vendam seus espírito político.

Eleanor suspirou.

— Vejo que suas opiniões continuam sendo tão radicais como antes.

— Radicais! —exclamou Georgie, com o rosto vermelho como um tomate.

Lizzie não tinha dúvidas de onde ia levar aquela conversa. Pigarreou.

— Comemos a sobremesa no salão?

Mas Rory sorriu a Eleanor, divertido.

— Estive a ponto de caricaturar o príncipe, assim deveria se alegrar de que, tenha sido mais comedido, tia.

Antes que Eleanor pudesse responder, Georgie disse:

— Nossos compatriotas não estão vendendo seu espírito político! —parecia horrorizada.

Rory a olhou do outro lado da mesa, com seu sorriso intacto.

— Lamento discordar, senhorita Fitzgerald, mas prefiro não me envolver em um debate político com uma mulher.

Lizzie fez uma careta. Consciente das apaixonadas opiniões políticas de sua irmã, pressentia uma discussão interessante. Georgie nem sequer tentou sorrir.

— Por que? —perguntou rapidamente, inclinada sobre a mesa — Acaso as mulheres não têm inteligência? Nossas opiniões não contam? Ou é minha opinião em particular que carece de importância, senhor McBane?

— As mulheres têm intelecto, certamente, senhorita Fitzgerald —se apressou a responder—. Naturalmente! Lamento muito ter dado a impressão de que não é assim. E sua opinião importa, é obvio —acrescentou, consciente de que tinha caído na armadilha de Georgie. Ruborizou-se.

Georgie sorriu.

— É um alívio ouvir dizer isso —murmurou. — Em minha opinião, sua caricatura é insubordinação.

Lizzie mordeu o lábio, sem saber ria ou não. Os olhos do Rory pareciam a ponto de sair das órbitas enquanto Georgie parecia muito satisfeita consigo mesmo. De fato, sorriu a sua tia com grande doçura.

— Vamos ao salão para comer o bolo de rum com passas e o conhaque?

Mas Rory se inclinou sobre a mesa, para ela. Já não sorria.

— Você está me acusando, aqui na mesa de jantar, de rebelião?

— Sim, senhor. Você calunia o bom nome de nossos compatriotas, dos homens que falam por todos nós de assuntos de grande importancia no Parlamento da União. Isso é difamação. É rebelião!

Rory ficou um momento sem fala. Lizzie nunca tinha visto uma expressão tão cômica em seu rosto.

— Mas, naturalmente, você pode defender seus pontos de vista, se deseja debater comigo. A menos que tenha medo de ser derrotado por uma mulher —acrescentou ela com aparente indiferença.

Lizzie sufocou a risada tampando a boca com a mão. Seus pais se olharam com estupor.

— Georgina Mai! —exclamou sua mãe—. Vamos ao salão.

Georgie se levantou e encolheu os ombros com altivez. Rory ficou em pé de um salto, mas Lizzie não achou que o fez como um gesto automático de um cavalheiro.

— Está decidida a me arrastar para uma discussão! —exclamou sem dirigir-se a ninguém em particular.

Georgie teve a sensatez de vacilar.

— Não me dá medo debater com você, senhor —disse com calma—.E ainda estou esperando sua réplica —ele a olhou boquiaberto de assombro—. Ou você pode admitir sua derrota —Georgie sorriu docemente.

Lizzie viu como Rory lutava para não deixar Geogie provocá-lo.

— Senhorita Fitzgerald, não conheço nenhum cavalheiro que deseje sinceramente debater com uma dama. Você é muito decidida, mas não penso cair na sua armadilha.

Georgie girou os olhos, exasperada.

— Armadilha? Não acredito que se trata disso, senhor McBane.

Ele sacudiu a cabeça e se inclinou sobre a mesa.

— Pode ser que você seja muito inteligente para seu próprio bem —disse com certa tensão enquanto a olhava nos olhos.

A senhora Fitzgerald os olhava com fascinação, como Lizzie. Seu pai, entretanto, levantou-se.

— Estou preparado para tomar esse brandy —disse—. E estou de acordo que um cavalheiro não deve discutir com uma dama.

Lizzie se alegrou que aquele esforço de discussão tivesse acabado. Rodeou firmemente com o braço sua irmã.

— Vamos comer o bolo no salão —disse, apesar que estava intrigada. Georgie, que sem dúvida tinha sabido defender-se, parecia muito agitada, e Rory a olhava com extrema intensidade. Lizzie nunca o tinha visto olhar assim para uma mulher.

Georgie assentiu com a cabeça.

— Me desculpem —murmurou, e saiu apressadamente do salão de jantar. Lizzie se virou para Rory, mas ele estava olhando sua irmã com os olhos entreabertos. Nesse momento, compreendeu, mesmo antes que começasse, que tinha começado a caçada. Quanto parecia de repente com Tyrell!

— Perdoe-a, por favor —disse—. Tem fortes convicções políticas... e é muito sincera. Estou certa que não queria te acusar de difamação. Mas acredito que é apaixonada tanto como você do tema da Irlanda.

Rory puxou a gravata, possivelmente para afrouxar e a olhou. Por fim sorriu.

— Não há nada a perdoar. E sua irmã não é a primeira pessoa que se ofende por causa das minhas caricaturas. Possivelmente algum dia possa ganhá-la para minha causa.

Lizzie teve que rir.

— Duvido seriamente. Ninguém é tão...—deteve-se. Tinha estado a ponto de dizer como sua irmã era teimosa e decidida.

— Ninguém é tão o que? —perguntou ele.

— Ninguém é tão ardiloso como minha irmã —respondeu Lizzie com um sorriso. Mas sabia que agora era ela que devia agir com astúcia.

Rory não adivinhou o que estava pensando: mas seu olhar já tinha ido para a outra sala.

Por fim tinham entrado no salão. Rory e o senhor Fitzgerald bebiam conhaque e falavam de cavalos de raça; a mãe de Lizzie estava sentada com Georgie e Eleanor no sofá e repreendia a sua filha por ser tão franca e possuir opiniões políticas tão arraigadas. Georgie se negava a falar. Estava claro que não interessava em se defender. Lizzie não se importava. Aquela tinha sido a noite mais agradável que tinham passado em meses. A imagem de Tyrell veio imediatamente à mente, mas não se afligiu. Afugentou aquela imagem e se aproximou dos dois homens. Sorrindo.

— Papai, sei que quer fumar. Estou certa que tia Eleanor não se importará que use o terraço.

Seu pai sorriu com carinho.

— Querida Lizzie, continua tão considerada como sempre. Estou bem.

Ela se voltou para Rory.

— Você não quer fumar?

— Sim, minha querida, mas está muito frio lá fora —seus olhos verdes brilharam ao sorrir. Estava confortável, com as pernas cruzadas e uma expressão de suave alegria. Seu olhar pousou no sofá onde estavam sentadas as mulheres.

— Foi muito inoportuno de sua parte, Georgina, fazer desse modo uma armadilha a seu primo, seu próprio primo —estava dizendo a senhora Fitzgerald.

Georgie murmurou uma resposta indistinta e ambígua. Lizzie observou Rory enquanto ele olhava a sua irmã. A postura de Rory era lânguida, mas a expressão de seus olhos não. Tinha um olhar sombrio e intenso. De repente, Rory olhou para Lizzie e sorriu.

— Precisa que a resgatem? —perguntou.

Lizzie devolveu o sorriso.

— Você melhor que ninguém deveria saber que não; ela sabe se defender sozinha, se desejar.

Ele riu.

— Sim, sei.

— Então, quer ir fumar na sala de jogos? Podemos convertê-lo no salão de fumar...

— Estou bem —disse Rory e, ficando em pé, alongou o corpo. Seu olhar vagou tranqüilamente pelo salão a enésima vez. Inclinou-se para ela—. E você, Lizzie? Como está de verdade? —seu olhar se tornou escrutinador.

Lizzie ficou tensa.

— Melhor —disse, e se surpreendeu que fosse verdade—. Sua visita me animou muito. Tocou seu rosto um instante.

— Quando cheguei me pareceu triste e acho que sei por que.

Lizzie umedeceu os lábios, cheia de tensão e consciente da tristeza que estava escondida em seu interior, pronta para assaltá-la.

— Foi duro —disse por fim—. Muito duro.

Ele vacilou.

— Posso falar livremente? —Lizzie temia o que pudesse dizer—. Tenho tanto carinho por você como se fosse minha irmã, se tivesse uma. Achei muito bom quando você partiu de Wicklowe.

Lizzie afastou o olhar.

— Não havia mais remédio —disse com voz vacilante.

—Sinto muito, não esperava que este assunto ainda fosse tão doloroso para você —Rory segurou a mão de Lizzie.

Lizzie foi sincera.

— Ainda o amo profundamente.

Rory fez uma careta.

— Não merece sua lealdade. Não, depois de como a tratou. Sua conduta foi desonrosa.

Lizzie não queria ouvir nada mais. Mudou rapidamente de assunto.

— Ficaré muito tempo em Londres?

— Sim. Não posso fazer minhas caricaturas se não for testemunha das disputas políticas desta cidade.

— Então deve vir nos ver com freqüência —disse Lizzie—. Por favor, Rory, não temos visitas interessantes. Os amigos de tia Eleanor são velhos ranzinzas e duros de ouvido.

Ele pôs-se a rir.

— Então serei tão chato como uma praga.

— Bem —disse ela, e sorriram um ao outro.

O olhar de Rory voltou a vagar pelo salão. Lizzie olhou para trás e viu que Georgie se afastava para o outro lado do salão e estava em pé junto às janelas. Mas não olhava para fora. Estava observando os dois. Rory fez uma reverência e se desculpou. Lizzie percebeu que ele ia diretamente para sua irmã. Como era um homem ardiloso, deteve-se um momento para falar com Eleanor e a senhora Fitzgerald antes de aproximar-se dela.

— Lizzie?

Lizzie olhou para seu pai.

— Mamãe parece tão feliz... —disse com certa ansiedade. Não tinha ficado frente a frente e a sós com seu pai desde aquele terrível dia, em Wicklowe.

— É muito feliz —disse ele—. Agora tem reputação ruim, mas está muito mais solicitada. Lizzie mordeu o lábio. Sua mãe estava com a reputação ruim por culpa dela.

— Sinto muito, papai —disse com um soluço—. Me perdoa?

Ele segurou suas mãos.

— Sim, minha querida, te perdoei. Mas você poderá me perdoar? Meu Deus, Lizzie, é meu coração, meu coração mesmo, e ainda não sei como pude te dizer tudo aquilo.

— Não há nada a perdoar, papai —disse Lizzie com lágrimas nos olhos—. Sei o quanto te decepcionei. Não pensava com clareza. Tomei uma decisão errada. Nunca pretendi causar tanto sofrimento a vocês.

—Sabemos. Amo você tanto... —disse seu pai, e a abraçou—. Não voltaremos a falar disto, Lizzie.

—E você gosta de Londres? —perguntou Rory com calma. Por estranho que parecesse, não pensou em outra coisa que dizer. Sentia-se tão indeciso como um colegial e tinha vontade de puxar a gravata para afrouxá-la mas já tinha feito isso. Georgina era uma das mulheres mais belas que já tinha visto, e entretanto parecia não conhecer seu próprio encanto, assim como sua inteligência. Agora que Rory tinha descoberto como era inteligente, tinha que cruzar o abismo de suas opiniões políticas diferentes, mas ele a admirava imensamente por possuir convicções tão profundas.

Ela estava na portas do terraço, com o olhar perdido, mas lançou a ele um olhar de soslaio. Comparada com as damas glamurosas que estava acostumado, parecia terrivelmente distante.

— Adoro Londres —disse ela. Não sorriu. Rory pensou que possivelmente estivesse nervosa, mas não podia estar seguro.

Já tinha prestado atenção antes em seu perfil clássico. Em outra época, Georgina poderia ter sido uma rainha egípcia de cabelo loiro. Apesar da falta de recursos e da falta de posição social de sua família, sempre tinha se comportado com grandesa. Ele sabia que devia tirar a importância daquele instante, mas, por uma vez, seu encanto e seu inteligência falharam. Assim disse:

— E por que gosta muito desta cidade?

Ela cruzou os braços sob o peito. Era uma mulher alta e esbelta, e aquele gesto elevou seu modesto seio. Rory se sentiu intrigado, seu vestido não era nada atrevido. Ela o olhou por fim.

— Nunca há um momento aborrecido —disse.

Ele devolveu o olhar. Demorou um momento em recuperar seu raciocínio, e a princípio não pensou que talvez ela se referisse a sua discursão. Estava pensando na probabilidade de que suas pernas fossem muito longas, e isso fazia com que imagens muito pouco cavalheirescas invadissem sua cabeça.

— Por causa de loucos insubordinados como eu?

Ela ruborizou.

— Foi terrível de minha parte dizer isso. Desculpe-me. Deixei me levar, senhor McBane. A rebelião é um delito muito grave e a guerra mal acabou, embora Napoleão tenha fugido, ainda se pode enforcar um homem por suas opiniões.

— E você se importaria comigo? —ouviu-se perguntar com extrema tranquilidade.

Ela ficou olhando a noite.

— Não desejo absolutamente sua morte, senhor McBane.

— É um grande alívio —seu pulso se acelerou.

Ela sorriu, mas se apressou a ocultar seu sorriso.

Rory a tinha feito sorrir! De repente se sentiu realmente como um colegial: sentia uma extraordinária alegria.

— Então, o que é que tanto gosta em Londres? —esperava que ela respondesse como qualquer jovem dama: que gostava dos bailes e dos jantares, que houvesse tantas senhoritas e cavalheiros refinados na cidade, e que tudo fosse tão emocionante.

— O melhor de Londres? —a ansiedade se filtrou no tom de voz de Georgie. Ele assentiu com a cabeça, desejava saber sinceramente—. As livrarias —respondeu ela, e duas manchas rosadas apareceram em suas bochechas.

— As livrarias —repetiu ele. Curiosamente, sentia-se quase eufórico: deveria ter adivinhado que uma mulher tão inteligente e convencida de suas opiniões preferiria os livros à moda, e as livrarias que aos salões de baile.

— Sim, amo as livrarias —ela levantou o queixo—. Vejo que se surpreende. Assim agora já sabe a verdade: sou uma mulher pouco elegante. Tenho fortes convicções políticas, não gosto das festas e não conheço melhor passatempo que ler Platão ou Sócrates.

Ele a olhou estupefado. E não pôde evitar perguntar-se se a teriam beijado alguma vez. Mas, naturalmente, aquele odioso indivíduo com o que tinha estado noiva a teria beijado. Rory ainda não conseguia entender aquilo.

— Por que cada uma de suas palavras soa como um desafio?

Os olhos de Georgie aumentaram.

— Não estou desafiando! —disse com certo alarme—. Está me olhando fixamente. Vejo que o surpreendi.

E ele estava seguro de que isso era o que pretendia. Não pôde menos que começar a sorrir.

— OH, estou francamente assombrado. Uma senhorita que desfruta da filosofia e da política... Como você é assombrosa.

Ela se ruborizou, virou-se bruscamente, e se dispôs a afastar-se.

— Agora você ri de mim? Me fez uma pergunta e respondi sinceramente. Lamento não ser coquete como as senhoritas da alta sociedade. Ah, aí está Lizzie. Sem dúvida não se esqueceu dela.

Ele deu um passo, um pouco zangado. Georgie era a mulher mais irritante que tinha conhecido. Agarrou-a por trás e a fez virar-se.

— O que quer dizer com isso? —perguntou, consciente de que devia aplacar seu aborrecimento antes que pudesse comportar-se da maneira mais inoportuna. E, pela canto do olho, viu que estavam sob o ramo de azevinho.

Sua irritação se dissipou. Começou a sorrir, muito contente. Mas os olhos de Georgie brilharam e ele se sobressaltou ao vê-los umedecidos.

— Quero dizer que você desperdiça seu encanto comigo —soluçou ela—. Conheço os de sua classe. Agora, me solte, senhor.

Ele mal a ouvia. Via, em troca, seus brilhantes olhos de cor topázio, seus lábios carnudos e franzidos, seu peito pequeno e atrativo e sucumbiu à luxúria. Nesse instante, decidiu atuar. Talvez não gostasse absolutamente, mas ele a desejava há muito tempo. E sabia quando uma mulher o desejava. Via em seus olhos... sentia.

Apertou-a entre seus braços, contra seu peito. Ela proferiu um gemido de protesto e ele a apertou instintivamente com mais força. Negou-se a permitir a ela uma só ocasião para falar, e viu que estava atônita pelo que pretendia fazer.

Beijou-a.

E algo o encheu por completo: uma espécie de estupor, seguido de uma certeza: Nunca tinha conhecido uma mulher como aquela.

Ela pôs as mãos sobre seu peito para afastá-lo. Rory não notou. Aturdido por sua súbita convicção, devorou sua boca até que ela se deu por vencida e abriu os lábios. Ele invadiu sua boca, a princípio com cautela; logo com veemência. Georgie era formosa, brilhante e obstinada. Era perfeita, perfeita para ele.

E Georgie se derreteu. Rory viu o momento exato de sua rendição, e, com uma autêntica sensação de triunfo, aprofundou o beijo. Ela começou a beijá-lo com uma ansiedade que rivalizava com a sua.

Compreendendo que aquilo conduzia a um lugar muito mais transcendental que sua cama, Rory se afastou e a soltou.

Georgie o olhou fixamente, com os olhos enormes.

Ele lutou para recuperar a compostura e se perguntou o que devia fazer em seguida. De algum modo conseguiu sorrir.

— Não pude resistir —disse, e olhou tranqüilamente o ramo de azevinho, apesar que seu coração batia com violência.

Ela levou a mão à boca enquanto olhava a coroa. Rory não soube se estava limpando os lábios com asco ou se os tocava com reverência. Georgie retrocedeu, sufocada.

— E-isso —gaguejou—, isso foi... foi muito impróprio.... senhor McBane.

Ele não sabia o que dizer, coisa extremamente estranha, assim fez uma reverência.

— Acredito que devo ir. Obrigado por uma noite tão agradável —disse com toda a amabilidade que era capaz. Continuava aturdido pelo beijo—. Espero com ansiedade nosso próximo encontro.

FALANDO SEM RODEIOS

Mary de Warrenne queria que as festas fossem perfeitas: uns dias de paz, amor e alegria. A tradição familiar ditava que passassem as festas em Adare, mas, devido ao compromisso de Tyrell, estavam em Harmon House, em Londres. A condessa estava sentada em uma ampla poltrona do salão particular da família; seu neto Ned, que já tinha um ano e cinco meses, e sua neta Elysse, que tinha completado um ano fazia um par de meses, brincavam alegremente a seus pés. Ao vê-los se enchia de alegria, mas isso não aliviava sua profunda preocupação por causa de Tyrell.

Preocupada, olhou ao outro lado da sala. Tyrell estava de pé junto a lareira, com Rex, que tinha chegado de Cornualles para passar as festas, Edward e Devlin Ou'Neill, o filho primogênito da condessa. Estavam falando da guerra (o tema quase nunca variava) e, como acontecia sempre na família, havia tantas opiniões como vozes para as expressar. A discussão era acalorada, mas Tyrell apenas ouvia sem muita atenção. Olhava, pelo contrário, fixamente as chamas da lareira, sem sorrir e visivelmente alheio à conversação e até mesmo à reunião familiar.

Mary, que o queria como se fosse seu próprio filho, continuou observando-o. Não se atrevia, apesar de tudo, perguntar sobre a causa de seu sombrio estado de ânimo, e Edward, por sua parte, negava-se também a fazê-lo. Estava certa de conhecer o motivo que os sorrisos de Tyrell eram agora tão raros, ou por que se inundava em suas obrigações no Tesouro. Tyrell tinha o coração destroçado e ela desejava poder curá-lo.

Como era feliz! Casou-se por amor não uma, mas duas vezes, e Edward era o amor de sua vida. A diferença de outras mulheres de sua posição, não acreditava que um herdeiro

devesria se sacrificar por sua família em nome do dever, pois tinha visto de primeira mão onde conduzia aquele sacrifício.

Devlin se afastou repentinamente do grupo. Alto, arrumado e bronzado, sorriu ao aproximar-se das damas, com o olhar fixo em sua esposa. Virginia estava sentada junto a Blanche, que tinha ido passar com eles as festas. Eleanor, a filha de dezesseis anos do conde, estava sentada no sofá, não muito longe de Mary. Devlin e Virginia trocaram um olhar de amantes, e Mary se sentiu feliz. Em outro tempo, não fazia muito, a vingança tinha governado a vida dele mas Virginia tinha conseguido mudar tudo isso.

— Mãe —disse ele com um sorriso—, por que está tão pensativa?

Ela voltou a olhar para Tyrell.

— Só estou cansada —murmurou.

Devlin seguiu a direção de seu olhar.

— Importaria em me dizer por que ele está tão anti-social?

Mary se levantou e ambos se afastaram das mulheres.

— Tenho certas idéias a respeito, Devlin, mas possivelmente seja melhor que fale com ele e o veja por si mesmo. Uma vez, antes de que se casasse com a Virginia, Tyrell te ajudou muito. Talvez agora você possa ajudá-lo.

Devlin elevou suas sobrancelhas coradas e olhou a Blanche, que estava conversando com suas futuras cunhadas.

— Acredito que começo a entender —disse lentamente—. Tem razão. Tyrell foi muito mais que um irmão. A vingança quase me custou a Virginia. Foi um grande amigo. Espero poder devolver o favor.

Mary o pegou pelo braço.

— Sean virá? —perguntou, referindo-se a seu filho menor.

Devlin sorriu com convicção.

— Não tive notícias deles desde que se foi de Askeaton em junho. Acredito que continua no centro do país. Não sei no que andarás metido, mas estou seguro de que logo saberemos.

Mary assentiu com a cabeça. Esperava que Sejam voltasse para casa. Quando em junho tinha abandonado seu lar ancestral, não havia dito uma palavra a respeito de onde pensava ir nem o que pensava fazer, e aquilo era muito estranho. Só estava fora uns meses e Mary não estava preocupada na realidade, mas sentia falta dele. Cliff, naturalmente, também estava ausente, mas ele sempre tinha sido por natureza um aventureiro.

Mary viu que Devlin ajudava Virginia a se levantar e a beijou na bochecha. Logo beliscou a sua meio-irmã no queixo, como se fosse ainda uma menina, e se virou para Blanche.

— Está gostando de suas primeiras festas com a pomposa família De Warenne?

— Muitíssimo —respondeu Blanche com um sorriso— Sou filha única e é assombroso formar parte de tanta alegria e bom humor —acrescentou.

Mary observou Devlin enquanto ele conversava com a noiva de Tyrell. Nos escassos meses que fazia que conhecia Blanche, sempre a tinha visto comportar-se da maneira mais exemplar: nunca elevava a voz, nem perdia os nervos, e sempre era generosa e bem disposta. E Mary gostava dela seriamente: simplesmente, não havia nela nada desagradável. Mas Tyrell parecia indiferente a ela. E Blanche nem sequer parecia notá-lo.

Mary tinha acreditado que ainda se apaixonassem, ou pelo menos que chegassem a ter carinho um pelo outro. Estava certa de que isso aconteceria... com o tempo.

O conde parou junto a sua poltrona.

— Querida, o que posso fazer para aliviar suas preocupações? —perguntou em voz baixa.

A condessa levantou o olhar e procurou sua mão. Só a presença de seu marido a tranquilizava grandemente.

—Estou tão contente que Devlin e Virginia tenham vindo...—disse. Devlin e Virginia tinham passado mais de um ano na América, na plantação onde ela se criou.

— Eu também me alegro muito que Devlin tenha voltado para casa, e que Virginia e ele tenham resolvido seus problemas. Devlin é outro homem graças a ela. Graças ao amor de uma mulher boa —acrescentou o conde.

— Edward, Tyrell sorriu pelo menos uma só vez esta noite?

Ele segurou sua mão e seu próprio sorriso se desvaneceu.

— Seja o que for que o preocupa, estou certo que passará.

Mary pensou que seu marido se enganava. E olhou ao outro lado do salão, onde Tyrell se virou e estava observando Devlin e Blanche sem interesse, e sem indício de ciúmes. Embora Devlin e ele fossem meio-irmãos, os homens da família De Warenne eram famosos por seu sentido de posse e seu ciúmes.

— Acredito que é óbvio que sofre pela senhorita Fitzgerald —disse Mary com cautela.

Os olhos de Edward se escureceram, uma indicação de que sua irritação começava a avivar-se.

—S uspeito que tem razão. Mas é um homem e meu herdeiro e superará essa aventura.

Mary nunca tinha temido enfrentar seu marido em modo algum. Disse com suavidade:

— Eu pensei que se apaixonaria por Blanche e sei que você também. Mas acredito que está profundamente apaixonado pela senhorita Fitzgerald.

— Este enlace é muito vantajoso e Tyrell sabe! —exclamou ele— O amor não é um requisito para o casamento. Entretanto, se Tyrell conseguir desfazer-se de sua melancolia, estou certo que acabará sentindo grande carinho por ela, Blanche. Precisa de tempo — acrescentou.

Mary o conhecia muito bem. Sabia que se culpava pela mudança que tinha sofrido Tyrell e que estava zangado consigo mesmo.

— Acredito que se engana, Edward —disse com muita calma— Sei que o tempo não mudará nada. Edward se ruborizou como um menino culpado de um pequeno delito.

— O que quer que faça? Já sabe o que significa este casamento para mim. E acredito que Blanche é a mulher certa para ele. Pode ser que não seja tão apaixonada como a senhorita Fitzgerald, mas será uma grande condessa, Mary. E agora podemos dormir tranquilos à noite e não nos preocupar com o futuro de nossos netos —acrescentou com precipitação e certa recriminação.

— Carinho, você sabe o que deve fazer, antes de que seja muito tarde. E sei que fará o melhor para Tyrell, porque o ama e deseja que desfrute de uma vida de paz e felicidade, como a que temos nós.

Edward estava consternado.

— Por uma vez, Mary, tenho que pensar no futuro antes que em meu filho.

Ela ficou nas pontas dos pés e o agarrou pelos ombros.

— É um dos homens mais inteligentes que conheço, e encontrará um modo de conseguir todos seus propósitos. Estou certa disso.

Ele sorriu e a enlaçou pela cintura.

— Sou uma marionete em suas mãos.

— Seriamente? —brincou ela, e ele a beijou.

No vestíbulo soaram de repente passos decididos, acompanhados do tinido de esporas. Mary se voltou, perguntando-se qual de seus outros dois filhos tinha decidido por fim reunir-se com eles para o Natal. Por um instante não reconheceu o homem que apareceu na porta. Era alto e bronzeado e usava na cabeça um lenço vermelho que cobria grande parte de seu cabelo esclarecido pelo sol. No cinto usava uma grande adaga, um par de pistolas na cintura e uma espada incrustada de jóias junto ao quadril. Vestia uma camisa limpa, mas usada, de mangas largas e vaporosas, e, sobre ela, um colete mouro de cores vivas, bordado em ouro. As longas esporas de suas botas pareciam também orientais. Então Mary o reconheceu por fim.

— Cliff? —disse Edward, tão assombrado como sua mulher. Um de seus irmãos, Tyrell ou Rex, pôs-se a rir, e logo foram todos abraçá-lo com força.

Ao acabar o jantar, os homens se reuniram para tomar conhaque e fumar e as senhoras tinham voltado para salão para conversar e trocar fofocas. Tyrell estava sozinho no terraço. A noite era úmida e muito fria e o tempo instável oscilava entre a chuva e a neve. Tyrell

bebia um uísque, incapaz de sentir o frio. Estava a tanto tempo gelado por dentro que as frias temperaturas tinham acabado por agradá-lo.

Uns olhos cinzas, vulneráveis, estranhamente acusadores e cheios de dor, encontraram-se com os seus. Resmungou uma maldição, furioso ante aquela invasão. Será que alguma vez esqueceria aquele desgraçado assunto? Sempre o perseguiria? Bebeu o restante do copo e o deixou bruscamente sobre a balaustrada, quebrando-o.

Tinha entregue seu coração totalmente a Elizabeth Fitzgerald, e nunca a perdoaria por sua traição. A ferida inicial tinha sarado, mas sua cicatriz continuava doendo, queimava e o atormentava. Fazia algum tempo tinha aprendido que a ira podia ser um refúgio, pois era muito mais passível que a pena. Já não sofria. Mas sentia raiva.

Sacudiu o sangue da mão, zangado consigo mesmo, com ela, com o mundo.

O que faltava, pensou, para não voltar a pensar nela? Para esquecer seu rosto, seu nome, mesmo sua existência?

«Não vai me deixar. Isto não muda nada».

«Isto muda tudo, milord».

Tyrell voltou a amaldiçoar. Tinha pedido que não o abandonasse, tinha suplicado que não fosse, e ela não só partiu sem pensar nele, mas também tinha ido sem dizer uma palavra. Nenhuma só palavra.

Que tolo era! Tinha acreditado em suas declarações de amor, feitas no calor do momento.

— Está doente, milord? — perguntou sua noiva com preocupação atrás dele. Tyrell compôs imediatamente uma expressão impassível e deixando de lado seus sentimentos. voltou-se e se inclinou ante ela ligeiramente.

— Estou bem, milady. Espero que esteja desfrutando de seu primeiro Natal com minha família — disse, trocando habilmente de tema.

Ela se aproximou com passos tão graciosos que parecia flutuar e sorriu um pouco, com aquela expressão que sempre tinha no semblante.

— Como não ia desfrutar? Você tem você uma família muito agradável.

Ele se lembrou que era filha única.

— Festas como estas devem ser muito diferentes para você, com tantas pessoas na casa.

Ela se limitou a levantar as sobrancelhas.

— Seus irmãos são muito galantes, Tyrell, sua irmã é encantadora e sua cunhada muito doce. Não tenho queixa.

Era quase impossível acreditar que ia se casar logo com Blanche. Quando a olhava, como nesse momento, não podia entender. Ela era formosa (a vista não o enganava) e, no momento, mostrou-se sempre dócil a seus desejos. Tinha um caráter muito agradável. Seus amigos, sua família e seus vizinhos a apreciavam. Era ele o único que não conseguia ter por ela sentimento algum.

Nunca, em toda sua vida, tinha conhecido uma mulher com tantas qualidades. Sua atitude era sempre a mesma. Tyrell duvidava que qualquer crise pudesse decompô-la. E se dizia que isso não importava. Sentia-se aliviado.

Uns olhos cinzas, empanados pelo desejo, assaltaram sua imaginação, bem como os gemidos selvagens de Elizabeth.

Desgraçadamente, e por mais que a desprezasse, seu corpo se agitou.

Menos mal, pensou com veemência, que Blanche não se parecia em nada com Elizabeth. Não ria muito e, quando o fazia, sua risada era baixa e serena. Tyrell nunca tinha visto seus olhos brilhando de alegria ou cheio de lágrimas; nunca a tinha visto gritar de alegria ou de angústia. E embora a tenha beijado duas vezes por pura obrigação, ignorava se ela desfrutava ou não de suas cuidados. Para falar a verdade, sua noiva continuava sendo uma estranha para ele.

— Se feriu? —perguntou Blanche, olhando sua mão.

Ele desceu o olhar.

— Não.

— Quer que faça uma atadura? Odiaria que sofresse uma infecção.

— Não vou sofrer uma infecção por uns poucos arranhões —disse Tyrell. Não queria que Blanche cuidasse dele—. Mas agradeço sua preocupação.

— Sempre me preocupará seu bem-estar, milord.

Ele afastou o olhar. Sabia racionalmente que Blanche era uma excelente escolha. Estava certo que nunca faltaria com seu dever, que nunca o desobedeceria de modo algum, e era evidente que ela não esperava nada dele pessoalmente.

Era tão diferente de Elizabeth como a noite do dia.

Por que tinha que ficar pensando nela?

— Milord, esta noite parece aflito.

Ele se endureceu, mas permaneceu quieto com grande esforço. Estava infeliz, sim, quando não tinha razão para estar.

— Com uma noite como esta, você se resfriará. Acredito que devemos entrar.

Ela procurou seu olhar e vacilou.

— Milord, saí porque devemos conversar.

— Por favor —disse ele. Ignorava por completo o que ela podia querer com ele aquelas horas.

— Há uma temporada, meu pai não se encontra bem.

Tyrell não sabia.

— Está doente?

— Não sei —disse, e Tyrell soube que estava preocupada— Se queixa de fadiga. E embora isso seria natural em um homem de sua idade, você sabe o duro que é meu pai.

De repente, Tyrell compreendeu o que queria dele.

— Deseja ir para casa —disse, e não era uma pergunta. Enquanto falava, sentiu um profundo alívio.

Ela pareceu sobressaltar-se, como se a tivessem pego em um lugar no qual não desejava estar.

—Sei que tínhamos planejado passar as festas juntos em Harmon House. Sua mãe tomou muitas cuidados para que fique.

— Não tem importância. Se seu pai não está bem, deve voltar para casa, e atendê-lo. A condessa entenderá, não tenho duvida — sorriu sinceramente. Era agradável voltar a sorrir assim—. Chamarei sua carruagem —disse.

Ela se ruborizou e evitou seu olhar.

— Já chamei, pois estava certa que entenderia. Devo atender a meu pai. Mas ainda tenho que me despedir de sua família. Partirei daqui a pouco.

— Me avise quando estiver pronta para partir, para que possa te acompanhar à porta — disse ele. Ela fez uma reverência e Tyrell a viu retornar à casa. Seu alívio foi efêmero, entretanto, pois seu meio-irmão apareceu na porta pela qual ela acabava de sair. Tyrell se esticou quando Devlin se aproximou, levando nas mãos duas taças.

— Deve ter vontade de morrer, por estar aqui fora com semelhante noite —comentou Devlin com calma. Tyrell sabia que Elizabeth era parente longínqua de Devlin e se perguntou se aqueles olhos cinzas claros eram próprios da família Fitzgerald—. Se deseja se congelar, acredito que tenho que protestar. Toma —entregou uma taça.

Tyrell a aceitou. Devlin olhou o copo quebrado, alguns fragmentos continuavam ainda sobre a balaustrada. Tyrell bebeu e esperou que seu irmão se ocupasse de seus próprios assuntos. Para desviar sua atenção, disse:

— Virginia nunca esteve tão encantadora, e nunca a vi tão feliz. A maternidade fez muito bem a ela, salta à vista. Igual a você o casamento.

Devlin sorriu.

— Está grávida outra vez, Ty —disse em tom suave, em um tom que Tyrell não estava acostumado ouvir dele.

— Santo céu! Acredito que devo te dar o parabéns —e pela primeira vez desde a partida de Elizabeth sentiu um brilho de prazer. Alegrava-se sinceramente pelos dois.

— E eu ainda não te felicitei por seu compromisso —disse Devlin, que o observava com excessiva atenção.

O sorriso de Tyrell se desvaneceu, e assentiu com a cabeça.

— Nossos caminhos não se cruzaram desde que voltou para casa. Obrigado.

Os olhos cinzas do Devlin eram penetrantes.

— Sua futura esposa é uma mulher muito bela —disse por fim.

— Sim, é —Tyrell se afastou.

— E não te interessa. Não te interessa em nada.

— Não comece! —Tyrell se voltou, furioso.

Devlin ficou atônito.

— Que demônios se passa?

Tyrell recuperou a calma o melhor que pôde e desejou não ter revelado sua extrema agitação.

— Em todos esses anos que te conheço, não te vi perder os nervos mais que duas ou três vezes —disse Devlin com calma—. É um dos homens mais equilibrados que conheço. É quase impossível te fazer zangar, Tyrell.

— Não se meta nisto —disse Tyrell com aspereza.

Devlin levantou as sobrancelhas.

— Me colocar no que? Hoje, ao chegar, achei que estava estranhamente anti-social. posso saber que bicho te mordeu?

Tyrell sorriu acidamente.

— Que bicho pode ter me mordido? vou me casar com uma mulher formosa, agradável e gentil. vou me casar com uma grande fortuna. Lady Blanche é a perfeição, não é certo?

— Lady Blanche —repetiu Devlin lentamente.

Tyrell se agarrou à balastrada e ficou olhando a noite. Devlin se aproximou dele. Passou um momento antes que falasse, e então seu tom soou sereno e cauteloso.

— Foi um grande irmão para mim. Quando seu pai se casou com minha mãe, poderia ter se negado a nos aceitar, a Seam e a mim. Mas não só nos deu as boas-vindas a sua família, mas também o fez com a maior lealdade. Lembro uma vez, pouco depois de seu casamento. Naqueles tempos corriam muitos falatórios sobre o conde e minha mãe. As pessoas queriam pensar que ela tinha sido infiel a meu pai. Eu tentei partir o pescoço a um granjeiro por seus insultos, um homem que me dobrava na idade e no tamanho. Você não pensou duas vezes: meteu-se na briga comigo, Ty. Esse dia se converteu verdadeiramente em meu irmão.

Tyrell se lembrava bem daquele incidente. Tinham onze anos, e ele nunca tinha visto tanta coragem, nem tanta ousadia como em Devlin. Agora teve que sorrir.

— Meu pai ficou furioso. Deu uma boa bronca nos dois.

— Meu pai teria me dado uma surra —disse Devlin sem amargura. Ele também sorria—. Preferi a bronca.

Tyrell riu.

Devlin apertou o ombro.

— E quando agi tão mal com Virginia para me vingar de seu tio, você interveio não uma vez, mas muitas. Então fiquei furioso com você. Mas agora só sinto gratidão por você. Me diga, o que está havendo?

Ninguém sabia melhor que Devlin Ou'Neill como desarmar um adversário e, apesar que Tyrell estava decidido a guardar sua dor e sua ira, em parte desejava ter um confidente.

— Sempre soube que o conde arrumaria para você um casamento vantajoso —disse Devlin—. O meio-irmão ao que amo tanto cumpriria sem duvidas com sua obrigação. O meio-irmão que conheço toda a vida estaria encantado com lady Blanche e com tudo o que contribui para esta família.

Tyrell o olhou com exasperação.

— É muito agradável —disse com firmeza—E estou muito contente.

— E eu devo acreditar? —Devlin o estudou um momento—. Se trata de uma mulher? — perguntou por fim. Tyrell deixou escapar um som de desgosto. Devlin levantou as sobrancelhas—. Até que Virginia entrou em minha vida e a virou do avesso, nunca teria feito essa pergunta. Mas só uma mulher pode pôr a um homem de um humor tão sombrio.

Tyrell riu com amargura.

— Muito bem. Confesso. Deixei me enganar por uma trapaceira muito ardilosa. Como sou um tolo, sentia verdadeiro afeto por ela. E agora, até sabendo que não me correspondia, pois que me rechaçou sem rodeios, não posso tirá-la da cabeça.

Devlin parecia genuinamente surpreso.

— Conheço a... dama em questão?

— Não, não a conhece... embora dê a casualidade que compartilha um ancestral com ela.

Devlin estava intrigado.

— Quem demônios é?

— Elizabeth Anne Fitzgerald —respondeu Tyrell.

Blanche parou enquanto três serventes colocavam seus baús no centro de seu dormitório. Fazia muito tempo que tinha abandonado seu quarto de menina para instalar-se em uma opulenta suíte, na asa leste de Harrington Hall. O quarto de seu pai estavam na asa oeste, do outro lado do pátio. Blanche contemplou as paredes pintadas de branco e rosa, as numerosas obras de arte que penduravam ali, a cama, com suas molduras brancas e douradas e sua colcha, os móveis, e sorriu, terrivelmente aliviada.

Era agradável estar em casa. Só tinha passado fora três dias, mas tinham parecido uma eternidade: tinha se sentido em uma prisão.

— Blanche!

Ao ouvir a exclamação de surpresa de seu pai, Blanche se virou lentamente e o viu olhando-a do salão contíguo. Conhecia-o muito bem (melhor que ninguém) e notou em seguida que ao vê-la causava tanta consternação quanto surpresa.

— Olá, pai.

— Porque está aqui? —perguntou ele. Despediu com um gesto os criados que partiram rapidamente. Blanche parou na frente dele.

— Disse para Tyrell que você não estava bem e que devia voltar para casa —disse com certa ansiedade.

— Estou bem! Não sei de onde você tirou essa idéia. Nunca me senti melhor! — respondeu Harrington com veemência—. Blanche, o que acontece? Não gostou de sua estadia em Harmon House?

Seu pai estava tão zangado que Blanche se angustiou.

— Pai, sei que não se encontra bem ultimamente. E certamente terá sentido minha falta. Esta casa é enorme. Ninguém gostaria de viver aqui sozinho.

Ele a olhava interrogativamente.

— Claro que senti sua falta. Mas essa tolice sobre minha saúde é invenção sua Blanche, e nós dois sabemos por que —se suavizou— É minha vida, Blanche, mas seu lugar é com Tyrell, com seu noivo. Aconteceu algo? Sem dúvida ele se comportou como um perfeito cavalheiro.

Blanche fechou os olhos. Estava certa que seu pai não se encontrava bem completamente, do mesmo modo que estava certa que precisava cuidar dele. Uma de onda de compreensão a embargou então. Não podia fazer aquilo. Seu lugar era na casa de seu pai, a seu lado, cuidando dele, como sempre tinha feito. Tinha tentado cumprir seus desejos, mas não queria se casar com Tyrell, nem com nenhum outro homem.

— Blanche?

Ela conseguiu sorrir.

— É muito amável, como você disse que seria. É bom e nobre, e será um marido perfeito.

Harrington a observou com atenção.

— Então, o que faz aqui?

— Senti sua falta — respondeu ela sinceramente. Nada tinha mudado. Seu pai continuava sendo a única ancora de sua vida.

Por que ela não podia ser como as outras mulheres?, Perguntava-se como das muitas outras vezes antes. Outras estariam entusiasmadas por ter Tyrell de Warrenne como marido, por compartilhar seus beijos. Tocou o peito e sentiu o bater do seu coração, lento e firme. Assim soube que continuava ali.

— Depois destes quatro meses, ainda não consegue sem sentir nenhum tipo de afeto por ele?

Ela o olhou de frente.

— Pai, não sinto nada por ele. Meu coração continua sendo tão defeituoso como sempre. Sinto muito. Sabe que eu adoraria me apaixonar. Tentei. Mas talvez devamos confrontar a feia verdade. Nunca poderei me apaixonar por ninguém. Sou incapaz de qualquer tipo de paixão.

— Isso não sabemos — disse ele por fim. A lembrança que o embargou era imensa, terrível e muito familiar. Normalmente a mantinha profundamente enterrada, mas às vezes não tinha forças para mantê-la lá.

Sua preciosa filha, rodeada por uma multidão furiosa. A carruagem dos Harrington estava no meio da multidão, os cavalos sendo desamarrados, A carruagem estava a ponto de ser derrubada. Sua mulher e sua filha tinham sido tiradas da carruagem um momento antes, e logo separadas. Blanche gritava aterrorizada, chamando sua mãe. Ele só via seu cabelo loiro. Esse dia, tinha decidido fazer o caminho de sua casa em Londres para o campo a cavalo. Devia ter tido a precaução de não viajar com sua família nesse dia de eleições, pois as eleições eram uma desculpa para que a população atacasse quem estivesse em seu

caminho; especialmente, aos ricos. Sua montaria e ele tinham sido separados da carruagem por dúzias de camponeses sedentos de sangue, quase todos eles armados com foices e tochas. O fogo começava a devorar algumas choupanas. As janelas que não estavam presas com placas de madeira, acabavam quebradas.

— Blanche! —gritava ele, tentando esporear seu cavalo assustado para que abrisse passo entre a multidão—. Margaret!

Os gritos arrepiantes de Blanche encheram o ar e então, de algum modo, através da multidão, ele a viu lutar com um homem que a segurava. Junto a ela, outro homem segurava o corpo espancado e ensangüentado de Margaret. A multidão rugiu e sua esposa desapareceu. Horas depois, encontrou-a; tinha morrido espancada e apunhalada.

Harrington respirou fundo, com os olhos cheios de lágrimas. Pensava lutar com todas suas forças pelo futuro de sua filha. Desejava desesperadamente que Blanche tivesse uma vida como a das outras mulheres, mas em parte sabia de que nunca seria assim. Em parte sabia que seu coração tinha uma cicatriz tão espantosa que só podia bater, mas não sentir.

— Pai... —murmurou Blanche.

Ele se voltou.

— Ainda há tempo. O casamento só será em maio. Pode ser que até lá tenha se apaixonado por ele.

Blanche sabia que isso nunca aconteceria.

— Eu gostaria tanto de te agradar... —disse—, mas não sei se posso fazer isto.

— Não —disse ele com aspereza— Procurei de todas as formas garantir seu futuro, para confirmar sua felicidade. A negociação não foi fácil. Quero que volte a Harmon House imediatamente.

Blanche estava abatida.

— Quero passar as festas aqui, com você —disse.

Ele perdeu os estribos.

— Deve ficar com seu noivo. Ou quer que ele volte para sua amante?

Blanche ficou boquiaberta.

— Tem uma amante? —estava tão intrigada como horrorizada.

Harrington se sobressaltou.

— No verão passado estava envolvido com a senhorita Elizabeth Fitzgerald. De fato, viviam juntos em Wicklowe. Ela é a mãe de seu bastardo.

Blanche estava atônita.

— Porque essa é a primeira notícia que tenho disso?

—Falei com a senhorita Fitzgerald ali mesmo e me assegurei que compreendia o erro de sua conduta. E garanti que ela o abandonava —disse seu pai—. Não queria que ficasse em seu caminho.

Blanche começava a recuperar-se da notícia.

— Devia ser muito sério, se ela teve um filho e vivia com ele...

— Isso não importa —disse Harrington— Por estranho que pareça, ela é uma senhorita bem educada e sentia remorsos por sua má conduta. Mas, para me confirmar que sua relação terminaria, destruí a carta de despedida que deixou para ele. Ela estava muito apaixonada, disso não há dúvida —acrescentou sombriamente.

— Pai! Destruíu a carta? —sua curiosidade aumentou. Tinha sido aquilo uma história de amor?

— Fiz por você, minha querida. Não queria que Tyrell fosse atrás dela.

Se seu pai tomou tanto cuidado, então isso significava que Tyrell estava apaixonado pela senhorita Fitzgerald? Tyrell parecia tão distante que Blanche não conseguia o imaginar apaixonado por outra mulher.

— Pai, acredito que não devia ter destruído essa carta.

— Era uma carta de amor e não queria que ele a visse —ele tinha uma expressão amarga—. Estou dizendo isto por uma razão, meu amor. A senhorita Fitzgerald está vivendo com sua tia em Belgrave Square e agora Tyrell também está em Londres. E isso me

incomoda. Quero que Tyrell se desfaça em cuidados com você, Blanche, não que se encontre com ela no parque algum dia. E por isso insisto que volte a Harmon House.

Blanche não podia voltar. Sacudiu a cabeça, cheia de determinação.

— Pai, não quero ir. Por favor, não me obrigue a isso.

Harrington ficou olhando-a um momento e logo seu semblante desmoronou.

—Sabe que nunca pude te negar nada, e menos ainda quando me suplica assim.

Blanche se sentiu aliviada.

— Obrigado.

— Mas não pode dar por perdido seu casamento com Tyrell —acrescentou ele rapidamente—. Se trata de seu futuro, Blanche. Eu não estarei aqui sempre —ela tragou saliva e se negou a pensar no dia em que Deus levaria seu pai—. Pedirei que jante conosco amanhã —disse seu pai, e a rodeou com o braço—. O que te parece?

— Bem —murmurou ela, mas mal o ouvia. Estava pensando na amante de Tyrell. Ao que parece, a senhorita Fitzgerald estava a uma pequena distância de carruagem dali.

UMA VISITA SURPREENDENTE

Lizzie estava sozinha no salão. Tentava ler, mas era impossível concentrar-se. Era o dia seguinte do Natal e se sentia estranhamente só e perdida, embora sua irmã e sua tia estivessem em casa. Continuava pensando em Tyrell e Ned, e se perguntava como teriam passado o Natal. Acabava de fechar o livro quando Leclerc entrou com um buquê de flores na mão.

— Senhorita Fitzgerald —o mordomo sorriu—, isto acaba de chegar.

Lizzie ignorava quem podia lhe mandar flores.

— Como são lindas —disse, e se alegrou de ter aquela distração—. vamos pôr em um vaso, naquela mesa ali.

Quando o mordomo se foi, tirou o cartão e se deu conta de que as flores não eram para ela. Eram para o Georgie... e Rory assinava o cartão.

“Minha querida senhorita Fitzgerald. Pensei que talvez goste destas flores, como leve indício de que reconheço minha derrota e sinal, muito mais ostentoso, de minha grande admiração por você. Seu devoto servidor, Rory T. McBane.”

Lizzie estava entusiasmada. Rory estava cortejando a sua irmã e ela estava decidida a ajudá-lo no empenho. Eram o casal perfeito.

Leclerc retornou à porta com uma expressão estranha.

— Senhorita Fitzgerald, uma visita para você — aproximou a bandeja de prata com o cartão de visita. Lizzie o pegou e ficou petrificada.

Blanche Harrington estava ali.

— Quer que diga que saiu, senhorita Fitzgerald? — perguntou Leclerc em tom amável.

Lizzie o olhou, aturdida. O que ela podia querer?

— Não — murmurou, quase sem fôlego—. Não. De-me só um momento, Leclerc. Logo faça-a entrar... e traga chá.

Ele assentiu gravemente, fez uma reverência e partiu. Lizzie se deu conta que ficou cravada no chão e correu ao único espelho da sala. Beliscou as bochechas pálidas e apurou o cabelo. Ajustou o busto do vestido verde claro e de repente se alegrou que Eleanor tivesse insistido em encomendar para sua irmã e para ela um guarda-roupa apropriado para a grande cidade. Já não parecia um camundongo do campo, mas uma senhorita elegante e na moda, embora tivesse preferido esmeraldas aos brincos de jade que usava. Respirou fundo para criar coragem e voltou a beliscar as bochechas. Então sorriu e se voltou para a porta. Um instante depois, Leclerc apareceu ali com Blanche.

— Lady Harrington — disse.

Lizzie tragou saliva e fez uma reverência, pois Blanche era muito superior a ela em classe. Blanche se inclinou ligeiramente e as duas mulheres se olharam. Blanche parecia estar exatamente igual ao verão anterior, quando Lizzie a tinha observado às escondidas em seu baile de noivado. Era terrivelmente bela, e seu vestido azul, singelo mas chamativo, e suas safiras fizeram com que Lizzie se sentissem insuportavelmente desajeitada. Blanche a observava com a mesma atenção que Lizzie a ela. Sem saber quanto tempo tinha passado, Lizzie se aproximou por fim apressadamente.

— Entre, milady. Isto é uma surpresa — pensou que devia se acalmar e respirar. Respirou fundo, mas não conseguiu recuperar a compostura—. Acredito que não nos conhecemos.

— Não, não nos apresentaram como é devido, e a culpada sou eu — disse Blanche.

Lizzie não encontrou nem um indício de engano em suas palavras.

Sua atitude era clara: Blanche não lhe desejava nenhum mal e, em todo caso, Lizzie acreditava distinguir compaixão em seu olhar.

— Não é sua culpa —disse, e indicou que se adiantasse, ruborizada pela lembrança de seu romance com o noivo daquela mulher. Blanche se sentou em uma cadeira e Lizzie se sentou em uma poltrona, frente a ela. Ambas arrumaram as saias, esforçando-se para encher o silêncio. Lizzie levantou por fim o olhar e se encontrou com seus olhos. Não conseguia imaginar o que ela queria nem por que estava ali. Mas, desgraçadamente, Blanche tinha que estar sabendo de sua relação com Tyrell.

— Acabo de saber que você é a mãe do filho de Tirell, Ned —disse Blanche com suavidade. Suas bochechas se ruborizaram—. Pensei que devíamos nos conhecer... que tínhamos que nos encontrar cedo ou tarde, assim por que não agora?

Lizzie não via censura alguma em seus olhos, nem a notava em seu tom de voz, mas seu coração bateu mais forte. Blanche tinha que desprezá-la embora fosse levemente.

— Sim —conseguiu dizer, e sorriu com excessivo esforço— Parabéns por seu compromisso com o Ty... com lorde de Warrenne.

Blanche afastou o olhar. Aquilo chocou Lizzie.

— Sou muito afortunada —murmurou Blanche.

Seguiu um tenso silêncio. Blanche tinha falado desapaixonadamente, e Lizzie se perguntou por que não se mostrava abertamente entusiasmada por casar-se com Tyrell. Ainda não sabia o que dizer.

— Acredito que é um excelente enlace —disse—. E fiquei sabendo que o casamento será em maio.

— Sim —respondeu Blanche, olhando-a nos olhos— Você é muito generosa, senhorita Fitzgerald.

O coração de Lizzie começou a bater com uma velocidade mais alarmante.

— Nada disso.

Blanche vacilou.

— Posso perguntar como conheceu Tyrell?

O que era aquilo? O que queria? E como podia responder aquilo?

— Não quero ser indiscreta, é obvio, e se minha pergunta a incomoda...

— Não —Lizzie mordeu o lábio. Ignorava o ela pretendia, mas parecia amável e até preocupada, mas não ciumenta— Cresci a umas poucas milhas de Adare. Conheço lorde de Warrenne desde pequena. Não é como se o conhecesse de verdade, certamente —se ruborizou—. Mas quando era pequena me salvou de me afogar —disse, e de repente seu olhar se umedeceu. Molhou os lábios, que estavam ressecados—. Isso é algo que uma mulher de minha condição não podia esquecer.

— Isso é muito romântico —disse Blanche.

Lizzie se levantou de um salto, consternada.

— Não é romântico absolutamente —exclamou, e se sentiu como uma tola.

Blanche ficou em pé.

— Sinto muito. Mas os romances de amor são feitas de histórias como essa —sorriu—. Entendo que uma menina se sentisse agradecida por um ato tão heróico... e entendo que esses sentimentos de gratidão crescesse e crescesse. E você é mãe de Ned. Compreendo-o.

Lizzie sabia que aquela mulher não merecia ser ofendida por seu passado com Tyrell.

— Estou muito feliz por vocês dois —disse com nervosismo— Sempre soube que algum dia Tyrell faria um casamento esplêndida, e me alegro muito que vá se casar com uma grande dama como você. Tyrell merece uma vida de felicidade, milady, e estou certa que a encontrará a seu lado.

A expressão de Blanche era intensa.

— Você falou com franqueza —disse por fim—. Posso fazer o mesmo?

Lizzie retorceu as mãos.

— Milady, eu não poderia lhe dizer o que fazer...

— Bem —a interrompeu Blanche, e sorriu tranquilizadamente— Meu pai me falou de você, senhorita Fitzgerald. Tinha que vir vê-la com meus próprios olhos. Você parece uma autêntica dama. Esperava alguém mais velha, mais mundana, mais sofisticada —Lizzie não

sabia o que dizer. Encolheu os ombros, impotente—. Você deve tê-lo amado muito — acrescentou Blanche.

Lizzie afastou o olhar.

— Sim, mas isso já passou. Apoio completamente seu casamento, milady. Completamente —insistiu.

Blanche perdeu por fim algo de sua compostura e se abraçou.

— Isso é muita generosidade de sua parte, e muito coragem. Porque acredito que continua amando Tyrell —Lizzie se sentiu de repente à beira das lágrimas. Não podia dizer nada—. Sem dúvida você sabe que este casamento foi um acordo. Não é, certamente, uma união por amor.

Lizzie se virou lentamente. Se assustou ao ver lágrimas nos olhos de Blanche, e que sua boca tremia.

— Milady! Se sente mal? Sente-se! —correu a seu lado e a segurou pelo braço.

— Não, não me encontro bem —murmurou Blanche, e se negou a sentar-se—. Veja, senhorita Fitzgerald, me dei conta que não desejo me casar, nem com Tyrell, nem com ninguém.

Lizzie ficou boquiaberta. Sentiu uma onda de esperança que temeu que rasgasse seu peito. Entretanto, as palavras de Blanche não mudavam o fato que Tyrell não se importava com ela o mínimo que fosse.

— Por que me diz isso?

Blanche vacilou.

— Ontem à noite meu pai me fez uma confissão surpreendente. Ele interveio deliberadamente para separá-los —disse.

Lizzie ficou tensa.

— Milady, parti de Wicklowe porque era o moralmente correto.

Blanche sorriu.

— Acredito que você é muito boa, senhorita Fitzgerald, e acredito que entendo por que Tyrell se afeiçoou por você. Devo ir. Meu pai não se encontra bem e quero me certificar que descanse.

Lizzie nunca havia se sentido tão confusa. Que estranha tinha sido aquela visita!

— Por que? Por que veio, milady?

Blanche a olhou nos olhos.

—Tinha que comprovar algo por mim mesma —respondeu.

— Onde está? —perguntou Georgie com o coração acelerado. Não podia acreditar que Rory tivesse ido vê-la. Fazia o possível para esquecer o que tinha acontecido três dias antes. Negou-se a pensar naquele beijo. Negou-se a pensar nele.

Afinal, não era uma debutante coquete e louca para se casar. Era uma irlandesa sensata, inteligente, amável e pouco mundana, e desfrutava sinceramente do celibato. Além disso, Rory McBane não era um bom partido: não tinha um centavo em seu nome, embora isso pouco importasse. E ela não era como Lizzie. Não ia se apaixonar perdidamente, até o ponto de sacrificar sua vida inteira e seu bom nome por uma aventura furtiva que só podia romper seu coração.

— A espera na biblioteca —disse Leclerc—. Sua irmã tem uma visita no salão e me pareceu que não queria que a incomodasse.

Georgie não sabia o que responder. Continuava se lembrando do surpreendente beijo de Rory e a sensação do contato com seu corpo. Seguiu Leclerc ao piso de baixo enquanto procurava respirar com normalidade. Desejava que ele não a tivesse beijado. Desejava que não tivesse ido vê-la. O que podia querer? Passou pela cabeça que talvez queria desculpar-se. Uma de onda de alívio a invadiu. Aceitaria de bom grado suas desculpas.

Ele estava andando pela biblioteca. Por desgracia, continuava tão bonito como sempre, e o coração de Georgie voltou a se acelerar. Era, além disso, muito inteligente, e ela admirava

o inteligência e a erudição mais que qualquer outra característica em um homem ou uma mulher. Leclerc saiu e Georgie ficou ali parada, olhando-o. Rory virou e se ruborizou.

— Como vai? — fez uma reverência.

Ela inclinou a cabeça e respondeu entre dentes:

— Muito bem — E sorriu com a esperança que ele não notasse que não estava bem absolutamente. Sentia um formigamento na pele e entre suas coxas tinha começado a crescer um ardor conhecido.

Rory a olhou inquisitivamente.

— Recebeu as flores?

Ela piscou.

— As flores?

— Mande-i-lhe flores, Georgina. Acreditei que já teria recebido.

— Mandou-me flores? — repetiu ela, pasmada.

Um brilho apareceu nos olhos verdes de Rory.

— Sim. Rosas. Rosas vermelhas, de fato — começou a se aproximar dela. Georgie não podia se mover.

— Mas... por que? — era um sonho? Ou uma brincadeira pesada? Afinal, ela não era uma coquete e ele sabia. Não havia razão alguma para que mandasse flores.

— Por que um cavalheiro manda flores a uma dama? — perguntou ele com simplicidade.

Ela retrocedeu.

— Não sei — murmurou, e começou a tremer. Aquilo não podia significar o que ele estava dando a entender... Sem dúvida não tinha ido ali para cortejá-la!

A luz nos olhos de Rory era extremamente terna.

— Não sabe? — disse, divertido.

Ela pensou que devia partir... devia fugir! deu a volta e se aproximou da porta, cheia de ansiedade, mas ele a agarrou por trás. A fez virar bruscamente e Georgie se achou de repente em seus braços. Nesse momento, seu coração a dominou por completo. Estava

terrivelmente apaixonada. Agora que se atrevia a reconhecer, era consciente que tinha admirado e desejado Rory desde o primeiro instante que pôs seus olhos nele.

Mas daquilo não podia sair nada bom. Rory não era para ela: era muito excêntrica.

— Mandei-te rosas, Georgina, como símbolo de meu afeto e admiração por você — murmurou ele.

Devia estar brincando. Ela se afastou e ficou com as costas pegas à parede.

— Rory, por favor... —levantou uma mão trêmula—. Nós dois sabemos que não sou o tipo de mulher que desperta afeto ou admiração em um homem —ele pestanejou—. Achei que tinha vindo se desculpar pelo que aconteceu na outra noite —acrescentou ela com um gemido, e notou que suas bochechas coravam.

— Me desculpar? —repetiu ele, surpreso.

— Sim —assentiu ela—. Se desculpar por tomar tais liberdades comigo.

— Liberdades?

— Aceito suas desculpas —disse Georgie precipitadamente—. Sei que é amigo de Lizzie e o sobrinho preferido de Eleanor, assim que nossos caminhos continuarão se cruzando. Mas é melhor que não voltemos a falar deste assunto.

Ele sacudiu a cabeça e segurou sua mão.

— Não vou me desculpar por te beijar, Georgina Mai —disse com voz rouca.

E ela compreendeu o que ele se propunha. Rory a tomou em seus braços e ela se endureceu. Desejava desesperadamente evitar seu beijo, mas, mais desesperadamente ainda desejava aceitá-lo. Rory não fez caso e se apoderou rapidamente de sua boca.

Georgie se rendeu. Enquanto a beijava com firmeza, sem vacilar, o desejo estalou entre suas coxas, impudico e insistente. Se agarrou a ele e abriu a boca, tentando saboreá-lo ainda mais. Rory se afastou ofegante, com um olhar ardente e duro. Georgie não podia falar. Seus lábios palpitavam. Seu corpo inteiro pulsava. levou a mão à boca.

— Por que? —conseguiu dizer, quase sem fôlego— Por que me faz isto?

Ele a agarrou pelo braço.

— Porque estou farto de fingir que não há nada entre nós. Desde o momento que nos conhecemos, fiz o que pude para não ver você tal e como é: a mulher mais assombrosa que tive a boa sorte de conhecer.

Georgie deixou escapar um gemido de assombro e de temor, e ao mesmo tempo sentiu esperança.

— Não pode falar a sério. Por favor, não me adule se não for sincero.

— Não sou o Don Juan que acha que sou —disse ele—. Quando começará a confiar em mim?

Georgie o olhou fixamente. Demorou um momento em ordenar seus pensamentos.

— Estou assustada.

Ele se abrandou.

— Por que? Nunca admirei mais a uma mulher... ou desejei nenhuma outra como a você.

Ela sentiu que seus joelhos cediam, notou de novo uma dolorosa pontada de desejo.

Rory a rodeou com seus braços.

— Não tenha medo —murmurou— De mim, não.

Georgie teve o bom senso de apoiar as mãos sobre seu peito. Podia atrever-se a confiar nele, acreditar nele?

— Não tenho feito outra coisa a não ser pensar em você nestes três últimos dias —disse Rory olhando-a nos olhos com intensidade—. Não tenho feito outra coisa que pensar em nós.

Georgie ficou imóvel. Só seu coração pulsava com força explosiva.

— Não entendo.

— Sou pobre, Georgina —disse ele em voz baixa— E muitos pensariam que nem sequer sou um cavalheiro.

Georgie sacudiu a cabeça, incrédula.

— Eu jamais julgaria o caráter de um homem pelo estado de suas finanças —disse com firmeza.

— Poderia... deveria... encontrar alguém muito melhor —disse ele com aspereza.

E se fosse sincero?

— Não quero encontrar ninguém melhor —se ouviu murmurar. E era a verdade. Uma verdade que tinha tentado evitar.

Rory tomou uma de suas mãos, a levou a boca e a beijou com força. Logo a olhou com olhos abrasadores e Georgie se sentiu desfalecer de desejo.

— Sou pobre —disse ele—. Trabalho para ganhar a vida. Pode ser que herde uma pequena fortuna de Eleanor ou pode ser que não. Não tenho direito a fazer isto agora, nestas circunstâncias.

— Fazer o que? —perguntou ela com um gemido, mas de algum modo sabia que seu sonho mais secreto e fantástico estava se tornando realidade.

Ele se inclinou e a beijou brandamente na boca, e Georgie pensou que morreria de desejo e amor.

— Quero que seja minha esposa, Georgina, mas entenderei se tiver o bom senso de recusar.

Georgie proferiu uma exclamação de assombro.

Rory se apoderou novamente de sua boca.

Depois que Blanche partiu, Lizzie ficou um momento no corredor, incapaz de compreender o que tinha acontecido. A confissão de Blanche de que não queria se casar tinha deixado Lizzie atônita. Mesmo assim, isso não significava que não iria se casar com Tyrell. Só uma coisa estava clara: Blanche era uma mulher muito generosa, digna e bondosa. Lizzie sacudiu a cabeça e se abraçou. Jamais entenderia aquele encontro. Começava a recuperar a compostura e, ao pensar agora, desejava ter perguntado como estavam Ned e Tyrell.

Ao passar junto à biblioteca ouviu ruído. Não deu importância. Pensou que seria alguma donzela limpando. A porta estava fechada, coisa algo estranha, mas não parou para pensar nisso. Então ouviu vozes.

A voz de homem que acabava de ouvir era inconfundível: era Rory. De repente recordou com quanta intensidade Rory tinha olhado Georgie umas noites antes. Um impulso se apoderou dela e não vacilou. Abriu a porta, certa de que sua irmã e Rory não deviam estar fechados a sós.

Georgie estava no sofá, nos braços do Rory, em meio a um beijo apaixonado. E Lizzie sentiu medo. Sua própria vida passou ante seus olhos: seu amor por Tyrell, seu breve e intenso romance, sua desonra e sua queda, a dor e a pena. Compreendeu que não podia permitir que Georgie sofresse como ela. Que devia proteger sua irmã a todo custo. Embora a porta estivesse aberta, chamou com força quatro ou cinco vezes. Rory se levantou de um salto e se voltou para ela. ficou avermelhado.

Lizzie olhou sua irmã com incredulidade, que se sentou, tão aturdida que só podia piscar. Lizzie começou a sentir cólera. Tentou controlá-la.

— Lamento interromper —disse cáusticamente. Logo se deu por vencida—. O que está fazendo Georgie? —exclamou— Perdeu o bom senso?

Sua irmã sacudiu a cabeça, com os olhos como pratos, incapaz de falar. Lizzie se voltou para Rory.

— Não sei quais são suas intenções —disse rapidamente—, mas não permitirei que desonre minha irmã. Uma mulher caída nesta casa é suficiente.

Rory continuava acalorado, mas respondeu com muita calma.

— Acabo de pedir a sua irmã que se case comigo.

Georgie ficou em pé e começou a sorrir, embora continuasse perplexa. E Lizzie começou a compreender. Sentiu vontades de saltar de alegria, mas se limitou a sorrir.

— Georgie?

Georgie só tinha olhos para Rory.

— Sim —murmurou, e seus olhos se encheram de lágrimas—. Sim. Sim!

E Lizzie começou a pular de alegria.

— Vai se casar Georgie!

Rory correu para Georgie e a segurou pelas mãos.

— Isso significa que aceita? —exclamou.

Georgie umedeceu os lábios.

— Sim. Mas só se estiver falando sério.

— Claro que falo a sério. Nunca antes tinha pedido que alguém se casasse comigo — engoliu saliva e a puxou para ele—. Nunca tinha me sentido assim, Georgina.

Georgie assentiu com a cabeça enquanto as lágrimas corriam por suas bochechas. Rory meteu a mão no bolso e Lizzie viu que tirava um formoso anel com um diamante. Era quase de um quilate, e Lizzie se perguntou como teria podido comprar, Georgie ficou boquiaberta.

— Era de minha mãe —disse ele com voz rouca. Tomou sua mão esquerda e pôs o anel no dedo.

As lágrimas alagaram de novo os olhos de Georgie. Pestanejou furiosamente para as limpar, e Lizzie compreendeu que não queria que Rory a visse chorar, mas ele levantou a mão para enxugar seu rosto. Rory ficou muito sério.

— Me faz muito feliz —disse com voz trêmula.

— Só porque é mais encantador que convém —murmurou ela.

Lizzie se aproximou deles.

— Isto é maravilhoso! Rezei para que chegasse este dia. Devemos dizer a Eleanor logo! E terá que escrever a papai e mamãe! OH! Oxalá não foram ainda ver Anna!

Rory ficou muito sério.

— Ainda tenho que falar com o senhor Fitzgerald —disse, e aquela perspectiva parecia causar nele certo desgosto.

— Papai não se importará —disse Georgie com um sorriso—. É mamãe quem devemos convencer, mas é fácil enrolá-la.

Lizzie sabia que seu pai se alegraria por Georgie e que sua mãe cairia muito em breve presa do poder de persuasão de Rory. De fato, sendo ele o parente predileto de Eleanor, sua mãe imaginaria uma herança. Lizzie começou a pensar no casamento e no futuro.

— Quando pensam se casar? E onde?

Georgie e Rory seguraram as mãos.

— Eu adoraria me casar em casa, na Irlanda —disse. Olhou a Rory—. Não gostaria também? Raven Hall é muito pequeno, mas possivelmente possamos nos casar em Glen Barry.

— Eu farei o que você quiser —disse ele, muito sério.

Ela se ruborizou. Logo olhou a Lizzie.

— Há tantas coisas em que pensar... tantas coisas que decidir... que fazer... meu Deus! Vou me casar!

Tyrell acabava de sair do quarto dos meninos, onde tinha comido a sós com seu filho. Ned tinha se convertido na luz de sua existência. Era sua única fonte de alegria e de orgulho. Não podia, entretanto, passar um só momento com o menino sem pensar em Elizabeth. Enquanto descia as escadas, perguntou-se se alguma vez esqueceria o verão que tinham passado em Wicklowe como uma verdadeira família, tão tolamente alheios ao que proporcionava o futuro.

O mordomo saiu a seu encontro ao pé da ampla e sinuosa escada.

— Milord, tem uma visita — entregou um cartão que Tyrell reconheceu imediatamente. Estava muito usado e um pouco puído nos bordas, e só podia pertencer a Rory McBane. ficou tenso, apesar de que se alegrasse que seu amigo estivesse ali. Em outro tempo, McBane e Elizabeth tinham sido amigos. Ele não via Rory desde o verão, e se perguntava se continuava sendo amigo de Elizabeth. Perguntava-se o que sabia dela. Não lhe agradava, entretanto, aquela debilidade.

— Onde está?

— No salão verde, senhor —respondeu o mordomo.

— Nos traga uma garrafa de vinho... um bordo, se fizer o favor —disse Tyrell enquanto se afastava. Entrou em um salão espaçoso com paredes de cor esmeralda e teto de ouro pálido. Rory estava apoiado no suporte de mármore branco da lareira, aparentemente perdido em seus pensamentos. Endireitou-se e se voltou para olhá-lo cara a cara.

— Está me olhando com o cenho franzido, Tyrell? —parecia divertido—. Acaso não sou uma imagem refrescante para seus olhos cansados? Não senti minha falta, embora seja só um pouco? Não tem outro amigo tão radical como eu. Sem minha presença, estará morrendo de conservadorismo político.

Tyrell teve que sorrir.

— Não te olho com o cenho franzido, McBane, nada disso. Foi um truque da luz, e embora seja o rebelde mais escandaloso que conheço, não estou rodeado por reacionários, como você gosta de acreditar.

Rory sorriu e o observou com atenção.

— Se está passando uma temporada aqui, não há dúvida de que está rodeado de opiniões perigosamente conservadoras. Como vai?

— Bastante bem —mentiu Tyrell—. E você?

O sorriso de Rory se abriu mais.

— Muito bem —Tyrell levantou as sobrancelhas, mas Rory prosseguiu—. Mas me refiro só ao pessoal. Essas conversas a respeito de uma fusão das economias de nossos países me tiraram que tino —e lançou a Tyrell um olhar, como se ele fosse responsável pela iminente união entre o Tesouro irlandês e o britânico.

— Se esperas um debate, procura em outra parte —Tyrell riu—. Nego a discutir os méritos da união.

Rory sorriu estranhamente e fixou o olhar no chão de pedra.

— Se desejo me envolver em um acalorado debate, não tenho que procurar além de minha noiva —levantou o olhar e sorriu—. vou me casar, Tyrell.

Tyrell apertou seu ombro, surpreso. Embora Rory não fosse precisamente casto, tampouco era um libertino. Sua paixão era a política, não as mulheres. Era muito pobre para se permitir ter uma amante, e Tyrell era muito consciente de quão fugazes eram suas aventuras amorosas.

— Isto deve ter sido amor à primeira vista—disse com sincero alegria—. Parabéns.

Rory sorriu amplamente.

— Confesso estar apaixonado. Agora começo a entender o que significa o amor — esfregou as têmporas—. Não durmo muito bem ultimamente.

Um criado apareceu com o vinho.

— No momento justo —disse Tyrell enquanto Rory e ele tomavam uma taça e faziam um brinde—. E quem é esse modelo de virtudes e, suponho, de inteligência que te cativou?

O sorriso do Rory se dissipou. Titubeou.

— Georgina Mai Fitzgerald.

Se estivesse bebendo, Tyrell teria se engasgado. Ficou paralisado, incapaz de responder. Olhou a Rory, mas viu Elizabeth com sua irmã como as tinha visto a última vez, tomando chá nos jardins de Wicklowe.

— Tyrell —Rory deixou sua taça e o tocou na manga—, me apaixonei pela irmã de Lizzie. Pensamos nos casar nesta primavera.

A mente de Tyrell começou a funcionar. Seu querido amigo ia se casar com a irmã de Elizabeth. Rory tinha cortejado Georgina. Por acaso estavam ali, na cidade? Estava convencido por alguma razão que Elizabeth vivia com sua irmã. E, se fosse assim, Rory devia saber tudo sobre ela.

Por uma vez em sua vida, sentiu-se perdido. Sentia dor e sentia ira, e estava repleto de perguntas que não devia formular. Para dissimular sua agitação, disse:

— Não a conheço muito bem, mas acho que consigo entender por que se apaixonou por ela —se deu conta que seu coração pulsava com violência. Havia nele ansiedade e excitação, desalento e temor.

— Nunca conheci uma mulher mais brilhante —exclamou Rory—. Você já percebeu como elegante e bela é?

Estava Georgina na cidade? E estava Elizabeth com ela? Tyrell se virou e bebeu de seu vinho enquanto duvidava se devia perguntar ou não. Se descobrisse que Elizabeth estava em Londres, o que faria? Para ter mais tempo, procurou concentrar-se no casamento de Rory.

— É muito alta —disse. Embora estivesse obcecado com Elizabeth, acrescentou— É o único amigo que tenho que reutiliza seus cartões de visita —mais calmo, voltou-se lentamente—. Rory, como pensa mantê-la? Ela é tão pobre como você.

Rory deixou escapar um grunhido.

— Arrumaremos isso quando chegar o fim de mês. Como minhas caricaturas não dão muito dinheiro, estou procurando um emprego melhor.

Tyrell ficou pasmo, pois sabia quanto Rory desfrutava dedicando-se à sátira política.

— Abandonaria seus engenhosos desenhos?

— Não de todo, mas deixaria de desenhar regularmente. Me acredite, Tyrell, antes de pedir que se casasse comigo, tive um longo debate comigo mesma. Não sou tolo. É evidente que deveria ter me apaixonado por uma rica herdeira. Mas não foi assim —seu olhar se escureceu— E ela poderia conseguir um partido muito melhor. Mas não se importa com minha situação. Me disse que nunca pensou em se casar, nem em se apaixonar —de repente sorriu—. Me ama —disse com assombro—. Até me disse isso, me ama.

Tyrell reconhecia um homem apaixonado quando o via. Decidiu que seu presente de casamento seria uma soma considerável, mas isso não resolveria seus problemas, só os manteria bem durante um tempo.

— Tentarei te ajudar a encontrar um emprego melhor —disse—. Me deixe pensar.

Rory se enrijeceu.

— Não vim por isso, mas obrigado. Já te disseram alguma vez que é um amigo ideal?

Obrigado, Tyrell.

— Não há de que —respondeu ele—. Seria um prazer para mim ajudar a ambos —uns olhos cinzas assaltaram sua lembrança, impossíveis de evitar. Começou a andar lentamente pela sala enquanto bebia o vinho. O que faria se voltasse a vê-la?

— Ty —disse Rory com firmeza, aproximando-se dele—, eu gostaria muito que assistisse ao casamento, mas tendo em conta o que passou neste verão, não acredito que seja boa idéia.

Tyrell se voltou bruscamente.

— Georgina está na cidade?

Rory se esticou visivelmente.

— Sim. Está na casa de Eleanor, em Belgravia.

O coração de Tyrell deu um salto. Belgravia estava a um curto trajeto de carruagem dali. Cruzou os braços e perguntou tentando aparentar indiferença:

— Elizabeth também está lá?

Rory vacilou, e aquilo foi resposta suficiente. Tyrell começou a afastar-se dele, incapaz de resistir ao arrebatamento de adrenalina que corria por seu sangue. sentia-se como um caçador com sua presa à vista. Ela estava a vinte minutos dali.

— Como está seu filho? —perguntou Rory—. Estará muito grande —era evidente que desejava mudar de tema.

Tyrell o olhou do outro lado do salão.

— Como está ela?

Os olhos do Rory brilharam.

— Não faça isto —o advertiu.

— Fazer o que? —Tyrell sorriu, e experimentou um profundo desagrado—. Desejo saber como está. A questão é bastante simples. Tenho direito de saber.

— Não tem nenhum direito —respondeu Rory—. Só tem direitos no que diz respeito a sua noiva —e acrescentou com ardor—: rompeu seu coração. Como acredita que está?

Tyrell sentiu que uma cólera perigosa se apoderava dele.

— Lamento discordar. Ela me deixou. Eu não quebrei seu coração.

Rory se aproximou. Parecia zangado.

— É minha prima e minha amiga. Nunca aprovei sua relação. Foi uma desgraça. Lizzie sempre mereceu algo melhor. Merecia um marido e um lar... não a ruína e a desonra.

Tyrell não se moveu.

— Veio para mim já desonrada —disse, mas sabia que era mentira. Rory tinha razão. Elizabeth merecia muito mais que uma sórdida aventura.

— Não vim aqui para falar de Lizzie, e menos com você. Quero que a deixe em paz —adverteu Rory.

— O que te faz pensar que não vou deixá-la em paz?

— Começa a me interrogar sobre ela e agora pergunta por que suspeito que pretende persegui-la de novo? —Rory estava atônito.

O coração e a mente de Tyrell funcionavam de repente juntos, a marcha forçada. Mas disse com excessiva calma:

— Não me interessa absolutamente ter outra aventura.

— Então a que se propõe, Tyrell? —perguntou Rory.

E, nesse momento, finalmente, Tyrell compreendeu o que devia fazer.

UM ESTRANHO GIRO DOS ACONTECIMENTOS

Eleanor deu uma pequena festa para doze convidados pela oficialização do compromisso entre Georgie e Rory. O senhor Fitzgerald tinha enviado um mensageiro à cidade para dar sua aprovação ao casamento e sua esposa tinha incluído uma breve nota explicando como estava encantada e aludindo de passagem, à posição de Rory como parente favorito de Eleanor. Georgie andava em uma nuvem, quase literalmente, e Lizzie estava profundamente satisfeita. O casal tinha decidido esperar até a primavera para o casamento.

Ainda não tinham entrado no salão de jantar. Seus convidados estavam reunidos em grupos mesclados, e Lizzie viu que em seu grupo tinha um cavalheiro de sua idade, filho menor de uma boa família. Estava tão contente por Georgie que, se Eleanor pretendia encontrar marido para ela, não se incomodaria.

— Senhorita Fitzgerald? —o loiro cavalheiro sorriu amavelmente—. Quero pedir, embora seja ousadia da minha parte, que me acompanhe um dia desta semana às corridas.

Lizzie sorriu com firmeza ele. Era hora de deixar as coisas bem claras. Não tinha intenção de ir a nenhum lugar com qualquer cavalheiro, e de todos os modos se perguntava quais seriam os motivos daquele jovem para fazer tal convite, já que sua reputação era bem conhecida.

— Adula-me seu convite —disse—, mas devo recusar. Por desgrça, esta semana estou muito ocupada no hospital de Saint Anne.

Ele fez uma cara feia e fez uma reverência.

— Quebrou meu coração —disse galantemente.

Lizzie ouviu o som da campainha.

— Se me desculpar. Vou abrir a porta —sorriu e se afastou, mas antes de que chegasse ao vestíbulo Rory a deteve.

— Davidson é um bom amigo, Lizzie. Acaba de recusá-lo?

Ela olhou em seus olhos sérios.

— Então foi você quem o convidou —sacudiu a cabeça—. Rory, por favor, não me interessa.

Ele a olhava interrogativamente.

— Posso te dar um conselho?

Lizzie levantou a mão. Não queria que lhe dissesse que devia seguir adiante. Mas, antes que pudesse falar, sentiu que alguém a olhava fixamente. Olhou atrás de Rory, para o vestíbulo, e viu Tyrell de Warrenne.

Deixou escapar um grito, cheia de assombro.

Fazia tanto tempo...

E só o fato de vê-lo, tendo passado tantas coisas entre eles, reabriu cada uma de suas feridas. Sentiu uma dor tão aguda como se o tivesse abandonado no dia anterior... e, como se fosse ontem, desejou desesperadamente estar em seus braços. Logo viu as flores. ficou tensa e olhou para o belo buquê de flores que ele segurava na mão.

«Não quero me casar com Tyrell, nem com ninguém». Estranhamente, as palavras surpreendentes de Blanche voltaram em sua mente. Mas Blanche não falava do futuro, recordou-se quase freneticamente. Blanche obedeceria seu pai, como Tyrell cumpriria seu dever para com Adare. Mas por que, Deus santo, tinha ido ali?

— Lizzie? Vejo que está impressionada. Fique aqui —disse Rory, cortante—. Eu me encarrego disto.

Lizzie mal o ouviu. Tyrell continuava olhando-a fixamente, com olhos escuros e intensos. E, mesmo contra o sentido comum e a experiência passada, ela começou a sentir esperança.

— O que faz aqui? —exclamou Rory, incrédulo e consternado.

Tyrell nem prestou atenção ao que Rory dizia. Elizabeth estava de pé na soleira do vestíbulo, paralisada por sua repentina aparição, tão pálida como se tivesse visto um fantasma. Ao vê-la outra vez, depois de tanto tempo, toda a ira de Tyrell se desvaneceu, parte por parte, até que ficou indefeso. Era tão bela, tão perturbadoramente bela... E a única coisa que queria fazer era abraçá-la, protegê-la, fazer amor com ela. Não se lembrava mais por que não estavam juntos. Não pensava em nenhuma só razão para que estivessem separados. O desejo de se aproximar dela e suplicar que o perdoasse se apoderou dele. Já não lembrava que ele era a vítima e que ela o tinha abandonado.

Rory estava lívido.

— Deve partir, Tyrell. Sua presença só conseguirá perturbar ela e todos os outros. Está comprometido com outra. Ou se esqueceu? —acrescentou com ironia.

Tyrell congelou. Estava comprometido com Blanche e não devia estar ali. Mas não podia partir até que tivessem conversado. Por fim olhou para Rory.

— Quem demônios é esse tipo loiro que a estava envenenando?

— Meu amigo. E esperava que ela gostasse dele —replicou Rory.

Tyrell sentiu a lenta e intensa queimação do ciúmes. Não tinha direito a ficar possessivo. E se rendeu. Se pudesse controlar o destino de Adare, sem dúvida não permitiria que outro homem entrasse na vida de Elizabeth. Mas onde isso levaria Elizabeth... e onde levariam ambos?

— Deve ir para casa, com Blanche —insistiu Rory.

A pálida imagem de sua noiva veio à sua lembrança e compreendeu de repente, em um instante cegador, que seu casamento seria desgraçado. Repentinamente tinha medo do que devia fazer. E, entretanto, não tinha dúvida alguma.

Olhou de novo os olhos cinzas de Elizabeth, dilatados pela dor. Não era necessário que ela falasse para que ele ouvisse sua súplica: «por que?». Aquela pergunta ressoava ensurdecedoramente entre eles, no vestíbulo. Mas Tyrell ignorava a resposta.

— Maldita seja, Ty, é evidente que ainda sente algo por ela. É meu dever como seu futuro cunhado me certificar que não volte a machucá-la... nem por em perigo que tenha um futuro com outro homem.

Tyrell não ouvia. Georgina tinha se aproximado de sua irmã, pálida pela angústia, e a abraçou. Elizabeth nem mesmo notou.

— Não vai estar com ninguém mais —disse Tyrell, olhando desdenhosamente a Rory.

— O que? —exclamou Rory.

— Devo entregar as flores —acrescentou com o olhar fixo em Elizabeth—. Quero falar com ela. Depois irei.

— Tyrell! —gritou Rory.

Mas era muito tarde. Tyrell já se afastava em direção a Elizabeth.

Lizzie não podia mover-se, nem mesmo respirar. Já não ouvia as vozes no salão, a suas costas, nem era consciente que sua irmã estava a seu lado. Tyrell se aproximava com furiosa intensidade.

Parou frente a ela e fez uma reverência. Lizzie tinha esquecido como era cativante. Podia sentir sua energia, sua força, sua decisão; sentia seu ardor, sua virilidade; sentia só a ele. Transtornada, esqueceu de se inclinar ante ele. De algum modo conseguiu dizer:

— Ty... mi... mi... milord.

O escuro olhar de Tyrell deslizou lentamente sobre seu rosto, como se revisasse cada detalhe... ou os memorizasse. Não falou. Ela sentiu que o suor corria entre seus seios e por seu ventre. Ele fixou o olhar em sua boca e logo mais abaixo, sobre seu seio. Imediatamente, um desejo doloroso embargou Lizzie totalmente.

Nada tinha mudado. Quase podia sentir as mãos de Tyrell fechando-se sobre seus braços e seu corpo duro contra ela. Quase o sentia profundamente em seu interior, seus corpos unidos. Nesse momento o desejava desesperadamente, e não só em um sentido físico. Nunca o tinha tão intensamente.

— Elizabeth —disse Tyrell com voz crispada. E logo acrescentou dirigindo-se a Georgina :
Senhorita Fitzgerald. Permite-me cumprimentá-la por seu compromisso?

Lizzie olhou a Georgie, que parecia a ponto de estourar. Mas sua irmã disse:

— Obrigado —e logo olhou Lizzie como se esperasse um sinal.

Lizzie engoliu em seco.

— Importa-se em nos deixar um momento? —perguntou.

Georgie olhou de um a outro antes de assentir com a cabeça, desgostosa. E saiu. Tyrell entregou as flores a ela.

—Ouvi que estava na cidade.

Ela piscou, olhando o buquê de rosas vermelhas. Por que tinha levado flores? O que significava isso? Aceitou-as, consciente de que o rubor cobria seu rosto.

— Obrigado —apertou as flores contra o peito.

— Está muito bem, Elizabeth —disse ele, muito sério, e seu olhar deslizou pelo vestido de noite azul marinho antes de voltar a parar em seus olhos.

Ela se atreveu a olhar seus olhos penetrantes. Não estava bem absolutamente. Não tinha estado bem desde que os tinha abandonado, a ele e a seu filho, mas não podia falar disso.

— Você também —disse com um tremor na voz. Mas de repente via sombras em seus olhos que nunca tinha visto, e viu que algo não ia bem. Algo o atormentava... ou o fazia sofrer enormemente.

O semblante dele pareceu levemente zombador.

— Estou bastante bem.

— Isto é uma grande surpresa —se atreveu a dizer.

— Sim, me dei conta disso —disse ele, sem oferecer nenhuma explicação.

Ela respirou fundo, tremendo.

— Por que? Por que veio, Tyrell?

O sorriso de Tyrell era frio.

— Não sabia que estava na cidade até que falei com Rory nesta manhã —disse como se isso explicasse tudo.

Mas não explicava nada. Lizzie molhou os lábios.

— Entendo —disse.

— Somos velhos amigos —acrescentou ele enquanto a olhava atentamente.

— Amigos —repetiu ela. Aquela palavra não fazia jus a relação que tinham e sem dúvida ele sabia. Ou era assim como ele agora pensava nela, como uma velha amiga? Lizzie sabia que suas bochechas ardiam—. Claro que continuamos sendo amigos —disse com a maior calma de que foi capaz—. Sempre será meu amigo, Tyrell.

Ele esquadrinhou sua expressão.

— Então, continua sendo leal, depois de todo este tempo?

Santo céu, o que queria dizer?

— Certamente. Os amigos devem guardar lealdade. É a natureza da amizade —não queria falar assim, ser indireta e preocupar-se com as insinuações— Sem dúvida me conhece o suficiente para saber que sempre sou sincera. Sempre será meu amigo —se ouviu dizer com paixão.

Ele a olhou fixamente e disse de repente:

— Mudou. Está mais bela e irresistível que antes, e agora tem a firmeza e a calma de uma mulher amadurecida.

Lizzie ficou atônita e, apesar de si mesmo, sentiu alegria.

— Todos mudamos, Tyrell. Acredito que isso se chama crescer —vacilou—. Mas parece que você também mudou.

Ele se enrijeceu e a olhou nos olhos. Por fim disse brandamente:

— A vida é cheia de surpresas, Elizabeth. E nem todas são agradáveis.

Lizzie se perguntou o que ele queria dizer. Temia perguntar.

— Como está sua família? —de repente pensou em Ned.

— Estão muito bem —disse ele.

Ela mordeu o lábio, desesperada de vontade de perguntar por seu filho, apesar que sabia que não devia trazer o tema ao assunto. Se fizesse, voltaria a morrer de dor. Transcorreu um momento terrivelmente embaraçoso. Ela pensou em Blanche e em seu futuro casamento.

— E lady Blanche?

Ele evitou seu olhar.

— Está bem —e suas próximas palavras foram perturbadoramente diretas—. Continuamos sendo dois perfeitos desconhecidos.

Ela ficou paralisada. A esperança pulou em seu peito. Mas se lembrou que Tyrell devia se casar com uma dama de sua classe e fortuna e que ela era muito pobre e insignificante para ser sua esposa. Fechou os olhos. No verão anterior, aquilo tinha se tornado seu sonho mais secreto. Um sonho que só a assaltava nas horas mais escuras da noite. Seu coração ansiava em ser a esposa de Tyrell, mesmo que sua razão argumentasse contra.

— Elizabeth... —disse ele brandamente. Ela levantou o olhar—. Não quero abusar de sua hospitalidade, e vejo que têm convidados.

Ela assentiu com a cabeça e começou a sentir um pânico tremendo. Tyrell estava a ponto de partir! Como podia deixá-lo partir tranquilamente? Tinha conseguido sobreviver aqueles últimos meses sem ele, mas sua presença deixava claro uma coisa: não queria voltar a ficar sem ele. Se devia se conformar com sua amizade, então que assim fosse. Por mais perigoso que fosse aquilo, levou a mão e lhe tocou no braço.

— Tyrell...

Ele se virou bruscamente e a olhou ardentemente. Lizzie compreendeu. Aquela súbita tormenta de desejo era muito evidente. Tyrell ainda a desejava em sua cama. Lizzie

compreendeu que deviam combater de algum modo a atração que continuavam sentindo um pelo outro. Engoliu a saliva.

— Alegra-me que tenha vindo. Podemos... podemos ser amigos? Quero dizer... amigos de verdade. Eu gostaria que viesse nos visita alguma vez, quando puder, é obvio.

— Obrigado —disse ele, aliviado—. Elizabeth... eu gostaria muito voltar a ver você.

O coração dela deu um salto e se acelerou. Aquilo era como ver-se arrastada tempos atrás, à paixão que tinha compartilhado em Wicklowe. Tyrell continuava sendo imensamente sedutor, tão belo, tão forte e seguro de si... Lizzie lutou contra o impulso de se lançar em seus braços. Não desejava outra coisa que apoiar a cabeça em seu duro peito.

Caminhou a seu lado até a porta da rua. Ele se deteve.

— Elizabeth, não me perguntou por Ned —disse, olhando-a atentamente.

Ela se sobressaltou como se a tivesse golpeado. Virou-se rapidamente para que não visse a profundidade de sua angústia e como estava perto de desmoronar. Não podia falar, nem lhe explicar por que não podia perguntar por seu filho.

— Está muito bem —disse Tyrell brandamente—. É um menino brilhante, e continua tão arrogante como sempre. Também está muito feliz. Sinto adoração por ele —acrescentou.

Ela assentiu e por fim levantou o olhar. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vejo que continua sendo difícil para você.

— Sim... sinto falta dele.

Tyrell ficou calado. Lizzie enxugou os olhos, tentou recuperar a compostura e o olhou com um doloroso sorriso.

— Obrigado por vir, milord —disse, recuando para um tipo de formalidade mais absoluta.

— Elizabeth... —ela se esticou— Pode ir visitá-lo. Arrumarei tudo encantado.

A esperança se avivou, consumindo-a, mas Lizzie conseguiu recuperar a razão.

— Não é boa idéia —soluçou. Se o visse, não poderia suportar a dor. Sabia que não poderia voltar a afastar-se dele—. Não, não posso.

Tyrell esperou um momento.

— Se mudar de idéia, organizarei uma visita.

Ela manteve a cabeça alta.

— Não mudarei de idéia. Boa noite, milord — fez uma reverência.

Ele não se inclinou. Ficou olhando-a pensativamente, com enervante intensidade.

À alvorada, Lizzie se rendeu.

Sentada em sua mesa, escreveu uma nota que selou e mandou levar a Harmon House às oito em ponto.

Lorde de Warene:

Reconsiderarei sua generosa oferta. Se continuar em pé, quero visitar seu filho. Hoje estarei em casa. Aguardo com impaciência sua resposta.

Elizabeth Anne Fitzgerald

A resposta de Tyrell foi rápida. Chegou às oito e meia.

Querida senhorita Fitzgerald:

Minha oferta continua em pé. Pode vir ver Ned quando desejar, só tem que especificar dia e hora e arrumarei tudo. À espera de sua resposta.

Tyrell de Warene

Às nove, desfalecida pela emoção, Lizzie tinha escrito a resposta e tinha mandado partir rapidamente o laçaio.

Milord de Warrenne:

Se minha petição não parecer em atrevida em excesso, quero ver Ned hoje mesmo. Poderia ir a qualquer hora que seja conveniente a ambos.

Atentamente,

Elizabeth Anne Fitzgerald

Tyrell não tinha saído de casa, pois sua resposta chegou ao fim de uma hora.

Querida Elizabeth:

Não é atrevida. Está bem às quatro?

Tyrell

Lizzie mal podia acreditar que iria ver Ned nessa tarde. E, ao ler a resposta de Tyrell, sentiu seu sorriso e até seu terno olhar sobre ela. negou-se a pensar nisso e rabiscou uma aceitação. As lágrimas mancharam a nota. Não se importou e a mandou de todos os modos.

Tyrell, milord:

Estarei ali às quatro, como combinamos. Obrigado.

Elizabeth

Ele a estava esperando quando chegou a Harmon House, às quatro em ponto. Lizzie nem sequer sabia se ele estaria ali. Tyrell poderia ter deixado instruções aos criados a respeito de sua visita. Mas abriu a porta ele mesmo e Lizzie se atreveu a abrigar esperanças de que estivesse tão ávido de sua companhia como ela estava da sua.

— Elizabeth —Tyrell fez uma reverência e deixou que entrasse no vestíbulo. Estava vestido formalmente, com sobrecasaca e calças escuras, colete de cor bronze e gravata.

Lizzie, que tinha escolhido seu traje com esmero, usava um vestido de cor verde bolo, de manga longa e pescoço alto. O tecido era tão caro e elegante que sabia que estava majestosa como uma rainha. Durante o ano anterior tinha adquirido algumas jóias, e usava uns pequenos brincos de jade engastados com diamantes e um broche de ouro. Tyrell deslizou o olhar sobre ela, e Lizzie advertiu que aprovava sua aparência. Não pôde sentir menos prazer.

— Boa tarde milord — sussurrou. O olhar de Tyrell era muito viril e ela compreendeu nesse instante que estava pensando em levá-la à cama.

Mas isso não podia acontecer. As relações carnavais não formavam parte da nova amizade que desejava forjar com ele. Passou a seu lado e se esforçou para ver mais à frente do espaçoso vestíbulo. Não podia aguardar nem um momento mais para ver Ned e tremia de emoção. Ele a tomou pelo braço enquanto o porteiro fechava a porta.

— Ned está no salão azul — disse.

Seus olhares se encontraram de novo. Ela levava uma bolsinha e, dentro dele, dois pacotes embrulhados.

— Trouxe-lhe uns presentes — murmurou.

Tyrell sorriu com um olhar cálido.

— Não me surpreende — disse enquanto a conduzia para o salão.

Lizzie nunca tinha estado em Harmon House, mas nem mesmo era consciente da elegância que a rodeava. Seu coração pulsava com força, apressado. De repente ouviu a voz infantil de Ned e o latido nervoso de um cão.

— Disse a ele que sua tia vinha visitá-lo — disse Tyrell.

Lizzie cambaleou e o olhou com estupor.

— O que? — exclamou, pensando que Tyrell tinha averiguado de algum modo a verdade a respeito de Anna. Ele a olhou com certa confusão.

— Me pareceu preferível te apresentar como um familiar — disse.

Lizzie se deu conta que tampou o coração com a mão.

— Sim, claro —murmurou.

Tyrell a segurou pelo braço e a conduziu por outro corredor. Parecia envolvido em seus pensamentos. Lizzie disse com nervosismo:

— Sua mãe teve a amabilidade de me escrever de vez em quando, para me manter a par de tudo o que Ned faz.

Ele se surpreendeu, mas gratamente.

— Deveria ter imaginado —disse enquanto atravessavam a casa—. Claro que minha mãe sempre teve muito carinho por você. Se dão muito bem —acrescentou, e a olhou de soslaio— Ned e a condessa. Ele a adora. E ela o mima constantemente.

— Me alegro muito —disse Lizzie quando pararam na porta de um salão decorado em tons de azul claro. Então viu Ned.

Conseguiu não gritar. O menino estava de pé junto a um cão com o dobro de seu tamanho e lhe dava ordens para que se sentasse. O cão se limitava a olhá-lo, ofegando. Rosie o vigiava sentada no sofá.

Lizzie lutou para não chorar. Notou que Tyrell a olhava atentamente, mas não pôde olhá-lo. A alegria de sua vida estava a uns poucos passos dela. Ned estava muito maior do que se lembrava, vestia meias e uma jaqueta que parecia muito maior que ele. Continuava moreno e muito bonito, e ela sentiu por fim que uma lágrima se derramava enquanto Ned conseguia que o cão se sentasse.

— Bom menino, Wolf, bom menino —disse o menino com as mãos nos quadris. Logo olhou para trás, viu seu pai e sorriu— Papai!

Lizzie ficou muito quieta enquanto Ned corria para seu pai, que o levantou nos braços. Ned riu, como Tyrell. Logo Tyrell o abraçou com força um momento.

—Temos visita — disse com calma a seu filho—. Lembra? Te Ddisse esta manhã que ia vir sua tia Elizabeth.

E, ao olhá-los, Lizzie compreendeu que tinha feito o que era correto. Ned estava tão apegado a seu pai que saltava à vista como era forte o vínculo que os unia. parecia-se com

Tyrell mais ainda. Observou Tyrell um momento, como se tentasse tomar uma decisão, e logo fixou seu olhar escuro em Lizzie. O impacto de seus olhos fixos, curiosos e serenos bastou para que Lizzie derramasse mais lágrimas.

Tyrell deixou Ned no chão.

— Por que a tia está chorando? —perguntou Ned sem afastar o olhar de Lizzie.

Tyrell continuava segurando-o com uma mão.

— Porque se alegra muito em ver você. Não te via desde que tinha um ano.

Ned continuava olhando-a fixamente. Lizzie conseguiu esboçar um sorriso choroso.

—Olá, Ned —murmurou. Nunca tinha doído tanto seu coração. Tinha que fazer um enorme esforço não se precipitar para ele e abraçá-lo. Mas sabia que não devia assustá-lo.

O menino não sorriu. Franziu o cenho e, nesse momento, Lizzie compreendeu que a reconhecia de algum jeito e tentava adivinhar quem era.

— Te Conheci quando era só um bebê —disse. Elevou a mão e tocou sua bochecha suave. Ele não se moveu—. Te trouxe um presente. Quer vê-lo?

Ele assentiu com a cabeça.

— Não chore.

— Tentarei. Mas seu pai tem razão, estou muito feliz por ver você novamente.

Ned segurou a mão de Lizzie.

Lizzie riu, trêmula, e apertou sua mãozinha. Levantou os olhos e encontrou o olhar fixo de Tyrell. Ele sorriu e ela se deu por vencida, ajoelhou-se no chão em frente a se filho, e chorou.

— Posso te dar um abraço?

Ned não vacilou; assentiu com a cabeça.

Lizzie o abraçou. Sabia que não devia exagerar, mas o menino a rodeou com os braços imediatamente e a apertou. Ela tragou o nó de angústia que sentia e o abraçou com força enquanto tentava entesourar aquele instante, o mais grandioso de sua vida. Então rapidamente ficou em pé.

— Pegue — Mal podia falar quando entregou a Ned um dos presentes.

Ned abriu o pacote e tirou uma caixa com um boneco de mola de dentro. Estava claro que não era a primeira vez que via uma daquelas caixas, pois apertou a tampa e o palhaço colorido pulou fora. Ned se pôs a rir, encantado, colocou o palhaço na caixa, sentou-se no chão e voltou a apertar a tampa. Wolf meneava a cauda alegremente.

Lizzie enxugou as últimas lágrimas. Era muito consciente de Ned que brincava no chão, a uns passos dela, e de Tyrell que estava à suas costas e os observava atentamente. Como sua vida tinha chegado à aquela situação? Olhou a Rosie, que tinha se levantado.

— Rosie... —disse.

A babá estava chorando.

— Senhorita...

Lizzie correu para ela e a abraçou.

— Como está? —soluçou ao soltá-la.

Rosie enxugou os olhos.

— Muito bem, senhorita. O senhor foi muito bom comigo. Mas sentimos sua falta, Ned e eu.

Lizzie só pôde assentir, com a esperança que Ned não tivesse sentido sua falta por muito tempo.

— Estou muito orgulhosa do garotinho em que se converteu —disse—. Está tão grande...! Obrigado, Rosie. Obrigado por ficar com Ned. Obrigado por tudo.

Rosie lhe sorriu. Lizzie sentiu o olhar de Tyrell e se virou. Tinha ele um olhar intenso e pensativo. A Lizzie sentiu que seu coração se encolheu enquanto se perguntava no que estaria pensando.

— Como cresceu!

— Sim, cresceu como erva daninha.

— Sou feliz por você — Ela conseguiu dizer de todo coração.

Ned continuava brincando com o boneco da caixa.

— Obrigado pelo presente —disse Tyrell.

— Tenho outra coisa para ele —se apressou a dizer, embaraçada por seu olhar. Voltou para soleira do quarto e tirou de sua bolsa um pacote muito pequeno. Parou ali, respirou profundamente e lembrou cada dia e noite que tinham passado juntos em Wicklowe, com Ned, como uma família. Era quase como se aqueles cinco meses de separação não tivessem acontecido. Entretanto, ao mesmo tempo, pareciam toda uma vida.

— Elizabeth... —Tyrell tinha se aproximado dela e estava a suas costas. Ela se sobressaltou.

Ele a segurou brandamente pelos cotovelos e Lizzie ficou quieta. Sentia sua atenção e seu interesse e sabia que não seria necessário mais que um beijo para que acabassem no mesmo lugar onde tinham estado uma vez. Afastou-se e lhe deu o pacote.

— É para mim?

— Não, é para Ned —disse ela, e então viu o brilho de seus olhos e compreendeu que Tyrell estava brincando. Ruborizou-se e deu outro passo para trás. Sabia que devia pôr certa distância entre eles.

Tyrell abriu o pacote. Como se adivinhasse seus pensamentos, tinha deixado de sorrir. Mas, no referente aos sentimentos de Lizzie, era extremamente ardiloso. Acariciou a tampa do livro de contos de fadas ilustrada.

— Eu adorarei ler para Ned à noite —disse.

Lizzie o imaginou vestido com um traje menos formal, possivelmente um roupão de banho, sentado com Ned no sofá, lendo brandamente enquanto o resto da casa permanecia às escuras. Aquela imagem era muito dolorosa.

— Importa-se que fique brincando com Ned um pouco? —perguntou.

Tyrell a olhou diretamente.

— Só se prometer voltar a nos visitar.

O coração de Lizzie deu um salto. O que pretendia Tyrell em realidade?

— Virá outra vez —disse ele com calma, e não era uma pergunta.

Lizzie se deu por vencida.

— Eu adorarei voltar.

Ele sorriu.

— Na sexta-feira à tarde, então?

— Sim —um estremecimento de alegria a embargou. Dois dias depois, estaria de volta a Harmon House e voltaria a ver os dois, Ned e Tyrell. Nesse momento, compreendeu que suas melhores intenções estavam em grande perigo.

Ele a observava com muita atenção, como um caçador a ponto de capturar a sua presa. Lizzie se deu conta que estava esperando antes de dar seu seguinte passo. A única pergunta era o que realmente se propunha a fazer. Lizzie estava certa que queria que voltassem a ser amantes.

Seria tão fácil voltar a cair... Mas, por acaso não sabia com cada fibra de seu ser, que ir esse dia a Harmon House era intrinsecamente perigoso?

— Gostaria de uma taça de vinho? —perguntou Tyrell com calma.

Lizzie titubeou.

— Sim, obrigado —disse.

A VELOZ MÃO DO DESTINO

Blanche ficou muito surpresa quando lhe disseram que seu noivo tinha ido ver Elizabeth. Tinha visto Tyrell na noite anterior, quando tinha ido jantar com seu pai e com ela. Sem idéia do que podia querer, agradeceu o mordomo e entrou no salão onde a estava esperando. Tyrell estava de pé, olhando fixamente o fogo da lareira, mas ao ouvi-la se aproximar, se virou.

Trocaram saudações. Blanche notou que estava muito sério.

— Eu gostaria de falar com você em particular —disse—. Posso me sentar?

Blanche assentiu, preocupada imediatamente. Sentou-se em um amplo sofá dourado e ele em uma poltrona, frente a ela.

— Espero que sua família se encontre bem —disse. Tinha chegado à conclusão de que alguém estava doente.

Tyrell a olhou cuidadosamente, e devolveu o olhar com a mesma atenção.

— Minha família está bem, obrigado. E seu pai? Ontem à noite parecia encontrar-se bem. Você ainda acha que está mal?

Ela vacilou.

—Meu pai continua tendo momentos de fadiga —de repente ficou nervosa—. Veio para me pedir que volte para Harmon House? Porque tenho a firme convicção de que tenho que ficar aqui e atendê-lo.

— Não, Blanche, não vim lhe pedir que volte para minha casa —afastou o olhar. Parecia incômodo.

De repente, Blanche pensou em Elizabeth Fitzgerald, sua ex-amante. Era uma jovem tão amável, tão digna e bem educada... Blanche esperava uma cortesã cheia de descaramento, mas a senhorita Fitzgerald não era uma beleza arrebatadora e tinha sido muito agradável.

Sua candura era, por outra parte, enternecedor. Tyrell descobriu que tinha visitado sua ex-amante?

— Blanche, há algo que devo lhe dizer, por pior que seja. Não queria te dar um desgosto, mas temo que devo fazê-lo.

Ela ficou a brincar com a borla de uma almofada.

— Trata-se da senhorita Fitzgerald?

Ele pareceu surpreso.

— Então, ouviu falar dela?

Ela assentiu enquanto o observava atentamente.

— Meu pai me falou de sua... relação passada —sorriu tranquilizadamente—. Não se passa nada, Tyrell, não estou doída, nem escandalizada. Sei que essa aventura foi no verão passado, quando não tínhamos nos comprometidos há muito tempo.

— Alguma vez não sentiu nenhum pinga de rancor?

— Não está em minha natureza sentir rancor —disse ela sinceramente, e desejou ser capaz, uma vez só, de amar até o ponto de sentir ódio ou ressentimento para outra pessoa. Suspirou—. Nunca me zango.

Tyrell ficou em pé.

— Tenho minhas dúvidas se não vai se zangar comigo agora. Blanche, você é uma dama exemplar. Seria uma grande condessa e um grande apoio como esposa. Pensei muito sobre isto. Não desejo feri-la de modo algum, mas não vejo como evitar. Não posso me casar com você.

O alívio se apoderou dela, e se deu conta que se pôs em pé.

— Não pode? —conseguiu dizer, assombrada que ele também desejasse pôr fim a seu compromisso, como ela.

Tyrell negou gravemente com a cabeça.

— Repito que sinto muitíssimo. Você não tem feito nada para propiciar isto. Entreguei meu coração a outra pessoa antes que você e eu nos conhecêssemos sequer. Decidi fazê-la

minha esposa, apesar da fortuna que vou perder por isso. Estou preparado para economizar todo o possível a fim de me certificar do futuro de Adare, caso não me deserdem.

— Você deve amar muito à senhorita Fitzgerald —exclamou Blanche, absolutamente fascinada. Sabia que Tyrell podia acabar deserdado por aquele ato de valor—. Escolheu o amor ao dever!

— É verdade —disse ele grave—. Tão evidentes são meus sentimentos?

— Em você não há nada evidente —respondeu Blanche. Como seria amar assim?, perguntava-se—. Conheci a senhorita Fitzgerald outro dia, Tyrell —disse—. É uma mulher extraordinariamente amável e generosa. Eu esperava uma grande beleza, mas é uma jovem muito comum. Parece-me óbvio que o motivo de sua aventura foi o verdadeiro amor e não algo sórdido ou baixo. E é evidente que ela está profundamente apaixonada por você, Tyrell.

Por fim viu uma emoção reconhecível nos olhos de Tyrell. Era esperança.

— Disse a ela?

— Não foi necessário —Blanche pensou no que tinha feito seu pai. Pareceu-lhe importante que Tyrell soubesse—. Tyrell, meu pai me disse que interferiu deliberadamente em sua relação com a senhorita Fitzgerald. Ao que parece, animou-a a deixá-lo. Disse também que ela escreveu uma carta de amor antes de partir. E reconheceu que a destruiu. Temia o que você pudesse fazer se a lesse.

Tyrell ficou olhando-a um momento, zangado e surpreso ao mesmo tempo.

— Obrigado por dizer isso por fim. Logo se abrandou—. E você, Blanche? Como vai?

— Estou bem.

Ele ficou pensativo enquanto a olhava.

— Qualquer outra mulher estaria histérica. E embora saiba que seu caráter impediria algo assim, não parece zangada absolutamente.

— Não me desgosta absolutamente que você queira se casar com outra e que eu fique aqui, em Harrington Hall. Na verdade, me sinto aliviada.

Tyrell estava atônito.

— Simplesmente não posso entendê-la.

De repente, Blanche compreendeu o que ele devia pensar.

— Não pretendo insultá-lo, Tyrell. Já disse que isto não é minha culpa. Pois bem, tampouco meu alívio seja por nada que você tenha feito.

— Está apaixonada por outro.

O alívio de Blanche se dissipou e seu lugar ficou o desalento. Ficou de costas para ele.

— Não, temo que não.

Tyrell se aproximou dela e pôs a mão sobre o braço. Nos quatro meses que se conheciam, não a havia tocado nenhuma só vez, nem sequer para acompanhá-la fora de um salão, exceto nas duas ocasiões em que a tinha beijado, e ela se mostrou fria e impassível. Blanche, a que não gostava de seu contato, se soltou e se virou para ele. Tyrell a observava com atenção.

— Está sendo muito generosa comigo. Eu gostaria de devolver o favor, se alguma vez se apresentar a ocasião. Por que parece insatisfeita agora, se quando coloquei fim a nosso compromisso não se alterou absolutamente?

Blanche afastou o olhar. Sorriu com tristeza.

— Não sou capaz de amar, Tyrell. Não adivinhou?

— Todo mundo é capaz de amar.

Ela sentiu que seus olhos se umedeciam.

— Estou contente, mas nunca me exalto. Estou triste, mas nunca angustiada. Algo acontece com meu coração. Bate, mas se nega a me dar de presente algo que não seja uma mera sombra de emoção.

Tyrell estava perplexo.

— Estou certo que algum dia o homem adequado o despertará.

— Foi assim quase toda minha vida —disse ela. Fechou os olhos. A revolta. Entre as sombras mais profundas de sua lembrança se agitavam imagens vagas, confusas e violentas e atos inenarráveis. Obrigou-os a voltar para lugar onde moravam. Quando os monstros se retiraram ao fundo de sua memória, abriu os olhos e olhou ao Tyrell—. Como é Tyrell? Como é estar apaixonado?

— É um sentimento maravilhoso —disse ele lentamente, procurando as palavras certas—. É maravilhoso e assomboso, que possa haver tanto alegria e um vínculo tão profundo entre duas pessoas. É um sentimento profundo afeto e devoção, de completa entrega.

Ela sorriu.

— Me alegre muito pelos dois.

— E eu estou muito agradecido a você. Blanche, o que disse é verdade. Se alguma vez precisar de mim, aí estarei, por qualquer que seja sua petição. Estou em dívida com você.

Ela assentiu.

— Você é muito amável.

— Agora irei falar com meu pai e logo com o seu.

— Não tem que preocupar-se com meu pai. No começo se zangará muito, mas nunca me obrigou a fazer nada contra minha vontade. Se desejar, falarei eu com ele primeiro.

— Certamente que não. É meu dever tratar deste assunto e farei.

Blanche inclinou a cabeça. Entendia muito bem.

Tyrell tinha pedido audiência com seu pai. O conde estava sentado a sua mesa, na biblioteca, imerso na leitura do Teme de Londres, e com um exemplar do Teme do Dublin a seu lado. Tyrell vacilou ao entrar na biblioteca.

Continuava surpreso pela atitude de Blanche, mas ela era agora a menor de suas preocupações. Tinha certas dúvidas a respeito de sua capacidade para convencer Elizabeth

a se casar com ele, depois de tudo o que aconteceu, mas nunca esteve mais decidido. Conquistaria Elizabeth, custasse o tempo que for. No momento, entretanto, tinha outra batalha que lutar. Estava certo que estava a ponto de ser deserdado.

Adare era tudo para ele... e, não obstante, Elizabeth significava muito mais. Em última instância, renunciaria a sua herança para consegui-la. Como havia dito Blanche, tinha escolhido o amor. Mas também estava disposto a lutar. Amava Elizabeth, mas não queria perder Adare. Estava preparado para lutar com seu pai para ter ambas as coisas. Não acreditava, entretanto, conseguir uma vitória nesse dia; de fato, estava certo que levaria meses. Sem dúvida teria que pedir a ajuda da condessa e de todos seus irmãos para persuadir o conde a favor de sua causa.

Curiosamente, não se sentia culpado.

Agora que havia resolvido seguir os ditados de seu coração, só sentia alívio e determinação. De fato, nunca tinha estado mais decidido. Era consciente que a batalha seria dura, mas, não eram por acaso as batalhas mais grandiosas da vida as mais difíceis e traiçoeiras?

Se conseguisse convencer seu pai, teria que pensar no futuro. Mas tinha pensado muito nas finanças da família e, embora não fosse fácil, tinha mais de um plano com respeito a sua economia.

— Tyrell?

Tyrell se virou ao ouvir a voz de seu pai. Seus olhares se encontraram de lados opostos da biblioteca. O conde se levantou lentamente, como se pressentisse a batalha que se apresentava.

— Pediu para me ver? — perguntou.

— Sim — Tyrell se aproximou da mesa, que continuava interpondo-se entre os dois—. Como se arrumou todos estes anos sendo o conde de Adare? — perguntou com calma. Fazia anos que queria formular aquela pergunta.

O conde não pareceu surpreso.

— Quando tinha sua idade, as coisas eram muito diferentes. As máquinas e o comércio não tinham deixado ainda sua marca no mundo. Eu estava concentrado na Irlanda. Lutava contra os britânicos, Tyrell, e naqueles dias a luta era muito dura. Estava decidido a proteger a meus parceiros e a preservar seus escassos direitos, ao mesmo tempo que mantinha a raia aos britânicos.

— Mas era uma carga terrível, não? —Tyrell conhecia bem a história da Irlanda.

— Houve vezes —admitiu Edward— em que me senti muito pequeno e insignificante para tão grande responsabilidade. A diferença de você, não tinha irmãos e minha única irmã se casou com um inglês. Mas logo me casei com sua madrastra. O amor da Mary me permitiu agüentar a carga de Adare.

Tyrell o olhou fixamente. Por fim disse:

— Estou profundamente apaixonado por Fitzgerald e é minha maior esperança que seu amor e sua força me permitam também suportar essa carga.

O conde lhe devolveu o olhar. Por fim disse:

— Mary me advertiu que chegaríamos a isto.

— Nunca, em toda minha vida, imaginei que chegaria um dia em que teria que te desobedecer —disse Tyrell apaixonadamente—. Não há ninguém a quem admiro mais que o senhor, pai. Mas posso proteger Adare e garantir seu futuro com Elizabeth a meu lado, como minha esposa.

Uma sombra cruzou o semblante do conde, e se sentou.

— Nunca tinha visto você tão abatido e melancólico como nestes últimos meses, desde que acabou o verão. Desde que ela te deixou.

Tyrell se inclinou sobre a mesa.

— Tenho algo que te dizer —o conde levantou o olhar—. Elizabeth não é a verdadeira mãe de Ned.

Seu pai ficou atônito.

— O que está dizendo?

— Elizabeth se fez passar por sua mãe e sacrificou seu nome, sua reputação, sua vida inteira para dar a Ned um lar. E, quando me deixou em Wicklowe, teve de novo a coragem de sacrificar tudo para fazer o melhor para ele. Para isso, teve que romper seu coração. É uma mulher de uma generosidade e um valor extraordinários.

Edward se levantou lentamente.

— Não tinha nem idéia, Tyrell. E começo a compreender o que quer dizer. Não me surpreendem, entretanto, nem a valentia nem a compaixão da senhorita Fitzgerald. Como iria me surpreender? Todo mundo a conhece por suas boas ações.

— Será uma grande condessa —disse Tyrell fervorosamente—. Acaso pode negar?

— Não, não posso —Edward estudou seu filho—. Estou certo que está disposto a deixar tudo por ela.

— Não quero lutar com você pelo condado, pai —disse Tyrell—. Mas farei se for necessário. Uma só assinatura poderia mudar tudo, mas sei que jamais atuaria com tanta precipitação. Acredito que se a condessa, meus irmãos, Devlin e Sean ficarem do meu lado, podemos vencer e o faremos. Não tento voltar a família contra você, mas sou o mais indicado para proteger e dirigir o condado. Fui educado para isso. Podemos sobreviver inclusive sem a fortuna de Blanche. De fato, decidi que o primeiro que temos que fazer é vender Wicklowe, posto que nestes tempos é uma extravagância que não serve para nada.

Os olhos do conde se umedeceram.

— Jamais poderia lutar com você, Tyrell. É meu orgulho e minha alegria. Entendo você. Sei que encontrou um amor autêntico e duradouro, o tipo de amor que eu compartilho com Mary. Sei que esta decisão não foi fácil para você e, deixando de lado a questão do dinheiro, acredito que a senhorita Fitzgerald está muito mais dotada para ser a próxima condessa que lady Blanche.

Tyrell ficou surpreso.

— Pai! O que está dizendo? Me diga que, aqui e agora, dá seu consentimento para meu casamento com Elizabeth?

O conde assentiu.

— Isto fará muito feliz a sua mãe e, francamente, nunca estive tão preocupado como nestes últimos meses, te vendo tão abatido e desanimado —Tyrell não saía de seu assombro. Sentou-se—. Acredito que, no fundo, sempre soube que aconteceria isso. Só me negava a admitir. Posso ser um velho muito teimoso —acrescentou o conde com um sorriso.

Tyrell sacudiu a cabeça.

— Teimoso? Ninguém é mais aberto que você. Obrigado, pai, obrigado —se levantou e o abraçou.

— Tem minha bênção, Tyrell. E falarei com Harrington imediatamente.

Tyrell não podia falar. Esperava uma luta ou, ao pelo menos, uma grande quantidade de recriminações e, pelo contrário, seu pai tinha respaldado a decisão mais importante de sua vida.

— Não se arrependerá —prometeu.

Lizzie estava na cama. Era meia-noite e o sonho não vinha. Revivia vezes repetidas sua visita dessa tarde a Harmon House, os sorrisos de Ned, os olhares de Tyrell, cada uma de suas palavras. O desejo que sentia era um severo aviso do passado que tinham compartilhado. Os amigos não ansiavam se abraçar, e a amizade com Tyrell parecia uma tarefa impossível. E a verdade era que ela desejava muito mais. Continuava, entretanto, decidida: ia se conformar com sua amizade e fazer o que fosse preciso para levar a fim seu propósito.

Primeiro, ignoraria a intensa tensão sexual que só Tyrell podia causar. Respirou fundo enquanto olhava o teto. Os verdadeiros amigos eram leais, afetuosos e honestos uns com os outros. Talvez estivessem condenados, ela fizesse o que quer que fosse. Entre eles continuava havendo uma mentira, a mentira a respeito de quem era a mãe de Ned.

Lizzie se deitou de lado. Odiava pensar naquela mentira. Tinha prometido a Anna levar seu segredo à tumba, mas agora aquela promessa parecia um novo obstáculo em sua relação com Tyrell. Embora isso mal afetasse à vida de Tyrell, talvez afetasse o que sentia por ela. Não gostaria de saber que tinha mentido de maneira tão monstruosa, se alguma vez soubesse a verdade. levantou-se de um salto da cama. Só podia ter uma conclusão. Se havia alguma esperança autêntica de que fossem amigos, devia lhe dizer a verdade.

Se Seagram surpreendeu-se ao vê-la na porta de Harmon House às sete e meia do dia seguinte, não deu amostras disso.

— O senhor está tomando o café da manhã na biblioteca, senhorita Fitzgerald. Direi que está aqui.

Lizzie sorriu o mais alegremente possível.

— Verei lorde de Warrenne na biblioteca, Seagram.

Tyrell estava sentado a sua mesa, em mangas de camisa. Ao vê-la, levantou-se imediatamente e cruzou a sala.

— Elizabeth!

Ela fez uma reverência.

— Bom dia. Sei que isto é muito estranho, mas...

Ele segurou sua mão.

— O que aconteceu? —parecia preocupado.

— Nada, tudo vai bem. Mas devo falar com você. Sei que é má hora, mas não podia dormir.

Ele a olhou de soslaio, sem lhe soltar a mão. Elizabeth tomou consciência repentinamente de sua mão quente e forte, e seu coração se acelerou. Mas estava cansada de afastar a mão, e não queria fazê-lo.

— Poderia nos trazer chá, por favor, Seagram? —disse ele.

Lizzie apertou a mão.

— Devemos falar em particular.

Tyrell seguiu o mordomo até a porta e a fechou firmemente. Logo se voltou para Lizzie, que andava pela sala. sentia-se doente de preocupação.

— Não pode ser tão ruim —disse ele.

Lizzie sacudiu a cabeça.

— Isso depende de você, acredito.

Os olhos de Tyrell aumentaram.

— Pensa me dizer que não quer voltar para me ver?

Lizzie se sobressaltou.

— Não! Claro que não. O que disse é verdade: desejo desesperadamente ser sua amiga.

O semblante de Tyrell pareceu fechar-se.

— Para isso veio?

Ela assentiu, tremendo.

— Tenho que te contar uma história —tinha pensado com muito cuidado como proceder.

Tyrell parecia perplexo, mas Lizzie tinha captado toda sua atenção.

— Muito bem. Não quer se sentar?

— Não —ela retorceu as mãos—. Minha irmã, Anna, que agora está casada, sempre foi muito atrevida, Tyrell. Atrevida e terrivelmente bela —tentou sorrir e fracassou—. Você a conhece. Deve conhecê-la. Esteve em vários bailes de máscaras, em Adare.

Tyrell estava completamente confuso.

— Por que estamos falando de sua irmã?

Lizzie tomou fôlego.

— Anna não é má, mas é vaidosa. Desde menina sempre foi terrivelmente mimada — falava com precipitação—. Minha mãe consentia tudo, e meu pai também. Acredito que por isso, quando adulta, sempre tentou satisfazer seus desejos sem pensar duas vezes.

Tyrell sustentou o olhar.

— O que tenta dizer, Elizabeth?

Lizzie mordeu o lábio e as lágrimas turvaram sua visão.

— Na carta que te deixei em Wicklowe te dizia que não era a verdadeira mãe de Ned. Há uma razão —murmurou— Pela que me apresentei em Raven Hall depois de passar um ano fora, com seu filho em meus braços, me fazendo passar por sua mãe.

Tyrell estava visivelmente perplexo. Logo Lizzie viu que começava a compreender.

— Elizabeth, eu não recebi essa carta. Mas suspeitava disso, fazia algum tempo, que Ned foi concebido no baile de Todos os Santos, pela mulher que usava sua máscara.

Lizzie assentiu com a cabeça, tremendo.

— Essa mulher era Anna —Tyrell empalideceu como ela não o tinha visto empalidecer nunca antes. Lizzie se abraçou—. Eu pensava me encontrar com você nessa noite, Tyrell, mas Anna manchou o vestido e minha mãe insistia em que ela fosse para casa. Anna me pediu minha máscara e meu vestido porque não queria ir embora, e eu, tola de mim, deixei.

Ele a olhava com absoluta perplexidade.

Lizzie sabia que estava horrorizado por aquela farsa, mas estava também horrorizado com ela?

— Por favor, tente compreender. Jurei a Anna que nunca revelaria seu segredo. Embora soubesse que estava errado, embora soubesse que tinha todo o direito de saber a verdade, ela me suplicou que jurasse no dia que deu a luz a Ned. Pensávamos entregar Ned a uma boa família, mas quando o tomei nos braços me apaixonei por ele e soube que não podia abandoná-lo. Decidi que seria meu e, como sabe, quiz como se fosse meu filho após isso.

Ele respirava com dificuldade.

— Elizabeth! Não tinha nem idéia de que essa mulher fosse sua irmã. Estava esperando você, e me zanguei muito quando descobri que ela veio em seu lugar. Santo céu! —passou a mão pelo cabelo enquanto tentava compreender—. Pensei partir quando me dei conta que uma estranha tinha saído a meu encontro nos jardins. Mas era muito descarada.

Deixou claro que estaria encantada de satisfazer meus apetites e aceitei o convite com extrema irritação.

— Sei. Anna me disse —soluçou Lizzie—. Sei que não foi seu primeiro amante.

— Não, não fui! —exclamou ele, e começou a ruborizar—. Que espantoso é tudo isto! Mas explica tantas coisas... Sempre perguntei a quem estava protegendo.

Lizzie se sentou por fim, mas não afastou o olhar dele. sentia como se tivessem tirado um peso dos ombros, e era um grande alívio.

— Rezei para que não se zangasse comigo. Mas, Tyrell, ninguém deve saber. Anna está felizmente casada e espera um filho. Devemos proteger seu bom nome.

O rosto crispado de Tyrell começou a relaxar.

— Sim, é obvio. Seria capaz de fazer qualquer coisa para proteger Anna ou Ned, aos que ama, não é mesmo?

Lizzie não sabia o que dizer.

— Nisso consiste o amor.

— Nisso consiste o sacrifício... e o valor —sorriu com certa angústia—. Acredita que não pensei longamente no porque se fez passar por mãe de Ned e sacrificou generosamente sua reputação e sua vida por seu bem-estar?

— Não foi tanto sacrifício —assombrada, Lizzie começou a se dar conta que Tyrell não estava zangado com ela.

— Sei. Sei quanto o quer desde a primeira noite que fizemos amor —Tyrell se sentou a seu lado e segurou suas mãos.

Lizzie se ruborizou. Não queria falar daquele erro em particular.

— Não entendo —mas a manhã se converteu em um tempo de confissões últimas e sinceras.

A expressão de Tyrell se suavizou.

— Elizabeth, deve me achar um tolo.

— Nada disso! —ela tomou consciência de suas fortes mãos, que seguravam as suas sem intenção de as soltar.

—A primeira vez que fizemos amor, você era virgem. Nesse instante soube que Ned não era seu filho natural, que o amava como se fosse seu e que estava protegendo alguém. Mas nunca imaginei que fosse sua irmã.

Lizzie o olhou com surpresa.

— Mas não disse nada.

— Acreditei que me diria a verdade com o tempo —respondeu ele lentamente—. Nunca te agradeci por se tornar sua mãe, por amá-lo tanto e cuidar dele quando não tinha ninguém mais. Poderia tê-lo deixado em um orfanato, mas não o fez. Sacrificou sua reputação e sua vida por meu filho. Elizabeth, sei desde a primeira noite que passamos juntos. E é algo que nunca esqueci. E nunca esquecerei.

Lizzie não podia mover-se, não podia respirar. Estava comovida por sua gratidão, mas a gratidão não era amor.

— Admiro-a imensamente. Não há ninguém a quem admiro mais —disse ele com delicadeza, com as mãos sobre seus ombros.

Lizzie se encheu de alegria. Os louvores de Tyrell sempre a afetavam poderosamente. Agora que a crise quase tinha passado, um fogo ardia sob sua pele. Seria fácil inclinar-se para ele, mas sabia que, se fizesse, em uns momentos estaria em sua cama. Assim se soltou de sua mão e se levantou.

— Sinto-me adulada, mas fiz o que me pareceu melhor, Tyrell —disse.

Ele ficou em pé. Seus olhares se encontraram.

— Ned a ama —disse.

Lizzie estava completamente cativada. De algum modo suas mãos tocaram seu peito e de repente se achou em seus braços.

— Ned a ama —repetiu ele—. Como eu.

Tomou seu rosto entre as mãos e Lizzie olhou seus olhos ardentes. O desejo se inflamou e a fez sentir-se fraca e desfalecida.

— Quero ter você comigo, Elizabeth, agora e sempre. Amo você.

O coração de Lizzie batia tão forte que pensou que sairia do peito. Tyrell acabava de dizer que a amava, e ela também o amava. Mas não podiam voltar para sua relação anterior.

— Não me faça isto — murmurou.

Mas era muito tarde. Como se não a tivesse ouvido, ele a beijou.

Fazia tanto tempo...

Lizzie se esqueceu de tudo, salvo do homem que tinha ante ela. Se esqueceu de tudo, exceto o amor e o desejo que fluíam entre seus corpos. Tyrell a tomou entre seus braços e a beijou com ânsia. Por um instante, Lizzie se agarrou a seu corpo e devolveu o beijo. E não desejou outra coisa que unir-se a ele, que a fizesse sua com toda sua urgência e sua paixão. Mas não podia voltar a ser sua amante. Seria muito doloroso.

Tyrell proferiu um som áspero e se separou dela.

— Sei que merece muito mais. Sempre soube, Elizabeth — Lizzie continuava tremula por seu beijo. De repente, Tyrell fincou um joelho ante ela.

— O que faz? — perguntou, atônita.

— Estou te pedindo que seja minha esposa — disse ele. Estava muito sério e seu olhar era intenso. Tirou um anel do bolso. Lizzie ficou olhando o enorme rubi rodeado de diamantes, aturdida pela impressão. E então começou a compreender.

— Era de minha mãe. Ninguém mais o usou — disse ele—. Se casará comigo, Elizabeth?

— Tyrell... O que está fazendo? Está comprometido com Blanche!

— Terminei meu compromisso com ela.

Lizzie sentiu que seus joelhos cediam e entretanto conseguiu manter-se em pé.

— Terminou seu compromisso com Blanche? — perguntou, boquiaberta.

— Não só isso, mas também meu pai me deu sua bênção —e sorriu, mas seus olhos refletiam ansiedade—. Sei que te fiz mal. Mas juro sobre a Bíblia, Elizabeth, sobre a tumba de meus antepassados, que nunca voltarei a te machucar. Te honrarei, cuidarei, e te amarei e protegerei. Quer se casar comigo?

Tyrell queria se casar com ela. Tinha terminado com Blanche e o conde tinha dado seu consentimento! Lizzie não podia se mover nem pensar. Seu sonho mais improvável tinha se tornado realidade. A emoção começou a se apoderar dela. A esperança floresceu. Seriamente ia ser sua esposa?

Deixou escapar um gemido.

— Isso é um sim? —perguntou Tyrell com um sorriso suave.

Lizzie se ajoelhou e o rodeou com os braços, apertando-o com força.

— Sim! Sim! Sim!

Tyrell a beijou profundamente e logo segurou sua mão. Lizzie mal conseguia ver por entre as lágrimas, mas o viu deslizar o formoso anel sobre seu dedo.

— É verdade que está acontecendo isto? —murmurou enquanto se atrevia a admirar o anel— Temo estar em minha cama e despertar, só e sem amor.

Ele se pôs a rir.

— Isto não é um sonho. E acredito saber como te convencer disso. Naturalmente, despertará em uma cama... em minha cama.

O desejo enrouquecia sua voz e seu olhar se encheu de paixão. Dentro dela se avivou um fogo. Tyrell sorriu lenta e sedutoramente.

— Eu gostaria de ter outro filho.

Lizzie tomou fôlego. Nenhuma outra coisa poderia tê-la comovido mais. Fazia tanto tempo... Precisava senti-lo dentro de si imediatamente.

— Me deixe te dar outro filho, Tyrell —conseguiu dizer.

Olharam, longa e francamente. E logo Lizzie estava em seus braços e lhe acariciou as costas e os quadris, apertando-a contra si. Levantaram-se juntos e ele murmurou:

— Esta manhã não tenho paciência.

— Sei —disse ela, e acariciou seu belo rosto—Tyrell... —murmurou, suplicante.

Ele tinha ouvido muitas vezes aquela súplica. Sempre a reconheceria. Seus olhos brilharam e a apertou entre seus braços. Seu corpo já estava excitado. Seus lábios se tocaram. Lizzie se abriu para ele, frenética, enquanto a levava ao sofá e começava a deslizar as mãos sob suas saias.

Logo seria muito mais que a amante de Tyrell, seria sua amada esposa. A emoção se apoderou dela. Ele deslizou a mão sobre seu sexo e Lizzie deixou escapar um gemido. Excitada, acreditou estalar e começou a chorar.

— Não posso esperar —soluçou contra sua boca.

— Eu tampouco —murmurou ele, e começou a desabotoar as calças. Lizzie o olhou nos olhos e se sentiu como se flutuasse no universo, cegada por suas estrelas brilhantes. Ele sorriu enquanto se deitava sobre ela. No fim de um momento, disse:

— Amo você, Elizabeth —um brilho malicioso apareceu em seus olhos—.Te amo, esposa minha.

Lizzie não conseguiu se refrear. Suas palavras surtiram um efeito imediato, lançaram-na ao abismo e se rompeu em mil pedaços, cheia de amor e paixão, enquanto ele a penetrava com força, rapidamente, tentando alcançá-la. Um instante depois, os gemidos de Tyrell ecoaram no dia.

Lizzie acariciou suas costas através da camisa. Sentiu que ele se recuperava e ficava de lado, segurando-a em seus braços para que pudessem se olhar. O sofá era muito estreito e puseram-se a rir.

— Temo que me tornei um amante péssimo —disse ele com um sorriso—. A não ser que tenha decidido que prefere os encontros fugazes.

Lizzie sorriu amplamente e disse:

— Mmm, algo mudou, não é mesmo? —e se pôs a rir, porque ele continuava excitado e se importava muito pouco se rápidos ou lentos fossem seus encontros amorosos.

Tyrell ficou muito sério. Inclinou-se sobre ela e beijou suas têmporas duas vezes.

— Te compensarei assim que o deseje.

— Sei que fará... É evidente —Lizzie não sorriu. Levantou o rosto para que ele pudesse beijá-la com ternura na boca.

Tyrell deslizou a mão entre seu cabelo.

— Está feliz, Elizabeth? Porque isso é o único que quero. Ninguém merece tanto como você estar em paz.

— Nunca fui mais feliz, Tyrell —respondeu ela, e notou que ele desejava falar de algo—. E você? É feliz?

— Sim. Sou muito mais que feliz, Elizabeth —sorriu um pouco—. Sei que acredita que não me lembro, mas me lembro.

Ela estava confusa.

— Do que está falando?

— Do dia em que salvei sua vida, quando era uma garotinha gordinha que preferia ler que brincar de piratas.

Lizzie ficou quieta. Seu pulso se acelerou.

— Se lembra quando caí no rio?

Ele a beijou brevemente outra vez.

— Como ia esquecer? E foi no lago, carinho, não no rio —Lizzie estava assombrada. Como era possível que ele se lembrasse daquele dia tão longínquo?—. Eu tinha estado montando a cavalo com meus irmãos e meio-irmãos. Tinha um potro novo e queria o experimentar. Fomos uns vândalos —acrescentou com um sorriso—. Estava muito quente e estávamos cobertos de pó e decidimos parar no lago para dar um mergulho. Havia um picnic e a primeira coisa que vi foi aquela menina adorável com o nariz enterrado em um livro. Um livro que tinha a metade do tamanho dela.

Lizzie não se atrevia a respirar. Beliscou-se para se certificar que estava acordada.

— Um menino me tomou ele.

— Sim, um bruto o agarrou e você o perseguiu e me deu vontade de lhe dar uma surra. Mas logo ele atirou o livro no lago. Você correu para pegá-lo e caiu... no lago.

— Como é possível que se lembre? —murmurou ela, comovida.

Tyrell de de ombros.

— Nunca esqueci. Pulei no lago e te tirei, e você olhou nos meus olhos e me perguntou se era um príncipe.

Lizzie teve que abraçá-lo.

— Nesse dia me apaixonei por você. Sei que só tinha dez anos e que você era muito mais velho que eu, mas a meus olhos era um príncipe... meu príncipe.

Ele afastou o cabelo da bochecha.

— Nunca esqueci esse dia, Elizabeth. E cada vez que te via na cidade, normalmente com um livro, ou na festa de São Patrício, em nosso jardim, sentia o estranho desejo de te proteger, se por acaso aparecesse outro bruto.

— Sabia... sabia quem era? —exclamou ela, assombrada.

Ele não sorria já.

— Quando vi esse carro na rua Maior, a ponto de te atropelar, senti um medo que nunca havia sentido antes... salvo em Wicklowe, quando Harrington apareceu e soube que ia me deixar.

— Sabia quem eu era nesse dia, quando esses selvagens estiveram a ponto de me atropelar?

— Sim, e quando a pus a salvo, me dei conta que a menina não existia mais. Tinha em meus braços uma mulher, uma mulher terrivelmente sedutora.

Lizzie disse com esforço:

— O que tenta me dizer?

— Te vi crescer, se converter de menina a mulher. Desde esse dia no lago, estava decidido a te proteger. Me apaixonei por você na rua. Te amei desde então.

Tyrell a tinha visto crescer... tinha amado durante anos... Lizzie se lançou em seus braços, ainda perplexa. Os dois se amavam de longe durante anos. Não pôde evitar se perguntar o que teria acontecido se tivessem se encontrado naquela noite, no baile de Todos os Santos. Mas aquilo não entrava nos intuitos divinos. Estes incluíam Ned.

— Está chorando —murmurou Tyrell.

— São lágrimas de felicidade —respondeu Lizzie. Sentia tanta alegria que era insuportável.

— Alegra-me muitíssimo poder te fazer chorar de alegria depois de todo este tempo — disse ele—. Quando quer que nos casemos?

Lizzie piscou.

— Hoje.

Ele se pôs a rir.

— E além disso?

— O quanto antes possível —ela nunca tinha falado mais a sério, e tomou sua mão. Tyrell levou sua mão aos lábios, tão sério como ela.

— Quero me casar com você em Adare, Elizabeth.

— OH, sim! —exclamou ela—. Quando podemos ir ?Quando podemos voltar para casa?

— Eu posso ir hoje, se para você não for muito cedo —respondeu ele com um sorriso terno.

Ela pensou naquele dia no lago, quando um jovem e arrumado príncipe a tinha salvado de afogar-se. Pensou em seu primeiro baile e em um bonito e perigoso pirata que a tinha convidado para um encontro clandestino; e pensou no maior presente de Deus, o dia do nascimento de Ned, quando abraçou seu filho na primeira vez. Pensou em como tinha sido conduzida a Adare por seus pais, humilhada, esperando que Tyrell a acusasse de ser uma rameira e uma mentirosa, e nos meses maravilhosos que tinham passado juntos, como uma família, em Wicklowe. Não pensava mais na dor da separação. imaginou, pelo contrário, o casamento que logo teria lugar ali, no grande salão da casa ancestral de Tyrell. Com o

tempo, seus filhos encheriam os quartos e salões do palácio. E eles seguiriam os passos das gerações da família De Warenne que tinham precedido, dos homens e mulheres que tinham vivido, amado e expirado lutando pela honra, o dever e a família.

— Eu adoraria que fôssemos hoje para casa —murmurou—. De fato, não posso esperar.

EPÍLOGO

Lizzie e Tyrell se casaram três semanas depois, no grande salão de Adare. A cerimônia foi singela e íntima, e a ela só assistiu a família. Foi uma celebração alegre, memorável e comovedora.

Nesse dia, tia Eleanor revelou o conteúdo de seu testamento. A Georgie e Anna, deixou duas modestas pensões e a Rory a casa de Belgrave Square. O resto de sua imensa fortuna foi para Lizzie, que desse modo se converteu, de uma hora para outra, em uma das mais ricas herdeiras do reino.

Georgie e Rory se casaram no verão seguinte, em Raven Hall. Seu casamento não foi tão discreto como pretendiam, pois a ele assistiram quase duzentos convidados. Lizzie foi a dama de honra de sua irmã, e Tyrell o padrinho.

Mas o acontecimento mais importante de todos foi o nascimento da filha de Lizzie e Tyrell. Nasceu justo depois do dia de Ano Novo de 1816, para felicidade do casal. Mas essa, só foi primeira de suas cinco filhas.

FIM



RESENHA BIBLIOGRÁFICA

BRENDA JOYCE

É autora de trinta e nove bestsellers e cinco romances curtos. Aos dezesseis anos escreveu sua primeira história curta e tinha vinte e cinco quando acabou seu primeiro

romance, que publicou pouco depois: Innocent Fire, em 1988 com um grande êxito, e com o que ganhou um prêmio Best Western Romance. Foi o primeiro livro de sua famosa série "Saga Bragg".

Também ganhou o muito cobiçado prêmio Best Historical Romance para o Splendor e dois Lifetime Achievement Awards do Romantic Teme Bookreviews.

É autora da série Deadly, muito aclamada pela crítica, que se situa a finais de século em Nova Iorque e recria o personagem da detetive amadora Francesca Cahill. Existem mais de quatorze milhões de cópias impressas de seus romances e se publicaram em mais de uma dúzia de países estrangeiros.

Natural de Nova Iorque, vive atualmente no sul do Arizona com seu marido, filho, cães, gato e numerosos cavalos árabes. Brenda divide seu tempo entre suas duas grandes paixões: escrever histórias de amor e mostrar seus adoráveis cavalos.

Dinastia Warrenne

1-The Conqueror - O Conquistador

2- Promise of the Rose - A Promessa da Rosa

3 -The Game - O Jogo

4- The Prize - O Prêmio

5- The Mascarade - A Farsa

6- The Stolen Bride - A Noiva Roubada

7 - A Lady at Last

8- The Perfect Bride - A Noiva Perfeita

9- A Dangerous Love - Um Amor Perigoso

10 -The Promise - A Promessa

11- An Impossible Attraction - Uma atração impossível

12- House of Dreams - Casa dos Sonhos

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para

moderacaogrh@yahoo.com.br

